NATALIA GINZBURG

Todos os nossos ontens

COMPANHIA DAS LETRAS

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

NATALIA GINZBURG

Todos os nossos ontens

Tradução
Maria Betânia Amoroso

Posfácio
Vilma Arêas

Companhia Das Letras

Copyright © 1952 by Giulio Einaudi editore s.p.a., Turim

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Tutti i nostri ieri

Capa
Raul Loureiro

Imagem de capa
Louise Bourgeois, Ode à La Bievre (detalhe), 2007, pigmento arquivístico e litografia em tecido, 25 pp. Reprodução: Christopher Burke. © Fundação Easton/ Autvis, Brasil, 2023

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Angela das Neves
Jane Pessoa
Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Ginzburg, Natalia
Todos os nossos ontens / Natalia Ginzburg ; tradução Maria Betânia Amoroso; posfácio Vilma Arêas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2023.
Título original: Tutti i nostri ieri.
isbn 978-85-359-3455-7
1. Ficção italiana I. Título.
23-149941 CDD-853
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura italiana 853
Henrique Ribeiro Soares – Bibliotecário – CRB-8/9314

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Schwarcz S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

And all our yesterdays have lighted fools The way to dusty death.

Macbeth, V, vv. 22-23

Primeira parte

1.

O retrato da mãe estava pendurado na sala de jantar: uma mulher sentada, com um chapéu de plumas e um rosto comprido, cansado e assustado. Sempre teve pouca saúde, sofria de vertigens e palpitação e quatro filhos tinham sido demais para ela. Morreu pouco depois do nascimento de Anna.

Iam ao cemitério às vezes aos domingos, Anna, Giustino e a senhora Maria. Concettina não, porque não punha os pés fora de casa aos domingos, era um dia que detestava e se trancava no seu quarto remendando as meias com o pior vestido que tivesse. E Ippolito devia fazer companhia ao pai. No cemitério a senhora Maria rezava, já os meninos não porque o pai sempre dizia que rezar é bobagem, e talvez Deus existisse mas não era necessário rogar por ele, é Deus e sabe por si próprio como as coisas estão.

Quando a mãe ainda não tinha morrido, a senhora Maria não vivia com eles mas com a avó, mãe do pai, e viajavam juntas. Sobre as malas da senhora Maria havia figuras dos hotéis e no armário havia um vestido com botões em forma de pinheirinhos, comprado no Tirol. A avó tinha a mania de viajar e nunca pensou em parar, e assim acabou por torrar todo o seu dinheiro, porque gostava de frequentar hotéis elegantes. Nos últimos tempos tinha se tornado muito malvada, contava a senhora Maria, porque não se perdoava por não ter mais dinheiro e não encontrava explicação e de vez em quando se esquecia disso e queria comprar um chapéu, e a senhora Maria precisava arrastá-la para longe da vitrine, ela batia o guarda-chuva no chão e mastigava o véu de raiva. Agora estava enterrada em Nice ali onde morrera, ali onde se divertira tanto na juventude, quando era jovem e bela e tinha todo o seu dinheiro.

A senhora Maria ficava muito contente se podia falar do dinheiro que a avó possuíra, e se podia contar e se vangloriar das viagens que tinham feito. A senhora Maria era muito pequena, e quando estava sentada não tocava o chão com os pés. Por isso quando estava sentada se enrolava em uma coberta, porque não gostava de mostrar seus pés que não tocavam o chão. A coberta era a mesma do coche, aquela que a avó e ela mantinham sobre os joelhos vinte anos atrás, quando rodavam de coche pela cidade. A senhora Maria passava um pouquinho de batom nas bochechas, e não gostava que a vissem de manhã cedo quando ainda não estava com o batom, e assim deslizava para o banheiro bem quietinha e arcada, e se assustava e ficava muito zangada se alguém a parasse no corredor para lhe perguntar alguma coisa. Sempre ficava um bom tempo no banheiro e todos então vinham bater à porta e ela se punha a gritar que estava cheia daquela casa onde ninguém a respeitava, e queria fazer imediatamente as malas e ir a Gênova para a casa da sua irmã. Duas ou três vezes tirou as malas de debaixo do armário e começou a arrumar seus sapatos dentro de saquinhos de pano. Era só fingir que nada estava acontecendo e depois de um tempo se punha a guardar os sapatos de novo. Além do que todos sabiam que a tal irmã de Gênova não queria saber dela na sua casa.

A senhora Maria saía do banheiro toda arrumada e com o chapéu na cabeça, e corria para a rua com uma pazinha para recolher estrume e adubar suas roseiras, a passos rápidos e cuidando para que não passasse ninguém. Depois pegava a sacola para fazer compras, e era capaz de atravessar toda a cidade em meia hora com seus pezinhos velozes metidos em sapatos com laços. Toda manhã revirava a cidade à procura do que custasse menos, e voltava para casa morta de cansaço, e sempre de mau humor depois das compras, e implicava com Concettina que ainda estava de roupão, e dizia que nunca se imaginara tendo que se esfalfar com a sacola pela cidade, quando se sentava no coche ao lado da avó, com os joelhos bem quentes sob a coberta e a gente toda cumprimentando. Concettina escovava os cabelos lentamente diante do espelho, e depois aproximava o rosto do espelho e olhava as sardas uma por uma, olhava os dentes e a gengiva, e punha a língua para fora e olhava. Penteava os cabelos em um coque apertado sobre a nuca, e a franja desfiada sobre a testa, e com aquela franja parecia mesmo uma cocote, dizia a senhora Maria. Em seguida escancarava o armário e se punha a escolher um vestido. Enquanto isso a senhora Maria refazia as camas e batia os tapetes, com um lenço na cabeça e as mangas arregaçadas sobre os braços secos e velhos, mas fugia da janela se via surgir na sacada a senhora da casa da frente porque não gostava de ser vista com o lenço na cabeça batendo os tapetes, e lembrava que entrara naquela casa como dama de companhia, e agora veja só o que era obrigada a fazer.

A senhora da casa da frente também tinha franja, mas uma franja encaracolada pelo cabeleireiro e desfiada com graça, e a senhora Maria dizia que parecia mais jovem do que Concettina, quando surgia pela manhã com certas camisolas claras e frescas, embora se soubesse muito bem que tinha quarenta e cinco anos.

Havia dias em que Concettina não conseguia encontrar um vestido para usar. Experimentava túnicas e blusas, cintos e flores no decote e nada caía bem. Aí então se punha a chorar e gritava que era uma coitada, sem um vestido bonito para usar e ainda tão malfeita de corpo. A senhora Maria fechava as janelas para que ninguém da casa da frente ouvisse. — Você não é malfeita de corpo — dizia —, só os quadris são um pouco volumosos e os peitos achatados. Como a tua avó. Ela também tinha peitos achatados. — Concettina gritava e soluçava, jogada semivestida sobre a cama desfeita, e aí começava a desfiar os seus dissabores, os exames que teria que fazer e as histórias com os namorados.

Concettina tinha muitos namorados. Trocava-os sempre. Havia sempre um deles diante do portão, um com uma cara grande e quadrada e o lenço no lugar da camisa, preso por um alfinete de fralda. Chamava-se Danilo. Concettina dizia que havia terminado com ele fazia muito tempo, mas ele ainda não se resignara e continuava indo e vindo diante do portão, com as mãos nas costas e o boné cobrindo-lhe os olhos. A senhora Maria temia que de repente ele entrasse e tivesse uma explosão de raiva com Concettina, e corria até o pai para se lamentar de todas as histórias de Concettina com os seus namorados, e o arrastava à janela para que visse Danilo com o boné e com as mãos nas costas, e queria que o pai descesse e o mandasse embora. Mas o pai então dizia que a rua é de todos e não se tem o direito de expulsar um homem de uma rua, e ia buscar o seu velho revólver e punha-o sobre a mesa, para o caso de Danilo de repente pular o portão. E empurrava para fora da sala a senhora Maria, porque queria ficar em paz escrevendo.

O pai estava escrevendo um grande livro de memórias. Escrevia há muito tempo, deixara de ser advogado para poder escrevê-lo. Intitulava-se Nada além da verdade e dizia coisas tremendas sobre os fascistas e sobre o rei. O pai ria e esfregava as mãos pensando que o rei e Mussolini não sabiam de nada, e em uma pequena cidade da Itália um homem escrevia páginas tremendas sobre eles. Contava toda a sua vida, a retirada de Caporetto onde ele também estivera e tudo o que tinha visto, e os comícios dos socialistas, a Marcha de Roma, e todos os que viraram a camisa na sua pequena cidade, pessoas que pareciam de bem e as sujeiras que fizeram em seguida, "nada além da verdade". Durante meses e meses escrevia e soava a campainha a cada minuto para pedir café, e a sala ficava cheia de fumaça, e mesmo de noite também estava de pé escrevendo, ou então chamava Ippolito para que escrevesse enquanto ele ditava. Ippolito batia à máquina com força e o pai ditava caminhando de pijama pela sala, e ninguém podia dormir, porque as paredes da casa eram finas, e a senhora Maria não se acomodava na cama, tremendo de medo de que alguém da rua ouvisse a voz incitante do pai e as coisas tremendas que ele dizia contra Mussolini. Mas de repente o pai perdia a coragem, o livro não lhe parecia mais tão bom e além do mais, dizia, os italianos eram todos errados e é claro que com um livro não se poderia mudá-los. Dizia que sua vontade era sair pelas ruas, dando tiros com seu revólver, ou então nada, ou então ficar deitado

dormindo à espera da morte. Não saía mais do seu quarto e queria que Ippolito lesse o Fausto para ele. E depois chamava Giustino e Anna e lhes pedia desculpas por nunca ter feito as coisas que em geral um pai faz, nunca os levara ao cinema e nem mesmo para passear. E chamava Concettina e queria saber dos seus exames e dos seus namorados. Quando estava triste se tornava muito bom. Acordava um dia e não estava mais tão triste, queria que Ippolito massageasse suas costas com a luva de crina, queria sua calça de flanela branca. Sentava-se no jardim e queria que lhe levassem o café ali, mas sempre o achava muito fraco e engolia a contragosto. Permanecia toda a manhã sentado no jardim, com o cachimbo preso entre os dentes brancos e longos, o rosto magro e enrugado contraído em uma careta que não se sabia bem se por causa do sol ou pelo desgosto que era o café ou pelo esforço para manter o cachimbo preso só com os dentes. Não pedia desculpas por nada e para ninguém quando não estava mais triste, e chicoteava as roseiras com a sua bengala enquanto pensava de novo no seu livro de memórias, e então a senhora Maria se afligia pelas suas roseiras tão queridas e todas as manhãs fazia o sacrifício de descer até a rua para recolher estrume com a pazinha, correndo o risco de que alguém a visse e risse dela.

O pai não tinha nenhum amigo. Às vezes se punha a andar pela cidade toda, com ar despeitoso e malvado, e se sentava em um bar do centro vendo as pessoas passarem, para ser visto por aqueles que conhecera muito bem tempos atrás, para que vissem que ainda estava vivo e pensava que isso os faria sentir raiva. Então voltava para casa bastante contente, quando havia visto passar algum daqueles que tinham sido socialistas como ele e que agora eram fascistas, e não sabiam o que estava escrito sobre eles no livro de memórias, sobre o tempo que eram todos gente de bem e sobre as sujeiras que fizeram em seguida. À mesa, o pai esfregava as mãos e dizia que se Deus existisse permitiria que vivesse até o fim do fascismo para poder publicar o seu livro e ver a cara das pessoas. Dizia que assim se saberia finalmente se o tal Deus existia ou não, mas pensando bem achava que não ou, quem sabe, talvez existisse mas torcesse por Mussolini. Depois de comer, o pai dizia: — Giustino, vai comprar o jornal. Faça alguma coisa de útil, já que não consegue ser agradável. — Porque não era nada gentil quando não estava mais triste.

De vez em quando chegavam umas caixas grandes de bombons, mandadas por Cenzo Rena, que tinha sido muito amigo do pai um tempo atrás. Chegavam também seus cartões-postais com imagens de todas as partes do mundo porque Cenzo Rena viajava sempre, e a senhora Maria reconhecia os lugares onde havia estado com a avó, e enfileirava os cartões no espelho da cômoda. Mas o pai não queria ouvir falar de Cenzo Rena, porque tinham sido amigos mas brigaram de uma maneira terrível e quando via os bombons levantava os ombros e bufava, e Ippolito tinha que escrever escondido a Cenzo Rena para lhe agradecer e para dar notícias do pai.

Concettina e Anna tinham aula de piano duas vezes por semana. Ouvia-se um breve toque amedrontador da campainha, Anna abria o portão e o professor de piano

atravessava o jardim e se detinha para contemplar as roseiras, porque ele também sabia da história do estrume e da pazinha, e também porque esperava que de algum ponto do jardim aparecesse o pai. No início o pai tinha sido muito solícito, imaginando que aquele professor de piano fosse um grande homem, convidava-o para sentar-se no seu escritório e lhe oferecia do seu próprio fumo, e dava palmadas fortes no seu joelho e não se cansava de lhe dizer que era uma pessoa extraordinária. O professor de piano estava escrevendo uma gramática latina em versos, a copiava em um caderninho e toda vez que aparecia queria que o pai ouvisse a nova estrofe. E de um momento para outro o pai se cansou terrivelmente dele, não queria mais ouvir as novas estrofes da gramática e a cada vez que se ouvia o toque breve e amedrontador do professor de piano, via-se o pai fugir pelas escadas e se esconder onde pudesse. O professor de piano não se conformava de não ser mais recebido no escritório do pai, falava alto pelos corredores e lia as suas estrofes, sempre olhando para um lado e para o outro. E então ficava triste e perguntava a Concettina e Anna se sem querer ofendera o pai. Nem Anna nem Concettina tocavam bem. As duas estavam fartas daquelas aulas e gostariam de suspendê-las, mas a senhora Maria não deixava porque o professor de piano era o único rosto estranho que se via na casa. E uma casa é realmente muito triste se não recebe alguém de vez em quando, ela dizia. Assistia às aulas, com a coberta sobre os joelhos e com o seu crochê. E depois se demorava com o professor de piano e escutava as suas estrofes, e ele ia ficando até muito tarde, sempre com a esperança de ver o pai.

Realmente o professor de piano era a única pessoa estranha que frequentava a casa. Havia também um sobrinho da senhora Maria que aparecia de vez em quando, o filho daquela irmã de Gênova; estudava veterinária e em Gênova era sempre reprovado, e assim viera estudar naquela cidade pequena onde os exames eram muito mais fáceis, mas ali também era às vezes reprovado. Só que não era um estranho de verdade porque todos estavam acostumados a vê-lo desde criança, e a senhora Maria pisava em ovos quando ele chegava, com medo de que o pai o tratasse mal. O pai não queria ninguém pela casa, e mesmo os namorados de Concettina não deveriam ultrapassar o portão.

No verão era preciso ir para as "Amarenas", todos os anos. A cada ano Concettina se punha a chorar porque preferia ir para o mar ou permanecer na cidade com os namorados. E também a senhora Maria ficava desesperada por causa da mulher do caseiro, porque tinham brigado no dia em que o porco comeu uns lenços. E mesmo Giustino e Anna, que quando pequenos se divertiam tanto nas "Amarenas", agora fechavam a cara na hora de partir. Esperavam que em algum verão o pai os deixasse ir àquela espécie de castelo que Cenzo Rena possuía, já que todo ano Cenzo Rena escrevia convidando-os. Mas o pai não queria e dizia que além do mais era um castelo feio, um treco com duas torrinhas, Cenzo Rena achava que era bonito porque metera dinheiro ali. O dinheiro é o esterco do diabo, dizia o pai.

Para as "Amarenas" se ia com um trenzinho. Ficava perto mas era complicado

partir, porque o pai não dava sossego a ninguém nos dias em que se preparavam os baús, explodia com Ippolito e com a senhora Maria que tinham que fazer e desfazer os baús umas cem vezes. E ao redor do portão rondavam os namorados de Concettina, que vinham se despedir dela, e ela chorava com uma raiva tremenda por ter que partir e permanecer por tantos meses nas "Amarenas", onde engordava de tédio e não existia sequer uma quadra de tênis.

Partiam de manhã bem cedo, e o pai ficava muito bravo durante toda a viagem, porque o trenzinho estava lotado e as pessoas comiam e bebiam, e ele temia que sujassem de vinho sua calça. Não tinha vez que deixasse de provocar discussões no trem. E implicava com a senhora Maria, que carregava tantos embrulhos e cestinhas e seus sapatos nos saquinhos de pano enfiados por todos os cantos, e na sacola uma garrafa de café com leite; sobretudo dava nojo ao pai aquela garrafa, achava horrível café com leite numa garrafa; e dizia à senhora Maria que não conseguia entender como é que a avó suportara levá-la junto em tantas viagens. Mas quando chegavam às "Amarenas" ficava contente. Sentava-se debaixo do caramanchão e respirava, respirava profundamente e forte, dizia que o sabor do ar era muito bom, um sabor tão forte e tão fresco que parecia que se tomava uma bebida cada vez que se respirava. E chamava o camponês e lhe fazia festas, e chamava Ippolito para ver se o camponês não parecia um quadro de Van Gogh, queria que o camponês se sentasse com o rosto apoiado sobre a mão e punha o chapéu na sua cabeça, e perguntava se não era um verdadeiro Van Gogh. Depois que o camponês ia embora, Ippolito dizia que talvez fosse um Van Gogh, mas era também um ladrão porque roubava trigo e vinho. O pai ficava muito bravo. Quando eram pequenos brincara com aquele camponês, e não podia consentir a Ippolito que começasse a envenenar suas recordações de infância assim, e era muito pior envenenar as recordações da infância do próprio pai do que subtrair alguns quilos de trigo quando se precisava. Ippolito não respondia, tinha o cachorro entre as pernas e lhe acariciava as orelhas. Logo que chegava às "Amarenas" vestia uma velha jaqueta de fustão e botas, e durante todo o verão se vestia assim, sujo que era um horror e devia morrer de calor, dizia a senhora Maria. Mas Ippolito não dava jamais a impressão de sentir calor, não suava e seu rosto estava sempre seco e calmo, e sob o sol do meio-dia se punha a caminhar com o cachorro pelo campo. O cachorro comia as poltronas e tinha pulgas, e a senhora Maria queria dá-lo para alguém, mas Ippolito era louco por aquele cachorro, e uma vez o cachorro adoeceu e passou a noite com ele no seu quarto, levantando para preparar-lhe a comida. Gostaria de poder levá-lo à cidade, entretanto tinha que deixá-lo nas "Amarenas" com o camponês que não cuidava dele e lhe dava comida estragada, e Ippolito sentia muito no outono quando se despedia do cão, mas o pai concordava com a senhora Maria sobre o cachorro e não queria saber dele na cidade. Ippolito deveria assim esperar pacientemente que ele morresse, dizia o pai, e, quem sabe, talvez Ippolito quisesse muito que ele morresse logo, talvez esse fosse o seu sonho dourado, para poder passear pela cidade com o seu cachorro.

Ippolito continuava calado ouvindo o pai lhe dizer palavras maldosas, nunca respondia e seu rosto se mantinha imóvel e pálido, e à noite estava acordado batendo à máquina o livro de memórias ou lendo Goethe em voz alta quando o pai não conseguia dormir. Porque tinha a alma de um escravo, dizia Concettina, e camomila em vez de sangue nas veias, e parecia um velho de noventa anos, sem interesse pelas garotas e sem nenhuma vontade, capaz de girar o dia todo sozinho pelo campo com o cachorro.

As "Amarenas" eram uma casa alta e grande, com fuzis e chifres pelas paredes, com camas altas e os colchões que farfalhavam porque eram feitos de palha de milho. O jardim se estendia até a estrada de rodagem, um grande jardim arborizado e selvagem, era inútil tentar plantar roseiras ou outras flores porque durante o inverno o camponês certamente não cuidaria delas e morreriam. Atrás da casa ficavam o pátio, a carroça e a casa do camponês, com a mulher do camponês que de vez em quando aparecia na porta e despejava um balde d'água, e aí então a senhora Maria gritava que aquela água suja deixava o pátio cheirando mal, e a mulher do camponês gritava que era água limpa, boa para lavar a cara da senhora Maria, e brigavam por um bom tempo entre elas. Ali ao redor, a se perder de vista, se estendiam os campos de trigo e milho, os espantalhos estavam firmes lá no meio, agitando ao vento suas mangas vazias; as vinhas e os carvalhos começavam ao pé da colina, e de lá de vez em quando ressoava um tiro, e se levantava uma nuvem de pássaros e se ouvia o cachorro de Ippolito latir, mas Concettina dizia que latia de susto, e não pelo gosto de apanhar alguma coisa. O rio ficava longe, para além da estrada, uma faixa clara e distante entre arbustos e pedras: e o vilarejo não ficava muito longe dali, umas dez casas.

No vilarejo estavam aqueles que o pai chamava de "os canalhas", o secretário do grupo fascista, o chefe da polícia, o secretário da prefeitura; o pai ia diariamente até o vilarejo para que os canalhas o vissem, para que vissem que ainda estava vivo e que não os cumprimentava. Os canalhas jogavam bocha em mangas de camisa, sem saber que eles também estavam no livro de memórias; e suas mulheres faziam tricô sentadas na praça ao redor do monumento, e amamentavam os filhos com os seios cobertos por um lenço. O monumento era de pedra, grande, um grande menino de pedra com bandeira e barrete pretos: o pai se detinha bem à frente e punha a bala na boca, e olhava e zombava, ficava ali um bom tempo olhando e zombando: e a senhora Maria tinha medo de que os canalhas o prendessem mais dia ou menos dia, e tentava arrastá-lo dali, como fazia tempos atrás com a avó diante da vitrine de chapéus. A senhora Maria gostaria de falar com as mulheres dos canalhas, aprender novos pontos de tricô e lhes ensinar outros: e também lhes dizer que seria bom que lavassem os seios com água fervida antes de amamentar. Mas não ousava se aproximar por medo do pai.

No verão, na cabeça calva e reluzente do pai apareciam sardas e descamações, porque ficava no sol de cabeça descoberta; e as pernas de Concettina adquiriam um tom moreno dourado, já que não havia mais nada a se fazer nas "Amarenas" a não ser tomar sol, e Concettina passava o dia inteiro numa espreguiçadeira diante da casa,

com óculos escuros e com um livro que não lia; observava as pernas com todo cuidado para que se bronzeassem por igual, e achava também que manter as pernas suando ao sol as emagreceria um pouco; porque Concettina, além de ser grande nos quadris, era também grande nas pernas, e dizia que daria dez anos de sua vida para ser mais fina dos quadris para baixo. A senhora Maria reformava os seus vestidos no caramanchão, os seus extraordinários vestidos recortados de velhas cortinas ou de velhas cobertas, com um chapéu de jornal na cabeça e os pés cruzados em cima de um banquinho. Distante, no topo da colina, via-se Ippolito indo e vindo com o fuzil e com o cachorro: e o pai maldizia aquele estúpido cachorro e aquela mania de caminhar pelo campo, quando na verdade ele precisava de Ippolito para a injeção e para bater à máquina, e mandava Giustino atrás dele no campo.

2.

Foi nas "Amarenas" que o pai se sentiu mal pela primeira vez. Estava tomando café e de repente a mão que segurava a xícara começou a tremer, e o café escorreu pela calça, e ele curvado tremia e respirava fundo. Ippolito foi de bicicleta chamar o doutor. Mas o pai não queria o doutor e dizia que estava se sentindo um pouco melhor, que o doutor era um canalha e queria partir imediatamente para a cidade. Chegou o doutor, um pequeno canalha, só um pouco mais alto que a senhora Maria, com os cabelos loiros que pareciam penas de pintinho, e calção à zuava e meias quadriculadas. E em poucos segundos ele e o pai se tornaram amigos. Porque o pai descobriu que ele não era um canalha, e que odiava o secretário do grupo fascista e o chefe da polícia, e o menino de pedra da praça do vilarejo. O pai dizia que estava muito contente de ter se sentido mal, porque assim tinha descoberto aquele pequeno doutor, alguém que ele acreditava que fosse um canalha e entretanto era um bom rapaz, e todos os dias conversavam, contavam coisas um para o outro, e o pai sentia muita vontade de ler para ele um trecho do livro de memórias, mas Ippolito achava melhor não. Ippolito agora não podia mais caminhar pelo campo, e tinha que ficar sentado o dia inteiro no quarto do pai aplicando-lhe injeções e ministrando-lhe as gotas e lendo em voz alta: mas o pai não queria mais saber de Goethe, queria agora romances policiais. Felizmente havia o pequeno doutor que vinha sempre, e o pai ficava muito contente: só lhe disse para não vestir mais as tais meias quadriculadas, porque não lhe caíam bem e eram um pouco ridículas.

Partiram como sempre, ao final de setembro: só Giustino e a senhora Maria partiram antes, porque Giustino tinha sido reprovado em grego. Na cidade o pai come-

çou de novo a se sentir mal, emagrecia e tossia, e vinha um doutor para vê-lo, um doutor muito diferente do pequeno doutor de cabelos como penas de pintinho, um doutor que não se sentava para conversar com ele, não lhe dava atenção e tratava-o mal. Proibira-o de fumar: e o pai dava a Ippolito todo o fumo e lhe dizia para trancá-lo em uma gaveta e guardar à chave; mas logo depois queria o fumo, só um pouquinho, e Ippolito não lhe dava atenção e permanecia com as mãos no bolso, e aí então o pai dizia que Ippolito era muito ridículo, que entendia tudo ao pé da letra e sem nenhum bom senso e imaginação, e o mundo acabava estragado por gente desse tipo, por gente que entende tudo ao pé da letra, e ele não tinha sossego por ter um filho tão ridículo e tão idiota, que ficava ali com a cara de pau e a chave escondida: e era uma dor enorme para ele ter um filho idiota, uma dor que lhe fazia mais mal do que um pouco de fumo. Até que Ippolito soltava um suspiro e jogava a chave na mesa: e o pai abria a gaveta e pegava o fumo, e punha-se a fumar e a tossir.

Então um dia enquanto estavam à mesa viram o pai vindo na direção deles, de pijama e de chinelos, com um maço de folhas debaixo do braço. Era o livro de memórias: e perguntou se a estufa estava acesa, e estava porque já fazia frio: então de repente começou a enfiar as folhas lá dentro, e todos olhavam para ele de boca aberta, só Ippolito não parecia surpreso. Saíam grandes chamas da estufa, e o livro de memórias queimava e ninguém entendia nada: mas Ippolito não parecia surpreso, levantara-se e observava as chamas, alisando os cabelos devagar e com um ferro empurrava para dentro da estufa as folhas que ainda não tinham sido queimadas: e o pai então esfregou as mãos, e disse: — Agora estou mais contente. É preciso reescrever tudo do início. Não estava bom. — Mas passou o dia todo muito nervoso, não queria saber nem de voltar para a cama nem de se vestir, e andava de lá para cá na sala e atormentava Ippolito com a história do fumo: Ippolito era a causa de tudo e acabou mandando-o para fora da sala, e quis que fosse Concettina a ler para ele em voz alta: enquanto ela lia ele segurava a sua mão, acariciando-a e dizia que tinha mãos lindas e um belo perfil, um perfil realmente belo: mas em seguida pôs-se a dizer que lia mal, era monótona, e fez com que ela parasse.

Foi para a cama e não conseguiu mais levantar. Piorava pouco a pouco a cada dia, e morria, e todos sabiam, e com certeza ele mesmo sabia disso, mas fingia que não estava acontecendo nada, ele que falava sempre de morrer antes de adoecer seriamente; falava sempre menos com o passar dos dias, pouco a pouco só pedia o que precisava; Giustino e Anna foram proibidos de entrar em seu quarto e o viam da porta, deitado na cama com os braços magros e peludos para fora da coberta, com o nariz cada vez mais branco e mais magro; algumas vezes fazia sinais aos meninos para que entrassem, mas então não dizia coisas compreensíveis, eram palavras confusas e com o braço amarrotava o pijama sobre o peito, e tremia e suava. Havia cheiro de álcool no quarto, e um trapo vermelho ao redor da lâmpada, e de debaixo do armário despontavam os sapatos grandes e pontiagudos do pai, que se sabia que não voltariam a andar nunca

mais, porque em breve estaria morto. Anna e Concettina não retomaram as aulas de piano depois do verão, mas o professor de piano vinha sempre pedir notícias, só que não ousava tocar a campainha e ficava parado diante do portão, e esperava que a senhora Maria viesse até o jardim para lhe dizer se o pai conseguira descansar um pouco. E diante do portão quase sempre estava também Danilo, apoiado no murinho com um livro, e a senhora Maria dizia que era realmente um verdadeiro descarado por não deixar em paz Concettina agora que o pai estava tão mal; e quando Concettina saía por alguns instantes para fazer compras, ele punha o livro debaixo do braço e ia atrás dela, e Concettina de vez em quando lhe lançava olhares fulminantes, e voltava para casa inteira vermelha, com a franja toda desarrumada.

O pai morreu pela manhã. Anna e Giustino estavam na escola e a senhora Maria foi buscá-los, com um lencinho preto amarrado ao redor do pescoço; beijou-os circunspectamente na testa e levou-os para casa. Para beijá-los teve que ficar na ponta dos pés, porque ambos eram bem mais altos do que ela; aconteceu no corredor da escola e o diretor ficou lá vendo, em geral era grosseiro mas foi muito gentil naquela manhã. Subiram para o quarto do pai: Concettina estava ajoelhada, soluçando; entretanto Ippolito estava imóvel e calado em pé, com o rosto seco e branco de sempre. O pai estava totalmente vestido sobre a cama, com a gravata, com os sapatos nos pés, e seu rosto agora era muito bonito, não mais trêmulo e suado, mas quieto e doce.

Em seguida a senhora Maria levou Anna até a casa da frente, porque aquela senhora mandou dizer que a deixassem com eles o dia todo. Anna tinha medo porque possuíam um cachorro. Não um cachorro como aquele de Ippolito, crespinho e bobo, mas um pastor-alemão preso por uma corrente, e pendurado a uma árvore do jardim havia um cartaz: Cave canem. E tinha medo também por causa do pingue-pongue. Por entre os arbustos vira um rapaz jogando pingue-pongue com um senhor de idade. E por isso tinha medo de que o rapaz a convidasse para jogar e ela não fosse capaz. Pensou em dizer que sabia jogar mas não estava com vontade porque nas "Amarenas" havia pingue-pongue e a única coisa que faziam era jogar o verão inteiro. Mas se de repente se tornassem grandes amigos, talvez fosse preciso convidá-lo para passar um verão nas "Amarenas" e ele repararia que não havia nenhuma mesa de pingue-pongue.

Nunca estivera na casa da frente. Por entre os arbustos tinha visto o menino e o senhor de idade e o cachorro. A senhora com franja que se debruçava na sacada de roupão, e que aparentava ser tão jovem, era a mulher do senhor de idade. Havia ainda uma garota de cabelos ruivos, que era filha do senhor de idade e de uma outra mulher que ele tivera antes. Porém o rapaz, e um outro rapaz ainda que deveria ter mais ou menos a idade de Ippolito, eram filhos dessa com a franja. A senhora Maria dizia que era gente muito rica, porque o senhor de idade era o dono da fábrica de sabão, uma longa casa de tijolos vermelhos ao longo do rio, com chaminés que sempre soltavam fumaça. Era uma gente muito, muito rica. Nunca reaproveitavam a borra do café, mas a davam a certos frades que passavam pedindo. A garota de cabelos ruivos, filha da ou-

tra mulher do senhor de idade, de tarde aparecia com uma vassoura e varria o jardim todo, enquanto resmungava e reclamava. A senhora Maria também já estivera olhando muito através dos arbustos, porque era curiosa e se interessava pelas pessoas ricas.

A senhora Maria deixou Anna com a empregada que veio abrir a porta, recomendou-lhe que fizessem Anna pôr o cachecol no pescoço se saísse para o jardim, e foi embora. A empregada levou Anna para um quarto no andar superior e lhe disse que esperasse ali, que em poucos minutos o senhor Giuma viria lhe fazer companhia. Anna não sabia quem era o senhor Giuma. Via a sua casa da janela, muito diferente vista daquele ângulo, baixa, pequena e velha, com as glicínias secas no terraço e em um canto do telhado a bola de Giustino, rasgada e lavada pela chuva. As venezianas do quarto do pai estavam fechadas: e ela se lembrou de repente quando ele escancarava as janelas ruidosamente e se debruçava para ver a manhã, e ensaboava o queixo com um pincel, a mão segurando o pescoço magro, e lhe dizia: — Vá comprar cigarro. Faça alguma coisa de útil, já que não consegue ser agradável. — E lhe pareceu vê-lo sair no jardim, com a bala na boca, com as suas calças de flanela branca, com as pernas longas e um pouco tortas porque quando jovem andara muito a cavalo. E se perguntou onde estaria o pai agora. Ela acreditava no inferno, no purgatório e no paraíso, e pensou que agora o pai deveria estar no purgatório, arrependendo-se das maldades que dissera tantas vezes a eles, principalmente quando atormentava Ippolito por causa do fumo e do cachorro; e quem sabe estivesse surpreso ao ver que o purgatório existia, ele que tantas vezes afirmara que era quase certo que não existia nada para os mortos, e era melhor assim porque finalmente se dorme, ele que dormia sempre tão mal.

A empregada veio dizer que o senhor Giuma já estava ali. Era o garoto, o do pingue-pongue. Entrou correndo e assobiando, com os cabelos sobre os olhos; jogou sobre a mesa os livros amarrados por um cinto de couro. Ficou surpreso ao vê-la; fez um aceno frio e tímido, abaixando um pouco os ombros. Pôs-se a procurar alguma coisa na sala e a assobiar. Retirou de uma gaveta um caderno e um pote de cola, e colava alguma coisa no caderno: eram grandes rostos de atores do cinema, recortados de uma revista. Parecia ser muito importante colá-los e muito entediante porque o garoto respirava e bufava, afastando os cabelos dos olhos. Ao lado da mesa havia um globo e ele de vez em quando procurava um país e rapidamente depois escrevia no caderno abaixo daqueles rostos. Várias vezes foi procurar um país e depois anotava com pressa no caderno abaixo dos rostos dos atores. Chegou a garota dos cabelos ruivos. Eram cabelos curtos e cortados de um modo que se usava naquele ano e que se chamava à la fièvre typhoïde. Mas só os cabelos estavam na moda, o vestido era largo e sem graça, com um decote redondo e era de uma feia corzinha limão. A garota segurava nas mãos a mesma vassoura de sempre e varria furiosamente o tapete e então disse: — Giuma, a menina não vai se divertir assim. Largue os atores e mostre para ela o Tesouro da juventude, ou a leve ao jardim para jogar pingue-pongue.

Deram uma olhada no Tesouro da juventude. Eram muitos volumes e via-se to-

do tipo de coisa: flores, pássaros, carros, cidades. Diante de cada figura, Giuma parava por um instante e os dois olhavam, e aí ele dizia: — Já viu? — e ela dizia: — Vi. — "Já viu" e "vi" eram as suas únicas palavras. A mão magra e morena de Giuma virava as páginas. Anna se sentia envergonhada por ter pensado que se tornariam muito amigos. De repente ouviu-se um grande estrondo por toda a casa, e Anna se assustou e Giuma riu: tinha os dentes brancos e pontudos como os de uma raposa. Disse: — É o gongo. É hora do almoço.

O senhor de idade se sentava à cabeceira. Era surdo, e tinha uma caixinha preta sobre o peito, com um fio elétrico que mantinha enganchado à orelha. Tinha uma barba branca que acomodou sobre o guardanapo quando começou a comer, sofria de úlcera gástrica e só podia comer verdura cozida e papinhas com azeite. Ao seu lado se sentava a garota ruiva, que se chamava Amalia, e era ela quem colocava a comida no seu prato e a temperava com azeite e derramava a água mineral no copo. Na outra cabeceira da mesa estava a senhora, com uma malha azul macia e um pequeno colar de pérolas no pescoço; e ainda havia um que não se sabia bem quem era, não era um convidado porque estava de chinelo, e tinha Giuma ao seu lado, e Giuma derramava água no vinho por desfeita, e depois ria cobrindo a boca com a mão; o outro não lhe dava a mínima atenção e falava sobre a bolsa com o senhor de idade, mas precisava gritar porque a caixinha estava meio quebrada. Em seguida todos começaram a falar do novo penteado de Amalia, à la fièvre typhoïde, e a senhora disse que queria se pentear assim ela também porque já se cansara da sua franja. Amalia gritava alto as conversas no ouvido do senhor de idade. A caixinha se chamava "o aparelho do papai"; o senhor de idade também dizia "papai" se referindo a si próprio. Dizia: — Papai hoje vai tirar um longo soninho depois de comer. Papai é muito velho. — Em seguida a senhora começou a se zangar e a olhar para fora da janela por causa de Emanuele que não chegava. Emanuele era o que tinha mais ou menos a idade de Ippolito, e chegou quase no fim do almoço. Era manco, e chegou todo vermelho e suado por causa do esforço de mancar. Parecia-se com Giuma, mas sem os dentes de raposa, tinha dentes grandes e quadrados que avançavam sobre os lábios. Depois do almoço embrulharam o senhor de idade em uma coberta sobre o sofá e lhe colocaram um lenço sobre os olhos porque senão não conseguiria dormir e o deixaram ali.

Anna e Giuma jogaram pingue-pongue. Ela lhe contara que não sabia jogar, já que agora tinha certeza de que não se tornariam grandes amigos e não se importava com o que ele pudesse pensar. Ele lhe disse que a ensinaria a jogar, era fácil. Enquanto jogavam, o do chinelo apareceu. Chamava-se Franz. Era baixo, tinha olhos claros e rosto bronzeado e com rugas. Ele e Giuma começaram a lutar e a correr pelo jardim. Anna permaneceu sentada a olhar, brincando com a bolinha de pingue-pongue. O cachorro não estava por ali porque havia sido mandado para a casa de amigos para se acasalar. Quando escureceu, a senhora Maria chamou Anna pela janela e ela voltou para casa.

Foi feito o funeral do pai. Anna havia pensado em um funeral de verdade, com padres e mulheres pálidas e a cruz. Mas esquecera que o pai não suportava padres. Então nada de padres e de mulheres pálidas. Havia um ou outro namorado de Concettina, justamente os mais importantes: Danilo e mais dois ou três. Mais o professor de piano que ainda queria saber como ofendera o pai, e perguntava aos namorados de Concettina e ao sobrinho da senhora Maria. Enquanto o pai estava doente lhe havia escrito cartas, nas quais dizia que se consumia de desgosto por tê-lo ofendido não sabia como, e de qualquer maneira pedia perdão. Mas o pai não havia lido nenhuma daquelas cartas, porque estava muito mal.

Sepultaram o pai ao lado da mãe no cemitério e Concettina começou a soluçar alto. Em seguida, aqueles que tinham vindo deram os pêsames com um ar misterioso e cerimonioso como se usa cumprimentar os parentes do morto; e eles voltaram para casa, e em casa se sentaram à mesa e havia massa e verdura, como em outro dia qualquer.

A senhora Maria fez com que o seu sobrinho tomasse banho, porque não era confortável o quarto de aluguel e os banheiros públicos estavam sempre lotados; e Concettina não gostou e disse a Ippolito que agora teriam sempre entre seus pés aquele sobrinho da senhora Maria. Ippolito não precisava mais bater à máquina nem ler em voz alta, e estudava para os exames de procurador, indo e vindo pelo terraço com o livro nas mãos; todos sabiam que agora podiam fazer o que quisessem; Giustino levou para casa quatro ratos brancos dentro de uma gaiola que havia comprado com suas economias e dizia que iria domesticá-los; e a senhora Maria se lamentava que fediam de maneira assustadora. Anna acreditava que em uma casa onde alguém morre não se deve rir por muitíssimo tempo: entretanto poucos dias depois Concettina ria como uma louca com ela e Giustino, porque havia feito um peito falso com a lã de um colchão.

Existia uma grande liberdade na casa. Mas era uma liberdade que causava um pouco de espanto. Não havia mais ninguém no comando. De vez em quando Ippolito tentava comandar, mas ninguém lhe dava atenção, e ele levantava os ombros e voltava a ir e vir pelo terraço. Ele e a senhora Maria brigavam pelo dinheiro. A senhora Maria dizia que Ippolito era avarento, e também desconfiado e não confiava nela. Agora era hora de pensar na roupa de luto. Mas Ippolito não quis dar dinheiro porque disse que havia pouco: disse que dessem um jeito como tanta gente fazia. A senhora Maria comprou no armarinho uns envelopes com um pozinho preto e mergulhou as roupas em uma panela grande: via-se toda aquela água suja que parecia uma sopa de lentilha. Mas quando a roupa ficou seca e foi passada, Concettina não gostou porque não era uma cor bonita, um preto forte, e sim um preto próximo ao marrom. Por causa da história das roupas Concettina ficou de cara amarrada para Ippolito por muitos dias, porque dizia que bem que se poderia comprar uns tecidos baratos: e não comia à mesa e levava o prato para o quarto.

Anna acreditava que nunca mais voltaria a brincar na casa da frente. E ao invés disso Giuma a chamou novamente. Acostumaram-se a brincar juntos e ele a chamava todo dia. Anna não se divertia muito com ele. Preferia muito mais brincar na rua com as colegas da escola. Mas quando Giuma a chamava não tinha coragem de dizer não. Não sabia bem por quê, mas não tinha coragem de dizer não. Um pouco porque esperava que ele lhe emprestasse o Tesouro da juventude vez por outra: não ousava lhe pedir. E um pouco porque se sentia orgulhosa de que ele a chamasse. Quase nunca jogavam pingue-pongue, Giuma gostava de brincar de imitar os filmes que vira. Amarrava-a a uma árvore com uma corda e dançava à sua volta com um pedaço de papel em chamas na mão e ela sentia dores nos braços de tão forte que ele a amarrava. Se abandonavam essa brincadeira ele então começava a falar. Naquele primeiro dia quase não havia falado mas agora falava, era até mesmo chato de tanto que falava. Contava certas histórias que tinham acontecido com ele mas para ela parecia que quase tudo era inventado. Contava sobre certos prêmios que havia ganhado em competições de rúgbi e de canoagem, taças de ouro e de prata, mas não se podia nunca ver os troféus, a mamãe havia dado de presente para alguém ou a mamãe os havia colocado em um lugar difícil de alcançar. De vez em quando Emanuele e Amalia, os irmãos de Giuma, se debruçavam na sacada e ficavam escutando e riam alto. — Palhaço — lhe dizia Emanuele. Então Giuma se enfurecia e fugia para o seu quarto. Voltava um pouco depois com os olhos vermelhos e com os cabelos desgrenhados. Por um tempo permanecia sentado na grama calado, mas depois encontrava a corda e recomeçava a brincadeira da corda e da árvore. Anna, quando voltava para casa à noite, tinha a cabeça cheia das histórias de Giuma, dos amigos que competiam com ele no rúgbi e na canoagem: Cingalesi, Pucci Donadio, Priscilla e Toni. Tinham nomes estranhos e nunca se entendia se eram garotos ou meninas. E também não se entendia por que não os convidava para brincar no seu jardim, e preferia brincar sozinho com uma garotinha que nunca participara de uma competição de canoagem na vida. Talvez com aqueles amigos não conseguisse mentir e se vangloriar tanto. Ia e vinha pela grama, arrastando a corda atrás de si, mentindo e se vangloriando. Anna estava sentada no chão e o pescoço lhe doía com o esforço de fazer sim com a cabeça e lhe doíam também os lábios com o esforço de fingir que sorria. De vez em quando fazia alguma pergunta. Eram perguntas prudentes e pensava por um bom tempo antes de fazê-las. Perguntava: — Rúgbi é bom? — ou perguntava: — Cingalesi estava nesse dia? — Preferia não falar de Toni porque nunca chegou a entender se era uma menina ou um garoto.

Então Giuma começou a falar sobre o dia em que partiria. Passava o inverno em Mentone onde tinham uma casa. Giuma não ia à escola, tinha aulas particulares, e talvez fosse para um colégio na Suíça e ali poderia jogar rúgbi o dia todo. Quando pensava que ele partiria Anna sentia um grande alívio. Voltaria a brincar na rua com as suas amigas: havia também alguns meninos e às vezes batiam nela. Mas não a amarravam em árvores. Uma vez que Giuma a havia amarrado em uma árvore já era quase noite, e

ele lhe disse que ia até a cozinha pegar uma faca para poder degolá-la e comê-la. Assim ficou sozinha no jardim quase escuro, e amarrada, e de repente sentiu medo e começou a gritar: — Giuma, Giuma! — E estava cada vez mais escuro e os braços lhe doíam. Aí então apareceu Emanuele e cortou a corda com o seu canivete, e a levou até o banheiro, e besuntou seus braços com vaselina porque estavam roxos e arranhados. Disse: — Aquele mau-caráter do meu irmão.

Na casa os tapetes estavam sendo enrolados e viam-se malas e baús. Só Emanuele não partia porque deveria frequentar as aulas da universidade. Na verdade Amalia também não queria partir, e mamãe dizia que se realmente não estava com a mínima vontade de ir era melhor deixá-la em casa; mas o senhor de idade dizia que Amalia estava esgotada e precisava do ar marítimo. Ouvia-se o choro de Amalia que não queria partir. Então o senhor de idade disse ao tal Franz para tentar convencê-la e Franz foi falar com ela e voltou logo depois para dizer que a convencera e que partiria.

Assim foram vistos subindo no carro em uma manhã, Giuma com o cachorro nos braços e Amalia e o tal Franz que deveria guiar e mamãe e o senhor de idade. Mamãe vestia uma capa esportiva folgadíssima e óculos escuros: e Amalia vestia ela também uma capa esportiva um pouco copiada da outra mas Concettina que observava pela janela disse que parecia a empregada da casa. O senhor de idade pediu que lhe trouxessem muitos jornais e os colocou em camadas debaixo do impermeável porque dizia que não há nada como os jornais para proteger a barriga do frio. Emanuele permaneceu sozinho na calçada sacudindo um lenço: e viu Anna na janela e lhe disse que podia aparecer quando quisesse para ler os livros de Giuma e para consultar o globo se precisasse estudar geografia. Não estava nem um pouco com o ar triste de quem se sente sozinho e voltou a entrar em casa mancando e saltitando e esfregando as mãos com força.

3.

Anna tentou duas ou três vezes brincar na rua com as suas amigas da escola, mas não se divertiam mais brincando e adquiriram o hábito de passear ao longo do rio conversando e de braços dados. Tinham muita coisa para falar, e brincar não era mais tão bom. Também Giustino passeava ao longo do rio com seus amigos, tinha se tornado um rapaz alto, usava as roupas que ficavam pequenas para Ippolito e passava brilhantina no cabelo. No carnaval foi até os barracões e contou depois para Anna que tinha disputado uma partida de baralho com um homem que jogava cartas com os pés. Estava sempre precisando de dinheiro e vendeu seus ratos brancos a um amigo, não aguentava mais aqueles ratos brancos e nunca se lembrava de lhes dar de comer. Algumas vezes era muito gentil com Anna mas ela descobria em seguida que queria alguma coisa, dez liras emprestadas ou o pulôver cinza que era de Anna mas que gostava muito de usar. De tanto usar acabou por deformá-lo. Não sabia estudar e Ippolito lhe dava aula de grego à noite, e às vezes perdia a paciência e o enchia de tapas, e Giustino pulava da sacada e fugia. Ippolito sacudia os ombros e dizia que ele no final das contas não se importava com nada. Uma noite Giustino passou a noite toda fora de casa, e de manhã a senhora Maria já ia telefonar para a polícia. Mas Giustino voltou. Não dirigiu a palavra a ninguém e foi para a cozinha comer. Estava com as calças sujas de barro e as mãos todas arranhadas. Ficou sem falar o dia todo e disse então para a senhora Maria que tinha voltado, tinha voltado mas não queria mais saber das aulas de Ippolito caso contrário fugiria de novo e para sempre. E Ippolito então disse que Giustino se arranjasse sozinho com o grego e que ele não se importava nem um pouco, ah, não se importava mesmo.

E em seguida de um momento para outro aconteceu que Emanuele e Ippolito se tornaram amigos. Era estranho porque Ippolito nunca havia sido amigo de ninguém, nunca se ouvira falar de um amigo seu. Ele e Emanuele começaram se falando do portão, e trocavam livros e certo dia voltando da escola Anna encontrou Emanuele sentado à mesa com os outros, tomando sopa de legumes. Piscou para Anna e disse: — Nós dois somos velhos amigos —, e depois do almoço quis que ela arregaçasse as mangas do pulôver para ver se ainda havia nos braços os sinais da corda.

Anna acreditava que Emanuele se tornaria mais um entre os namorados de Concettina, daqueles que lhe escreviam cartas e lhe mandavam flores e a acompanhavam ao cinema e se apaixonavam. Não foi assim. Emanuele não se interessava muito por Concettina. Era muito gentil com ela, lhe trazia figurinos de moda que encontrava no quarto da mamãe ou de Amalia. Era muito gentil mas passava o tempo todo a lhe dizer o que ela não tinha de bom: o seu jeito de se vestir e o seu jeito de caminhar e o seu jeito de passar batom. Quando Ippolito não estava conversava com ela no salão e folheavam juntos os figurinos, e ele lhe explicava como deveria se vestir. Concettina dizia que não tinha dinheiro para se vestir bem. Mas ele achava que o dinheiro não tinha nada a ver, e bastava olhar para Amalia para entender que dinheiro não tinha nada a ver, vestia-se em uma grande alfaiataria de Turim e estava sempre vestida como uma empregada. Toda vez que falava de Amalia suspirava e coçava a cabeça. Agora tinha cortado o cabelo à la fièvre typhoïde e estava um verdadeiro monstro. Tinha se apaixonado pelo tal Franz. Ele, Emanuele, já percebera havia tempos, mas na sua casa entretanto ninguém tinha entendido. O tal Franz fora pescado pela mamãe em Montecarlo e o arrastara a reboque até em casa. Contara-lhe que era filho de um barão alemão e que fugira da Alemanha por causa dos nazistas, porque seu pai era um grande general do cáiser e ainda acreditava na coroa. Mamãe era ingênua e acreditava sempre em tudo, e papai era surdo e tranquilo e aceitava qualquer coisa que mamãe lhe pusesse diante dos olhos, da mesma maneira que aceitava as papinhas que lhe empurravam no almoço. Mas ele, Emanuele, desde o primeiro momento desconfiara do tal Franz, e desde o primeiro momento pensara que na sua história alguma coisa não se encaixava. E que Amalia estivesse apaixonada por aquele tipo era uma enrascada. Para Emanuele parecia um daqueles que não pensaria duas vezes diante de um casamento de interesse. — É melhor não ter dinheiro algum — dizia Emanuele a Concettina, e lhe dava um tapinha na bochecha. Mas se Ippolito chegasse queria que Concettina fosse imediatamente embora do salão, e ela ia ofendida com a pilha de figurinos debaixo do braço.

Emanuele e Ippolito discutiam muito, mas não se compreendia bem o quê, porque se havia alguém por perto começavam a falar em alemão. Concettina dizia que com certeza falavam imundícies, caso contrário não precisariam usar aquela língua que só eles sabiam, ou permanecer sozinhos no salão. Às vezes Emanuele permanecia até tarde da noite, e era possível ouvi-lo discutir e caminhar pelo salão, e depois de repente era possível ouvir as risadas de Emanuele: ria de um jeito que parecia o arrulhar de um

pombo. E em seguida Emanuele ia embora e Ippolito continuava acordado, estudando para os seus exames, porque nunca sentia necessidade de dormir e se habituara a passar a noite acordado, desde o tempo do livro de memórias. Mas agora não parecia mais o mesmo rapaz que aplicava injeções no pai e lia Goethe para ele, o rapaz de ar submisso e cansado, que o pai atormentava com a história do fumo e do cachorro. Agora, desde quando se tornara amigo de Emanuele, ganhara olhos brilhantes e inquietos que pareciam sempre à procura de alguma coisa, seu andar era firme e ágil quando corria ao encontro de Emanuele no portão. Às vezes passava horas sozinho no salão, acariciando o rosto, sorrindo e murmurando baixinho. Anna lhe perguntou se não iria buscar o cachorro nas "Amarenas"; imaginara que depois da morte do pai iria correndo pegá-lo. Mas ele fez uma cara estranha ao ouvir falar do cachorro. Fez uma careta estranha e amarga, talvez porque de repente tivesse se lembrado das coisas amargas e malvadas que o pai sempre lhe dizia, quando não sabia que estava para morrer e falava sempre da própria morte, e do dia em que Ippolito sairia para passear com o cachorro pela cidade. E o cachorro continuava nas "Amarenas" comendo as coisas estragadas do camponês, na verdade comia aquelas coisas estragadas havia tantos anos que já devia ter se habituado.

Uma noite, enquanto acabavam o jantar, chegou Emanuele com Danilo. Era a primeira vez que Danilo punha os pés em casa, e Concettina ficou toda vermelha, com manchas vermelhas até no pescoço. Concettina estava descascando uma laranja e quis parecer muito absorta no que fazia, e não olhava para Danilo, e Danilo lhe lançou apenas um olhar rápido e irônico enquanto continuava a falar com Ippolito que lhe dizia que o estava

esperando havia um bom tempo. A senhora Maria estava muito assustada porque Danilo sempre a assustara, com aquele vício de ficar parado diante do portão. Danilo e Concettina tinham se conhecido em um salão de baile, e depois passearam juntos algumas vezes mas Concettina dizia que ele lhe dissera uma coisa vulgar, uma coisa muito vulgar, a senhora Maria perguntava o que ele dissera mas Concettina não queria repetir. Era de uma família muito distinta mas que depois empobrecera e a mãe foi obrigada a trabalhar como caixa em uma confeitaria. E tinha uma irmã pouco séria. Concettina o fizera saber e que não queria mais revê-lo. Mas ele não se convencera e estava sempre diante do portão, e quando Concettina saía ia sempre atrás dela, sem dizer nada mas com aquela cara de pau, dizia Concettina. E agora Emanuele trouxera-o ali à casa deles e Ippolito tinha dito que o esperava havia um bom tempo, e ele se sentou tranquilo à mesa, descascando uma laranja que Ippolito lhe oferecera. Mas quando terminou de chupar a laranja, Ippolito chamou-o para subir com ele para o salão, e entretanto Emanuele ficou na tentativa de convencer a senhora Maria de que Danilo era um bom rapaz, o melhor do mundo, e era impossível que tivesse dito alguma coisa vulgar a Concettina, provavelmente não tinham se entendido. E não era verdade que sua irmã fosse pouco séria, ele mesmo a vira e lhe parecera seriíssima, além do que ti-

nha uma enxurrada de irmãs, de dezesseis anos a três meses. Mas Concettina disse que tinham se entendido muitíssimo bem, dissera uma coisa muito vulgar mesmo, ela não queria Danilo em casa, e estava muito zangada e saiu batendo a porta. Emanuele e Ippolito continuaram até tarde falando com Danilo no salão, a senhora Maria tinha esquecido lá dentro o tricô e queria ir buscá-lo, mas Giustino lhe disse que deixasse para lá e não era o caso de perturbá-los. E daquela noite em diante Danilo chegava com Emanuele a qualquer momento, e Ippolito se trancava com eles no salão, e Ippolito disse a Concettina que recebia quem ele bem entendesse em casa e Concettina se pôs a soluçar e então Emanuele para consolá-la levou-a ao cinema para ver Anna Karenina com Greta Garbo, e quando voltaram Concettina tinha se consolado; gostava muito de ver Greta Garbo e achava que se parecia um pouquinho com ela, porque Greta Garbo também não tinha peito. — Esse Danilo está mesmo caído pela Concettina — disse Anna a Giustino. Havia aprendido a dizer "caído" com suas amigas da escola, e agora ficava contente quando surgia uma ocasião de dizê-lo. Mas Giustino então disse que Danilo não estava nem aí para Concettina, e quando ficava diante do portão, fazia isso para zombar dela. Passavam outras coisas pela cabeça de Danilo. Anna perguntou o que passava pela cabeça de Danilo. Giustino franziu o nariz e os lábios, aproximou-se dela com o rosto ficando cada vez mais feio. — Política — lhe disse ao ouvido, e fugiu correndo.

"Política", pensou Anna. Passeava pelo jardim, entre as roseiras da senhora Maria, e repetia aquela palavra para si mesma. Era uma garota gordinha, pálida e preguiçosa, vestida com uma saia de pregas e um pulôver azul desbotado, não era muito alta para os seus catorze anos. "Política", repetia devagar, e então de repente parecia que tinha entendido: era por isso que Danilo começara a vir à casa com tamanha frequência: porque fazia política com Ippolito e Emanuele. Parecia que estava entendendo o salão, as frases em alemão, Ippolito que acariciava o rosto com os olhos inquietos, sempre procurando alguma coisa. Faziam política no salão, faziam de novo uma coisa perigosa e secreta, como tinha sido o livro de memórias. Queriam derrubar os fascistas, começar a revolução. O pai sempre dissera que era preciso derrubar os fascistas, que ele seria o primeiro a subir nas barricadas no dia da revolução. Dizia que seria o dia mais belo de sua vida. E porém sua vida passara sem que aquele dia chegasse. Agora Anna imaginava que era ela quem estava nas barricadas, com Ippolito e com Danilo, disparando o fuzil e cantando. Aproximou-se lentamente do salão, empurrou devagar a porta. Estavam os três sentados no tapete com uma grande pilha de jornais diante deles, e se assustaram muito ao vê-la entrar. Emanuele jogou o casaco de Danilo por cima dos jornais e gritou-lhe que fosse embora e enquanto ela ia embora ouviu Danilo dizer para Ippolito que era um idiota por não ter fechado a porta à chave.

Quis contar para Giustino que tinha visto os jornais. Giustino se pôs a sacudir os braços como se tivesse se queimado, e então apertou os lábios com quatro dedos, que assim saltavam para fora e pareciam os lábios de um negro, e então choramingava e ga-

nia. Apertou com quatro dedos também os lábios de Anna, e tão forte que a machucou. Acabou que se pegaram a tapas. A senhora Maria batia as mãos na parede do quarto vizinho, porque era hora de os dois irem para a cama. Giustino bufou com desprezo na direção das batidas. — Jornais que vêm da França — cantarolou em voz baixa, guardando os livros na pasta. Virou na direção dela, e apertou novamente seus lábios. Disse: — Boca fechada.

E em seguida Concettina também começou a entender. Danilo aparecia em casa a qualquer hora, até de madrugada havia luz acesa no salão e Ippolito batia com força à máquina de escrever, como nos tempos do livro de memórias. Concettina e Danilo se encontravam às vezes nas escadas e trocavam um rápido cumprimento, ela sempre de cara fechada e vermelha, ele com seu sorriso impertinente e fingido. Concettina ia se sentar na sala de jantar com as meias para remendar e ouviam-se passos e cadeiras arrastadas no andar de cima, no salão, e Ippolito, que batia à máquina com força: e de vez em quando a risada de Emanuele, que parecia o arrulhar de um pombo. A senhora Maria lamentava que não se podia mais usar o salão, era o cômodo mais quente e confortável da casa, e havia também o piano e Concettina poderia sentir vontade de tocar um pouco. A senhora Maria achava que Ippolito se tornara prepotente demais, ele que parecia tão submisso quando o pai estava vivo, e agora de repente se metera a dar ordens. Poderia muito bem receber seus amigos em outro lugar; tinham também o vício de vasculhar a cozinha, de noite se metiam a vasculhar a cozinha, e comiam pão e queijo; porque esse Danilo com certeza não comia o suficiente, e assim vinha matar a fome na casa deles. Concettina remendava as meias sem responder; e toda vez que ouvia tocarem o portão estremecia e corria à janela para ver quem era. A senhora Maria lhe dizia que estava muito nervosa já havia algum tempo, que precisaria se tratar em Chianciano, porque o nervoso depende só do fígado; mas Ippolito era avarento demais para concordar em mandá-la a Chianciano, e só não era avarento com queijo, e o oferecia aos amigos mesmo de noite. A senhora Maria não tinha compreendido nada, e pensava que Danilo viesse à casa deles para provocar Concettina e comer queijo; e quando Emanuele e Ippolito começavam a falar em alemão, se ofendia e dizia que era falta de educação falar em sua presença em uma língua que ela não conhecia. Na verdade tinha esquecido um pouco os fascistas, desde que o pai não estava sempre ali a falar disso; e se por um momento se lembrava deles, lhe parecia que o pai exagerara muito nas queixas contra os fascistas, porque no fundo tinham conquistado a África, onde mais tarde haveriam de plantar o café. Convidava sempre aquele seu sobrinho para tomar um banho, e então queria que ficasse mais um pouco se aquecendo do lado da estufa na sala de jantar, porque tivera pneumonia quando pequeno e lhe trazia para ler os livros de Ippolito, para que se instruísse. E Ippolito se irritava muito quando via a senhora Maria de pé em cima de uma cadeira, procurando em sua estante algum livro para o sobrinho.

4.

— Papai e a mamãe estão voltando — disse Emanuele. Realmente batiam tapetes na casa da frente, e colocaram no jardim todas as cadeiras, e as janelas estavam escancaradas na casa toda e se ouvia o zumbido do aspirador. Papai e mamãe voltaram, mas Giuma não voltou. Giuma estava em um colégio na Suíça.

Amalia também não voltou porque foi a Florença para uma escola de enfermagem. Emanuele contava que não dava para entender bem o que tinha acontecido, Franz de uma hora para outra fora embora de Mentone, não aparecera mais e ninguém mais soube dele; então Amalia veio com a história da escola de enfermagem, queria ser da Cruz Vermelha, queria cuidar dos feridos se a guerra chegasse; Mentone lhe dava nojo, voltar para casa lhe dava nojo, só queria saber de doentes para cuidar, nada mais. Entretanto teria tido doentes para cuidar em casa mesmo, dizia Emanuele, já que papai sofria muito com a úlcera gástrica e mamãe tinha uma espécie de esgotamento nervoso: passava o dia todo deitada na cama no seu quarto, com os olhos fechados, com as venezianas fechadas, e não queria ver ninguém.

Emanuele também estivera em um colégio na Suíça por dois anos, como Giuma, no mesmo colégio onde agora estava Giuma. Não gostava muito de lá, e sempre pedia para a mamãe deixá-lo voltar: não conseguia passar um tempo sozinho, e quando se punha a ler no seu quarto, vinham chamá-lo para passear por aqueles lagos idiotas. Giuma porém seria muito feliz na Suíça, dizia Emanuele, porque era um infame e os infames são felizes em qualquer lugar.

Emanuele estava um pouco irritado com a volta dos pais, porque papai ficava acordado esperando que voltasse de noite, esperava por ele no alto das escadas e lhe

perguntava onde estivera até aquela hora. Emanuele respondia que estava se preparando para os exames com uns amigos, mas precisava gritar porque papai estava cada vez mais surdo e o aparelho nunca funcionava muito bem; aí então também mamãe acordava, perguntava do seu quarto com vozinha fraca o que tinha acontecido; e papai ficava muito zangado porque daquele modo acordavam mamãe; a mesma história todas as noites. Emanuele dizia que não tinha mais paciência com o papai e a mamãe, que eles o tinham esgotado, não aguentava mais. Danilo também começara a dizer "mamãe" quando falava de sua mãe, para ridicularizar Emanuele, dizia "mamãe" e soltava uma espécie de miado. A mamãe de Danilo, a caixa da confeitaria, era uma mulherona grande, sempre sentada no caixa fazendo tricô, com os olhos redondos, rasos e um amontoado de cabelos brancos. Danilo dizia que sua mamãe o fizera crescer à base de sopapos, seguindo a ideia de que os sopapos fazem bem e reforçam os músculos do rosto. Mas depois que ele completou catorze anos deixou-o em paz, ou melhor, declarou que já se ocupara demais com a sua educação e que agora ele mesmo pensasse em se educar sozinho. Seu pai entretanto nunca nem tentou educá-lo, era alguém com quem se contava pouco em casa, tivera uma infinidade de profissões e agora viajava pela Itália vendendo cartões-postais. Quando Danilo voltava para casa tarde da noite, a mãe sempre estava ainda acordada, lavando e passando a ferro, mas não lhe dizia uma única palavra e somente retirava da gaveta dois ou três cigarros "três estrelas" que tinha reservado para ele. Os pais, dizia Danilo, logo que terminaram de nos educar é preciso começar a educá-los, porque não é possível deixá-los como são.

Depois de repente Danilo desapareceu. Passou uma semana inteira sem que se visse a cara de Danilo, e a senhora Maria estava muito contente, e perguntou a Emanuele se tinha finalmente rompido as relações com o odioso Danilo. Mas Emanuele imediatamente a desiludiu: Danilo fora para Turim a negócios e retornaria dali a pouco.

Uma manhã, enquanto Anna se vestia para ir à escola, tocaram insistentemente a campainha do portão. Ela foi atender: a senhora Maria tinha saído para as compras e Concettina ainda dormia. Viu na sua frente uma das irmãs de Danilo, a de dezesseis anos, aquela que Concettina achava que fosse pouco séria. Perguntou por Ippolito, mas Ippolito tinha saído. Perguntou então por Concettina. Anna subiu para chamar Concettina. Concettina dormia profundamente, via-se a sua franja despenteada para fora das cobertas. Não era nada fácil acordá-la, continuou por um bom tempo gemendo e virando para o outro lado. Finalmente acordou. Quando ouviu que era a irmã de Danilo foi tomada pela ansiedade, calçou os chinelos com os pés tremendo e foi descendo as escadas amarrando o cinto do roupão.

A irmã de Danilo esperava sentada no salão. Tinha uma quantidade enorme de cachos em forma de vírgulas sobre a testa, e usava uma boinazinha ajeitada de lado, com um longo penduricalho de seda que chegava até os ombros. Viera contar que Danilo havia sido preso na estação de Turim. E Danilo antes de partir para Turim reco-

mendara a ela que se por acaso lhe acontecesse algo errado, Ippolito deveria ser o primeiro a saber. Falava devagar, muito tranquila, e enquanto falava alisava as vírgulas e balançava para cima e para baixo o penduricalho de seda. Concettina ficou tão pálida que parecia a ponto de desmaiar, e apertava o roupão contra o corpo com as mãos trêmulas.

Quando a irmã de Danilo foi embora, com o penduricalho dançando para cima e para baixo nas costas, Concettina disse a Anna que esquecesse a escola e que fosse correndo procurar Emanuele e Ippolito, os dois.

Anna foi para a rua e chamou Emanuele pela janela e ele apareceu. Não sabia onde estava Ippolito, tinha acabado de acordar. Podia-se procurá-lo na biblioteca, para onde ia todas as manhãs. Anna lhe disse para procurar imediatamente Concettina, que precisava falar com ele. Depois se pôs a correr pela cidade, com o coração batendo de susto e alegria, porque Danilo tinha sido preso, e porque era preciso encontrar Ippolito e ela se encontrava envolvida pela primeira vez em uma história importante, secreta e perigosa, precisaram dela e Concettina não lhe permitira ir à escola. Encontrou Ippolito na escadaria da biblioteca. Em voz baixa lhe contou sobre Danilo, e ele permaneceu imóvel por um minuto apoiado no corrimão, batendo as pálpebras rapidamente e mordendo os lábios. Caminhou de volta para casa, em tal velocidade que Anna penou para segui-lo.

Emanuele disse que era preciso convocar um conselho de guerra. Caminhava mancando pelo salão, e dizia a Concettina e Anna que àquela altura não tinha mais sentido tanto mistério, já que elas haviam entendido e em poucas palavras era o seguinte: Danilo fora preso, e dentro em pouco a polícia viria prendê-los também, e havia coisas para serem queimadas e era preciso ser rápido. Ippolito abrira a estufa e jogava dentro os jornais, como o pai com o livro de memórias. Mas os jornais eram tantos, não acabavam mais. E quando parecia que os jornais haviam acabado, Ippolito afastou o piano e retirou dali detrás um monte de panfletos rosa e verde. Lá fora começara a nevar e a estufa soltava fumaça quando nevava. Concettina e Anna ajudavam a jogar os papéis na estufa, cuidando para que se queimassem. Emanuele andava de lá para cá mancando, enxugava o rosto vermelho e suado e explicava o que Concettina e Anna deveriam dizer quando os policiais chegassem: deveriam dizer que Danilo frequentava a casa porque estava muito apaixonado por Concettina, coitado, e que eles não sabiam de mais nada, deveriam tentar se passar por tontos o mais que pudessem, elas deveriam parecer garotinhas tontas que só se interessam por bailinhos e lencinhos. Dizia "bailinhos e lencinhos" agitando os dedos no ar, como se imitasse o voo das borboletas. Ippolito não lhe dava atenção, estava mudo olhando para as chamas que saíam da estufa, em mangas de camisa e os olhos lacrimejantes por causa da fumaça; e sobre seu rosto não se podia ler nenhum pensamento, nenhum estupor, mas somente a expressão calma e cansada do dia em que queimara o livro de memórias.

Quando a senhora Maria voltou das compras, não havia mais o que queimar e

ela não desconfiou de nada. Concettina lhe disse que não deixara Anna ir à escola porque lhe parecia um pouco resfriada: e Anna se esforçava em raspar a garganta e tossir, o que na verdade não era muito difícil com toda a fumaça que engolira. Giustino voltou da escola e Anna correu para lhe contar sobre Danilo, mas Giustino já sabia que tinha sido preso, porque já se comentava na cidade: na verdade era impossível contar alguma novidade para Giustino, porque ele estava sempre informado sobre tudo e não se sabia como.

Esperaram os policiais. Esperaram o dia todo e o dia seguinte também, sentados no salão. Ippolito disse a Emanuele que teria sido preferível se ele permanecesse em sua casa ao invés de estar sempre com eles, porque quando chegassem os policiais não seria nada bom encontrá-los juntos. Mas Emanuele respondeu que não aguentaria ficar na sua casa com todo o nervosismo que sentia, e implorou a Ippolito que o deixasse continuar com ele: quando os policiais chegassem poderia contar que ele também amava Concettina desesperadamente ou quem sabe Anna também, porque os policiais gostam de histórias de amor. Anna estava na janela olhando a neve cair, parecia que não ia parar de nevar e a rua estava silenciosa na neve e vazia, não se via nenhum policial. No vestíbulo se encontravam as luvas de Danilo, da última vez que estivera na casa ele as esquecera ali. Passando pelo vestíbulo Anna lançava um olhar sobre as luvas e sentia uma impressão estranha, e Danilo parecia muito distante, parecia um sonho que um dia seria possível olhá-lo e tocá-lo. Parecia muito distante como os mortos, e assim como com os mortos parecia não ser possível nunca mais saber sobre as coisas novas que ele via e pensava.

Anna perguntou se talvez não fosse o caso de queimar também as luvas. Mas Emanuele se pôs a rir alto, não estava escrito nas luvas o nome de Danilo. Giustino gostava muito daquelas luvas, eram belas luvas de javali falso e pensava em ficar com elas. Mas Emanuele proibiu-o de tocá-las. Era preciso devolvê-las à mãe, ao amontoado de cabelos brancos atrás do caixa. Emanuele numa tarde esperou-a na frente da confeitaria. Deu-lhe as luvas e também algum dinheiro para mandar a Danilo, porque na prisão o dinheiro era necessário, não davam senão uma sopa sem sal, um pedaço de pão e nada mais. Danilo estava nos Cárceres Novos em Turim, passava bem e estava tranquilo. A mãe dele também estava muito tranquila e Emanuele ficou surpreso, no dia que o prendessem mamãe certamente teria uma crise, com gritos que chegariam ao céu.

Esperavam os policiais. Mas não se viu nem um policial sequer e ficaram quase um pouco decepcionados. Emanuele dizia que com certeza deixavam Ippolito e ele de fora, para segui-los. Era preciso ser muito prudente. Decidiram que Ippolito iria para as "Amarenas" por um mês e Emanuele por sua vez iria encontrar Amalia, para ver se já tinha aprendido a ser enfermeira e se esquecera de Franz.

5.

Ippolito voltou das "Amarenas" com o cachorro. Construiu uma casinha para ele no jardim com caixotes velhos. Passou um dia serrando e pregando, e quando o canil estava pronto pintou-o de verde. Mas o cachorro não quis saber de entrar. Talvez não gostasse do cheiro da tinta. Farejava um pouco ao redor e ia embora. Sempre roía as poltronas e estava sempre sujo, mesmo que Ippolito lhe desse banho todas as sextas-feiras na banheira.

O cachorro da casa da frente porém não estava mais lá, mandaram-no embora porque latia de noite e não deixava mamãe dormir. Ninguém mais jogava pingue-pongue na casa da frente, e a mesa estava lá esquecida com a rede rasgada, e no jardim só se via o senhor de idade na espreguiçadeira tomando sol, com a barriga recheada de jornais, de modo que quando se levantava era um chiado só. Um dia Franz reapareceu. Estava vestido de linho branco porque já fazia calor, com uma malha azul-marinho como estava na moda, e nas mãos uma grande mala e raquetes de tênis. Ouviam-se as exclamações de surpresa do senhor de idade, e Franz que lhe gritava no ouvido que vinha de um torneio de tênis.

Assim Emanuele à sua volta encontrou diante de si o tal Franz, ou melhor, foi a primeira pessoa que veio ao seu encontro, e mais tarde contou para Concettina que sentira vontade de tomar o trem e partir imediatamente, porque não suportava a cara do tal Franz e lhe vinha a ideia de que era um espião, pago pelos fascistas para espionar Ippolito e ele, e entretanto não se conseguia entender de onde tirava o dinheiro, porque não fazia nada e estava sempre tão bem-vestido. Emanuele estivera com Amalia primeiro em Florença e depois em Roma e Nápoles, porque a encontrara muito abati-

da e lhe propusera deixar a escola de enfermagem e fazer uma viagem. Coçava a cabeça com força quando pensava naquela viagem, fora uma coisa nem um pouco alegre, arrastara Amalia pelos museus vaticanos, mostrou-lhe as galerias de Rafael e ela derramava lágrimas, depois foram comer e ela pediu um ovo quente e derramava lágrimas no ovo. Derramava lágrimas pelo tal Franz. Emanuele se esforçava para lhe explicar que o tal Franz não se interessava absolutamente por ela. Mas Amalia dizia que ao contrário lhe interessava muito; ela tinha entendido que lhe interessava, mas havia uma coisa horrível que não podia contar, cobria o rosto com as mãos e se punha a soluçar. Emanuele dizia que não sentia a mínima curiosidade em saber o que seria essa coisa, essa coisa que Amalia tinha descoberto uma noite em Mentone, e Franz no dia seguinte havia partido, Emanuele levantava os ombros, ficava vermelho e bufava. E depois Amalia acabou dizendo que não suportava a ideia de ser enfermeira, queria largar tudo, nem ela mesma sabia o que fazer. Queria estudar história da arte. Entretanto tinha passado pelos museus vaticanos sem olhar para nada, dizia Emanuele, havia as galerias de Rafael e ela derramava lágrimas. Deixara Amalia em uma pensão em Roma, não queria voltar para casa, na verdade agora que Franz estava lá de novo era melhor que não voltasse. Emanuele estava muito deprimido, com Danilo na prisão, com sua irmã que não sabia o que fazer e com seu pai com úlcera gástrica, e com tantos exames para prestar e nada de política, nada de política, nenhuma esperança de poder voltar a fazer algo sério, com o tal Franz ali pago para espionar. Mas Ippolito sacudia a cabeça e dizia que provavelmente Franz não era um espião, era um pobre banana e basta, bom só para vencer torneios de tênis.

Emanuele ia à sua casa só para comer e dormir, e passava os dias com Ippolito no terraço, com as apostilas que deveria estudar, mas sem a menor vontade de estudar e se irritava com Ippolito que ao contrário estudava, parando somente para fazer a sopa do cachorro. Dizia que Ippolito parecia uma velha senhora quando saía para passear com o cachorro e lhe dava a sopa, dizia que de repente lhe aflorara a alma de uma velha senhora.

De vez em quando a irmã de Danilo aparecia para trazer notícias. Não usava mais a boina mas um chapéu pontudo, com macinhos de flores de pano, em perfeito equilíbrio sobre a cabeça. Não tinha mais o penduricalho e talvez sentisse saudade de alguma coisa que balançasse e balançava a cabeça e os ombros, para lá e para cá. Danilo estava bem, tranquilo, não tinham encontrado nada contra ele. Fora preso somente por ter frequentado algumas pessoas nos poucos dias que estivera em Turim, um grupinho de três ou quatro, agora todos presos, e enfrentariam um processo no Tribunal Especial. Danilo porém era quase certo que não seria processado, estaria na rua antes. O pior era que ficaria atrasado nos estudos, depois de uma interrupção de tantos meses. Danilo estudava contabilidade, mas sempre dizia que não gostava daquilo e que queria fazer outras coisas, sabe-se lá o que gostaria de fazer. Na prisão se metera a estudar alemão, e escrevia para a mãe que esperava que não o pusessem na rua antes que ti-

vesse aprendido a ler e falar bem alemão, escrevia cartas destrambelhadas e a mãe se enfurecia. Quando a irmã de Danilo aparecia, Ippolito continuava a estudar no terraço, como se não lhe importasse absolutamente ter notícias de Danilo, e deixava que a irmã de Danilo fosse recebida por Emanuele e Concettina. E depois, quando Concettina e Emanuele voltavam para o terraço e lhe davam as notícias, parecia que não prestava grande atenção. Emanuele então se punha a gritar que ele se tornara frio como um peixe, uma coisa que dava frio só de olhar. Ippolito esboçava um pequeno sorriso sem jeito, e continuava a andar de lá para cá, com o livro na mão. Emanuele dizia que Ippolito lhe fazia mal aos nervos, mas Concettina não, era boa; Concettina era tão querida, pegava sua mão e a beijava. E lhe dizia que tinha emagrecido e que tinha ficado mais bonita, com os olhos envolvidos pelas olheiras por passar a noite acordada, a estudar para os seus exames ela também. Concettina tinha abandonado todos os namorados, e pensava só em estudar, e talvez pensasse em alguma coisa mais, dizia Emanuele, talvez pensasse em Danilo na prisão e estivesse um pouco apaixonada. Nesse momento Concettina se enfurecia, retirava a mão das de Emanuele e saía correndo do terraço. Emanuele ria e dizia que não tinha dúvida, Concettina agora se arrependia dos desaforos que fizera a Danilo e das longas horas no frio que o deixara na frente do portão. "É preciso ser preso para que as mulheres nos amem", dizia Emanuele, "senão nada feito."

Fazia muito calor e mamãe ia com Franz tomar banho em um lago, perto da cidade, porque estava curada do esgotamento nervoso, sentia-se bem e usava diferentes vestidos com flores e um enorme chapéu de palha. Ela e Franz levantavam de manhã cedo, entravam no carro e iam nadar no lago, e até as três da tarde não voltavam para casa. Emanuele sempre ficava preocupado enquanto não voltavam, porque Franz dirigia como um louco,
sempre dizia que se não corresse com o carro não tinha graça guiar. Por sua vez a cidade toda comentava sobre mamãe e Franz, mas Emanuele não sabia disso ou não deixava transparecer que soubesse. A senhora Maria entretanto sabia, e quando Emanuele não estava em casa, punha-se a falar daqueles dois sem-vergonhas, e olhava pela janela e via o senhor de idade sentado no jardim e se compadecia, com aqueles chifres, coitado do senhor de idade. Mas o senhor de idade estava sentado na espreguiçadeira cuidando da sua barriga forrada de jornais mesmo em pleno verão, porque sempre tinha medo de alguma corrente de ar, e acenava com a mão para mamãe e Franz que saíam juntos; não parecia que os chifres o incomodassem muito, talvez porque aos poucos se habituara e os carregava com resignação, pobre senhor de idade. A úlcera entretanto lhe causava muitos aborrecimentos e pela cidade se dizia que talvez morresse, e morreu, e Emanuele foi correndo chamar a mamãe que nadava no lago junto com Franz.

O funeral do senhor de idade foi grandioso, muito longo, uma serpente que rastejava pela cidade. Havia muitas e grandes coroas de flores, e o cocheiro usava uma peruca branca e cartola, e os cavalos usavam capuzes pretos. Na primeira fila via-se a ma-

mãe com um véu preto de braço dado com Emanuele, e Amalia e Giuma que foram chamados por telegrama, e Franz com uma camisa de peitilho cinza, luvas cinza e um ar triste e sério. Atrás vinham todos da fábrica de sabão, e entre eles via-se também a mãe de Danilo, com um grande pente de tartaruga sobre o amontoado de cabelos, uma vez que tinha sido despedida da confeitaria, talvez por causa da história de Danilo, e Emanuele fez com que a contratassem na fábrica de sabão. No cemitério foi feito um longo discurso sobre o senhor de idade, sobre a fábrica de sabão que antes era uma coisinha à toa e ele aos poucos conseguira que se tornasse grande e importante, e Anna e Concettina se entediaram muito e fazia um calor terrível. Anna observava Giuma ali bem diante dela. Agora usava calças compridas e sua cara era quase de homem, dura e grande, mas afastava os cabelos dos olhos como antes. Anna o viu só naquele dia no funeral e não se falaram, e pouco tempo depois do funeral Giuma voltou para o colégio.

Logo depois da abertura do testamento Amalia também partiu como se a terra sob os seus pés a queimasse. Ia voltar à escola de enfermagem para terminar o curso, assim disse Emanuele, mas quem poderia saber se dizia a verdade, quem poderia saber para onde ia. Ela e mamãe quase não se falaram e Amalia ficou quase o tempo todo no seu quarto, e mamãe também, e Franz rodava pela casa com uma cara infeliz, e tentava puxar conversa com Emanuele que mal lhe respondia. A leitura do testamento foi uma cerimônia muito longa e monótona, todos sentados em volta da mesa com o tio coronel e o tabelião, o tio coronel era irmão do senhor de idade e o senhor de idade o nomeara tutor de Giuma que era menor. Entretanto Franz, que não tinha nada a ver com a leitura do testamento, esperava no cômodo ao lado, e de vez em quando enfiava a cabeça na porta para dizer tolices, que o tapeceiro estava ali ou o tintureiro ou que o almoço estava pronto, e o tio coronel o olhava feio. De acordo com o testamento mamãe tinha o usufruto do patrimônio, e as ações da fábrica de sabão seriam divididas em partes iguais entre Amalia, Emanuele e Giuma. Mamãe ficou muito vermelha e perguntou o que era usufruto, mas o tio coronel lhe disse para se calar e que depois ele lhe explicaria.

Poucos dias depois que Amalia partira Franz disse que ele também tinha que partir por causa de certos negócios na bolsa. Assim Emanuele e mamãe ficaram sozinhos, no almoço e no jantar eram só os dois naquela mesa comprida, e depois de comer mamãe se esticava no sofá e tirava os sapatos, e comentava como Amalia tinha sido má com ela, não fizera nada de mal, não conseguia entender o que é que Amalia tinha contra ela. E perguntava então o que era usufruto, se era muito ou pouco, e se poderia ainda fazer de vez em quando um vestido, e Emanuele a beijava e lhe dizia que fizesse todos os vestidos que tivesse vontade. E mamãe dizia que Emanuele sempre fora bom com ela, e isso a consolava dos desaforos de Amalia e do ar indiferente de Giuma, Giuma se tornara frio e arrogante com ela. Emanuele propunha que saíssem um pouco, e entravam no carro e iam para fora da cidade, mas quando passavam ao longo do lago a

mamãe dizia que não queria ver aquele lago, e que nunca mais iria nadar ali, porque o lago lhe recordava o dia em que papai morreu, enquanto ela se divertia nadando. Emanuele acelerava e mamãe mantinha os olhos fechados, até quando ele lhe advertia que não era mais possível ver o lago. Mamãe dizia que nunca poderia ter imaginado que papai iria morrer justo naquela manhã, tinha ido ao lago porque papai parecia estar tão bem, tranquilo e rosado como um bebê. E depois dizia que era preciso mandar fazer uma bela estátua de bronze de papai por algum bom escultor, e colocá-la no pátio da fábrica de sabão.

Assim que deixava mãezinha Emanuele voltava a estudar com Ippolito no terraço, e Ippolito lhe dizia que agora ele comandava, que desdenhava dos amigos pobres sem dinheiro, e a fábrica de sabão era sua, era sua a fábrica de sabão, do terraço apontava-a com o braço estendido, mas Emanuele cobria os olhos com a mão e não queria ver. Iria trabalhar na fábrica depois de formado, porque tinha prometido ao pai, mas não tinha vontade de trabalhar ali dentro, Deus sabe o que teria feito para trabalhar longe dali. Não queria ouvir falar de sabão e gostaria muito de arrebentar a cara de alguém que viesse com um pedaço de sabão por menor que fosse.

Todos foram bem nos exames, salvo Giustino, que como de hábito ficou para a segunda chamada em outubro. E depois dos exames Ippolito se pôs a perguntar o que é que estavam esperando para partir para as "Amarenas", mas ninguém queria saber das "Amarenas" e propunham que partisse sozinho, mas ele sozinho não se decidia a partir. A senhora Maria esperava um convite da irmã de Gênova, e Anna e Giustino esperavam o velho convite de Cenzo Rena para o castelo com as torrinhas, e talvez pudessem aceitar agora que o pai não estava mais ali para proibi-los: mas Cenzo Rena estava na Holanda e lhes escreveu de lá. Ninguém recebeu convite algum e eles partiram para as "Amarenas", caso contrário Ippolito não dava sossego, mas Concettina meteu na cabeça de continuar na cidade, porque tinha que preparar o trabalho final e consultar os livros na biblioteca. Preparava uma tese sobre Racine, mas até agora havia escrito só três páginas e Ippolito as havia lido e achou-as idiotas. Emanuele teria que acompanhar mamãe até Mentone mas prometeu que só iria acomodar mamãe e ele também partiria para as "Amarenas", e a senhora Maria dizia que não fosse tolo, ter um palacete em Mentone e ir para as "Amarenas", onde não tinha sequer água encanada e para conseguir um balde d'água era preciso bombear por uma hora no quintal.

6.

Emanuele chegou às "Amarenas" no início de julho. De modo que agora Ippolito não era mais o único a caminhar pelo campo, mas Emanuele corria mancando a seu lado subindo pelos atalhos, vermelho do sol e acalorado discutindo. Giustino estava na praça do vilarejo, junto aos filhos e filhas dos canalhas, e de noite ia dançar sobre o tablado ao ar livre, com os lampiõezinhos de papel que balançavam entre a ramagem. Agora faziam muitas coisas que o pai não permitiria, e Anna nadava no rio em um ponto onde havia um poço tranquilo, e a senhora Maria tomava sol na margem, onde estavam também as mulheres dos canalhas com as crianças, com o tricô e o lanche, e a senhora Maria podia finalmente conversar com elas.

Uma noite, enquanto jantavam debaixo do caramanchão, um automóvel parou diante do portão. Ouviram a porta do carro bater e o portão ranger e se abrir, e não entendiam quem seria àquela hora, e viram no fundo do caminho um homem com um comprido impermeável branco e um chapéu todo amarrotado. Emanuele se levantou e começou a mancar nervosamente ao redor da mesa. Mas não era um policial. Era Cenzo Rena que se pôs a abraçar todo mundo.

Assim finalmente conheceram Cenzo Rena, que mandava chocolatinhos e cartões-postais de todas as partes do mundo. Sempre tinham imaginado que fosse muito velho, velho como o pai, mas não parecia assim tão velho, só com algumas manchas grisalhas nos cabelos e no bigode. A senhora Maria sempre dissera que era muito rico, e também agora repetia e se vangloriava disso, enquanto preparava alguma coisa para jantar, e ao mesmo tempo dizia não se conformar que preferissem as "Amarenas" a Mentone ou à Holanda, vinham todos se enfiar naquele buraco onde ela já tinha tanto

o que fazer.

Cenzo Rena não parecia muito rico. Usava aquele impermeável muito comprido que parecia uma camisola, e por baixo um pulôver que lhe caía até a altura da barriga, desbotado e sujo. Tinha malas enormes amarradas com cordas, foi correndo retirá-las do carro e se pôs furiosamente a desfazer os nós, e em seguida voavam montes de meias e cuecas. Anna e Giustino observavam e esperavam algum presente, entretanto de debaixo das meias e cuecas Cenzo Rena retirou só algumas fotografias da Holanda que havia tirado, parecia muito orgulhoso das tais fotografias, mas na verdade não eram muito nítidas, e via-se tudo tremido, Cenzo Rena explicou que foram feitas quando chovia. E então de repente bateu a mão na testa e pediu desculpas por ter se esquecido dos presentes, pensara em centenas de coisas para trazer para todos e tinha se esquecido. De debaixo das meias retirou uma lata de atum em conserva e todos provaram e permaneceram até muito tarde debaixo do caramanchão, porque Cenzo Rena comia, bebia e fumava e parecia não sentir a mínima vontade de dormir.

Quando entraram em casa, Cenzo Rena de repente parou aos pés da escada com os olhos cheios de lágrimas, e disse que lhe parecia ver o pai descendo os degraus, com a bala na boca e a calça de flanela branca, e lhe parecia ouvir ainda a sua voz de comando quando dizia: — Faça alguma coisa de útil, já que não consegue ser agradável. — Cenzo Rena se pôs a acariciar a cabeça de Ippolito despenteando-o um pouco, e disse que Ippolito era o retrato do pai jovem: mas Ippolito permaneceu rígido e imóvel, com os olhos baixos e as sobrancelhas franzidas, como sempre ficava quando alguém demonstrava ternura por ele.

Cenzo Rena ficou nas "Amarenas" por diversos dias. De manhã queria tomar banho, era sujo mas tomava banho, disse que se lembrava que nas "Amarenas" não existia banheiro e pensando nisso tinha trazido uma mangueira de borracha. Assim a senhora Maria tinha que ir para o quintal bombear a água, e correr para cima e para baixo com os baldes, e não adiantava nada porque ele reaparecia mais eriçado e desarrumado do que antes, depois de ter alagado o quarto. Cenzo Rena era alto e gordo, a sua cara era toda coberta por cabelos, sobrancelhas e bigodes, e tinha ainda os óculos com aro de tartaruga. Não gostava de se vestir como os outros homens, com gravata e paletó, e usava sempre camisetas e malhas e coisas estranhas e nos pés também usava coisas estranhas, chinelos ou galochas ou sandálias, nunca sapatos de verdade. Trouxera muitas garrafas de conhaque e latas de atum em conserva, depois do almoço logo após a fruta abria uma daquelas latas de atum e devorava tudo a colheradas, e a senhora Maria ficava ofendida e se punha a repensar o cardápio, se tinha sido suficientemente apetitoso e farto. De manhã logo que acordava começava logo a fumar, a beber e a comer atum em conserva; e a escrever uma infinidade de cartas em grande velocidade, e derramou um vidro de tinta no tapete do seu quarto e a senhora Maria se pôs a limpar ansiosamente com leite e migalha de pão, mas a mancha não desaparecia, um belo tapete estragado para sempre. Cenzo Rena lá estava olhando para ela enquanto esfregava e dizia

que aquela era a mancha de Lady Macbeth, que todos os perfumes da Arábia não conseguiriam fazê-la desaparecer. Mas também Ippolito ficou chateado com a história do tapete, não disse nada mas se via que estava chateado. E Cenzo Rena de vez em quando à mesa batia forte nas costas de Ippolito, tão forte que o fazia tremer e começava a consolá-lo por causa do tapete e prometia que lhe mandaria um outro novo belíssimo, um tapete de Esmirna. Mas depois balançava a cabeça e dizia que Ippolito se parecia fisicamente com o pai, mas no espírito era muito diferente, porque o pai na idade de Ippolito estava sempre pronto para atear fogo em todos os tapetes e cadeiras da sua casa.

Cenzo Rena caminhava frequentemente com Ippolito e Emanuele pelo campo, e ia caçar com eles, mas dizia que Ippolito não tinha a mínima ideia de como se deve preparar a arma e apontar para o alvo, tanto que quase nunca apanhava alguma coisa, além do que era impossível caçar com aquele cachorro. Cenzo Rena, quando voltavam para casa, estava cansado e triste. Jogava-se em uma cadeira debaixo do caramanchão e balançava a cabeça, balançava a cabeça por um bom tempo e dizia a Ippolito e Emanuele que eles dois viviam no mundo da lua, e se achavam os tais mas no fim não sabiam sequer atirar em passarinhos. Dois pequenos intelectuais de província, isso sim é o que eram, e isto é a coisa mais triste e mais estapafúrdia que pode existir sobre a terra. Não tinham visto nada, ele, Cenzo Rena, estivera nos Estados Unidos, em Constantinopla e em Londres, e sabia o que era a Itália vista do México ou de Londres, uma pulga, a Itália, e Mussolini, o cocô da pulga. Mas Emanuele e Ippolito não conheciam sequer a Itália, não haviam visto nada além da sua pequena cidade, e imaginavam a Itália toda como a sua pequena cidade, uma Itália de professores e de escriváes com alguns operários, mas os operários e os escriváes também se tornavam um pouco professores na imaginação deles. E tinham esquecido que na Itália existiam também os camponeses e os padres, ou melhor, pensando bem não existia nada além disso, porque professores e operários não eram senão padres ou camponeses na verdade. E na Itália existia o Sul, gritava Cenzo Rena, e pulava da cadeira quando dizia Sul, e batia a mão sobre a mesa e abria os braços. Eles não sabiam o que era o Sul, o que eram os camponeses do Sul, só com algumas favas para comer. Emanuele mancava de lá para cá pelo campo e enxugava o suor, e de vez em quando virava a cabeça abruptamente e respirava fundo como se quisesse responder, mas não respondia. E nem Ippolito respondia, sentado na cadeira em diagonal com o cachorro entre os joelhos e só esboçava um pequeno sorriso de canto de boca, acariciando as orelhas do animal. Além do que era tudo conversa fiada, continuava Cenzo Rena, porque dentro em pouco viria a guerra, uma guerra com gás asfixiante e bacilos do cólera jogados do alto por aviões. E assim não iria sobrar ninguém sobre a terra.

Então de repente Cenzo Rena descobriu o camponês. Não era um camponês do Sul mas gostava dele mesmo assim. Não era um camponês que comia favas, era um camponês que comia galinhas e coelhos, e grandes pratos de caldo temperado com

toucinho, muito melhores que a sopinha descorada da senhora Maria. De qualquer modo era um camponês e Cenzo Rena gostava dele, e lhe oferecia cigarro e o camponês lhe oferecia pão e salame. Passavam horas sentados juntos no quintal, e o camponês desandava a falar de Ippolito que era sempre muito desconfiado e arrogante. O camponês o vira nascer e o levara para passear pequenininho na carroça, e agora sofria ao ser tão maltratado. Nunca estava contente com a colheita, parecia-lhe sempre muito pouco, não entendia nada sobre as coisas do campo e queria passar por conhecedor. Cenzo Rena escutava e por sua cara
tinha-se a impressão de que se deliciava ouvindo falarem mal de Ippolito, e quando Ippolito voltava da caça com Emanuele, corria a lhes dizer que sentia mais gosto em discorrer com o camponês do que com eles dois, porque o camponês não tinha cabeça de vento. E explicava a Ippolito que realmente não era coisa de gente esperta se colocar contra um camponês como esse. Roubar, roubava, mas por que não deveria guardar para si um pouco de trigo depois de ter passado todos os dias do ano ali, enquanto Ippolito estava na cidade pensando na sua Itália sem camponeses. Além do que roubava porque sabia que o mundo era assim e se vivia roubando, um arrancando a camisa do corpo do outro, e claro que uma hora dessas seria preciso acabar com isso, mas não era simples e quem foi que disse que seria justamente o camponês de Ippolito quem deveria começar. Emanuele então murmurava que aqueles eram lugares-comuns. Lugares-comuns, gritava Cenzo Rena, com certeza eram lugares-comuns, mas por que não repetir os lugares-comuns se eram verdadeiros, e aí estava o que acontecera com eles: por vergonha e medo dos lugares-comuns tinham se perdido em seus caprichos complicados e vazios, tinham se perdido no mundo da lua. E pouco a pouco tinham se tornado dois meninos velhos, dois velhíssimos meninos sabidos. Criaram ao redor de tudo um mundo de sonho como fazem os meninos, mas era um sonho sem alegria e sem esperança, um árido sonho de professor. E não olhavam as mulheres, não olhavam as mulheres, passavam tantas mulheres por ali e eles não as olhavam, perdidos naquele sonho de professor. Cenzo Rena chamava Giustino, lhe dava um tapa nas costas e lhe desarrumava o cabelo, e começava a falar bem de Giustino que era são e sábio. E pedia a Giustino que o levasse também para dançar sobre o tablado com as filhas dos canalhas, porque as achava muito bonitas.

Assim Ippolito encontrara um outro que sentia prazer em atormentá-lo, e parecia que seu destino era ser atormentado pelas pessoas. Cenzo Rena lhe dizia que era muito bonito, mas isso era dito com despeito. Dizia: — Que judiação, um rapaz tão bonito, olhem como é bonito, quantas mulheres não se apaixonariam por ele e porém as mulheres não lhe interessam. Se interessa por tapetes, pelo trigo, pelos pensamentos nebulosos e esfumaçados, mas não quer olhar para as mulheres; quando passam olha para o outro lado. — Giustino e Anna olhavam para Ippolito, pela primeira vez ficaram sabendo que era bonito. Estava deitado em uma poltrona debaixo do caramanchão com o velho paletó de fustão descuidadamente jogado sobre os ombros, com as

botas gastas nos pés, as suas longas mãos delicadas acariciavam as orelhas do cão, os cabelos com fios loiros e encaracolados na nuca, a boca contraída naquele sorriso amargo que fazia quando o atormentavam. Assim Anna e Giustino se lembrariam para sempre de Ippolito, como o haviam visto naquele verão nas "Amarenas", quando se descobriu que era bonito porque Cenzo Rena o havia dito.

Cenzo Rena permaneceu muito tempo nas "Amarenas" porque se sentia bem ali. Gostava das filhas dos canalhas e as levava para passear de carro. Gostava de nadar com Anna e Giustino no rio, e depois se deitar na margem ao sol, enquanto eles o abanavam com um ramo. Gostava do cachorro, o chamava com um assobio e o levava consigo para o rio, um pouco por desfeita a Ippolito que assim não podia caçar, afinal Cenzo Rena dizia que na verdade aquele cachorro sofria quando ia caçar, porque nunca tinha sido um cão de caça e os tiros o assustavam, e sentia calor e lhe fazia bem mergulhar no rio. Depois do banho, arrastava Anna e Giustino para tomar raspadinha na praça do vilarejo, e então rodavam por todas as lojinhas e Cenzo Rena comprava tudo o que podia ser comprado naquela pequena cidade, saca-rolha, queijo, chapéu de palha e muitos metros de um tecido rústico para que lhe fizessem cuecas. E o vilarejo parecia transformado quando era ele que andava por ali. Não parecia mais aquele vilarejo entediante de moscas e de poeira, mas parecia de repente um lugar divertido e estranho onde em cada lojinha se encontrava algo estranho e divertido para comprar. Giustino às vezes dizia preguiçosamente que talvez precisasse voltar para casa para estudar. Mas Cenzo Rena lhe dizia para não estudar, que era inútil, as escolas na Itália eram ruins e mandavam os meninos estudarem coisas que não serviam para a vida. Ele nunca tivera vontade de estudar e mesmo assim estava bem feliz com o rumo que dera a sua vida. Tudo o que tinham lhe ensinado na escola ele esquecera, o ablativo absoluto, sentia-se em um poço escuro se pensava no ablativo absoluto e tinha medo. E mesmo assim nunca ninguém lhe perguntara sobre o ablativo absoluto quando estava em Constantinopla ou em Londres tratando da venda de navios. Encontrara um trabalho que lhe permitia fazer longas viagens, e depois voltar para sua casa, em um pequeno vilarejo no Sul, e ali podia estar com os camponeses e escutá-los, porque não existia quem valesse mais a pena escutar que os camponeses. Giustino e Anna deveriam ficar algum tempo em sua casa, era uma casa e não um castelo; e não tinha torres, quem sabe como aquelas torres surgiram, da cabeça do pai. No vilarejo diziam o castelo porque havia anos e anos a chamavam assim. Tinha sido a casa dos seus pais, uma casa velhíssima, e ele havia mexido muito pouco nela. Não existiam torres, só uma espécie de terracinho sobre o telhado, que de longe talvez pudesse parecer uma torre, mas era só um terracinho e ele colocara ali um telescópio para observar as estrelas. Viajava, viajava, e depois voltava para casa e ficava sempre contente ao revê-la, no alto da colina, com os pinheiros atrás e embaixo um amontoado de pedras. Era uma casa sem tapetes, ele pouco se lixava para tapetes, e gostava de ouvir seus passos ressoando pelos amplos cômodos. É verdade que também ganhara dinheiro com seu trabalho, mas não era im-

portante. Não era importante porque aquele dinheiro todo ele poderia perdê-lo num instante num piscar de olhos. Não precisava de nada de especial. Precisava somente de um pouco de conhaque e alguns cigarros, implorava a Anna e Giustino que não os deixassem faltar nunca, se de repente ele ficasse paupérrimo e acabasse maltrapilho em um banco de jardim público. Eles quem sabe então seriam ricos e importantes e chegariam de carro com algumas garrafas de conhaque até o seu banco.

Uma noite em que Cenzo Rena tinha ido com Giustino dançar sobre o tablado voltaram para casa muito tarde e ambos os dois bêbados, os dois se sentindo mal e a senhora Maria teve que se levantar e preparar café e limonada. No dia seguinte Cenzo Rena permaneceu na cama, estava com ar sombrio e com a cara verde e se lamentava. Veio vê-lo o doutor de cabelos como penas de pintinho, e não tinha nada, só o vinho lhe fizera mal. Mas o doutor de cabelos como penas de pintinho contou para Ippolito que acontecera um escândalo no vilarejo, porque Cenzo Rena bêbado durante o baile começara a perturbar uma garota, a filha do comandante dos carabinieri, e o comandante quase o pegou aos socos e com dificuldade conseguiram separá-los, e as mulheres ficaram assustadas. Giustino não queria falar sobre o que acontecera, e ele também estava com ar sombrio e com a cara verde e não saía do seu quarto. A senhora Maria então foi fazer uma visita à esposa do comandante, de sombrinha e sapatos de laço, e explicou que era preciso ter paciência com Cenzo Rena, porque não andava muito bem da cabeça, e na verdade iria embora logo. E também encontrou um modo de dizer que era muito rico, porque o dinheiro é sempre perdoado.

A essa altura não aguentavam mais Cenzo Rena, e ele também de repente não os aguentava mais, de um momento para outro começara a odiar o vilarejo com os canalhas e as filhas dos canalhas, e dizia que só na Itália se via ainda certo tipo de coisas, comandantes idiotas que se pegam aos socos e garotas idiotas. As garotas burguesas na Itália, dizia, ficam loucas quando veem um homem, e metem imediatamente na cabeça que querem ser paparicadas e casar, não sabem manter um relacionamento sadio com os homens. Que asco as garotas burguesas na Itália, dizia, e arrumava as malas para partir, jogando dentro sem a menor ordem camisas e meias, junto com os chapéus de palha que havia comprado. As cuecas novas que foram feitas pela mulher do camponês, com aquele tecido rústico que comprara no vilarejo, eram ásperas e lhe esfolavam o traseiro, e a senhora Maria se propôs a lavá-las para que amaciassem, mas ele não estava com vontade de esperar que fossem lavadas e secassem. Não queria ficar nem mais uma hora naquele lugar triste, queria respirar ar livre, sem comandantes e garotas.

Partiu e todas as coisas voltaram à sua calma nas "Amarenas" e no vilarejo, e dele só sobrou um par de chinelos arrebentados no meio do lixo atrás do quintal, e o cachorro ia buscá-los, punha-se a mastigá-los, e rosnava se os tirassem dele. Cenzo Rena mandou cartões-postais de Londres, para eles e para o camponês, porém para o pequeno doutor de cabelos como penas de pintinho escreveu uma longa carta, dizendo que

quando estivera na farmácia do vilarejo descobrira que faltava soro contra mordida de cobra, e essa era uma coisa estúpida em um lugar onde existiam tantas cobras, e então era melhor que ele abandonasse a medicina, já que não sabia nem ao menos o que uma farmácia devia ter. O doutor veio até as "Amarenas" para ler a carta, entre divertido e ofendido, e explicava que tinha encomendado o soro, e que não era sua culpa se não tinha sido mandado ainda. Emanuele explodiu em uma grande risada, uma daquelas suas longas risadas profundas. Agora ainda se ouviam as longas risadas de Emanuele, como o arrulhar de um pombo, mas durante todo o tempo que Cenzo Rena estivera ali, Emanuele andava pela casa atormentado e sisudo, e dizia que estava com vontade de voltar para Mentone por causa da mamãe, porque não era bom deixá-la sozinha todo o verão. Mas logo após a partida de Cenzo Rena ele voltou a ser alegre, e dizia mesmo que no fundo Cenzo Rena era um tipo especial, e o imitava quando se mexia todo porque a cueca arranhava, ou quando se punha em pé ao falar dos camponeses aos gritos.

Mas um dia Emanuele recebeu uma carta de Amalia, na qual lhe comunicava que tinha se casado com Franz. Aí então as suas longas risadas profundas desapareceram de novo, embora ele dissesse que no fim das contas não se importava absolutamente.

7.

Quando voltaram para a cidade encontraram Concettina aos prantos porque a sua tese não tinha sido aceita. Escrevera vinte e cinco páginas, e a irmã de Danilo as batera à máquina e a encadernara como um belo álbum, amarrado por fitinhas cor-de-rosa. Mas o professor havia dito que não estava bom. Concettina dormira um pouco em todos os quartos, porque entre a ansiedade e o desconforto nunca tivera vontade de refazer a cama, e a cozinha era uma grande confusão com cascas de ovos e latas abertas; a senhora Maria teve que limpar a casa por três dias seguidos e dizia que não parecia que uma garota tinha vivido naquela casa, mas um regimento inteiro de soldados. Mas Concettina estava tão desesperada que nem mesmo Ippolito teve coragem de se zangar com ela, mesmo se na cozinha por tanta sujeira acumulada tivessem aparecido baratas. Concettina dizia não ter a menor vontade de voltar a bibliotecas para procurar outros livros sobre Racine, na verdade tinha tomado ódio por Racine e queria tentar outro escritor, mas não sabia quem. Emanuele procurava consolá-la: com toda certeza não precisaria apresentar tese nenhuma porque no próximo ano já estaria casada. Mas a senhora Maria dizia que um ano era muito pouco porque Concettina precisava aprender primeiro a manter uma casa limpa. Emanuele dizia: — Se não encontrar ninguém para casar, Concettina, eu me caso com você. Não me interessa que a casa seja muito limpa e não tenho muito nojo de barata. Vou ter que fazer um pouco de sacrifício me casando com você, porque não gosto tanto de mulher sem peito. Mas se você não encontrar nenhum outro eu me encarrego. Ou então você talvez pudesse casar com Cenzo Rena, que é muito rico e te levaria para conhecer Constantinopla e te explicaria o que são os camponeses. — E para alegrar Concettina Emanuele começava

a falar de Cenzo Rena, imitando-o quando a cueca o arranhava. Mas Concettina dizia que tinha problemas demais para ficar brincando. Então Emanuele lhe perguntava se por acaso ele próprio não tinha problemas. Sua irmã havia se casado com um tipo como o tal Franz. E mamãe estava chegando das férias e ainda não sabia de nada e deveria lhe dar a notícia aos poucos. E havia o acordo entre a Alemanha e a Rússia e agora não se entendia mais nada, não se entendia o que poderia acontecer, tudo era uma grande confusão. Cenzo Rena lhe havia dito que talvez a Alemanha e a Rússia assinassem um acordo, e Emanuele não acreditara, mas havia realmente acontecido. Emanuele propunha a Concettina que escolhesse um belo vestido e um belo chapéu e saísse para passear com ele, tomariam um sorvete na avenida e depois iriam ao cinema sem pensar em mais nada. Mas Concettina ia todas as noites à casa da irmã de Danilo para estudar taquigrafia. E logo que ela saía Emanuele comentava como Concettina era ingênua em acreditar que seus planos permaneciam secretos. Era óbvio que estudava taquigrafia com a irmã de Danilo para que Danilo ao voltar pensasse bem dela, uma garota tão corajosa e simples que estudava taquigrafia junto com a sua irmã. E mancava pela sala todo contente imaginando Danilo e Concettina casados com uma pilha de filhinhos. Mas o tratado russo-alemão lhe voltava à lembrança, quem teria imaginado, o que será que poderia acontecer agora. Entretanto a senhora Maria lamentava que Concettina nunca a ouvia, ela lhe pedira para não se encontrar com a irmã de Danilo porque se sabia que era pouco séria, e Danilo estava preso. A política com certeza era uma lorota, ele deveria ter sido preso por alguma trapaça ou por contrabando. Talvez contrabando de relógios. E ela jamais consentiria o casamento de Concettina com Danilo, Emanuele realmente tinha ideias sem sentido. Não gostava nem mesmo de que Concettina estudasse taquigrafia, sabe-se lá para que a taquigrafia poderia lhe servir, o pai não mandara Concettina para a universidade para que ela acabasse em um empreguinho taquigrafando.

Mamãe chegou exatamente no dia em que a Alemanha invadiu o corredor polonês. A Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha e todos pensaram que agora também a Itália entraria em guerra, não se falava de outra coisa na cidade. Mamãe entrou em pânico e quis que Emanuele telegrafasse a Giuma para que voltasse imediatamente para casa. Estava tão assustada que Emanuele não ousou dizer nada sobre Amalia e Franz. Mamãe desceu até o porão para ver se em caso de bombardeios poderiam se esconder ali. Mandou chamar alguém das Obras Públicas que ela conhecia para que visse se o porão era habitável. O tal das Obras Públicas se pôs a bater parede por parede com um martelinho e disse que aquele porão não oferecia perigo, a casa toda poderia desabar mas o porão não desabaria. Mamãe mandou levar para o porão poltronas, cobertas e uma garrafa de conhaque. E queria saber como faria com as máscaras contra o gás asfixiante, onde poderia comprá-las, queria que Emanuele fosse a Turim se informar. Todo mundo falava das tais máscaras mas ninguém jamais as vira, e na verdade não se sabia se serviam para qualquer tipo de gás. Mamãe continuava farejando o ar e

lhe parecia sentir um cheiro estranho, um cheiro que a asfixiava. E Giuma que não chegava nunca, talvez as fronteiras já estivessem bloqueadas, talvez Giuma tivesse sido arrastado por uma horda de prófugos.

Giuma entretanto não teve pressa e chegou depois de quinze dias, e disse que no colégio estavam acontecendo as competições de rúgbi e ele quis ficar porque se sentia capaz de vencer e realmente vencera. Estava muito bonito, saudável e jovem e queimado de sol, e mamãe ficou feliz em vê-lo porque o imaginara morto ou desaparecido, e então Emanuele finalmente lhe contou que Amalia e Franz tinham se casado. Mamãe disse que já sabia, e disse com voz bem fraca e um pouco rouca, mas logo em seguida recomeçou a falar do porão e dos gases asfixiantes e de todas as provisões a serem compradas, açúcar e óleo, porque dentro em pouco tudo desapareceria. A senhora Maria também corria pela cidade à procura de óleo e açúcar, mas Ippolito não queria lhe dar dinheiro e ela só conseguiu comprar alguns gramas de açúcar, realmente os estabelecimentos estavam repletos de coisas, mas todo mundo comprava e os preços aumentavam. A senhora Maria também pensava nos bombardeios e esperava poder se refugiar no porão da casa da frente, porque o porão da casa deles não parecia nada sólido. E de uma hora para outra tinha se tornado muito gentil com Emanuele, e lhe pedia para convencer sua mãe a deixá-los ficar naquele belo porão se de repente começassem os bombardeios.

Emanuele se afastava do rádio só para correr até Ippolito e levar as notícias. Mas a guerra estava sempre longe, na Polônia, a Itália não se mexia e Emanuele não sabia o que pensar, dizia que se a Itália não entrasse em guerra o fascismo não cairia nunca. Mas Ippolito lhe dizia que agora não era mais importante saber se o fascismo cairia ou não. Porque na Polônia morria gente, todo dia morria gente em um ou outro lugar, enquanto ele e Emanuele estavam sentados discutindo no terraço e a senhora Maria procurava açúcar pela cidade. Emanuele ficava vermelho e mancava de lá para cá. Tinha razão Cenzo Rena, dizia Ippolito, o fascismo é só cocô de pulga. Emanuele voltava para a sua casa e explicava a mamãe que a questão da Itália não era importante, porque na Polônia caíam bombas enquanto ela estava sentada tomando chá, na Polônia as casas desabavam e quando há casas que desabam não era importante saber se desabavam em um ponto ou outro do mundo.

Um dia Emanuele recebeu uma carta de Franz, levada em mãos por uma amiga de Amalia que os encontrara. Viviam em uma pensão em Roma. Franz na carta dizia a Emanuele que ele não era alemão e nem barão, mentira o tempo todo. Crescera em Friburgo, onde seu pai por um tempo vendera impermeáveis. Mas seu pai e sua mãe eram poloneses, e agora ambos moravam em Varsóvia. E sua mãe era de origem judia e os alemães certamente a matariam. Ele escutava o rádio o dia inteiro e chorava. Se a Itália entrasse em guerra sabe-se lá o que seria dele, que tinha no bolso um passaporte polonês. Se a Itália entrasse em guerra ao lado da Alemanha seria o fim para ele. Havia quem dissesse que a Itália poderia ainda se aliar com a Inglaterra e a França. Implorava

a Emanuele para informá-lo se isso poderia acontecer. Mas seria bom demais, não poderia acontecer. Pedia perdão por ter mentido o tempo todo, não mentira por maldade, mas como um menino que conta uma fábula. Implorava a Emanuele que cuidasse de Amalia caso lhe acontecesse alguma coisa. Implorava que mandasse algum dinheiro, porque estavam quase sem nenhum. Emanuele ergueu os ombros, estava ligeiramente comovido, mas lhe veio também uma vontade de rir, daqueles impermeáveis que surgiram assim do nada, de uma hora para outra. Vá saber por que alguém deveria sentir vergonha de ser polonês e de ter vendido impermeáveis, confessando-o entre soluços. Mandou um cheque em nome de Amalia, só mais tarde percebeu que se não pusera o nome de Franz era porque ainda desconfiava dele. Deu a carta para a mamãe ler, mamãe passou os olhos e a afastou imediatamente, dizendo que havia muito tempo já sabia dessas coisas, e o disse com aquela voz fina, fina.

No final de setembro começaram a pensar que àquela altura a Itália não faria mais nada, deixaria que os outros se esfolassem enquanto ela ficaria só olhando, para se lançar no último momento para o lado daqueles que estivessem vencendo. Só mamãe continuava a ter medo, não quis que Giuma voltasse para a Suíça, porque não conseguiria mais dormir sabendo que estava longe, com o perigo da guerra. Giuma agora frequentava o colégio público e estava na classe de Giustino, e Giustino contava que punha a maior banca com o rúgbi e a Suíça, e na classe todos o detestavam. Emanuele começou a trabalhar na fábrica de sabão. Tinha uma sala só para ele, com uma poltrona cômoda e uma mesa grande e muitas revistas, e pelas paredes pendurou reproduções de quadros de que gostava, Piero della Franesca e Botticelli. E quando podia descia para discutir com os operários. Tinha mil reformas na cabeça, uma grande creche para os filhos dos operários e um refeitório onde pagariam uma ninharia para comer, atualmente os operários tinham que trazer comida de casa. Sentado à sua mesa, escrevia longas listas de refeições variadas e deliciosas para todos os dias da semana, e pensando naquelas refeições sentia uma tal fome que precisava tocar a campainha e pedir a um empregado que fosse buscar um sanduíche no bar em frente. Mas quando falava daqueles seus projetos com o diretor administrativo, o diretor sacudia a cabeça e lhe dizia que era muito jovem. Agora também Ippolito trabalhava, tinha sido contratado por um escritório de advocacia, e ele e Emanuele não podiam mais passar os dias juntos, mas de noite depois do jantar Emanuele corria até a casa de Ippolito e desabafava contra o diretor administrativo, odiava-o e dizia o que gostaria de fazer com ele, sacudi-lo inteiro da cabeça aos pés, apertar suas bochechas entre os dedos com toda a força, retirar o seu chapéu do cabide e pisoteá-lo no chão. E assim faria logo que conseguisse obter um pouco de autoridade na fábrica, agora não era nada, era só o filho do patrão que estava ali para aprender. Não iria despedir o diretor administrativo, não lhe faria nada, só iria jogar o seu chapéu no chão e pisoteá-lo um pouco.

8.

Um dia às duas da tarde, quando estavam todos na sala e comiam um doce que Emanuele trouxera da casa dele, de repente Danilo apareceu no vão da porta. Concettina abrira o portão para ele, e agora estava ao seu lado no vão da porta, pálida, um pouco ofegante, com os olhos assustados e brilhantes. Emanuele correu para abraçar Danilo, e lhe deu dois beijos no rosto com dois fortes estalos. Danilo parecia surpreso, ergueu um pouco as sobrancelhas. Emanuele imediatamente se envergonhou daqueles beijos, ficou vermelho e abriu o guarda-louça e começou a procurar uma faca e um prato, Danilo tinha que imediatamente comer daquele doce, Giustino tinha que ir comprar uma garrafa de champanhe e pôr na sua conta, a senhora Maria tinha que lavar os copos. Mas a senhora Maria lhe disse que não era sua empregada e não aceitava ordens, agora queria repousar porque estava com dor de cabeça. Via-se que estava zangada e assustada por causa de Danilo, olhava, olhava para ele com o rosto cheio de horror, e por fim deixou a sala, resmungando em voz baixa. Concettina é que foi lavar os copos. Mas Danilo não acompanhou Concettina com os olhos enquanto saía com a bandeja de copos. Estava muito mudado o Danilo, quase não se reconhecia mais. Usava roupas novas, um chapéu rígido e um sobretudo pesado, e nas mãos tinha também um guarda-chuva porque naquele dia chovia. Tinha um ar comedido e prudente, um ar um pouco de policial. Sentou-se na ponta da cadeira com seu guarda-chuva, com o chapéu sobre os joelhos, e uma migalha de doce caiu em uma das mangas e ele a fez saltar com a unha e passou um tempo vendo se não tinha deixado manchas. Emanuele lhe disse que se tornara muito elegante, lançou longas exclamações a respeito do sobretudo e do chapéu, ressoavam suas risadas fortes. Danilo explicou que estivera alguns

dias em Turim para refazer o guarda-roupa; sua mãe estava ganhando bem agora, agradeceu com gravidade a Emanuele por ter conseguido que a contratassem na fábrica de sabão. Emanuele começou a contar como havia brigado para convencer o diretor administrativo, começou a falar do diretor administrativo e das coisas que mais dia ou menos dia lhe faria. Mas Danilo não riu. Perceberam que seu rosto estava um pouco amarelado e um tanto inchado, e não parecia mais capaz de rir, não ria. Somente riu um pouco quando se levantou para fechar a porta, disse que era tão bom poder abrir e fechar porta de novo, oh, como era bom. Emanuele queria saber mil coisas ao mesmo tempo, se na prisão havia percevejos, se deixavam ler romances, se ele tinha aprendido alemão. Voltou Giustino com a champanhe e voltou Concettina com os copos. Concettina estava muito bonita, com a franja jogada para trás deixando a testa descoberta, com os olhos atônitos e os lábios brancos e trêmulos. Emanuele perguntou a Danilo se sabia que Concettina agora estava estudando taquigrafia com sua irmã. Danilo respondeu que sim, que sabia, e pegou o copo das mãos de Concettina mas não se iluminou ao olhá-la, aquela antiga expressão maliciosa parecia ter sumido do seu rosto. Beberam a champanhe sem nenhuma alegria, Ippolito não quis beber e disse que a champanhe lhe fazia arder o estômago, Emanuele então se irritou com ele, não era possível que pensasse tanto em seu estômago, parecia mesmo uma velha senhora. Não era todo dia que um amigo voltava da prisão. Danilo de repente anunciou que se casaria em breve. Naqueles dias em Turim antes que o prendessem conhecera uma garota, uma operária, e saindo da prisão a vira de novo e decidiram se casar. Na prisão tinha pensado muito em tantas coisas, disse, e lhe parecera ter vivido sempre como um tolo, ter perdido tanto tempo. Na prisão a gente se torna adulto, disse, e intolerantes com certas atitudes e poses. Na prisão passara sua vida a limpo, disse, e tinha percebido que nada de bom acontecera, só as horas que passara com aquela garota não lhe pareceram ociosas e inúteis. Era uma garota muito simples e séria, e ele podia se casar com ela tranquilamente porque não se assustaria no dia em que o jogassem na prisão de novo, continuaria a trabalhar e estava preparada para essa ideia, era uma garota muito "preparada". Emanuele perguntou se era bonita e Danilo respondeu que não sabia, nunca se fizera essa pergunta, além do que ele não sentia necessidade de uma grande beleza, sentia necessidade de uma garota tranquila e preparada para tudo. No momento pensavam em morar com a mãe de Danilo, bastava uma cama a mais, e Marisa — chamava-se Marisa a garota — procuraria um trabalho na cidade, quem sabe Emanuele conseguisse que ela também entrasse para a fábrica de sabão. Ippolito se levantou e disse que já deveria estar trabalhando no escritório há algum tempo, e Danilo disse que ele também ia embora porque tinha que passar no marceneiro para encomendar a cama para sua mulher. Assim permaneceram sozinhos Emanuele e Concettina, diante da mesa atulhada de pratos e copos. Emanuele disse que não sentia vontade de ir para a fábrica naquele dia, estava com sono e se sentia triste, aquela champanhe não era muito boa, fora um erro mandar Giustino porque se a champanhe não é muito boa faz mal. Con-

cettina de repente apoiou a cabeça na mesa e começou a soluçar. Emanuele deu um pulo de susto e começou a consolá-la, perguntou se tinha sido mesmo uma coisa tão séria, se realmente estava um pouco apaixonada. Concettina sacudiu a cabeça com força, não estava apaixonada, nem mesmo sabia por que é que estava chorando assim. Emanuele disse que ele também se sentia muito triste e não sabia bem por quê. Ele também não tinha gostado de ver Danilo tão mudado com aquele chapéu rígido e aquele ar prudente, era muito melhor quando usava boné e passava as horas diante do portão. Mas isso não era razão para chorar, Concettina ainda encontraria muitos homens que se apaixonariam por ela, esqueceria Danilo, tinha fantasiado e sonhado um pouco sobre Danilo que estava na prisão, de repente o vira como um herói, uma coisa muito natural e de fato nada trágica. Pobre Concettina que até se metera a estudar taquigrafia. Ouvindo falar de taquigrafia Concettina soluçou mais alto, passara a odiar a taquigrafia e não queria mais saber, não queria mais ir à noite à casa da irmã de Danilo, e agora o que iria fazer com a irmã de Danilo que a esperava. Mas bastava mandar um bilhete, disse Emanuele e riu, bastava uma desculpa qualquer, não era um problema. Emanuele passou a tarde toda consolando Concettina, acariciando e segurando suas mãos.

Danilo e a garota preparada se casaram alguns dias depois. Todos tinham imaginado que a tal garota preparada fosse feinha, e no entanto não era feia, ou melhor, seria muito bonita se não tivesse o rosto tão sofrido e os cabelos queimados pela água oxigenada. Os cabelos eram um horror, dizia Emanuele a Ippolito e Giustino enquanto caminhavam de volta do casamento, ele jamais se casaria com uma mulher de cabelos queimados daquele jeito, tufos ásperos e mortos, de um amarelo que tendia para o verde. Nunca conseguiria acariciar cabelos assim. O rosto era bonito mas abatido, a carne como já sem viço, áspera e apagada. Porém a Giustino Marisa agradava, dizia que Emanuele não entendia nada sobre garotas e sabe-se lá que bagulho de mulher escolheria, uma velha esnobona imposta por sua mãe. Voltavam da festa na casa de Danilo, Concettina também foi convidada mas não tinha ido. A mãe de Danilo se pôs a falar com Emanuele em um canto, perguntava se era possível conseguir que Marisa também entrasse para a fábrica de sabão, perguntava se era sensato se casar sem ainda ter o diploma de contabilidade como fizera Danilo, e nem mesmo aquela garota era grande coisa, aos vinte anos e com a pele já escangalhada. Emanuele reclamava que teria novamente de brigar e discutir para pôr Marisa na fábrica. No entanto não foi preciso porque Marisa logo encontrou um emprego na fundição. Acordava cedo pela manhã e antes de ir para o trabalho lustrava os sapatos de Danilo, escovava sua roupa e escovava longamente o chapéu rígido que estava cada vez mais duro e mais brilhoso. E aí limpava o quarto e agora não se reconhecia mais o quarto de Danilo, com o assoalho reluzente e as cortinas passadas e um pequeno aparelho de licor sobre a cômoda. Mas a mãe de Danilo, quando via Emanuele na saída da fábrica, sempre reclamava da garota, que talvez não fosse má só que não parecia contente com nada, e voltava a lavar

a salada depois que já tinham lavado, e cheirava a manteiga e a carne, cheirava tudo. E ela tinha certeza de que Danilo não se casara por amor mas por ponderação, e as coisas que se faz por ponderação não dão certo.

Danilo voltou a frequentar Ippolito, e a senhora Maria teve que se conformar em vê-lo no final do jantar, mesmo se a cada vez se sentisse inquieta ao pensar que estivera na prisão e se casara com uma operária, alguém que trabalhava o dia todo de avental sujo na fundição. Danilo vinha sempre sozinho, porque a mulher de noite estava sempre cansada e logo após o jantar ia para a cama. A senhora Maria fugia assim que o via chegar, Concettina porém não fugia, se punha a brincar com Emanuele e dava risadas altas e estridentes, mas mal parava de rir o seu rosto se tornava imediatamente contraído e cansado. Desaparecia e reaparecia logo depois com o chapéu na cabeça e vestindo as luvas, e abria as janelas e falava com alguém que a esperava lá embaixo, depois saía correndo pelas escadas e se ouviam ainda as suas risadas altas e estridentes, e o barulho de um carro que partia. Havia recuperado os namorados de antes, voltara a frequentar a biblioteca, e retomara Racine, e o tal do carro a esperava à saída da biblioteca, fumando um cigarro após o outro.

Emanuele contava as notícias que ouvira no rádio, mas nunca eram grandes notícias. Os alemães e os outros faziam guerra fria, na linha Maginot e na linha Siegfried, ninguém perdia ou ganhava, só uns tiros para o ar de vez em quando. Emanuele dizia que agora tinham inventado a guerra fria para fazê-lo definhar de tédio, ninguém jamais ia ganhar ou perder, a guerra fria ia durar para sempre. Mas Ippolito se perguntava somente o que estava acontecendo na Polônia, o que seria daquelas cidades com as casas desabadas e com os alemães, com os alemães que levavam as pessoas para serem mortas nos campos de concentração e dizia que perdia a vontade de viver se pensava nos lager, os alemães que apagavam os cigarros na testa dos prisioneiros. E Emanuele então se perguntava o que teria acontecido com os pais de Franz. Mas Danilo dizia que por aqueles que morriam nos lager não se poderia fazer nada, porém se poderia fazer alguma coisa por seus amigos que ainda estavam na prisão, tinham sido levados para Roma num vagão-cela e deveriam responder ao processo no Tribunal Especial, e talvez Emanuele e Ippolito soubessem o que é uma viagem em um vagão-cela, uma viagem que durava uma eternidade, acorrentados uns aos outros. Talvez soubessem o que era a prisão, não apagavam cigarros na testa mas não era bom, acabava-se tuberculoso se só comesse a sopa que serviam, se não houvesse dinheiro para comprar qualquer outra coisa. E ainda era preciso dinheiro para pagar o advogado no processo, e dinheiro para socorrer as famílias. Conseguir dinheiro, essa era a coisa importante, e não se entediar ouvindo rádio porque a guerra era fria. Emanuele ficava vermelho e dizia que um pouquinho de dinheiro talvez pudesse arrumar, mas não muito porque no seu patrimônio não podia tocar, o tio coronel ficaria sabendo, punha-se a gaguejar um pouco quando falava do seu patrimônio. Mas poderia economizar nas despesas pequenas. Danilo levantava os ombros, era preciso muito mais que as pequenas economias de

Emanuele mantidas em reserva como fazem as crianças boazinhas. Era preciso uma grande soma e era preciso que esse dinheiro aparecesse a qualquer preço.

Anna sempre esperava que recomeçassem com a política, com os jornais e panfletos, mas Giustino lhe disse que não recomeçariam, pensavam somente em conseguir dinheiro para os amigos de Danilo da prisão, na verdade isso também era política, conseguir dinheiro se chamava "socorro vermelho" e era muito perigoso. Mas ninguém mais se fechava no salão e o salão estava sempre deserto, com as venezianas fechadas e um frio mortal, porque Ippolito dizia que era preciso economizar lenha, e não era preciso acender a estufa ali também. A senhora Maria lamentava que Concettina não pudesse mais tocar piano, mas Concettina disse que o piano não lhe importava mais e até havia decidido vendê-lo, o piano era seu e podia fazer o que quisesse com ele, tinha pertencido à avó e a avó antes de morrer havia dito que o deixava para ela. Todo dia à mesa falava de vender o piano, e perguntava a Emanuele como se fazia para colocar um anúncio no jornal, quanto custava e aonde deveria ir. Disse que se decidira a vendê-lo porque queria fazer o enxoval, não iam querer que se casasse sem uma peça de roupa. Então Ippolito respondia que quando tivesse alguém com quem se casar pensaria em vender ou não o piano, agora eram só os namorados de sempre, e havia tanto tempo e nenhum era bom para casar. E Concettina disse que um deles era ótimo para casar, aquele que vinha sempre buscá-la de carro, e ela ia se casar com ele imediatamente, no fim do mês. E era ótimo para casar, era muito melhor que Ippolito e Emanuele e as pessoas que a frequentavam sempre, era alguém que gostava dela e que a esperava havia muitos anos. E na verdade ela não precisava dar explicações a ninguém e fazia o que bem entendesse. Saiu batendo a porta e todos se entreolharam surpresos, e de repente se ouviram os soluços convulsivos de Concettina no seu quarto, e Emanuele quis ir vê-la, mas Ippolito o segurou. Giustino disse que conhecia bem o tal do carro, era um fascista, ia às manifestações de camisa preta. Emanuele também o conhecia e disse o nome, chamava-se Emilio Sbrancagna, Concettina seria a senhora Sbrancagna, um belo nome. Emanuele queria que Ippolito fosse imediatamente falar com Concettina e a persuadisse a deixar para lá o tal tipo, não ouviam o quanto ela chorava, ia se casar com ele porque estava desesperada e humilhada e vá saber o que tinha metido na cabeça, talvez que se não casasse agora não se casaria mais. Mas a senhora Maria disse que vira pela janela o jovem e era alto e distinto, e também recolhera algumas informações sobre a família porque ela sempre pensava em tudo. Era uma ótima família e estavam bem, viviam em uma casa um pouco afastada da cidade, o pai era dono de uma indústria de produtos químicos e o filho também trabalhava lá. Naquele momento apareceu Danilo, e perguntou por que estavam ao redor da mesa com aquele ar desanimado. Emanuele então lhe explicou que Concettina queria se casar com o senhor Sbrancagna, um fascista. Danilo perguntou o que havia de trágico, o fascista os ajudaria se estivessem em apuros. E em seguida começou a falar de outra coisa, como se Concettina fosse uma pessoa qualquer, e como se ele não a tivesse esperado tardes in-

teiras na frente do portão.

No dia seguinte a senhora Maria se pôs a limpar a casa, porque Concettina lhe dissera que Emilio Sbrancagna e seus pais fariam uma visita. Foram escancaradas as janelas no salão e a senhora Maria subiu na escada para lavar os vidros. Anna por sua vez deveria tirar o pó do piano e dos móveis, tentou desencostar o piano para ver se encontrava panfletos rosa e verde escondidos ali atrás. Não havia nada, só alguns tufos de pó pelo chão. Concettina não ajudava na limpeza, Concettina estava deitada na cama do seu quarto, sufocando de tempos em tempos um soluço no lenço. A senhora Maria achava que estivesse chorando por causa do enxoval, e dizia que Ippolito não deveria deixar que se vendesse nada, deveria ir buscar dinheiro no banco, estava convencida de que no banco existia um punhado de dinheiro e que Ippolito não queria tocá-lo. Desceu algumas vezes da escada para consolar Concettina, dizia que na verdade não se precisava de muito para um enxoval, poucas coisas práticas e laváveis, nada de raiom porque era vulgar, linho ou cambraia. Às oito da noite o salão estava pronto, com a estufa acesa e com as xícaras de chá preparadas em cima do piano, e a senhora Maria escolhera seu vestido preto com jabô de rendas e de repente passou a comandar a todos, Giustino deveria avisar Danilo para que não aparecesse, Concettina deveria lavar os olhos com água boricada e pentear a franja para trás, Emanuele deveria aparecer por um minuto, cumprimentar e ir embora imediatamente.

Emanuele entretanto não quis saber de aparecer no salão, entocou-se na cozinha com Anna e juntos viram os senhores Sbrancagna que desciam do automóvel, o pai, baixinho e um pouco torto, com longos bigodes cor de feno, a mãe grande e encanecida, o rapaz com os cabelos cortados à escovinha, um penacho preto sobre uma testa comprida e estreita como uma torre. Emanuele continuava dizendo: — Coitada da Concettina, que pena, que pena — e praguejava contra Ippolito que não fazia nada para impedir aquele casamento, deixava correr, ele sempre deixava correr, na verdade não lhe importava nada nem ninguém, na verdade era um cínico. Iria acabar entre os senhores Sbrancagna a Concettina que ajudara a pôr fogo nos jornais, iria acabar em uma família de fascistas, com o retrato de Mussolini na cabeceira da cama, ela que era filha de seu pai, um homem que morrera pela dor de não ter visto a revolução. Iria acabar assim Concettina, por melancolia, despeito, sabe-se lá por quê. E além de tudo isso ainda existia o perigo de que um dia contasse ao marido sobre quando tinham queimado os jornais, e ele já via Emilio Sbrancagna correndo à delegacia para contar, e aí sim ia ser bonito. Emanuele andava pela cozinha, mancando e dando chutes nas pernas da mesa e dizia pobre Itália que esperava a revolução de tipos como Ippolito, Anna beliscava alguns biscoitos, até que Concettina entrou correndo e levou a bandeja embora. Emanuele a seguiu pelo corredor e lhe disse que em nome da memória do seu pai tinha de jurar que jamais diria nada sobre aquele dia em que queimaram os jornais. Concettina jurou, mas no mesmo instante sentiu uma grande raiva de Emanuele, mostrou-lhe os dentes e lhe deu um puxão na orelha e se livrou dele e reapareceu no salão

com a bandeja. Emanuele voltou à cozinha dando coices e esfregando a orelha que lhe doía.

No salão a senhora Sbrancagna estava sentada com a senhora Maria no sofá, a senhora Maria estava com dois dedos esticados sobre os joelhos e falava das suas viagens, de quando tinham roubado o casaco de pele da avó no Grand-Hôtel de Cannes, uma pele de skuntz. Falava e falava mas de repente foi tomada pelo medo, olhava os biscoitos e lhe pareciam poucos, olhava para a porta com a angústia de ver entrar Danilo. Ippolito permanecia calado e acariciava o próprio rosto, Concettina amarrotava um lenço entre as mãos suadas, e à senhora Maria pareceu que Concettina estava feia naquela noite, com a franja alisada para trás e o vestido azul que colocara não lhe dava um ar de cocote, mas sim lhe dava um ar de preceptora. O senhor Sbrancagna comia biscoitos e seu bigode estava cheio de migalhas e tentava manter uma conversa com Ippolito, mas não era fácil arrancar uma palavra de Ippolito quando se punha a olhar para longe e acariciar o próprio rosto. Mas o jovem Emilio Sbrancagna parecia pouco se importar com a conversa e com todo o resto, e estava esticado no sofá com os dedos entrelaçados e seu penacho espetado sobre a testa e olhava para Concettina com um sorriso muito alegre e malandro, e estava naquele sofá como se nele estivesse estado sempre, ajeitando seu corpo comprido e ágil, depois abruptamente ficou de pé com um salto e dedilhou alguns acordes ao piano, e a senhora Maria teve um sobressalto na poltrona e olhou para o piano pensando que não se poderia mais vendê-lo, agora que todos o tinham visto. A senhora Sbrancagna queria saber sobre Cannes, ela nunca tinha estado lá, seu marido não quis levá-la porque ouvira que as mulheres andavam pela praia todas nuas. A ela também certa vez tinham roubado um broche em um hotel em Vicenza, um broche de muito valor, mas o marido lhe disse para deixar de bobagens, que ninguém lhe tinha roubado nada nunca, perdera o broche porque estava mal fechado, além do que era um brochinho mixuruca. A senhora Sbrancagna comentou em voz baixa com a senhora Maria que seu marido fazia sempre assim, sentia um grande prazer em atormentá-la diante dos outros. E de repente quando ninguém esperava o senhor Sbrancagna começou a dizer que não havia razão para se calar o que era o pensamento de todos, seu filho e Concettina queriam se casar, muito bem que assim fosse, ele teria preferido uma garota com dote mas se o dote não existia paciência. A senhora Maria disse que Concettina tinha sim alguma coisa, uma parte das "Amarenas" era sua, o senhor Sbrancagna disse que sabia disso mas não se poderia chamar de dote aquele pedacinho de terra a ser repartido entre quatro irmãos. Mas enfim quanto à questão do dote se passava por cima. Havia ainda a questão da política, essa era mais espinhosa, ele queria ser sincero e sabia que o pai de Concettina tinha sido um subversivo, e ele sempre sentira um medo enorme de subversivos, levantou-se e fixou Ippolito com os olhos arregalados. Mas sabia também que fora uma boa pessoa, sabia que também entre os subversivos existiam boas pessoas, podia parecer estranho, mas boas pes-

soas se encontram por todos os cantos. Disse isso em voz muito baixa mas a mulher de imediato sentiu medo, olhou para os lados e perguntou se a empregada dormia no quarto ao lado. Não se podia descuidar nem por um segundo das empregadas, e um mal-entendido bastava para meter alguém em apuros. Ele então se irritou com a mulher, não havia dito nada de mal, era capaz de gritar em voz alta na praça o que dissera, entre os subversivos existiam também boas pessoas. A senhora Maria disse então que o pai tinha sido muito mais do que uma boa pessoa, tinha sido um homem superior, dedicando sua vida toda ao amor aos filhos e também a um livro de memórias, mas por fim acabou queimando-o, sabe-se lá por quê. O jovem Emilio Sbrancagna inesperadamente explodiu em risadas, se sacudia no sofá e ria, levantando os joelhos e balançando os pés. Todos se voltaram para ele surpresos e a sua mãe lhe perguntou seriamente por que ria assim. Disse que lhe dera vontade de rir ao imaginar o pai na praça gritando em defesa dos subversivos. Depois daquela risada todos sentiram o coração mais leve, e também Concettina pareceu tranquilizada e serena, e o senhor Sbrancagna ao se despedir apertou com força a mão de Ippolito e lhe disse que esperava ainda poder conversar com ele, porque quando o olhara nos
olhos sentira por ele uma grande simpatia, e esperava que não fosse um subversivo mas na verdade mesmo que fosse, paciência, e a mulher entretanto lhe dava socos nas costas e explicava à senhora Maria que na sua casa era sempre assim, seu marido e seu filho dizendo coisas que não deveriam dizer. Finalmente os senhores Sbrancagna foram embora, e na cozinha eles encontraram ainda Emanuele que dormia com a cabeça sobre a mesa, o acordaram e o mandaram para a cama.

No dia seguinte a senhora Maria levou ao montepio as joias da avó, e as resgataria com o dinheiro da próxima colheita. Em seguida rodou a cidade atrás de linho verdadeiro, tinha horror a tecidos mistos, passava uma hora em cada loja e subia as escadas, revistando as prateleiras. Finalmente levou para casa metros e metros de linho e se pôs a cortar e costurar combinações e camisolas, até tarde costurava e bordava e só falava de ponto cruz e de ponto sombra. Concettina queria fazer um redingote preto aderente, idêntico ao da mamãe e se plantava na janela para ver mamãe que saía com o redingote, mas não conseguia nunca ver bem e interrogava longamente Emanuele sobre os botões e os bolsos, Emanuele prometeu que iria de noite na ponta dos pés olhar o redingote no armário e guardar bem na cabeça todos os detalhes. Emanuele porém não deixava de atormentar Concettina por causa de política, quando estivesse casada dormiria com o retrato de Mussolini na cabeceira. Concettina corava e dizia que alguma coisa de bom os fascistas haviam feito, as pontes e as estradas, e era muito estranho ouvi-la falar assim de pontes e estradas, ela que na sua vida nunca se preocupara com uma estrada ou uma ponte, nunca se perguntara se existiam em número suficiente na Itália. Emanuele cobria o rosto com as mãos e gemia, Deus do céu como Concettina se reduzira a migalhas por pouco, de Concettina já não sobrara mais que um punhado de migalhas para se jogar aos passarinhos. Ele não queria ver Emilio Sbrancagna, e im-

plorava que colocassem na janela um lenço preto amarrado a um bastão quando Emilio Sbrancagna estivesse na casa, e caso contrário um lenço branco e ele apareceria. Por sua vez Danilo disse que queria conhecer o tal do Emilio Sbrancagna, porque era preciso discutir com os fascistas, para saber o que lhes passava pela cabeça. Mas Ippolito disse que Emilio Sbrancagna tinha muito pouco fascismo na cabeça, usava camisa preta como usaria qualquer outra camisa, e toda retórica do fascismo havia passado por sua cabeça sem tocá-lo, era jovem e sadio como um bezerrinho no pasto. E Danilo disse que o fascismo possuía muitos como aquele bezerrinho, não era só feito de lobos e águias, existiam também bezerrinhos e amanhã seriam mandados para morrer na guerra, exatamente como bezerrinhos no matadouro. E exatamente por isso era preciso falar, era preciso falar com os bezerrinhos no pasto e com tudo aquilo que ainda estivesse vivo na Itália era preciso falar.

Uma única vez Giustino se lembrou de amarrar o lenço preto em um bastão para que Emanuele soubesse que Emilio Sbrancagna estava por ali, mas aquele lenço era o foulard da senhora Maria, e ela foi recuperá-lo com medo de que se estragasse. Desde esse dia não houve mais lenços, e Emilio e Emanuele começaram a se encontrar nas escadas e a se cumprimentar, mas Emilio no início fechava a cara porque imaginava que fossem apaixonados por Concettina todos aqueles que vinham à casa, até que a senhora Maria lhe explicou que para Emanuele Concettina era como uma irmã. E pouco a pouco Emanuele deixou de dizer "Sbrancagna" rangendo os dentes. E depois um dia aconteceu o encontro de Emilio e Danilo, Danilo começou a interrogá-lo com aquele ar de policial que adquirira na prisão, Emilio se agitava inquieto na poltrona, com uma vontade enorme de fugir para junto de Concettina que tomava sol no terraço. Danilo lhe perguntava muitas coisas, se tinha lido isto e aquilo e se tinha medo da guerra, Emilio sacudia o penacho de cabelos pretos e se revirava na poltrona, não tinha a menor vontade de ir para a guerra, além do que agora na Itália quem é que pensava na guerra. Disse a Danilo e a Ippolito que se sentia muito ignorante para discutir com eles, falavam com ele como se fosse muito inteligente e entretanto era ignorante, nunca tinha lido Espinosa ou Kant, tinha tentado mas abandonara imediatamente porque não entendia. Ele queria se casar com Concettina e basta, não se preocupava com os anos pela frente, era belo um dia após o outro. Sabia que Danilo tinha estado na prisão, sentia um grande respeito por aqueles que iam para a prisão mas ele jamais teria tido coragem, ele vestia uma camisa preta e desfilava nas manifestações. E além disso lhe parecia que algumas coisas boas haviam sido feitas pelos fascistas, por exemplo haviam conquistado a África e a Albânia, talvez não fossem muito difíceis de ser conquistadas, mas eles as conquistaram. O que ele não gostava era do Eixo Roma-Berlim, não suportava os alemães, seu pai tinha lutado na guerra contra os alemães e ele era pequeno mas não se esquecera. Não gostava do Eixo Roma-Berlim mas de fato agora Mussolini não estava na guerra ao lado dos alemães, talvez não gostasse deles também e o Eixo Roma-Berlim não passasse de uma comédia. No conjunto não lhe parecia que as

coisas na Itália estivessem tão mal, talvez pudessem estar melhor, mas ele se dava por satisfeito, Danilo e Ippolito eram inteligentes demais para se contentarem e imaginavam outros governos, e ao contrário ele era ignorante, engolia tudo e se contentava. Finalmente o deixaram livre e fugiu, e parecia mesmo um bezerrinho ou um potro a quem tivessem retirado a corda para que pudesse pastar em paz, e Danilo continuou no salão pensando nos bezerrinhos, se existiam muitos na Itália e se eram todos assim.

Na noite anterior ao casamento Concettina ficou acordada chorando, mas era um choro sem mais dor, estava sentada na cama com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça e as lágrimas transparentes e tranquilas lhe escorriam pelo rosto, e a senhora Maria cochilava aos pés da cama, e de tempos em tempos se levantava toda despenteada em sobressalto, com uma face vermelha e a outra pálida, e descia para ferver a camomila. Aquelas lágrimas no rosto de Concettina não deixaram marcas, de manhã estava com o rosto puro e fresco, sem inchaços ou manchas vermelhas, um lindo rosto lavado pelas lágrimas, luminoso e dócil. No salão havia sido preparado o coquetel e a senhora Maria se perguntara se era preciso convidar mamãe, mas Emanuele disse que era inútil, mamãe certamente não viria. E porém mamãe se ofendeu por não ter sido convidada, e disse a Emanuele que sabia muitíssimo bem que Concettina havia copiado o seu redingote e por isso não quis convidá-la, e a ela não importava absolutamente que o houvesse copiado mas que não achasse entretanto que lhe caíra bem, tinha as pernas e os quadris grandes demais para usar redingote aderente, e teria sido melhor se tivesse copiado o seu paletó a saco que era muito mais indicado para uma pessoa com o corpo como o de Concettina. Emanuele foi correndo dizer que deveriam convidar mamãe mas já era tarde, mamãe se ofendera e não compareceu, mandou uma corbelha. Emanuele e Giuma compareceram, Emanuele disse que Giuma ficava bem em casamentos, era muito elegante e chamava a atenção. Compareceram também Danilo e sua mulher, a senhora Maria não os queria por ali de maneira nenhuma, estava desesperada, o que pensariam os senhores Sbrancagna encontrando-se com Danilo e sua mulher. Mas Ippolito disse que era ele quem comandava, e que tinha justamente marcado o casamento para um domingo de modo que a mulher de Danilo pudesse vir. A senhora Maria lhe disse que se lembrava de comandar só quando era cômodo para ele, em geral não dava a menor bola para nada, e para o enxoval de Concettina ela se mortificara ao levar as joias para o montepio. Emanuele entretanto ria pensando na cara que o senhor Sbrancagna faria ao se deparar com Danilo, já que todos na cidade sabiam que tinha estado na prisão. Mas o senhor Sbrancagna vivia isolado com a mulher na casa fora da cidade e não sabia nada sobre Danilo, e perguntou a Ippolito quem era aquele jovem com um ar tão inteligente e distinto. Durante todo o tempo da cerimônia na igreja e depois em casa no coquetel o senhor Sbrancagna permaneceu ao lado de Ippolito, porque era com quem mais simpatizava e se pôs a contar tudo a seu respeito, como tinha se casado com a mulher e como construíra a indústria de produtos químicos, e em voz baixa perguntava se a Itália entraria na guerra junto com os alemães, não suportava os

alemães, lutara contra eles na guerra e uma vez que se luta contra um país não se esquece jamais, como seria possível depois tornar-se amigo, o coração humano é o coração humano e permanece surdo às oportunidades políticas. E agora os russos tinham se aliado aos alemães, que confusão. Não conseguia acreditar na guerra fria, sabe-se lá quantos já não tinham morrido, deslocavam-se pouco porque o inverno estava próximo, mas na primavera iria tudo para o ar. E Ippolito disse que ele também pensava assim.

Anna estava num canto da sala com um vestido de veludo amarelo que a senhora Maria havia recortado de uma cortina, pensava que estava cansada de se vestir com cortinas, era impossível que não percebessem que o que tinha sobre o corpo era uma cortina, até as borlas tinham sido deixadas porque a senhora Maria dissera que eram um enfeite bonito e seria um pecado arrancá-las. Observava Giustino que fazia gracinhas para a mulher de Danilo, sentava no braço da sua poltrona e lhe dizia que no inverno a levaria para esquiar, iria lhe ensinar a usar o limpador de neve, era fácil. A mulher de Danilo estava com uma blusa vermelho-fogo que não combinava com a cor dos seus cabelos, mas era uma blusa e não uma cortina, Anna se perguntava por que só ela deveria se vestir com cortinas. Gostaria que Giustino também a levasse para esquiar mas ele certamente não a levaria, iria sozinho com a mulher de Danilo para se passar por bobo, como se a mulher de Danilo tivesse vontade de lhe dar bola. A mulher de Danilo o ouvia distraída com o seu rosto cansado e sofrido, e vez ou outra soltava uma risada que parecia uma tosse. Giuma estava ali ao lado deles com os lábios curvados em um sorriso de desprezo, deveriam lhe parecer muito bobas as vantagens que Giustino contava sobre o limpador de neve, quem sabe era bom mesmo e devia achar o limpador de neve uma bobagem.

Giuma viu que Anna olhava para ele e se aproximou dela. Disse: — Nós dois quando pequenos brincávamos juntos. — Disse como se falasse de um tempo muito distante, remoto, depois tinha estado na Suíça, vencera sabe-se lá quantas competições de rúgbi, as faces tinham se tornado duras e ríspidas, os ombros quadrados e robustos. Tinha se tornado muito alto, elegante, usava uma camisa de seda com suas iniciais, no cinto pendurara um relógio dentro de uma espécie de concha escura. Estava diante dela e balançava a correntinha do relógio, os cabelos lhe caíam sempre sobre os olhos e os jogava para trás encurvando os lábios. — Líamos o Tesouro da juventude — ela disse. — O Tesouro da juventude! Isso, isso. — Giuma desatou a rir lembrando-se do Tesouro da juventude, jogou a cabeça para trás e riu, ela viu de novo os pequenos dentes de raposa. Ela ainda se divertiria lendo o Tesouro da juventude hoje, por mais de uma vez perguntara a Emanuele onde tinham ido parar todos aqueles volumes encadernados em azul, Emanuele não sabia, talvez mamãe tivesse mandado levá-los para o sótão. — Você me amarrava em uma árvore com uma corda — ela disse. — É mesmo? Sinto muito. Espero não ter te machucado. — Tinha se tornado muito gentil, quando

desaparecia aquele sorriso de desprezo parecia até mesmo um pouco tímido, a ela parecera que se aproximara dela por timidez, porque não conhecia mais ninguém ali no salão. Mas ela sentia um grande tédio, era um grande esforço estar com ele, o mesmo tédio e o mesmo esforço que experimentava naqueles dias em que brincavam juntos. A ela aqueles dias não pareciam tão distantes, lhe parecia que haviam acontecido tão poucas coisas, tinham queimado os jornais e tinham esperado a polícia e no entanto não viera ninguém. Giuma em voz baixa lhe perguntou quem era aquele monstro de blusa vermelha, ela respondeu que era a mulher de Danilo mas ele não sabia quem era Danilo, com certeza não sabia nada sobre aquela vez em que queimaram os jornais, Emanuele lhes dissera que o irmão era uma pessoa impossível. Giuma disse que não conhecia nenhum dos amigos de Emanuele, na verdade ele e Emanuele se viam pouco, só pela manhã por instantes diante da porta do banheiro, raramente à mesa porque comiam em horas diferentes, ele, Giuma, com muita frequência devia acompanhar a mamãe para almoçar fora e para jogar bridge. Fez a concha escura abrir e olhou as horas, naquele dia também mamãe esperava por ele, disse que Emanuele tivera a astúcia de não aprender bridge, assim se livrara de acompanhar mamãe em certos salões entediantes. Perguntou a Anna se estaria livre no dia seguinte para ir com ele ao cinema depois da escola, esperaria por ela na avenida, tinham brincado tanto quando eram pequenos e nada os impedia de se verem agora. Assim teria uma desculpa para não ser o quarto no bridge. Anna disse que sim, estaria livre e pensou com uma sensação de cansaço e medo na tarde que passariam juntos, talvez dali para a frente Giuma quisesse estar frequentemente com ela e ela estava orgulhosa e ao mesmo tempo cansada e assustada e sentia um pouco de pena dele e não sabia por quê.

Quando os convidados foram embora, foi preciso fechar às pressas as malas de Concettina, cheia do seu enxoval todo em linho verdadeiro, e Concettina e Emilio partiram de automóvel para a viagem de núpcias.

9.

No dia seguinte saindo da escola Anna encontrou Giuma que a esperava na avenida, e foram ao cinema assistir A marca do Zorro. Giuma pagou para ela. Anna passara o dia inteiro se perguntando se seu dinheiro seria suficiente para a entrada, se fossem a um cinema do centro não seria com certeza. Falou sobre isso na escola com sua vizinha de banco, era a sua melhor amiga e contavam tudo uma à outra. A sua amiga se pôs a rir, ia frequentemente ao cinema com rapazes e sabia que sempre pagavam. Disse-lhe que com certeza Giuma a beijaria, os rapazes levavam ao cinema só para beijar. Giuma entretanto parecia que não pensava em beijá-la, se sentava ao seu lado na sala quase vazia e escura e batia os pés e assobiava, não era mais possível ir ao cinema, não tinha uma vez que passassem um filme decente. Só no final parou de praguejar, era um duelo na beirada de um terraço e ele também ficou com a respiração suspensa. Mas na saída falou com desprezo do tal duelo, pôs-se a contar um longo filme de duelos que tinha visto em Genebra, Anna não entendia nada porque era uma história muito confusa. Caminharam na direção de casa e encontraram ao longo do rio Emanuele e Ippolito, Emanuele ergueu as sobrancelhas e arregalou os olhos ao vê-los juntos. No portão Giuma lhe disse que a esperaria na avenida no dia seguinte também, mesmo não indo ao cinema poderiam muito bem ficar juntos.

Adquiriram o hábito de se encontrar diariamente naquela avenida. Anna teria preferido ir visitar sua amiga ou voltar logo para casa para estudar. Dessa maneira precisava permanecer acordada depois do jantar para fazer os deveres. Mas estava orgulhosa demais por Giuma querer estar com dela. Giuma era um rapaz. Concettina lhe havia dito tantas vezes que na sua idade já tinha muitos rapazes com quem sair. Concet-

tina dizia que ela era uma bobona, porque logo depois da escola voltava correndo para casa para estudar. Agora estava impaciente pela volta de Concettina da viagem de núpcias, para que a visse ao lado de Giuma ao longo do rio. A senhora Maria entretanto não estava muito contente em vê-la passeando com Giuma, não o conhecia, não sabia que tipo de rapaz era. Emanuele lhe disse que era um tipo impossível, presunçoso e leviano, mas quanto à educação não havia nada a se falar, era educado da cabeça aos pés e se podiam entregar quinhentas garotas para que levasse a passear. Mas a senhora Maria queria saber por que não fizera amizade com Giustino que estava na mesma classe, por que com Anna. Giustino então disse que com ele também Giuma tinha tentado fazer amizade, mas ele não tinha lhe dado a mínima e assim logo desistira.

Giuma falava sempre com muito desprezo de Giustino e dos outros companheiros. Não liam livros, não se lavavam bem, não praticavam nenhum esporte: davam-se ares de esportistas, mas não sabiam fazer nada de sério. Anna lhe perguntou se ainda era amigo de Cingalesi, de Pucci Donadio: recordava-se sempre daqueles nomes que ele tempos atrás repetia continuamente. Giuma franziu a testa. De Pucci Donadio ele se lembrava, nunca tinha sido propriamente um amigo seu, era o filho de uma amiga de mamãe, era muito menor do que ele e o levavam para brincar na praia em Mentone e ele devia fazer castelos de areia para o menino. Cingalesi ele não sabia quem era. Depois de tanto pensar acabou se lembrando de Cingalesi, um garoto que vendia laranjas na praia. Não, agora tinha outros amigos. Tirou do bolso um pacote de cartas, mostrou os selos sobre os envelopes, seus amigos lhe escreviam de todas as partes do mundo, dos Estados Unidos, da Dinamarca, lá no colégio na Suíça conhecera gente do mundo inteiro. Alguns ainda estavam no colégio e esperavam a sua volta, reservavam garrafas de conhaque e de gim para festejar a sua volta, ele realmente gostaria de uns bons goles de gim. Talvez mamãe o deixasse retornar logo.

Levava-a ao cinema, porque sempre tinha dinheiro para gastar. Ou senão vagabundeavam pela cidade, entravam nas livrarias e folheavam revistas e livros de arte, Giuma entrava em êxtase diante de certas reproduções de quadros em que só se viam triângulos e circulozinhos. Às vezes compravam castanhas assadas e se sentavam em um banco do jardim público para comê-las. Giuma abria um livro com as poesias de Montale e se punha a ler em voz alta. Explicara a Anna quem era Montale, explicara a ela quem eram os outros poetas mais importantes. Anna se calava sem escutá-lo, não conseguia fixar a atenção em suas palavras. Observava seu comprido casaco claro, o cachecol, as mechas que lhe caíam sobre os olhos, os pequenos dentes de raposa. Pouco a pouco deixara de se entediar ao lado dele, não o escutava, mas olhava para ele e se sentia infinitamente orgulhosa de se sentar com Giuma no banco do jardim público, e lhe parecia que o casaco claro de Giuma, o cachecol, o relógio na concha escura pertencessem um pouco a ela e lhe parecia que nenhuma de suas amigas possuía algo parecido, um rapaz para estar ao lado delas, as suas companheiras de escola saíam com rapazes alegres e maçantes que não liam Montale e não sabiam nada sobre aqueles pintores de

circulozinhos. Calava com as mãos dentro do casaco, com as cascas das castanhas amontoadas na lã do casaco. Não saberia dizer uma só palavra sobre Montale e havia entendido pouco daquelas poesias. Mas mesmo assim se afeiçoara a certos versos de tanto ouvir Giuma dizê-los: "Un'ora e mi riporta Cumerlotti — Lakmé nell'aria delle campanelle — o vero c'era il falòtico — mutarsi della mia vita — quando udii sugli scogli crepitare — la bomba ballerina[i]". Voltava para casa com a "bomba ballerina" e o "falòtico", por um longo trecho a "bomba ballerina" bailava diante dela. Não perguntou a Giuma quem era Cumerlotti, não perguntou sobre o "falòtico", temia que se zangasse, e temia que o "falòtico" se tornasse uma coisa pobre e insignificante se descobrisse o que era.

De manhã na escola, a sua amiga sempre perguntava se Giuma a tinha beijado e ela dizia que não. A amiga ficava muito surpresa, um pouco desapontada também e dizia que nunca acontecera uma coisa parecida com ela, os rapazes sempre a beijavam. Acabou imaginando que tivessem se beijado e Anna não quisesse contar. Pouco a pouco foram se tornando menos amigas. Anna não lhe contou nada sobre o "falòtico", aquela amiga lhe parecia agora tola, lhe parecia que tivesse o pescoço encardido, ela também como Giuma começara a observar se as pessoas se lavavam bem. De modo que quando Giuma a beijou de verdade ela não disse nada à amiga. Ninguém ficou sabendo.

Giuma beijou-a em um dia que se sentia triste. Tinha tira do três em grego, mamãe ficou brava, e ele então disse que tinha feito de propósito, porque queria voltar para a Suíça, não gostava daquela escola horrível e não queria continuar lá. De repente Emanuele também se pôs a gritar com ele. E ele então dissera que não se importava muito com a escola, mas não gostava de estar em casa e preferia o colégio, não gostava de acompanhar mamãe até as casas daquelas senhoras horríveis que jogavam bridge. Emanuele gritou-lhe que não devia faltar com o respeito à mamãe, pulou para cima dele e se esmurraram, mamãe na tentativa de apartá-los torceu o pulso, e depois passou o dia todo fazendo compressas de água mineral. Não o deixavam voltar para a Suíça, não havia esperança. E ele estava tão cansado de tudo. Só com Anna se sentia bem, só ela era boa com ele. Permaneceram em silêncio, Giuma olhava para o chão franzindo a testa, rabiscava desenhos na terra com o pé. De repente passou-lhe o braço em torno da cintura e se estreitou um pouco a ela. Havia um silêncio terrível entre eles, olharam-se assustados, o susto e o silêncio duraram por muito tempo. E então Giuma a beijou e suspiraram e sorriram em paz.

Anna sabia por Giustino que o detestavam na classe, davam-lhe imediatamente as costas logo que se aproximava para conversar. No início deixara todos entontecidos com os seus campeonatos de rúgbi e com as suas cartas de todas as partes do mundo, entediava a todos com as suas cartas, queria traduzir trechos que lhe pareciam muito divertidos, explicava como eram divertidos e contava longas histórias de bebedeira e campeonatos, rindo sozinho. Agora entretanto era a poesia de Montale, andava orgu-

lhoso das poesias de Montale como se fosse ele quem as tivesse escrito, vinha com Montale toda vez que o professor o interrogava. Propunha se reunirem uma vez por semana para ler Montale e discuti-lo. E provavelmente ele não entendia nada de Montale. Emanuele perguntava a Giustino por que não o
enchiam de tapas, talvez lhe fizesse muito bem. Mas Giustino dizia que não sentiam a mínima vontade de enchê-lo de tapas, nem de ridicularizá-lo, era realmente um chato, preferiam dar-lhe as costas quando se aproximava. Só Anna conseguia suportá-lo e estava do seu lado, porque Anna era tonta e ingênua e acreditava em todas as lorotas que contava. Anna estava ouvindo, e tentava curvar os lábios em desprezo como fazia Giuma. Mas se sentia mortificada, pensava nele que se aproximava para conversar e que lhe davam as costas, e se sentia profundamente mortificada, como se tivessem dado as costas para ela. E às vezes lhe vinha a suspeita de que na verdade Giuma não soubesse nada mais do que ela sobre "falòtico" e "Cumerlotti", que precisasse fingir que sabia para se sentir forte e orgulhoso, para curvar os lábios em desprezo e caminhar orgulhoso pela cidade, sem olhar muito para dentro de si mesmo, lá onde talvez se sentisse mortificado, intranquilo e sozinho. Muito mais tarde talvez se descobrisse que ele não sabia absolutamente nada sobre o "falòtico". Tempos antes estava sempre exaltando Cingalesi, enfiava-o em todos os discursos e ela pensava no Cingalesi como uma força altiva e terrível. Então o antigo Cingalesi sumiu na poeira e no seu lugar apareceu um dócil vendedor de laranjas.

Sempre que a beijava, seu rosto perdia qualquer traço de desprezo e de arrogância. O seu rosto se tornava gentil, meigo e fraterno, enquanto se punha a retirar as cascas de castanhas do casaco dela, uma por uma. Então riam juntos daquelas cascas, e parecia que poderiam rir juntos de tantas coisas, até mesmo do "falòtico" parecia que poderiam rir juntos, dizer um ao outro que não sabiam bem o que era. Mas não disseram, nunca chegaram a dizer, Giuma permanecia assim meigo e gentil só por alguns momentos, de repente curvando os lábios, olhava ao redor enfadado, que nojo aquele jardim público, que nojo aquela cidade, precisava ver o que eram os jardins públicos em Genebra e Lausanne. Aí abria a concha escura e abotoava o casaco, mamãe em geral o esperava para ser o quarto no bridge.

Anna acabou por lhe contar sobre quando ela, Concettina, Ippolito e Emanuele haviam queimado os jornais. Giuma não demonstrou muita surpresa, disse que já havia um bom tempo suspeitava de que Emanuele estivesse metido em política, era mesmo um idiota. Ele também não gostava do fascismo mas era melhor suportá-lo e não valia a pena correr riscos, além do que Emanuele deveria pensar em mamãe, se o metessem na prisão mamãe enlouqueceria. Ele também não concordava com o fascismo, sobretudo era provinciano, tornava a Itália uma província, impedia que se montassem exposições com belos quadros vindos de fora. O fascismo era sobretudo feio, provinciano e ignorante. Mas não valia a pena acabar na prisão por uma coisa tão feia e desajeitada, acabar na prisão era levá-lo a sério demais. Anna disse que entretanto era preci-

so fazer a revolução. Ele se pôs a rir muito, se dobrava para trás e ria, arreganhava todos os seus dentes de raposa. A revolução, Anna queria fazer a revolução. Não, disse-lhe, não era preciso porque o fascismo seria aos poucos empurrado para longe como balões de gás que se esvaziam assobiando. Não, não havia revolução alguma a ser feita e de qualquer modo mesmo se houvesse uma revolução a ser feita não seriam Emanuele e Anna a fazê-la. — E nem mesmo Danilo? — perguntou Anna. Nem mesmo Danilo, lhe respondeu Giuma, nem mesmo Danilo porque tinha escolhido uma mulher desengonçada e feia.

10.

Concettina voltou da viagem de núpcias, e foi morar com os sogros na casa fora da cidade. Concettina estava grávida e passava o tempo todo vomitando e cuspindo. Não esteve em casa. Anna e Giustino foram visitá-la poucos dias depois da sua chegada, estava estendida sobre uma grande cama de casal e se cobria com um acolchoado amarelo e cuspia em um urinol de porcelana com flores. Ao seu redor se afligiam a sogra e uma quantidade de avós e tias velhas e empregadas, uma lhe trazia o caldo e outra o limão para ser chupado e outra ainda lhe metia a bolsa de água quente sobre os pés. Concettina falava bem devagar, os dentes cerrados para não vomitar. Tinha estado em Nápoles e Capri, tinha tomado banho de mar quando ainda não vomitava. Em Capri comprara uma caixa toda feita de conchas e uns sapatos de palha entrelaçada. Vira uns velhotes vestidos de pescadores que eram na verdade marqueses ou príncipes, vira mulheres que pareciam homens e homens que pareciam mulheres. Vira uma senhora sentada em um café, com um papagaio no ombro e três gatos presos a uma coleira. Depois que tinha mostrado os sapatos e a caixa não encontraram nada mais a dizer, Anna e Giustino estavam em pé e esperavam o momento de irem embora, não havia mais nada a dizer a essa nova Concettina grávida, em uma casa repleta de avós e empregadas. A velha senhora Sbrancagna disse a eles que era preciso evitar que Concettina se cansasse. E assim foram embora, o caminho era longo para se chegar em casa, entre eles e Concettina era no mínimo uma hora a pé. A casa onde morava Concettina ficava no meio do campo, e tinha ao seu redor um jardinzinho úmido, circundado por um muro com cacos de vidro espetados nas bordas. — "Che ha in cima cocci

aguzzi di bottiglia[ii]" — disse Anna. Mas Giustino lhe disse para parar imediatamente com essa história de Montale, sabia que Giuma lia para ela poesias de Montale e o que é que pensavam, ele também tinha lido Montale, não entendera muito, não era um poeta muito fácil de ser entendido. Só a poesia dos cacos de garrafa dava para entender um pouco. Disse-lhe para tomar cuidado com Giuma, talvez quisesse beijá-la e que tomasse cuidado para não ser beijada, não ia querer acabar como Concettina que antes de se casar se deixara beijar por todo mundo. Concettina se casou mesmo assim porque era bem bonitinha, ela não era nada bonita e não se casaria se saísse com muitos rapazes e se se deixasse beijar. Estavam ambos de mau humor e brigaram durante todo o caminho, Giustino disse que ela estava pisando nos seus pés, não daria para se afastar um pouco. Não gostava nem um pouco de que a vissem todos os dias com Giuma, vá saber quantas vezes já se deixara beijar e o Giuma era um tipo impossível, na classe lhe davam as costas quando se aproximava para conversar. Anna lhe disse que aquela garota que tinha visto junto dele era um tipo impossível, aquela garota alta e seca que saía com ele à tardinha. Se bem que ele gostava de mulheres desengonçadas, gostava da mulher de Danilo que era muito desengonçada, gostava de mulheres que fossem secas e tortas. Giustino disse que a garota com quem saía à tardinha não era nada para ele, não era sua namorada, era uma que lhe era útil porque escrevia muito bem as redações de italiano, quando havia um tema difícil pedia que ela fizesse para ele, e então como recompensa a levava para passear. Voltaram para casa e Emanuele correu ao encontro deles, perguntando se havia o retrato de Mussolini no quarto de Concettina, responderam-lhe que não havia e Emanuele não se deu por satisfeito, disse que talvez Concettina tivesse retirado o retrato às pressas quando ouviu os passos deles. A senhora Maria se pôs a implorar que pelo amor de Deus deixassem agora Concettina em paz com a política, não se sentia bem porque esperava uma criança. Emanuele disse que Concettina faria uma dúzia de crianças por amor ao duce, para dar soldados à Itália como o duce queria. Anna e Giustino se sentiam um pouco tristes, parecia estranho mas se sentiam perdidos sem Concettina em casa, parecia estranho porque ela nunca se preocupava com ninguém e estava sempre trancada em seu quarto, remendando meias ou lixando as unhas ou mastigando o lápis pensando em Racine. E agora parecia que não existia mais Concettina em nenhuma parte do mundo, parecia que não era mais a verdadeira Concettina aquela mulher grávida, cuspindo em um urinol de porcelana com flores. Agora Concettina tinha se livrado de Racine para sempre, mas em compensação sentia náuseas e deveria dar à luz uma dúzia de crianças chatas que teria de lavar e cuidar.

Giuma disse a Anna que ele e Danilo tinham estado em um café. Estava muito excitado mas não queria demonstrar. Encontraram-se ao longo do rio, e Danilo se aproximara dele e se puseram a falar. Anna sabia há muito tempo que deveria acontecer, porque Danilo dissera a Emanuele mais de uma vez que queria conhecer seu irmão e descobrir como ele era. Emanuele lhe pedia que desistisse da ideia, seu irmão era um

tipo impossível, um tipo impossível e basta. Mas Danilo respondia que mesmo os tipos impossíveis valia a pena saber como eram. Giuma contou para Anna que tinham falado e falado e depois foram para um pequeno café de periferia, onde havia um gramofone com corneta que tocava velhas canções. Ele e Danilo falaram um pouco sobre tudo, escureceu e não perceberam. Até de Montale tinham falado, Danilo queria saber quem era esse tal Montale e Giuma lhe explicara. Voltando para casa discutiram também um pouco sobre política, Giuma tinha dito o que pensava, que o fascismo cairia sozinho, devagar. Danilo o convidara para ir a sua casa uma noite dessas, já que a conversa entre eles fora tão interessante. Anna estava triste, queria falar sobre a visita a Concettina e sobre as coisas que Giustino lhe dissera pelo caminho, queria lhe perguntar se era verdade que não era nada bonita e que não se casaria. Mas foi impossível falar de qualquer coisa, Giuma continuava a falar de Danilo, Danilo, Danilo, sequer pensou em beijá-la.

Giuma se encontrou com Danilo toda noite por uma semana inteira. Durante aquela semana só falava em Danilo, Danilo, Danilo, até sua mulher não lhe parecia mais tão desengonçada, seus cabelos estavam assim porque frequentava cabeleireiros baratos, se tivesse dinheiro para arrumá-los e se vestir seria muito bonitinha. Naqueles dias se beijaram pouco, Giuma tinha muito o que falar, abria a concha escura continuamente para ver se já estava na hora de se encontrar com Danilo, dava entender à mamãe que ia para a casa de um amigo estudar. Danilo e sua mulher achavam que ele lia poesia muito bem. Depois as coisas entre ele e Danilo começaram a não ir tão bem, Anna logo percebeu, ele começou a dizer que sentia um cheiro ruim no quarto de Danilo, e aquele aparelho de licor à mostra sobre a cômoda, aquele aparelho de licor era uma maravilha, a coisa mais provinciana que se podia imaginar. Danilo queria atraí-lo para a política mas ele não queria, não era um patife como Emanuele, não queria correr riscos como os tolos. No início tinham lido Montale mas depois Danilo lhe perguntara se sabia o que era O capital de Karl Marx, ele sabia, havia dito claramente a Danilo que sobre aquelas coisas não queria ouvir falar. Mais tarde ele deveria dirigir a fábrica de sabão, e também Emanuele um dia deveria dirigi-la e então não poderiam estar do lado de Karl Marx, eram donos de uma fábrica e não poderiam estar do lado daqueles que queriam dar as fábricas aos operários. Era tão claro que se Emanuele não compreendia era porque era realmente um idiota, se se deixava levar por Danilo e lia Karl Marx. Anna disse que talvez não fosse justo que os dois tivessem uma fábrica de sabão e os outros nada, nem mesmo o que vestir e comer. Giuma se enfureceu e disse que na verdade era justo, era justo porque a fábrica de sabão tinha sido erguida por seu pai do nada, antes era um barracão que dava vontade de rir e seu pai trabalhara a vida inteira para que se tornasse uma fábrica grande e importante. Além do que a justiça não é desta terra, disse Giuma, a justiça é do reino dos céus. E disse que quando era pequeno tinha acreditado no reino dos céus, mas agora deixara de acreditar, era hoje uma coisa em que só as crianças acreditavam. Anna lhe perguntou então onde se pode-

ria encontrar a justiça, se o reino dos céus não existia, onde é que se poderia encontrá-la. Giuma disse que de fato era uma pena não poder encontrá-la em lugar nenhum. Mas de qualquer modo ele não acreditava na justiça de Karl Marx. E não queria mais se encontrar com Danilo, não queria nunca mais sentir o cheiro daquele quarto, sentia depois nas suas roupas aquele cheiro, fazia com que as deixassem ao ar livre a noite toda mas o cheiro não saía. Anna se lembrou de repente do que dizia Cenzo Rena sobre os camponeses do Sul, que comiam só favas, e disse que era preciso fazer alguma coisa pelos camponeses do Sul. Mas Giuma lhe disse para não pensar nos camponeses do Sul agora, puxou-a para um canto solitário do jardim público e passaram um tempo se beijando. Em seguida Giuma quis voltar ao café onde estivera com Danilo, um café do outro lado do rio, esfumaçado e escuro, Giuma disse que se parecia com certos cafés de Paris, se se ficava escondido em um canto ali dentro com aquele velho gramofone de corneta e aquelas velhas gravuras nas paredes se poderia até mesmo acreditar que se estava em um café no Sena.

Na casa Anna encontrou Danilo. Estava contando que tinha perdido a paciência com Giuma na noite anterior, por todas as bobagens que dizia sobre a justiça e sobre Karl Marx. Danilo pôs-se a rir um pouco e se irritou um pouco e por fim acabou perdendo a paciência e o mandou embora. Por algumas noites tinha sido paciente, de boa vontade tinha procurado fazer com que Giuma falasse de várias coisas e pouco a pouco Giuma quebrou o gelo, lia as poesias de Montale e não conseguiam mandá-lo dormir. Mas as bobagens que tinha dito sobre Marx. Danilo não conseguiu manter a calma, e de repente atirara sobre ele o chapéu e o capote e lhe dissera para não aparecer mais até quando deixasse de pensar daquela maneira. Emanuele estava um pouco aflito, disse a Danilo que o avisara que era inútil perder tempo com Giuma, Giuma todos sabiam bem o que era, além do que tinha só dezessete anos e mamãe o tinha mimado, e tinha estado naquele colégio na Suíça, um colégio de meninos ricos e mimados, na verdade a Suíça era um país bom para botar fogo. Que mania Danilo tinha de perder tempo com todo mundo. Que mania tinha de querer saber como eram feitas as pessoas por dentro. E Danilo disse que isso também era política, tentar entender como as pessoas eram feitas por dentro, o que pensava e como raciocinava um rapaz de dezessete anos, de família burguesa, mimado, educado na Suíça. Mas Ippolito então disse que Danilo não agia direito, porque se propunha em abstrato a saber como as pessoas eram feitas por dentro e em cada uma via um problema político, e tinha uma maneira inquisitória e ofensiva de fazer perguntas. E talvez sem querer tivesse causado algum mal a Giuma, talvez o tivesse ferido profundamente, convidando-o para ir a sua casa de maneira talvez humana e amigável e de repente se pondo a interrogá-lo daquele jeito inquisitório e ofensivo, cruel, Danilo não sabia mas às vezes podia ser muito cruel. Danilo lhe perguntou por que ele não tentava conversar um pouco com Giuma, era uma experiência interessante. Ippolito respondeu que não fazia experiências, desprezava tudo o que fosse experiência, e de repente estava muito irritado, se tornara pálido e ofegava. Ele não

fazia experiências, deixava as pessoas viverem e pouco se importava, mas Danilo que amava ter seguidores tinha que controlar os nervos, não se atrai um garoto para que faça confidências e para conversar para depois rir na cara dele e expulsá-lo de casa. Danilo cerrava os lábios e batia bem devagar um lápis sobre a mesa, de quando em quando levantava o rosto e fixava Ippolito com um olhar atento e frio, Emanuele inquieto mancava de lá para cá. Mas nesse meio-tempo Giustino também tinha chegado e perguntou por que nunca tentavam estudar a ele, Giustino, para saber como era feito por dentro, ele também tinha dezessete anos, era de família burguesa e perguntou por que é que ninguém tinha pensado em estudá-lo. Aí então todos caíram na gargalhada juntos, Danilo guardou o lápis no bolso e disse que ia para casa dormir, tinham sido tantas as noites em que ele e sua mulher varavam a madrugada lendo Montale com Giuma.

11.

Anna não contou para Giuma nada do que ouvira. Tomava cuidado para não dizer nada que pudesse lhe desagradar ou causar ressentimento. Fingia acreditar em tudo o que ele lhe dizia, fingia acreditar que não ia mais à casa de Danilo por causa do cheiro. Fingia acreditar que não queria estar com seus companheiros de classe porque se lavavam mal e eram bobos, fingia não saber que lhe davam as costas quando se aproximava. Sentia-se desprezível diante de Giuma, temia muito que de um momento para outro pudesse se cansar de estar com ela, de beijá-la, se ela o contradissesse em alguma coisa e começassem a brigar. Assim procurava não contradizê-lo jamais e não brigar. Não falaram mais sobre justiça, não falaram mais sobre revolução. Mas Anna ainda pensava na revolução quando estava sozinha no seu quarto, via um Giuma que de repente se transformava, era diferente, que subia com ela as barricadas e atirava e cantava. Eram pensamentos que deixava crescer em segredo dentro de si, todo dia acrescentava uma nova aventura, fugas de Giuma e dela com fuzis pelos telhados, fascistas que Danilo e Ippolito não conseguiram capturar e que ela e Giuma conduziam algemados até o tribunal do povo. E ela e Giuma depois das barricadas se casariam, e dariam aos pobres a fábrica de sabão. Esses pensamentos quando estava com Giuma se dissolviam em pó, sentia muita vergonha deles e lhe parecia impossível reencontrá-los, mas sempre os reencontrava quando voltava para casa e se trancava em seu quarto, logo que se sentava diante da escrivaninha no seu quarto aqueles pensamentos cresciam alegres e prepotentes dentro dela.

Veio a neve e sentiam frio passeando pelas ruas, agora iam todo dia àquele café

que parecia Paris. Encontravam-se todos os dias mas não no domingo, no domingo Giuma ia esquiar, às vezes tinha que levar mamãe que não esquiava, permanecia no hall do hotel toda coberta pelo casaco de pele e jogava bridge. Giustino também ia esquiar quando conseguia juntar um pouco de dinheiro com suas pequenas vendas de livros velhos ou passando as respostas de matemática para os colegas, porque Giustino era muito bom em matemática. Passava as respostas de matemática para Giuma também, dizia que fazia pagar o dobro a Giuma, porque não o suportava e porque sabia que estava sempre cheio de dinheiro. Quando amealhava algum dinheiro, ia para o sótão e martelava, os seus esquis nunca estavam em ordem, eram velhos esquis com as linguetas todas estragadas. Em seguida vestia as calças do exército de Ippolito com um remendo grande nos fundilhos, e uma capa de Concettina que a senhora Maria transformara em jaqueta. Giuma contava então para Anna que tinha visto Giustino na pista de esqui, uma coisa de morrer de rir, Giustino com uma jaquetinha azul de mulher dando grandes gritos e assobios e rolando como um saco, coberto de neve da cabeça aos pés. Aos domingos Anna permanecia em casa, sentava diante da sua escrivaninha no seu quarto e fazia as lições da semana inteira, e de vez em quando apoiava a caneta e pensava na revolução.

Aos poucos aqueles domingos foram se tornando muito tristes para ela. Os pensamentos eram os mesmos de sempre, tiros e fugas pelos telhados, mas no fundo daqueles pensamentos havia o rosto de Giuma, que ria com seus dentes de raposa, e era cada vez mais difícil arrancar aquele rosto verdadeiro do seu coração. No fundo daqueles pensamentos havia a figura do Giuma verdadeiro que não fugia pelos telhados, mas passeava pelos campos de neve ou tomava chá no hotel com mamãe de casaco de pele, bem longe da revolução e dela. Soubera por Giustino que esquiava sempre com uma garota, uma garota com calça de veludo branco, esquiavam se segurando pela cintura, Giustino admitiu que era uma garota muito bonitinha. Anna implorou a Giustino que a levasse também para esquiar. Mas Giustino disse que ela não tinha nem os esquis nem as roupas, e não dava para esquiar de saia e sapatos baixos, além do que não sabia esquiar e ele não tinha a mínima vontade de ficar colado a ela. Anna disse que Giuma ensinaria. Mas Giustino ergueu os ombros e riu, imagina só se o grande Giuma se preocuparia com ela na pista de esqui, o grande Giuma tinha a garota da calça de veludo branco. Giuma também acabou falando da tal garota, chamava-se Fiammetta, não era boba e esquiava bem. Anna perguntou-lhe se estava apaixonado pela tal garota. Giuma disse que não, ele nunca tinha se apaixonado e se por acaso se apaixonasse talvez se apaixonasse por aquela garota, mas no momento não estava apaixonado, ela só era boa para esquiar. Anna entretanto só era boa para conversar e depois beijar. Para beijar não era necessário estar apaixonado, quando um rapaz e uma garota são muito amigos pode acontecer de se beijarem de vez em quando. Anna lhe perguntou se tinha beijado Fiammetta. Disse que não, não a beijara até agora, pelo menos. Anna então de um momento para outro se pôs a chorar, estavam sentados no café de Paris e do outro lado

do vidro se via o rio que se perdia na neblina, entre os postes do telégrafo e as muretas manchadas de neve. A Anna pareceu que não existia nada de mais horrível no mundo do que aquele rio, aqueles postes do telégrafo e aquele café, e aquela neve, e aquelas manchas de neve, de um momento para outro foi tomada pelo desejo de um verão tórrido que fizesse desaparecer qualquer vestígio de neve da terra. Giuma franziu a testa diante das lágrimas dela, correu imediatamente até o caixa para pagar e disse para vir com ele embora, ela não ia querer chorar ali no café. Caminhavam juntos pela noite, Giuma com as mãos no bolso e o rosto escondido na lapela do capote, ela chorava soluçando bem baixinho, mordiscando os dedos da luva. De repente puxou-a com ar cansado e decidido para detrás dos arbustos na margem do rio, beijaram-se e ele implorou a ela que não pensasse em tantas bobagens, mostrou-lhe que ela tinha feito um buraco na luva de tanto mordiscá-la. Para voltar à ponte precisaram caminhar por entre os arbustos, ele retirou do casaco dela os espinhos que ficaram presos como fazia antes com as cascas das castanhas, agora não havia mais castanhas, o tempo das castanhas terminara. Estavam com os sapatos enlameados e os limparam com um jornal antes de chegar à cidade.

Giuma lhe contou que mamãe estava mal, porque Amalia e Franz iam chegar. Ele sabia como as coisas tinham andado, mamãe tinha sido muito apaixonada por Franz antes que Franz e Amalia se casassem, e agora não sabia com que cara iria se apresentar quando o visse de novo na sua frente. Assim se enfiava na cama no escuro e não queria ninguém no seu quarto, não queria que ninguém a visse enquanto pensava com que cara se apresentaria. Ele, Giuma, não era um puritano e não se incomodava se sua mãe tivesse feito amor com Franz, pobre mamãe, melhor para ela se tinha vivido dias felizes, tanto melhor para os homens e as mulheres se podiam se divertir juntos. Emanuele porém era um puritano e teria achado escandaloso pensar em mamãe fazendo amor com Franz, talvez até tivesse acontecido de pensar mas teria soterrado aquele pensamento no fundo de si mesmo, sabia como soterrar no fundo de si mesmo os pensamentos de que não gostava e soterrava tão fundo que nem lembrava que tinham existido algum dia. Depois da morte de papai Franz estivera indeciso por algum tempo entre se casar com Amalia ou com mamãe, mas se resolvera por Amalia porque mamãe possuía só o usufruto e Amalia entretanto possuía as ações. E assim à pobre da mamãe só restou o bridge.

Mamãe fez então uma cara decidida e arrogante, enquanto esperava no portão do jardim com uma pele de raposa jogada sobre os ombros e com o monóculo, Emanuele fora de carro até a estação, Giuma permaneceu com mamãe ao lado do portão. O carro voltou e viram descer Amalia e Franz, mamãe beijou Amalia na testa, a Franz estendeu a mão longa e mole sem lhe dirigir o olhar.

Emanuele veio contar a Ippolito como Amalia tinha se transformado depois do casamento, dera para comandar e decidia por todos, para ela e para Franz queria o quarto vermelho e não o quarto verde que mamãe mandara preparar, muito longe do

banheiro e sem sol nenhum. E Franz deveria começar imediatamente a trabalhar na fábrica de sabão. E o pobre do Franz estava submisso e triste, em voz baixa disse a Emanuele que teria preferido o quarto verde porque ao menos das janelas não se via a fábrica de sabão, lhe causava angústia pensar na fábrica de sabão e teria preferido não começar a trabalhar imediatamente, estava com a saúde um pouco abalada, não soubera mais nada sobre seus pais e todas as noites tinha sonhos horríveis, acordava ofegante e suado e Amalia lhe aplicava uma injeção de cânfora, daquele curso para aprendizes de enfermagem lhe tinha sobrado a mania de aplicar injeções, Franz estava com o traseiro esburacado como um ralador. Não tinha muita certeza de que a cânfora lhe fizesse bem e gostaria de consultar um médico, mas Amalia afirmava que o caso dele era de cânfora. Sabia que precisava trabalhar na fábrica de sabão, sabia que precisava trabalhar e que não podia ficar no ócio o tempo todo, a sua vida tinha sido cheia de erros, tinha sido uma longa cadeia de horas ociosas e de mesquinharias e de mentiras, disse a Emanuele que um dia talvez lhe contaria a sua vida inteira. Estava decidido a recomeçar do início só que não agora, agora tudo o assustava, só conseguia pensar nos alemães e nos lager e de noite via seus pais naqueles fornos onde queimavam os mortos. Mas era Amalia quem comandava e poucos dias depois da chegada deles Franz estava trabalhando na fábrica de sabão, sentado a uma mesa com uma cara infeliz, e de noite Franz e Emanuele voltavam juntos para casa, e agora era Franz quem reclamava do diretor administrativo e Emanuele entretanto não concordava, o diretor administrativo era muito bom. Emanuele sentia compaixão por Franz e ao mesmo tempo se irritava, e tinha sempre vontade de contrariá-lo, e a sua voz era sempre um pouco áspera quando falava com ele.

12.

Uma manhã Emanuele veio acordar Ippolito às sete. Os alemães tinham desembarcado na Noruega. Ouvira essa notícia pelo rádio, não deram outros detalhes. Era começo de abril e tinha havido longos dias de chuva, mas agora o sol resplandecia sobre a lama da cidade, Anna pensava que com certeza na montanha a neve teria derretido e agora Giuma poderia passar os domingos com ela, e os alemães haviam desembarcado na Noruega e seriam empurrados para o mar e dispersados, o longo inverno com a guerra fria tinha acabado. Ippolito foi para o escritório mas Emanuele ficou por ali, mancando atrás da senhora Maria que varria, não sentia vontade de ir à fábrica naquela manhã e na sua casa havia mamãe e Amalia que brigavam por causa do quarto vermelho e do quarto verde.

Por alguns dias viveram felizes ouvindo sobre todos os navios alemães que foram afundados. A essa altura a marinha de guerra alemã jazia no fundo do mar, o desembarque na Noruega não fora um sucesso para a Alemanha, dentro em pouco a Noruega se livraria dos alemães e os mandaria para o fundo do mar onde já estavam os encouraçados e os navios, bastaria um empurrãozinho de nada, a Noruega não tinha pressa. Não existia a menor esperança de a Alemanha vencer, agora que a sua marinha de guerra estava no fundo do mar. Emanuele trouxera o rádio da sua casa e o colocou no salão, e estavam de novo no salão Emanuele, Ippolito e Danilo, colados ao redor do rádio na escuta daqueles fios de vozes das estações proibidas. Ippolito estava novamente com o mesmo ar inquieto e febril de quando traficavam os panfletos e os jornais, talvez pensasse na revolução, talvez pensasse que vencendo os alemães se poderia fazer a revolução na Itália. Danilo dizia para não serem muito otimistas, essa história ainda

poderia durar, não tinha gostado muito do desembarque na Noruega. Mas é claro que para a Alemanha não era uma brincadeira ter perdido de uma só vez toda a sua marinha de guerra.

Giuma disse a Anna que pouco se importava com a Noruega, com a Alemanha e com a marinha de guerra. Só ficou irritado quando Emanuele levou o rádio embora, o levara como se fosse dele, o outro rádio estava no quarto de mamãe e assim não se podia mais ouvir música se mamãe estivesse descansando. Anna lhe disse que quando quisesse ouvir música podia vir ao salão. Mas Giuma disse que não tinha vontade de se encontrar com "aqueles lá". Aqueles lá eram Emanuele, Ippolito e Danilo. Aborrecia-o o ar de mistério que criavam quando os três estavam juntos, um ar de mistério e de triunfo, como se eles tivessem afundado a marinha de guerra. Às vezes Anna e Giuma se encontravam pela rua com Danilo e sua mulher, Danilo ia buscar sua mulher na saída da fundição e passeavam um pouco. Giuma cumprimentava com um leve movimento de cabeça e o rosto vermelho, vermelho, talvez se lembrasse de quando Danilo atirara sobre ele o chapéu e o capote e o mandara embora. E logo que Danilo virava a esquina Giuma desandava a rir alto, Danilo caminhava pela cidade como um grande general vitorioso, como Nelson quando tinha ganho a batalha de Trafalgar. Giuma abandonara a escola porque suas notas eram muito baixas, contava a Anna que fizera de propósito, tirava aquelas notas baixas justamente para convencer mamãe a deixá-lo abandonar a escola. Finalmente mamãe se decidiu, Amalia entretanto não estava de acordo, Amalia e mamãe brigavam por causa dos estudos de Giuma e por outras mil coisas, em casa nunca se tinha um momento de paz. Mas Franz as deixava brigar e girava pela casa ele também com ares de grande general vitorioso, ele também como Nelson, Giuma contava para Anna que os quatro navios alemães afundados subiram à cabeça de Franz também. Giuma estava muito contente de não ir mais à escola e pela manhã pegava os livros e estudava no jardim, estudava muito bem assim sozinho, na escola faziam perder um monte de tempo. Giuma agora não ia mais esquiar mas mesmo assim não estava livre no domingo, tinha de acompanhar mamãe à casa das amigas ou ia jogar tênis, Anna da janela via-o sair com a raquete e com o calção branco. Anna lhe perguntou se a garota Fiammetta jogava tênis com ele. Giuma disse que sim, às vezes, quando falavam da garota Fiammetta ele corava e a voz lhe saía fina, fina. De modo que Anna não tinha nada para fazer no domingo, depois das tarefas entrava no salão e se sentava com os outros do lado do rádio, os alemães se puseram a avançar na Holanda e na Bélgica. Não tinha nada de estranho porque na outra guerra no início avançaram, e em seguida voltaram atrás, mas doía ouvir que avançavam. A Holanda e a Bélgica caíram em poucos dias, os alemães atravessaram a fronteira francesa, e ali não havia o que temer, disse Emanuele, a linha Maginot era intransponível. Danilo disse que realmente era intransponível mas estavam conseguindo transpô-la.

Giuma contou para Anna que Franz de um momento para outro perdera o seu ar de Nelson, e de noite esperava a volta de Emanuele para saber se os alemães tinham

parado, para saber o que Danilo tinha dito, ele também dera para acreditar em Danilo como se fosse um profeta. Giuma dizia que sentiria prazer se os alemães avançassem um pouco, para se deleitar com a cara de Emanuele e dos outros, Emanuele voltava para casa de noite cada vez mais mortificado e pelo modo como subia as escadas se entendia que os alemães continuavam a avançar. A única coisa que o irritava era que Franz não queria mais saber de jogar tênis. Anna lhe disse que havia também a garota Fiammetta para jogar. Mas Giuma disse que a garota Fiametta não estava sempre disponível, disse isso com uma voz fina, fina. Anna lhe perguntou por que não a ensinava a jogar tênis, mas Giuma disse que não tinha paciência para ensinar nada a ninguém. Anna lhe disse que entretanto tinha lhe ensinado a jogar pingue-pongue. Mas naquele tempo éramos crianças, disse Giuma, tinha feito muitas coisas quando era criança que não fazia mais, por exemplo jogar pingue-pongue que era um jogo muito entediante, lembrava-se de como tinha atormentado seu pai para que jogasse pingue-pongue com ele, seu pai não sabia jogar e ele queria lhe ensinar. Agora entretanto não teria paciência para ensinar nada a ninguém. Fazia calor e quando iam ao café de Paris se sentavam do lado de fora, debaixo do caramanchão, em mesinhas de ferro, e tomavam sorvete de creme servido em taças grandes de vinho. Fazia calor e o campo ao redor estava verde e zumbia, com cheiro de mato úmido e macio entre a terra revolta, com nuvens brancas e cheias no céu. Giuma dizia que agora não parecia mais que estavam em Paris, sentados ali fora, debaixo do caramanchão daquele café com as carroças dos camponeses e os rebanhos de ovelhas passando por perto e a cidade ao longe, não mais escondida pela neblina e pela escuridão, a cidade com os telhados de alumínio da fábrica de sabão. Giuma se sentava diante dela e o rosto dele às vezes não era mais nem arrogante nem terno, era talvez como quando estava sozinho no seu quarto, com os lábios frouxos e amuados e os olhos sonolentos e vazios. Parecia que acordava de repente quando lhe traziam o sorvete de creme, tomava o sorvete avidamente como se tivesse vindo ao café só para isso, lambia avidamente a colherzinha mostrando sua língua vermelha de raposa. Anna sentia que algo se perdera entre eles, algo que existia quando comiam as castanhas no jardim público, que talvez ainda existisse nos primeiros dias do café de Paris, mas que pouco a pouco foi se perdendo, sabe-se lá por que e como. Caminhavam de volta e ele a puxava para trás dos arbustos do rio, e passavam horas deitados a se beijar na grama, e ele a beijava cada vez com mais força, a mantinha sempre mais apertada em seus braços e a beijava com força. Em casa ela dizia para si mesma que nada se perdera, porque Giuma a beijava cada vez com mais força. Assim um dia começaram a fazer amor, estavam abraçados um ao outro na grama e o mundo ao redor era verde e zumbia, entre o sopro morno das folhas e o céu alto cheio de nuvens, e o rosto de Giuma estava absorto, raivoso e secreto, as pálpebras cerradas sobre os olhos e com a respiração curta. Em casa se sentou atordoada diante da escrivaninha no seu quarto, e viu de novo com uma fisgada de dor no coração o rosto de Giuma, aquele rosto como que submerso em um sono raivoso e secreto, aquele rosto que não tinha

mais nem palavras nem pensamentos para ela. E depois Giuma permaneceu por um longo tempo deitado ao seu lado na grama, e de vez em quando olhava para ela e dava uma piscadela, mas sem alegria ou malícia, uma piscadela fraca que aparecia e desaparecia como uma sombra no seu rosto tão distante dela. Tinham voltado para casa em silêncio. Anna se sentara diante da escrivaninha no seu quarto e segurara a caneta na mão para fazer as tarefas, mas não conseguia escrever, as suas mãos tremiam muito. Teria sido bom se alguém viesse gritar com ela porque não fazia as tarefas, que alguém viesse lhe dizer para nunca mais ir para trás dos arbustos ao longo do rio com Giuma. Mas ninguém vinha lhe dizer nada, ninguém vinha nem ao menos saber se tinha voltado, Ippolito pensava somente nos alemães que avançavam pela França, a senhora Maria passava os dias com Concettina costurando o enxoval para a criança que ia nascer, Giustino estudava para os exames com a garota alta e seca. Estava sozinha, estava sozinha e ninguém lhe dizia nada, estava sozinha no seu quarto com o vestido manchado de grama e amarrotado e as mãos que tremiam muito. Estava sozinha com o rosto de Giuma que lhe dava uma fisgada de dor no coração, e todo dia haveria de voltar com Giuma por entre os arbustos ao longo do rio, todo dia haveria de ver de novo aquele rosto com os cachos desarrumados e as pálpebras cerradas sobre os olhos, aquele rosto que não tinha mais nem palavras nem pensamentos para ela.

A senhora Maria contava o que ouvira nas lojas e do professor de piano que às vezes ainda encontrava ao longo do rio. Os alemães espalhavam um pó que dava tontura, os aliados respiravam o tal pó e combatiam em meio ao sono. E os generais franceses recebiam marengos de ouro dos alemães para errarem ataques. E os alemães se disfarçavam de camponeses franceses e de pescadores e cortavam os fios do telégrafo e envenenavam os rios. E as estradas da França estavam cheias de prófugos, mulheres que fugiam com suas crianças, e as crianças se perdiam e os alemães as recolhiam e as mandavam para os seus laboratórios onde eram usadas em experiências científicas como rãs ou coelhos. Emanuele cobria os ouvidos com as mãos e implorava pelo amor de Deus que calassem a senhora Maria, ele estava com os nervos em frangalhos e não conseguia mais se controlar, um dia talvez estrangulasse a senhora Maria. Emanuele culpava os belgas, os franceses, os ingleses, os russos que tinham se aliado aos alemães, mancava de lá para cá pela sala e chutava os móveis. Culpava a senhora Maria por disseminar pânico. Na sua casa era Franz quem disseminava pânico, caminhava como um fantasma e dizia que os alemães de tanto avançar na França acabariam por invadir a Itália. Emanuele lhe dizia que era como se os alemães já estivessem na Itália, Mussolini não torcia pelos alemães. Mas Franz dizia que não tinha medo de Mussolini, tinha medo só dos alemães, se encontrasse pela frente soldados alemães enlouqueceria. De noite ia até o quarto de Emanuele, se sentava na sua cama e fazia com que repetisse que a linha Maginot era intransponível. Mas os alemães continuavam a transpô-la. Uma noite acordou Emanuele para lhe dizer que não só sua mãe era judia como o pai também, ele era judeu por inteiro e sabia-se muito bem o que é que os alemães faziam com os

judeus, se os alemães descessem até a Itália só lhe restava disparar um tiro na cabeça. Tantas vezes estivera para ir aos Estados Unidos mas gostava demais da Itália, na Itália sentia estar seguro mesmo já existindo há algum tempo as leis contra os judeus, bastava pagar uma quantia e a polícia o deixava em paz. Mas agora sentia os alemães muito próximos, estavam na França ali atrás das montanhas e bastava que atravessassem as montanhas para chegar aonde ele estava.

Os jornais estavam repletos daquelas vitórias alemãs, publicavam mapas, e a parte invadida pelos alemães era preta, a outra branca, e todo dia a parte preta subia cada vez mais alto. Aqueles dias em que a marinha alemã tinha sido afundada pareciam muito distantes, não haviam passado nem dois meses e era como se fossem anos. Eles tinham ficado felizes naqueles dias mas agora parecia tolice ficar tão feliz, que diferença fazia uma marinha de guerra para a Alemanha. Os tanques alemães enchiam as ruas da França, mulheres e crianças em fuga eram dispersadas e esmagadas. Emanuele também começava a contar histórias de marengos de ouro e de veneno nos rios, aquelas coisas que o enlouqueciam quando a senhora Maria lhe dizia. Apareciam às vezes Emilio e Concettina para ouvir o que Ippolito pensava sobre o avanço. Emilio perguntava se agora a Itália também teria que entrar na guerra para pegar um pedacinho da França, perguntava se era para já a guerra na Itália, Concettina deveria ter o bebê dali a pouco. Ippolito não respondia, observava por um momento Concettina e o seu corpo que se tornara inchado e grande, o rosto abatido e assustado. Aparecia também o senhor Sbrancagna e perguntava o que Ippolito achava. Mas Ippolito não parecia pensar em nada, jogado no fundo de uma poltrona dava aquele seu sorriso de canto de boca, como quando o atormentavam. O senhor Sbrancagna perguntava se era melhor tirar Concettina dali para que tivesse o bebê em algum lugar na tranquilidade do campo, aonde a guerra não pudesse chegar nunca. Ippolito recolhia um pouco os ombros, olhava para a janela e para as montanhas, todos olhavam para as montanhas e pensavam no que acontecia lá atrás, mulheres e crianças que fugiam, os tanques que avançavam e se apoderavam da França inteira. Era Danilo quem respondia ao senhor Sbrancagna que sobre a terra dentro em pouco não haveria mais um lugar tranquilo onde ter uma criança, a menos que se fosse para Madagascar. Provavelmente a Madagascar os alemães não contavam chegar. Então a senhora Maria gritava que não era o momento de fazer piada, era preciso decidir aonde levar Concettina para ter o bebê e Ippolito é que deveria decidir, era o chefe da família e era responsável por Concettina e pelos outros. Ippolito continuava ainda ali com seu sorriso de canto de boca, e de um momento para outro se levantava e o viam atravessar o portão e se afastar com o cachorro na coleira, com um cigarro entre os lábios e a pequena cabeça reclinada desajeitadamente sobre os ombros.

13.

Mamãe inesperadamente decidiu que alugaria uma casa no Lago Maggiore, tinha certeza de que ali estariam tranquilos, embora Emanuele lhe dissesse que só se podia estar tranquilo talvez em Madagascar. Mamãe dessa vez não queria sustos, escrevia cartas e olhava fotografias de casas, e de vez em quando descia para o porão para ver se ali ficariam bem, no caso de a guerra estourar antes que partissem, mas estava calma e dizia que de qualquer modo caso a guerra estourasse na Itália seria uma coisa de poucos dias, os alemães eram tão fortes que se apossariam imediatamente de toda a Europa. Batia em seguida nos muros do porão para ver se continuavam sólidos, e olhava as caixas de sabão que tinha mandado guardar ali, o sabão que vendiam agora era horrível, cubos grandes esverdeados e viscosos que na água viravam uma papa. No porão mamãe guardava caixas e mais caixas de sabão bom, sacos de açúcar e barris de óleo, e andava pelo porão e pensava o que era preciso levar para o Lago Maggiore e o que era preciso deixar ali para quando retornassem. Tinha certeza de que seria uma guerra-relâmpago e o próximo inverno passariam em Mentone, estava ansiosa para ver o que tinha acontecido na casa de Mentone, se soldados ou prófugos tivessem dormido lá era preciso desinfetá-la. E agora estava ansiosa para ir ao Lago Maggiore e partiu sozinha para ver as casas, não era possível decidir pelas fotografias. Emanuele acompanhou-a até a estação, mamãe continuava perguntando como fariam sem a sua presença, era ela quem tomava as iniciativas e decidia por todos. Franz rondava como um fantasma e disseminava o pânico, Amalia só pensava em meter os bedelhos na cozinha e dar ordens sem sentido, Emanuele passava os dias com seus amigos na casa da frente. Emanuele lhe disse que Franz não estava completamente errado em sentir medo, era judeu

e sabia-se bem o que é que os alemães faziam com os judeus. Mamãe disse que Franz contava sempre muitas mentiras, ela o conhecia muito bem, provavelmente não possuía uma só gota de sangue judeu e tinha inventado essa história para despertar compaixão e se tornar interessante. Além do que ela tinha certeza de que os alemães logo que tivessem ganho a guerra estariam tão contentes que não pensariam em criar caso com mais ninguém.

Anna e Giuma não podiam mais ir ao café de Paris, porque estava sendo reformado e debaixo do caramanchão havia apenas escadas, pedreiros e restos de cimento. Por entre os arbustos ao longo do rio ouviam as marteladas e os gritos dos pedreiros, e Giuma se surpreendia que tivessem escolhido justamente aquele verão para reformá-lo, o pequeno café de Paris, justamente no verão em que se esperava a guerra na Itália de um momento para outro. Na verdade seria uma guerra de poucos dias, dizia Giuma e repetia as palavras de mamãe, os alemães se apossariam imediatamente de toda a Europa. Para a França entretanto era o fim, Emanuele continuava a dizer que os alemães parariam às portas de Paris mas Giuma não acreditava nisso, a essa altura a vitória era deles e quão pouco fora preciso para reduzir a França a migalhas, da França a essa altura só sobrara um punhado de migalhas para se jogar aos passarinhos. Giuma se lembrava de Paris, tinha estado lá uma vez com mamãe e é claro que não gostava de pensar que se tornaria província alemã. Não gostava mas não era um desastre, não valia a pena empenhar a própria alma, Emanuele e os outros empenhavam a alma porque tinham imaginado sabe-se lá o quê, tinham imaginado fazer a revolução e se tornar deputados ou ministros, eram cheios de presunção. Giuma falava um pouco antes de fazerem amor, mas depois se calava deitado ao lado dela na grama, as marteladas que deixavam novo o café de Paris e os gritos e as vozes ressoavam altos pelo campo. O sol se punha e o café de Paris ficava sozinho, abandonado entre vigas e restos de cimento, com suas pequenas janelas sujas. Anna mergulhava a cabeça na grama cheirosa e úmida, e o susto e o silêncio cresciam dentro dela. Tinha feito amor com Giuma e sabia que ele não gostava dela, sabia que se sentia um pouco triste e mortificado depois que tinham feito amor, e ela gostaria de voltar ao tempo em que liam as poesias de Montale e comiam castanhas, e a guerra era ainda fria e distante, os alemães não haviam vencido ainda. Agora os alemães haviam vencido e não se teria mais revolução alguma, seria uma guerra de poucos dias e depois, alemães e mais alemães, tanques alemães nas ruas de toda a terra. E nessa terra cheia de tanques alemães a história dela e de Giuma não tinha nenhuma importância, era nada, era nada e tão triste.

A criança de Concettina nasceu um mês antes do tempo, antes que fosse encontrado um campo tranquilo onde a guerra jamais pudesse chegar. Concettina jazia em silêncio na grande cama de casal, com a janela aberta para o jardim, e a senhora Maria estava sentada aos pés da cama e terminava de bordar em ponto cruz a colcha do berço. A senhora Maria tinha se esquecido da guerra, e agora só pensava em terminar rapidamente a colcha

do berço, cogumelos, florzinhas e casinhas bordados em ponto cruz. De um grande berço, revestido de tafetá azul-celeste, ao lado da cama de Concettina, despontava sobre o travesseiro a cabeça comprida e fina do bebê com um penacho de cabelos pretos e a senhora Maria de tempos em tempos deixava o bordado e se punha a falar com o penacho. Mas Concettina não tinha se esquecido da guerra, e olhava incrédula para o berço e para a colcha com cogumelos que a senhora Maria estava bordando, e se perguntava por quantos dias ainda o bebê dormiria naquele grande berço em tafetá celeste, ela já se via fugindo com o bebê nos braços por entre tanques e sibilos das sirenes, e odiava a senhora Maria com seus cogumelos e seu fútil sussurrar. E de vez em quando apareciam as avós e as velhas empregadas para contemplar o bebê e se surpreender com o penacho preto e para sussurrar. No fim da tarde às vezes Anna também aparecia, se sentava por um momento do lado do berço e olhava o penacho preto, olhava sem sussurrar, olhava como se o conhecesse há muitíssimo tempo, tinha um rosto aflito e cansado quando o olhava. Concettina então se sentia ofendida, não gostava daquele modo aflito de estar ao lado do berço, sem se surpreender e sem sussurrar. Durante uns segundos se perguntava o que estava acontecendo com Anna, por que tinha aquele rosto tão aflito e cansado havia algum tempo. Mas seu pensamento se afastava logo em seguida, seu pensamento corria pelas ruas com o bebê por entre os tanques e os alemães, a essa altura não lhe sobrava tempo para perguntar nada sobre ninguém, tinha o bebê e precisava correr para longe para defendê-lo da guerra. Caía em um sono angustiado e sombrio, acordava e estava sozinha, a senhora Maria e Anna tinham ido embora. Lembrava-se de como antes pensava que ter um bebê era uma coisa que dava muita tranquilidade, uma coisa que fazia com que se gostasse de todo mundo e se sentisse em paz. E ao invés disso desde que tivera o bebê só pensava em correr para longe para defendê-lo da guerra, não gostava mais de ninguém, estava sozinha sobre a terra com seu bebê e corria para longe. Percorrera milhares e milhares de quilômetros estando parada naquela cama, toda vez que caía no sono tomava o bebê nos braços e corria para longe.

Anna agora sabia que também ela iria ter uma criança. Voltava para casa com a senhora Maria, caminhava em silêncio ao lado da senhora Maria que carregava a bolsa com o bordado e continuava a se mostrar surpresa com a criança de Concettina e a sussurrar sobre o penacho preto e as pequenas mãos. Tinha se esquecido da guerra. Anna não tinha se esquecido da guerra, esperava que a guerra viesse para matá-la junto àquela criança secreta no seu corpo, esperava ouvir de um momento para outro um enorme estrondo que dilacerasse a terra. Caminhava com o coração à espera daquele enorme estrondo. A senhora Maria trotava balançando a bolsa e sussurrava, e de vez em quando parava de sussurrar e se zangava com Anna porque andava muito depressa. Anna acreditava que andando depressa se livraria da criança. Tinha ouvido falar que não era difícil se livrar de uma criança. Tinha ouvido falar que era só andar depressa, fazer longuíssimos passeios no calor andando depressa. Iria com Giuma nadar no lago, lá onde mamãe e Franz tinham nadado tanto. Talvez nadar muito também ajudasse.

Propôs um dia a Giuma irem ao lago mas Giuma lhe disse que aquilo não era um lago, era uma poça quente que se enchia de mulheres gordas no verão. Além do que iriam pegar uma insolação se fossem a pé até lá. Giuma não sabia nada sobre a criança que ela carregava. Deitavam-se para fazer amor atrás dos arbustos ao longo do rio, e depois se calavam com o rosto na grama e Anna procurava as palavras para lhe contar sobre a criança que carregava. Mas olhava o rosto de Giuma na grama e as palavras todas sumiam. Parecia-lhe ter se tornado adulta quando percebera que teria uma criança, e ele parecia ser ainda um garoto pequeno, com o rosto vermelho de calor e os cabelos desarrumados. Ele começava a se queixar de Emanuele que nunca lhe permitia pegar o carro, punha-se a uivar toda vez que o via se aproximar da garagem. Se conseguisse o carro talvez pudessem ir nadar no lago, era uma poça quente mas talvez não fosse má ideia dar um mergulho. Mas a pé não poderiam ir. Além do que ele partiria dentro em breve, mamãe tinha reservado uma casa acima de Stresa e dali a pouco voltaria para buscá-lo, tinha reservado também um professor para que lhe desse aulas, em outubro prestaria os exames.

14.

Emanuele vinha menos à casa de Ippolito, aparecia de vez em quando à noite e dizia que passara o dia todo dormindo, quando tinha grandes aborrecimentos se consolava dormindo. Também aparecia Danilo e ligavam por um momento o rádio mas logo o desligavam, fugiam do salão e se punham a caminhar indolentes pela cidade. Caminhavam um ao lado do outro mas era como se não caminhassem juntos, parecia que não tinham nada mais a se dizer e que não eram mais grandes amigos, sentavam-se por um momento em um café mas logo se levantavam, mal o rádio começava a gritar no café. Danilo os deixava para ir estudar contabilidade, dizia que queria tirar o diploma de contador, visto que já não havia nada de melhor a fazer. Emanuele e Ippolito vagabundeavam um pouco ao longo do rio e se sentavam em um banco do jardim público, Emanuele provocava o cachorro, fingia jogar uma pedra para que ele se atormentasse ao procurá-la. Ippolito lhe dizia para deixar em paz o seu cachorro. Emanuele dizia que tinham decaído muito, ali sentados como dois velhotes em um banco do jardim público. Voltando para casa viam Anna e Giuma se despedindo ao portão, Emanuele dizia que aqueles dois andavam exagerando ultimamente, sempre juntos, eram vistos sempre juntos, dizia para Ippolito que deveria vigiar um pouco melhor a sua irmã, afinal era o chefe da casa e era responsável por todos. Ippolito não respondia, dava o sorriso de canto de boca de sempre, Emanuele então tentava imitar o tal sorriso, ia embora entortando o rosto todo. Ippolito lhe gritava que viesse depois do jantar, mas Emanuele fazia o sinal de não, ele agora logo após o jantar ia para a cama e dormia como uma pedra até as onze da manhã, descobrira que o sono é a única alegria do homem. Ippolito entretanto não conseguia dormir, o quarto de Anna ficava ao lado do

seu e ela o ouvia andando e remexendo pelo quarto a noite toda, abrindo e fechando as persianas, abrindo e fechando as gavetas da escrivaninha. Anna permanecia imóvel na sua cama e ela também não dormia, sentia um medo sombrio do que Ippolito poderia fazer em seu quarto, pelo ir e vir e remexer em tudo. Por alguns segundos sentia dó de Ippolito, pensava no seu rosto no dia seguinte àquelas noites sem dormir, pensava como o via de manhã na cozinha tomando café, sentado à mesa acariciando bem devagar as faces magras e ásperas de barba, barbeava-se muito raramente desde que os alemães entraram na França. Em seguida se levantava abruptamente e ia para o escritório, carregando na manhã a sua pequena cabeça mechada de loiro e o sorriso de canto de boca. Tinha dó dele mas um dó misturado com raiva, detestava aquele sorriso de canto de boca e aquele corpo alto sem vontades, sabe-se lá o que teria imaginado para ter aquele ar tão sem vontade e transtornado de agora, teria imaginado realmente que faria a revolução com Emanuele e Danilo, na Itália, na Alemanha, sabe-se lá que grandes revoluções tinham imaginado fazer. Ela também havia pensado na revolução mas agora sabia bem que tinha sido tolice. Havia pensado na revolução e se imaginara fugindo com Giuma pelos telhados, agora aqueles pensamentos lhe pareciam muito distantes, perdidos em um tempo antigo e remoto, não eram passados muitos meses e pareciam tantos anos. Agora precisava se livrar da criança. Não pensava sempre nisso. Fazia as coisas que sempre fizera, ia à escola e se sentava no banco manchado de tinta e arranhado de apontar lápis, ao lado da menina que fora sua melhor amiga, mas agora quase não se falavam mais. Voltava para casa e atirava a pasta em cima da mesa redonda do vestíbulo, subia para o seu quarto e se olhava no espelho, era a mesma menina gordinha de sempre, e de repente se lembrava da criança, com um rápido mergulho na escuridão se lembrava da criança. Eram os últimos dias de escola e tinha muito o que estudar. Às vezes, quando se sentava diante da escrivaninha, punha-se a pensar em uma criança de verdade, que viria ao mundo e que brincaria no jardim da casa da frente, com mamãe que se tornava de um momento para outro muito velha e gentil. Mas se aproximava da janela e observava os muros cobertos de hera da casa da frente, e ouvia as vozes raivosas de Emanuele e Giuma que brigavam. E a criança de verdade desaparecia num mergulho na escuridão, e nela não sobrava nada mais que susto e silêncio, a criança novamente só era a escuridão dentro dela. Enxugava com um lenço as mãos suadas e trêmulas, e procurava as palavras para perguntar a alguém o que fazer. Aproximava-se da senhora Maria. A senhora Maria estava preparando a mala, partia para as "Amarenas" com Concettina e o bebê, Anna e Giustino e Ippolito se juntariam a elas dali a mais ou menos dez dias. A senhora Maria estava feliz, ficava sempre feliz quando tinha uma mala para arrumar, e agora se sentia feliz por ir para lá com a criança de Concettina, se enchia de ternura quando pensava na criança e sussurrava sobre o penacho preto enquanto arrumava na mala seus sapatos nos saquinhos de pano. Anna sabia que não poderia jamais dizer alguma coisa para a senhora Maria, por um momento tinha até pensado, mas que tolice pensar, permanecia um pouco olhando a senhora Ma-

ria que ia e vinha com seu velho penhoar lilás, completamente absorta em seus saquinhos de pano. Ela girava insegura pela casa e esperava a guerra, que dilacerasse a cidade e aquela casa com um grande estrondo.

Ouviu vozes no jardim da frente e se aproximou da janela, viu que mamãe tinha voltado, Emanuele corria ao seu encontro mancando, e mamãe estava muito irritada porque ninguém fora buscá-la na estação, tivera que vir com um coche da estação até em casa. Não quis abraçar Emanuele, estava muito irritada, padecera com o calor da viagem e dizia que estava cansada de ter que pensar sempre em tudo. E agora era refazer os baús e partir de novo, jurava que não poria a mãos nos baús, não tocaria em nenhum lenço. Amalia que se preocupasse com os baús. Anna escutava escondida atrás das persianas entreabertas, e lhe parecia que mamãe estava irritada não com Emanuele ou Amalia mas com ela. Estava lá atrás das persianas e pensava que precisava falar com Giuma antes que partisse, tinham que pensar juntos o que fazer contra a criança. Pareceu-lhe não poder mais suportar nem por um minuto aquela criança dentro dela. Afastou-se da janela e se sentou na penumbra, e de repente começou a imaginar que Giuma decidia não partir e ficava e se casava com ela. Com uma voz decidida e tranquila, Giuma lhe explicava que não era preciso fazer nada contra a criança. Então ela lhe respondia que não podiam se casar e ter uma criança juntos, ele para se casar tinha a garota Fiammetta, que era rica e mamãe ficaria contente. Mas ele dizia que se importava cada vez menos com mamãe e com a garota Fiammetta. Naquele instante apareceu Emanuele para pegar o rádio, mamãe queria empacotá-lo imediatamente e despachá-lo para a casa acima de Stresa que alugara. Partiriam dentro de dois ou três dias, o tempo para fazer as malas. Emanuele chamou Giustino para ajudá-lo a transportar o rádio pelas escadas, o mais rápido possível, mamãe estava com os nervos ferozes. No final dos degraus se sentou por um momento para enxugar o suor, disse que ele também partia junto com os outros, mamãe sentia medo de noite naquela casa isolada, com Franz tendo pesadelos e de noite acordando aos gritos. E assim partiria, não estava com vontade de partir mas partia, porque não dava para discutir com mamãe e porque de resto um lugar ou outro era a mesma coisa para ele, que passava os dias dormindo e não pensava mais em nada. E disse que no fundo estava contente de partir e não ver mais a cara de Ippolito, aquela cara de morto que ele dera pra fazer, desde que os alemães haviam começado a ocupar a França.

Anna viu Giuma diante da escola na manhã seguinte, tinham sido fixados os resultados dos exames do lado de fora e ele lhe disse que passando por ali se detivera para ver as notas dos colegas, ao lado do seu nome havia só uma cruzinha vermelha porque abandonara a escola. Seu rosto era zombeteiro e arrogante como quando estava entre os colegas. Giustino tinha passado, Anna entretanto teria exame de matemática em outubro. Giustino estava lá junto com a garota alta e seca que chorava, tinha passado de ano mas não com as notas que esperava. Giustino a consolava. A Anna entretanto disse que ia lhe servir aquele exame em outubro, nos últimos tempos parecia apáti-

ca, quando ele entrava no seu quarto a encontrava sempre com o olhar perdido. Ia lhe servir aquele exame em outubro, era sempre ele Giustino quem fazia os exames em outubro e pelo menos por uma vez estava livre todo o verão. Anna e Giuma foram embora juntos. Giuma ria da garota alta e seca, Deus do céu como era idiota, chorar desse jeito por causa de nota. Anna se pôs ela também a chorar. Giuma lhe pediu que parasse imediatamente com aquelas lágrimas, não suportava as garotas que choravam por coisas de escola, um exame em outubro não era uma catástrofe cósmica. Sentaram-se em um banco do jardim público. Anna continuava a chorar, ele disse então que tinha que ir logo para casa para arrumar sua mala, Amalia lhe dissera que ele deveria arrumar sozinho a mala. Além do que não tinha graça estar com uma garota às lágrimas. Perguntou-lhe se estava chorando pelo exame ou pela sua partida. Anna disse: — Vou ter um filho. — Giuma se virou de uma só vez na sua direção, a mecha esvoaçou e os cabelos lhe caíram como chuva sobre os olhos. Permaneceram mudos olhando um para o outro, o rosto de Giuma foi se cobrindo pouco a pouco de um acalorado rubor. Anna entendeu então que tinha acontecido uma coisa terrível para eles, jamais ao pensar sozinha sentira tamanho horror dentro de si. O jardim estava incandescente e deserto sob o sol do meio-dia, com os bancos abandonados e escaldantes e a fonte seca, encimada por um enorme peixe de pedra que abria para o céu a sua boca vazia. Parecia que não poderiam mais se levantar daquele banco, estavam ali apoiados e ela chorava devagarzinho, ele acendeu um cigarro e fumava dando pequenas baforadas e penteando a mecha com os dedos trêmulos. Ela lhe perguntou se não poderiam contar para Emanuele, que ele explicaria o que deveria ser feito. Giuma então teve um ataque de raiva, que bobagem dizia, ai de quem deixasse escapar uma palavra que fosse a Emanuele ou a qualquer outra pessoa, ter pensado em contar para Emanuele, justo a Emanuele. Ela lhe perguntou se caminhando a pé poderia acontecer que se livrasse. Giuma balançou a cabeça, não acreditava em caminhadas, ouvira dizer que às vezes o quinino resolvia, podia-se tomar até sentir algo parecido com um trovão nos ouvidos. Mas quando se sentia um trovão nos ouvidos era para parar imediatamente. Ela disse: — Porque não podemos nos casar — e ele ergueu os ombros e disse: — Eu sei. — E ela então abruptamente perguntou o que os impedia de se casar, quais razões obscuras os proibiam, na verdade teria sido tão simples, morariam na casa da frente, veriam das janelas a sua casa com as glicínias secas no terraço, a senhora Maria sacudindo o pano de pó, Giustino de calção fazendo ginástica com uma bicicleta, os longos fios de arame com as saias pretas da senhora Maria dependuradas. Mas lhe parecia que não seria muito bom morar na casa da frente. Ela disse: — Nós não podemos nos casar porque não gostamos bastante um do outro. Por isso. — Giuma disse: — Não tem nada a ver com gostar mais ou menos. Não podemos casar, somos muito jovens e a guerra ainda está para estourar. — Ela quase se esquecera da guerra. Disse: — Eu queria que a guerra chegasse agora, e morrer.

Voltaram para casa em silêncio. No portão decidiram se encontrar à tarde, ele

iria trazer o quinino, mamãe tinha muito quinino no armarinho dos remédios. Agora que a senhora Maria não estava em casa, ela deveria preparar o almoço. Mas quando chegou em casa, Giustino e Ippolito já estavam comendo, Giustino preparara o que comer, com tomate, ovos e presunto, colocados juntos para fritar. Por último acrescentara meio copo de leite, estava muito contente com o meio copo de leite, dizia que os grandes cozinheiros acrescentam sempre meio copo de leite a uma certa altura. Estava orgulhoso daquele manjar e comeu mais que todos. Ippolito saiu logo após comer, viram-no atravessar o jardim e se afastar com o cachorro na coleira. Anna perguntou se agora estava levando o cachorro também. Mas Giustino disse que Ippolito havia alguns dias não estava mais indo ao escritório, caminhava transtornado pela cidade com seu cachorro na coleira, sentava-se em um banco do jardim público e observava o cachorro perseguindo as lagartixas na poeira. Giustino disse que não estava gostando da cara de Ippolito, nunca o vira tão transtornado, e de noite nunca dormia e aparecia na janela fumando e caminhava pelo quarto e remexia nas gavetas, sabe-se lá o que remexia. Ele, Giustino, tinha pensado por um momento que ele tivesse se aborrecido com alguma garota, mas Ippolito não tinha garota, se tivesse uma garota saberiam. Estava mal somente pela França, a história da França tinha desabado sobre ele e o esmagara, lhe parecia o fim de tudo. E um dia havia dito a Danilo que se a guerra chegasse à Itália e se ele fosse chamado para combater ele não atiraria, preferiria se deixar matar a atirar em uma guerra. E Danilo havia dito que atiraria tranquilamente, de modo a se manter vivo para o dia da revolução. Mas Ippolito havia dito que a essa altura não aconteceria mais nenhuma revolução, só alemães e mais alemães por toda a vida e depois também, alemães e mais alemães por todos os séculos, alemães com tanques e aviões, donos de toda a terra. Anna lavava os pratos e Giustino os enxugava. Giustino disse que também não andava gostando da sua cara, desde antes do exame de outubro. Disse: — Se tem algum problema é melhor ir dizendo logo. — Ela lavava os pratos dentro de uma bacia, passando lentamente o trapo. Disse-lhe: — Não tenho problema. Que problema deveria ter? — Giustino disse: — Não sei.

Giuma a esperava na ponte. Foram para os arbustos ao longo do rio, ele mostrou imediatamente o quinino, mas depois de dois ou três comprimidos ela já achava que estava sentindo o trovão nos ouvidos. — Estou com medo — disse —, não quero morrer. — Mas hoje de manhã queria morrer — ele disse —, não se lembra mais. — Não estava mais muito assustado agora, dizia que talvez ela tivesse sonhado com aquela criança. Disse para tomar mais quinino de noite, antes de dormir, deixou o tubinho com ela. Em seguida tirou do bolso uma nota de mil liras, eram as suas economias, havia algum tempo juntava dinheiro para comprar um barco a motor. Ele renunciava ao barco a motor, se ela estava realmente esperando uma criança e o quinino não resolvesse nada, poderia procurar uma parteira, as mil liras eram suficientes. Ela lhe perguntou onde é que acharia uma parteira, ele respondeu que tinha em tudo quanto era canto, só se viam anúncios de parteiras pela cidade. No começo se faziam de rogadas, mas de-

pois ajudavam. Anna pegou as mil liras e o quinino, pensava em como procuraria uma parteira, como imploraria, pensava nas palavras que diria à parteira implorando. Sentia-se muito estranha com aquelas mil liras apertadas na mão, era a primeira vez que tinha mil liras na mão na sua vida, e lhe parecia ter ido além da sua vida, longe, muito longe de casa, com mil liras por estradas desconhecidas onde existiam parteiras às quais se deveria implorar. Disse: — Você não quer se casar comigo porque não gosta de mim. Você gosta da garota Fiammetta e quer se casar com ela. — Giuma disse: — Que história é essa de casar? Eu não quero casar com ninguém, eu só queria um barco a motor, mas tenho que renunciar a ele no momento. — Permaneceram em silêncio. Não faziam amor, nunca mais fariam amor, pensava Anna, nunca mais. Nunca mais veria o rosto de quando faziam amor, seu rosto raivoso e secreto, com as pálpebras cerradas sobre os olhos e a respiração curta e profunda. Ele partiria no dia seguinte. E ela iria ver os anúncios de parteiras pela cidade.

Despediram-se diante do portão. Ele estendeu para ela a sua mão bronzeada, não era necessário fazer grandes despedidas porque voltaria logo, com toda certeza a guerra se chegasse duraria poucos dias, em outubro se reencontrariam na escola, ele para o diploma e ela para aquele exame. Amalia apareceu na janela para chamá-lo, e ele desapareceu dentro da casa. Anna subiu para seu quarto, escondeu as mil liras e o quinino em uma gaveta da escrivaninha.

No dia seguinte de manhã observou-os partir. Tinham colocado uma quantidade de coisas no carro e riam do quanto estava carregado, ouviam-se as risadas de Emanuele que pareciam o arrulhar de um pombo. Dentro do carro estavam mamãe e Amalia amontoadas entre porta-chapéus e malas, Franz tinha sido mandado antes com os empregados. Emanuele mancava ao redor do carro com o capô aberto e despejava água, e enquanto isso xingava Giuma que não ajudara na arrumação da bagagem. Finalmente Giuma também apareceu com o impermeável branco no braço e a raquete de tênis. Viu Anna na janela e lhe lançou uma piscadinha de olho rápida, sacudiu levemente a raquete no ar e subiu no automóvel. Estavam para partir quando Ippolito apareceu na janela. Emanuele debruçou-se para fora do carro para se despedir dele, ressoou a sua longa risada profunda, Ippolito respondeu com um aceno. Mamãe estava perdendo a paciência, Emanuele fechou a janela do carro de uma só vez e foram embora.

E agora a casa da frente estava fechada, toda fechada no seu casaco de pele de hera, com caroços de cereja alinhados em cima do peitoril por Giuma e dissecados pelo sol, ele às vezes se debruçava na janela, comendo cereja e alinhando os caroços no peitoril. Anna o reviu quando se debruçava e comia cerejas, ela também às vezes se debruçava mas não se falavam porque ele achava que falar pela janela era coisa de serviçais. Anna tentou tomar mais quinino, entrou Giustino e lhe perguntou o que estava chupando, ela engoliu depressa o comprimido, Giustino trazia uma carta da senhora Maria que dizia que os esperava nas "Amarenas" e mandara uma longa lista de coisas que era preciso pôr nas malas. Giustino disse a Anna que se apressasse para fazer as malas,

se estava esperando que Ippolito as fizesse podia ir desistindo, Ippolito tinha saído com o cachorro. Ele, Giustino, não fazia a mínima questão de ir para as "Amarenas", mas visto que os esperavam era preciso partir, e talvez fizesse bem a Ippolito o ar das "Amarenas", e ir caçar e esquecer a França. Esperaram Ippolito para o almoço mas não voltou. Anna retirou as malas de debaixo do armário. Lembrava-se de tempos em tempos das mil liras e do quinino, ia ver se ainda estavam lá, pensou que continuaria a tomar quinino nas "Amarenas" e num dado momento se livraria da criança. Aí então mandaria as mil liras a Giuma em um envelope, e ele poderia comprar o barco. Agora estava contente de ir para as "Amarenas", para não ter mais sob os olhos a casa da frente toda fechada, onde ninguém se debruçava mais.

Ela e Giustino passaram a tarde arrumando as malas, e inesperadamente apareceu Danilo e perguntou por Ippolito, e contou que a Itália tinha entrado em guerra ao lado da Alemanha. Foram para a rua junto com Danilo, pelas janelas abertas das casas os rádios gritavam, as pessoas se agrupavam diante das casas e ao redor dos cafés. A cidade era aquela voz que gritava, e as pessoas estavam reagrupadas em silêncio, e então alguém disse que era preciso pensar no escurecimento, colocar cortinas pretas nas janelas que não deixassem passar nem um fio de luz para fora. E então todos saíram à procura de pano preto, também Anna, Giustino e Danilo que encontrara a mulher. Compraram metros e metros de pano preto. Danilo dizia à sua mulher que era quase certo que não o mandariam para a guerra, tinha sido um preso político e aqueles como ele não eram mandados para o front, por medo que passassem para o outro lado. Provavelmente alguém como ele meteriam de novo na prisão.

Anna e Giustino voltaram para casa com um grande pacote de pano preto, e encontraram na cozinha Ippolito alimentando o cachorro, e lhe perguntaram se soubera da guerra. Ippolito disse que sim. Estava com os sapatos empoeirados e o rosto muito cansado, devia ter caminhado o dia todo, sabe-se lá por onde. Preparava a comida para o cachorro, misturava sobras de macarrão e pedaços de pão e velhas cascas de queijo. Giustino lhe perguntou se iriam no dia seguinte para as "Amarenas", Ippolito pensou por um momento e disse que sim. Giustino disse que teriam que se levantar muito cedo para pegar o trem, o trenzinho deveria estar lotado já que todos saíam da cidade, porque havia guerra e todos tinham medo de que começassem imediatamente a bombardear. Ippolito disse que não bombardeariam imediatamente aquela pequena cidade. Dizia muitas palavras, há dias e dias não o ouviam dizer tantas palavras. Parecia contente por finalmente a guerra ter chegado. Olhou para o pano preto que tinham comprado e riu um pouco, perguntou se por acaso pensavam em vestir de luto a cidade toda. Giustino tomou as medidas das janelas e Anna cortou grandes cortinas pretas e subiram na escada e prenderam as cortinas nas janelas com tachinhas. Em seguida prepararam o que comer, tomate e ovos fritos juntos com meio copo de leite, e Ippolito disse que era um grande manjar. Depois de os três terem comido permaneceram ainda um pouco ao redor da mesa, e Ippolito disse que se ele fosse para a guerra deveriam

cuidar do seu cachorro. Frisou que o mandassem à exposição canina, ouvira dizer que haveria em breve uma exposição canina na cidade. Giustino observou que era difícil que fizessem uma exposição canina com a guerra. Mas Ippolito disse que a guerra não era como eles imaginavam, continuavam as coisas de todo dia só que com cortinas pretas nas janelas, continuavam os cinemas, os teatros e as exposições caninas. Giustino lhe perguntou se não ia se despedir de Danilo, talvez mandassem Danilo outra vez para a cadeia amanhã mesmo, porque não queriam aqueles como Danilo no front. Ippolito disse que de fato provavelmente seria assim. Ele entretanto não tinha tanta sorte, ele com certeza logo mais o mandariam para a guerra e teria que atirar, e não havia nada que ele gostasse menos do que atirar, gostava de atirar em passarinhos mas não nas pessoas. Disse que não iria se despedir de Danilo, estava cansado demais, queria ir imediatamente para a cama, visto que no dia seguinte era preciso acordar cedo e partir. De repente se inclinou e beijou Anna, apertou-lhe ligeiramente o braço, depois se aproximou de Giustino, deu o sorriso de canto de boca de sempre e beijou-o também. Ouviram os seus passos pela escada e enfim o baque dos sapatos sobre o assoalho, e o chiado da cama onde se deitara. Permaneceram atordoados olhando um para o outro, ele os beijara, não acontecia com frequência que beijasse alguém. Beijara-os, portanto deveria estar pensando que o mandariam imediatamente para a guerra, e pensava que morreria imediatamente, teria jogado o fuzil no chão recusando-se a atirar, e então o matariam imediatamente, ele talvez estivesse pensando assim. Mas Giustino tinha certeza de que na guerra Ippolito também teria atirado, todos atiravam. Como estava estranho aquela noite, disse Giustino, e quando começara a falar da exposição canina então, quem sabe não estava louco, queria mandar para a exposição aquele cachorro horroroso.

Anna dormiu profundamente a noite toda, porque estava cansada e porque tinha esquecido um pouco a criança. Durante a noite ouviu o cachorro latir no jardim, depois ouviu ranger o portão, queria olhar pela janela e ir ver mas imediatamente voltou a dormir. No seu sono o cachorro latia, sonhou que Ippolito se vestia de soldado e partia para a guerra, Giuma também partia para a guerra com uma raquete de tênis, a guerra era nos campos para lá do rio e não passava de um cercado de madeira cheio de cachorros. Giustino veio acordá-la, eram seis da manhã e era preciso partir, mas Ippolito não estava no seu quarto, encontrara só o seu pijama sobre a cama desfeita, ele o procurara pela casa inteira e não o encontrara. Anna se vestiu às pressas e saíram na manhã fresca, no jardim o cão latia, raspava o chão e se esfregava no portão e latia. Sabe-se lá aonde teria ido Ippolito, estava realmente louco. Caminharam ao longo do rio, chegaram até a casa de Danilo mas parecia que ali todos dormiam, as venezianas ainda estavam fechadas. Esperaram fora por algum tempo e saiu a mulher de Danilo que ia para a fundição, não, Ippolito não tinha aparecido por ali. Caminharam com a mulher de Danilo por um trecho. A mulher de Danilo aconselhou a ir até o jardim público, Ippolito adquirira o hábito de ir até lá para se sentar em um banco e fumar

logo de manhã cedo, ela o via quando passava por lá indo fazer compras no mercado, na verdade tinha se tornado muito estranho havia algum tempo. Deixaram a mulher de Danilo no portão da fundição, não havia mercado naquele dia, gostaria de acompanhá-los mas estava atrasada. A margem do rio começava a se agitar, um ar poeirento e quente se levantava, uma densa fumaça branca saía das chaminés da fábrica de sabão. O trem deles partira já havia algum tempo, ouviram-no fugir com seu apito agudo pelo campo. Entrando no jardim público viram ao redor de um banco um grupinho de pessoas e dois policiais, então se puseram a correr. No banco estava Ippolito sentado morto, e ao seu lado no chão o revólver do pai.

Era um velho revólver com cabo de marfim, era o mesmo que o pai mantinha sobre a mesa quando Danilo passava o tempo esperando Concettina diante do portão. Não se via muito sangue, só um fio ao longo do rosto, e um pouco no colarinho da camisa e na gola gasta do paletó. A pequena cabeça mechada de loiro estava caída para trás no encosto do banco, e viam-se os belos dentes alvos por entre os lábios entreabertos, e aquele fino fio de sangue sobre o rosto áspero de barba, como se barbeava pouco desde que a França perdera. E a mão branca e vazia estava dependurada, a mão que disparara e depois deixara cair no chão o revólver do pai.

Um médico de avental branco olhou a ferida, desabotoou-lhe a camisa e se curvou tendo ao ouvido um cone preto. E depois dois homens recolheram o corpo comprido inerte sobre o banco e o levaram para casa. De repente a casa se encheu, estavam as irmãs de Danilo, o sobrinho da senhora Maria, o professor de piano e mais tarde chegou correndo a mãe de Danilo, com o peito arfando e com o pente enfiado meio torto na nuvem de cabelos. Deitaram Ippolito na cama do seu quarto, acenderam ao seu redor os círios, e tinham amarrado seu rosto com um lenço apertado, Anna teve que procurar muito pelos lenços nas malas. No jardim o cachorro continuava a latir e a raspar, havia cavado um buraco diante do portão, farejava ali dentro e latia. Danilo e a mulher apareceram. Mas no rosto de Danilo não havia nenhum espanto e não havia quase nenhuma tristeza, era como se tivesse acontecido uma coisa que ele esperava havia muitíssimo tempo. Permaneceu sentado na ponta de uma poltrona no salão como se em visita, com o ar comedido e prudente daquele dia que voltou da prisão. Sua mulher chorava, de vez em quando soltava um soluço que parecia tosse. Veio em seguida também o senhor Sbrancagna, e se sentou na poltrona com as mãos cruzadas sobre o punho da bengala, e perguntou a Danilo se Ippolito não lhe dissera nada. Não, disse Danilo, Ippolito não lhe dissera nada. E o senhor Sbrancagna disse que tinha uma grande simpatia por Ippolito, desde o primeiro dia em que o tinha visto e também suspeitara que talvez tivesse algum desgosto secreto, talvez uma mulher, sabe-se lá. Era um rapaz tão silencioso, não tinha palavras de amizade ou de conforto para ninguém e mesmo assim quando se estava do lado dele, sentia-se bem, como se ele transmitisse uma grande força de amizade e conforto. Talvez pouca gente o compreendesse. Ele, o senhor Sbrancagna, o compreendera, sentava-se com muito prazer ao seu lado e lhe

contava tudo sobre si mesmo. Talvez Ippolito nunca tenha se conformado com a morte do pai. Nesse ponto o professor de piano pôs-se a falar sobre a abnegação de Ippolito ao cuidar do pai, ao lhe aplicar as injeções e a ler em voz alta. Giustino perguntou abruptamente se não havia um modo de fazer com que o cachorro se calasse. Mas em seguida se lembrou de que Ippolito lhe pedira para cuidar do cachorro, e foi para a cozinha preparar-lhe a comida. Nas janelas as cortinas pretas esvoaçavam sob o sol, e o senhor Sbrancagna perguntou a Danilo o que ele achava da guerra.

No fim da tarde chegou a senhora Maria, não tinham dito nada a Concettina, Emilio permanecera nas "Amarenas" para ir lhe contando aos poucos. Viram a senhora Maria chegar, pequenininha, pequenininha, quando acontecia uma desgraça se enrijecia e encolhia, e essa era uma desgraça que ela não conseguia entender, estava lá com o chapéu de través e as costas tremendo ligeiramente. Queria saber quem era a garota que se recusara a se casar com Ippolito, perguntava ao sobrinho, ao senhor Sbrancagna e ao professor de piano. Não perguntava a Danilo porque jamais o suportara, tinha certeza de que era culpa de Danilo se Ippolito estava morto, não sabia como mas tinha certeza de que era culpa dele. Tinha que existir uma carta em algum lugar, Ippolito tinha que ter deixado uma carta, não tinham procurado bem. Estava convencida de que não teria acontecido se ela tivesse permanecido na cidade, ela teria compreendido pelo rosto de Ippolito que sofria por um desgosto, o teria feito falar, teria ido procurar a garota e teria dado um jeito na situação. Disse ao senhor Sbrancagna que Ippolito se abria com ela. Mas Giustino disse que não tinha garota nenhuma, nenhuma carta, nada. A senhora Maria torcia as mãos e se lamentava por ter partido, alguma coisa no seu coração lhe dizia que não deveria partir, por que ela não tinha dado ouvidos. Ajoelhou-se aos pés da cama de Ippolito para rezar, queria que Anna e Giustino também se ajoelhassem para rezar com ela, achava que tinha sido um erro do pai não permitir que os meninos se ajoelhassem às vezes para rezar. O pai dizia que não se devia pôr-se de joelhos diante de ninguém, nem mesmo diante de Deus, e não se sabia se Deus existia ou não existia mas se existisse, gostaria de ver as pessoas em pé e de cabeça erguida. Naquele momento pareceu à senhora Maria que o pai havia dito muita bobagem, talvez Ippolito não estivesse morto se tivessem lhe ensinado a rezar desde pequeno.

15.

Foram recolhidos todos os retratos de Ippolito, foram emoldurados e alinhados no salão sobre o piano. Procuraram outros retratos pela casa, seria possível que existissem tão poucos, por que é que ninguém se lembrara de fotografá-lo mais. Procuravam também na memória as palavras que dissera. Mas havia dito tão poucas palavras. Agora parecia impossível que não lhe tivessem pedido alguma palavra nova, parecia impossível que jamais lhe tivessem perguntado se precisava de ajuda, que não o tivessem seguido quando saía para passear sozinho, que não tivessem sentado ao lado dele quando fumava no banco do jardim. Depois do funeral, as gavetas da sua escrivaninha foram arrumadas, as poucas cartas recolhidas e amarradas, só algumas cartas do pai e alguns cartões-postais, não havia cartas de garotas. Anna e a senhora Maria passaram um dia encerando o assoalho do quarto dele, pondo ordem nos livros e nas estantes, lavando os vidros. Anna se esquecera da sua criança, se pensava nela, dizia para si mesma que com certeza estava morta, tinha soluçado tanto que a criança teria morrido com os soluços. Em seguida trancaram o quarto, os colchões foram enrolados e cobertos. Dois dias depois do funeral chegou Emanuele. Pensara que chegaria a tempo para o funeral, viera correndo como um desesperado com o seu carro, mas era tarde demais para o funeral. Atirou-se em uma poltrona do salão e explodiu em soluços. Anna e Giustino estavam à sua frente em silêncio, já haviam soluçado tanto que agora não tinham mais lágrimas, só espanto e silêncio dentro deles. Emanuele não se dava paz por ter se despedido tão rapidamente de Ippolito na manhã que partira, só um aceno pela janela, a figura de Ippolito na janela e aquele pequeno aceno com a mão tinham lhe ficado para sempre na memória. E não se dava paz por ter partido, tinha certeza de que se estivesse

ali Ippolito não estaria morto, não o deixaria pensar em morrer, lhe diria que não estava tudo acabado. Pegava um a um os retratos de Ippolito sobre o piano, os olhava e recomeçava a soluçar. Soubera por uma carta de Danilo, uma carta tão curta e tão fria, na qual não havia sequer o dia do funeral. Disse a Giustino que fosse chamar Danilo, mas Danilo não estava, fora chamado na delegacia e o mandaram para uma ilha, e lá deveria permanecer até o fim da guerra. Sua mãe dizia que naquela ilha sempre havia tifo, e talvez o tifo fosse pior do que a guerra. Sua mulher não pudera acompanhá-lo, não podia perder seu lugar na fundição. Na cidade tinham comentado um pouco sobre Ippolito, em voz baixa e em segredo, porque era um suicídio, os fascistas não gostavam de que se falasse de suicídios, no jornal saíra a notícia de que um jovem tinha morrido no jardim público enquanto limpava seu revólver. Mas em seguida todos se esqueceram de Ippolito e voltaram a pensar na guerra. Os soldados italianos começaram a atirar pelas montanhas, os alemães estavam entrando em Paris. Emanuele dizia que ele também sentia que não estava tudo acabado. Pediu à senhora Maria que o deixasse dormir no salão, não queria dormir sozinho na sua casa. Mancou até tarde pelo salão falando de Ippolito, nunca mais teria um amigo como Ippolito, nunca mais. Ninguém o conhecera, só ele podia afirmar tê-lo conhecido bem. E se ele tivesse permanecido na cidade não lhe teria permitido morrer, o teria seguido por todos os lugares e teria arrancado de sua mão o revólver, lhe teria explicado que os alemães poderiam usurpar Paris e Londres também e mesmo assim não estaria tudo acabado. Partiu no dia seguinte. Pôs no carro uma outra caixa de sabão, mamãe tinha sempre a angústia de ficar sem sabão, de ter que se lavar com aqueles cubos esverdeados que existiam agora. Anna e Giustino o ajudaram a pôr a caixa no carro, e continuaram na calçada se despedindo dele com a mão até que o carro desapareceu.

Partiram para as "Amarenas", a senhora Maria dizia que Concettina não poderia ficar lá sozinha, com aquela criança que a assustava tanto, porque era a primeira criança da sua vida, e com a dor por Ippolito e com o medo de que chamassem seu marido para a guerra. No trem todos falavam do bombardeio de Turim, alguém estivera lá, as sirenes do alarme tinham tocado quando os aviões já se arrastavam sobre a cidade. Havia catorze mortos, diziam os jornais, mas sabe-se lá quantos seriam na verdade, era preciso multiplicar por dez o que diziam os jornais se era coisa ruim, murmurava um homem, e dividir por dez se era coisa boa. Era um velho vendedor ambulante, com uma caixa cheia de agulhas e botões pendurada no pescoço, estava meio bêbado e continuava a falar de multiplicar e dividir, contava nos dedos e se confundia todo. Contou também sobre um jovem que tinha dado um tiro na cabeça no jardim público, porque não queria ir para a guerra. Os vizinhos fizeram com que se calasse. O vendedor ambulante vira Giustino olhando para ele, e quis lhe vender a todo custo algumas agulhas.

Concettina estava sentada debaixo do caramanchão e amamentava a criança. Ao vê-los chegar pôs-se imediatamente a chorar, mas a mulher do camponês veio corren-

do lhe dizer que não podia chorar enquanto amamentava, senão o leite ficaria salgado de lágrimas. Agora a mulher do camponês e o camponês também se puseram a chorar, lembravam-se de quando levavam Ippolito pequenininho na carroça. Mas o cachorro corria atrás das galinhas e a mulher do camponês disse que tinha recomeçado o inferno para ela com aquele cachorro.

Emilio aparecia no fim da tarde e partia de manhã cedo: aos domingos passava o dia todo. Não era mais tão tranquilo e juvenil como antes, não parecia mais um bezerrinho pastando. Dera para pensar sempre em Ippolito, ele também procurava na memória as palavras que Ippolito lhe dissera. Quando passava pelo jardim público lhe parecia ver Ippolito sentado morto no banco. Dizia que ele, Emilio, nunca sofrera muito, mesmo quando queria se casar com Concettina e ela não queria, não sofrera intensamente, tinha a estranha sensação de que um dia se casariam. Mas agora lhe ocorreu que talvez existissem muitas coisas para sofrer, e que ele não sofria só porque não sabia pensar sobre elas, quando queria começar a pensar em algo muito grande ou muito distante lhe faltava o ar e era tomado como que por vertigens, e lhe ocorrera que isso talvez não fosse muito bom. Ippolito havia pensado em tudo, morrera pensando em tudo. E ele, se o chamassem para a guerra e lhe acontecesse de morrer, morreria tão pobre de pensamentos, tão pobre de dores, morreria sem ter pensado em tudo o que existia para ser pensado. Não se sentia nada preparado para morrer, se Deus existisse, o que ele levaria a esse Deus, Deus lhe teria perguntado o que trazia e ele não saberia o que responder, tinha trabalhado um pouco na fábrica com o pai, sabia um pouco sobre monossulfúricos e hidretos, tinha manchado um pouco as mãos com os ácidos, vestira a camisa preta e desfilara nos cortejos. Concettina se punha a chorar, perguntava por que ele também tinha de morrer, Ippolito já estava morto, por que ela deveria perder todos os seus. E Emilio então lhe dizia por favor que não chorasse, talvez a mulher do camponês tivesse razão e o leite, se ela chorasse, poderia de algum modo se estragar. Juntos iam olhar a criança. Perdera o penacho preto, agora tinha a cabeça toda coberta por uma penugem fina que brilhava ao sol. A criança se punha a gritar e Concettina imediatamente se assustava, talvez seu leite não estivesse mais servindo, punha as mãos nos peitos para sentir se ainda tinha leite. Concettina dizia que tinha sido muito boba quando jovem, atormentada por causa do seu peito, afligia-se por serem tão pequenos e agora a única coisa que importava saber era se era bom para amamentar a criança. Emilio a deixava sozinha e ia caminhar como Ippolito pelo campo, com Concettina não dava mais para ter uma conversa sensata, ela só sabia falar de leite e crianças. Girava por muito tempo entre as vinhas e os carvalhos, por onde sabia que Ippolito em geral passeava com o cachorro; e a cada pedra chutada com o pé se perguntava se Ippolito também a chutara, com seus pés que agora estavam mortos; e onde quer que olhasse no campo pensava que Ippolito também teria visto aquele ponto, e pensava como era estranho que os olhos dos homens passassem sobre as coisas sem deixar vestígios, sobre aquele campo verde que zumbia teriam pousado milhares e mi-

lhares de olhos de mortos.

Anna não rondava pelo campo, ficava deitada na cama no seu quarto com as cortinas fechadas, não queria ver o campo, não queria ver o topo da colina, lá onde antes se via Ippolito ir e vir com o fuzil e o cachorro. Os dias passavam, e ela agora sabia que a criança sempre estivera ali, tinha tomado todo o quinino, mantinha as mil liras dentro de um saquinho costurado à saia, pensava que um dia iria até a cidade com o trenzinho para procurar uma parteira, diria à senhora Maria que esquecera um livro de matemática em casa. A parteira ela imaginava um pouco como a mãe de Danilo. Pouco a pouco começou a imaginá-la sempre mais bonachona e materna, não queria as mil liras, fazia tudo sem cobrar, sentia muita pena de Anna. Mas certas vezes entretanto imaginava que deixava que a criança viesse ao mundo, e ia com ela viver em uma cidade distante, trabalhar duramente para mantê-la, e de repente Giuma aparecia por acaso naquela cidade distante, havia deixado para sempre a garota Fiammetta porque percebera que era um tipo impossível. E Giuma queria se casar com ela mas ela já não queria mais saber dele, fugia com o bebê para uma outra cidade ainda mais distante, trabalhava ainda mais duramente, sentava-se a uma mesa de um escritório e despachava e despachava com uma velocidade tão vertiginosa que seu chefe vinha lhe dizer que ninguém sabia despachar a papelada como ela. E havia os alemães mas se conseguia mesmo assim fazer a revolução. Ela e seu chefe corriam pelos telhados, salvando papéis secretos. Mas era preciso salvar também a criança, a casa onde a criança estava pegou fogo, ela e o chefe se lançavam nas chamas para salvar a criança.

Giustino vinha se sentar no seu quarto. Olhava um pouco para ela e lhe dizia que tinha engordado muito e que se continuasse assim ia virar um barril. Ela então pensava que deveria ir à parteira logo, antes que todos percebessem a criança. Giustino fumava e o fumo agora lhe incomodava, procurava não respirar para não sentir o cheiro. Giustino perguntava se ela e Giuma se correspondiam, ela dizia que não, Giustino dizia que com certeza o grande Giuma não se dignaria a lhe escrever. Giustino entretanto recebia cartas sempre, a garota alta e seca lhe escrevia em papel rígido de carta azul com as iniciais impressas, Giustino quando recebia aquelas cartas azuis rígidas ia lê-las escondido no bosque. Anna lhe pedia para lê-las, ele dizia que não, não seria correto em relação à garota alta e seca, mas lhe assegurava que eram cartas lindíssimas, aquela garota sabia escrever muito
bem. Responder-lhe era um pouco trabalhoso, às vezes sentia dor de cabeça ao procurar o que dizer, esperava os dias de chuva para escrever, quando as filhas dos canalhas não apareciam na praça. Havia um bom tempo não se encontrava café, Giustino e as filhas dos canalhas bebiam um substituto no pequeno bar da praça. Elas sabiam uma canção que dizia: "O Piave murmurou: não tem mais café preto". As filhas dos canalhas esperavam a hora agá, a hora em que a Alemanha desembarcaria na Inglaterra. Aí então a guerra acabaria e a Alemanha e a Itália dividiriam entre si as colônias inglesas, e das colônias inglesas viria café e outras coisas mais, os ingleses eram o povo das cinco

refeições, porque tinham todas aquelas colônias. Os jornais só falavam da hora agá. Um dia correu um boato de que os alemães já haviam atravessado o canal da Mancha com uns naviozinhos, uma espécie de pequenos barcos à vela que deslizavam muito velozes, o mar das costas da Inglaterra estava escuro todo coberto de homens. As filhas dos canalhas estavam muito contentes e os canalhas também, só se falava daqueles pequenos barcos na praça, eram muito leves e tinham alcançado as costas da Inglaterra de noite, velozes e silenciosos como flechas. Mas os jornais não noticiaram nada e aos poucos foi preciso pensar que não era verdade, a notícia tinha surgido sabe-se lá como, os canalhas voltaram a jogar bocha, a hora agá ainda não tinha soado.

Giustino disse a Anna que não se importava com nenhuma das filhas dos canalhas, e sequer se importava com a garota alta e seca, não tinha ainda se apaixonado, a hora agá não tinha soado ainda para ele também. À garota alta e seca não escrevia cartas de amor, ou melhor, em toda carta escrevia como era bela a amizade entre um homem e uma mulher, a garota alta e seca lhe perguntava se era possível e ele lhe jurava que sim. Tinha encontrado uma estrofe de uma poesia francesa que dizia: "Si tu savais quel baume apporte — au cœur la présence d'un cœur — tu t'asséyerais sous ma porte — comme une sœur[iii]". Tinha copiado essa estrofe para a garota alta e seca, assim ela sabia que deveria se sentar à sua porta e basta, nada mais. Com as filhas dos canalhas era diferente, passava algumas cantadas e flertava um pouco. Ele não era como Ippolito que andava pela rua sem jamais olhar para uma mulher. Anna e Giustino se calaram e pensaram juntos em Ippolito, em como o encontraram no jardim público naquela manhã. E então Giustino disse que ia atrás das filhas dos canalhas, eram tão tontas que até o deixavam alegre.

16.

Anna saiu para ir ao açougue num dia que chovia muito forte. A senhora Maria lhe dissera que precisava de carne, lhe dera uma cesta e recomendara que não demorasse, Giustino tinha se trancado no seu quarto e gritado que fossem para o inferno com a carne. Com certeza estava escrevendo para a garota alta e seca. Anna caminhava pensando na garota alta e seca, que deveria se sentar à porta de Giustino "comme une sœur". Mas apesar de tudo era uma felizarda essa garota alta e seca que recebia cartas de Giustino, mesmo se ele escrevesse só nos dias de chuva. Giuma nunca lhe escrevera, só tinha chegado um cartão de visita da mamãe com os pêsames. E de repente pareceu incrível a Anna que Giuma nunca lhe tivesse escrito, que não estivesse interessado em saber se a história com a parteira terminara. A chuva batia forte na terra, as estradas eram rios lamacentos, as espigas se dobravam, chicoteadas pelo vento e pela chuva. Ela chafurdava na lama e pensava que ninguém gostava dela, mandavam-na para a rua debaixo de chuva atrás de um pedaço de carne. Pensava que ela não tinha nem pai nem mãe, e tinha encontrado o irmão morto em um banco de jardim e tinha uma criança dentro dela. Mas não tinha coragem de falar sobre a criança com ninguém e nem mesmo tinha coragem de ir procurar a parteira na cidade. Parecia-lhe que só teria coragem para fazer a revolução. Corria desesperada debaixo da chuva. Na praça do lugar estava parado um carro, um homem estava saindo da tabacaria e tentava acender um cigarro na chuva. Usava um longo impermeável branco que parecia uma camisola e um chapéu todo amarrotado e gotejante. Olharam-se por um momento e ela descobriu que aquele era o único rosto que tinha desejado ver no mundo. Correu então ao seu encontro e com um grito se pôs a chorar nos ombros do impermeável. Cenzo Rena reti-

rou do bolso um grande lenço colorido para lhe enxugar os olhos.

Levou-a até o carro e conversaram por algum tempo fechados ali dentro, debaixo de uma chuva torrencial, debaixo do menino de pedra com bandeira e barrete. Ela contava como tinha sido com Ippolito, como o tinham encontrado no jardim público naquela manhã. Cenzo Rena já sabia de tudo, recebera uma carta de Giustino. Suspirava e esfregava o rosto com a mão enquanto ela contava. Saíram dali e o carro chafurdava lentamente pelos campos. Na verdade não tinham por que ir imediatamente para casa, ele disse. Guiava com um braço em torno dos seus ombros, ela chorava e falava, não precisava procurar as palavras, ia lhe dizendo tudo aos poucos e seu coração ia ficando mais leve, pensou nesse momento que então ela e Cenzo Rena eram muito amigos, não tinha pensado nele muitas vezes mas ao vê-lo tinha sentido tamanha alegria, como se o esperasse havia muito tempo. Contava-lhe como Ippolito ficara enquanto os alemães ocupavam a França, como caminhava pelo quarto e remexia nas gavetas de noite. Mas não tinha sido por uma garota, tinha sido só pelos alemães, pela França e pela guerra, e talvez por tantas outras coisas que não se sabia bem, coisas estranhas, sabe-se lá. Pensou que finalmente tinha alguém que a escutava, quando falava com Giustino ou com Giuma sempre desconfiava de que não a estivessem realmente escutando. Não precisava procurar as palavras, e pouco a pouco contou que tinha a criança, olhou para ele e não viu no seu rosto espanto ou horror, aquele rosto a escutava e sentia piedade dela. Retirou de debaixo da saia o saquinho costurado que carregava para lhe mostrar as mil liras e pediu para ir com ela um dia procurar uma parteira na cidade, talvez precisasse rodar a cidade inteira e com o carro era muito mais fácil. Ele lhe perguntou então de quem era a criança. Disse que era de Giuma, de Giuma não era tão fácil falar. Giuma era assim, disse, tinha olhos azuis, tirava sempre os cabelos dos olhos e tinha dentes pequenos e agudos, lembravam um pouquinho os de uma raposa. Ele lhe perguntou se se gostavam. E ela disse que talvez não muito, Giuma tinha também a garota Fiammetta, que esquiava com calça de veludo branca. Perguntou-lhe por que tinham feito amor se não se gostavam muito, perguntou-lhe se queria passar a vida fazendo amor aqui e ali. Ela disse que ainda não tinha pensado como queria viver. Ele lhe perguntou quantos anos tinha e ela respondeu que tinha dezesseis. Ele disse que aos dezesseis anos uma pessoa deveria começar a saber como queria viver. Ela disse que queria viver fazendo a revolução. Ele então se pôs a rir muito, tinha dentes pequenos mas não de raposa, tinha pequenos dentes separados e alegres, como muitos grãos de riso. Disse-lhe que a revolução não tinha nada a ver com isso.

Ela recomeçou a falar de Fiammetta, de Montale e do café que parecia Paris. Parecia Paris como?, perguntou Cenzo Rena. Parecia Paris, ela respondeu, Giuma achava que se parecia tanto com Paris. Mas depois não parecia mais Paris e eles iam para trás dos arbustos ao longo do rio com mais frequência. E talvez não se gostassem muito, ela ficava mortificada e infeliz quando voltava para casa. Tinha entendido que Giuma não gostava muito dela quando lhe dera as mil liras, achava-se com mil liras na mão e

entendera que a história entre eles tinha acabado, e também que a história fora muito boba e pobre, com Giuma tendo que renunciar a comprar o barco. Antes talvez ela tivesse acreditado um pouco que iriam se casar. Entretanto ele lhe dera mil liras para que procurasse sozinha uma parteira na cidade. E ela não sabia onde encontrar as parteiras, havia a parteira de Concettina, mas ela se envergonhava em procurá-la. Não tinha contado para Concettina, não tinha contado para ninguém. Tinha contado só para ele, Cenzo Rena, sabe-se lá por que justamente para ele. Perguntou-lhe então se eram muito amigos, porque logo que o vira tinha conseguido lhe contar coisas que escondia de todos havia muito tempo. Embora, lhe disse, não pensasse muitas vezes nele. E Cenzo Rena disse que ele também não tinha pensado muitas vezes nela. Tinha pensado em Giustino, tinha vindo mais por Giustino do que por ela. Mas estava feliz por ela ter lhe contado tantas coisas. Disse-lhe para não pensar mais tanto na parteira e nas mil liras, no dia seguinte a levaria até a cidade para resolver aquela coisa. Chafurdaram ainda por um longo tempo lentamente pelo campo. Ela de vez em quando chorava mas se sentia tranquila e serena, como lavada pelas lágrimas, como se de repente o espanto e o silêncio do seu coração houvessem jorrado para fora.

Chegaram em casa tarde, e a senhora Maria veio ao encontro de Cenzo Rena com as mãos estendidas, os olhos semicerrados, suspirando forte para recordarem Ippolito juntos. Mas Cenzo Rena mostrava um rosto distraído, feliz e colorido pelo ar fresco, e sacudiu seu chapéu gotejante para a senhora Maria, e começou a descarregar as malas. A senhora Maria perguntou a Anna onde tinha colocado a carne, Anna bateu na testa com a mão, não se lembrara da carne. Cenzo Rena disse que não tinha importância, ele trouxera tantas latas de atum em conserva e também cerveja que se poderia fazer um belíssimo jantar, um banquete de casamento. A senhora Maria comentou depois com Concettina que não se vinha com uma cara tão feliz à casa de uma família que sofrera uma grande desgraça. Mas Cenzo Rena sempre fora um pouco louco, e na verdade ela estava contente que tivesse vindo porque ele falaria com o camponês sobre a colheita, era louco mas sabia lidar com os camponeses. Cenzo Rena entretanto dessa vez não fez festas para o cachorro e nem para o camponês, girava distraído pelos quartos com as mãos no bolso.

Sentaram-se à mesa, e Cenzo Rena comia atum em conserva a colheradas e falava da guerra. Anna, agora que o via junto aos outros, se envergonhava de tudo o que lhe havia dito. Cenzo Rena parecia tê-la esquecido. Mas de repente levantou os olhos para ela e fixou-a com um olhar firme, sereno e profundo. Em seguida voltou a falar da guerra. Não acreditava que a vitória já fosse dos alemães, essa era uma guerra na qual ninguém teria ganhado ou perdido, no final se veria que todo mundo teria perdido alguma coisa. Sem dúvida duraria muitos anos e não seria nada fácil. Porque agora havia tantas maneiras novas de enlouquecer as pessoas, os fuzilamentos, os tapetes de bombas, as armas incendiárias, os encouraçados voadores. E os alemães que matavam por matar, aliados ou não aliados. Concettina escutava com a criança no colo, e seus olhos

estavam circundados por uma sombra escura e perguntou de repente então por que é que ela pusera no mundo aquela criança. Cenzo Rena lhe disse para não fazer perguntas idiotas. Tinha posto no mundo aquela criança para cuidar dela e lhe dar leite. As crianças não eram postas no mundo para que estivessem bem, com muito o que comer e com os pés quentes, eram postas no mundo para que vivessem o que existia para ser vivido, até os tapetes de bombas, a carestia e a fome. Mas em seguida lhe disse que quando os bombardeios maciços começassem, ela poderia ir se refugiar com a sua criança na cidadezinha dele. Talvez a guerra não chegasse àquela cidadezinha obscura, perdida entre as colinas. Por falar em tapetes, disse, sentia muito ter se esquecido de mandar para Ippolito o tapete de Esmirna que lhe prometera. Falava de Ippolito sem baixar os olhos ou a voz, falava como se Ippolito estivesse vivo, no cômodo ao lado. Só por um instante tirou os óculos e esfregou os olhos e o rosto com a mão toda. E então seu rosto reapareceu, mais vermelho e como que tomado pelo sono. Agora lamentava ter manchado de tinta o tapete que Ippolito adorava, lamentava ter carregado o cachorro quando ele queria ir caçar. E também lamentava ter lhe dito palavras maldosas. Gostaria de poder tê-lo na sua frente para lhe dizer palavras bem diferentes. Não se perdoaria jamais pelas palavras maldosas que lhe havia dito. Havia lhe dito palavras maldosas porque tinha imaginado que assim o ajudava a se tornar um ser livre. E no entanto não o ajudara, só o humilhara, conseguia ver o seu sorriso de canto de boca. Emilio então disse que Ippolito tinha sido um ser livre, escolhera o dia da sua morte. Mas Cenzo Rena disse que um homem não tinha o direito de escolher o dia da sua morte. Além do que Ippolito não tinha escolhido nada, deixara-se enredar pelos pensamentos e morrera disso. Morrera asfixiado pelos próprios pensamentos, morrera antes mesmo de se sentar no jardim público naquela manhã. Emilio então perguntou se era um ser livre quem não pensava. E Cenzo Rena lhe disse que não fizesse perguntas idiotas. Era livre quem aceitava viver o que havia para ser vivido. Era livre quem fazia dos pensamentos saúde e riqueza, e não uma armadilha para acabar asfixiado. Em seguida começou a bocejar e a se espreguiçar, esticando seus longos braços, e disse que ia dormir. Emilio perguntou a Concettina se aquele tipo ficaria muito tempo nas "Amarenas", não gostara muito dele, ele até podia admitir que fosse um idiota mas não queria que lhe dissessem isso na cara. E Concettina pediu para Giustino imitar Cenzo Rena quando a cueca lhe arranhava todo, mas Giustino disse que não sabia imitar, era Emanuele quem sabia. Além do que não gostava que se fizessem gozações com uma pessoa quando ela mal tinha saído do cômodo.

No dia seguinte pela manhã Giustino saiu à procura de minhocas porque esperava ir pescar com Cenzo Rena de tarde. Recolheu tantas belas minhocas compridas, mas de tarde Cenzo Rena disse que ia com Anna até a cidade para lhe comprar um relógio, queria lhe dar um presente e vira que ela não tinha relógio. A senhora Maria ficou muito contente, pensou em um pequeno relógio de ouro de uma boa marca, que Anna carregaria no pulso pela vida inteira. Mas Giustino ficou mal e foi pescar sozi-

nho, e não pescava nada e acabou jogando as minhocas fora e se pôs a comer uns pedaços enormes de pão, como sempre fazia quando se sentia triste. Parecia-lhe que Cenzo Rena o cumprimentara distraidamente, parecia-lhe que não eram mais muito amigos, embora tivesse sido quem lhe escrevera pedindo para vir, tinha ficado tão contente ao ver o carro dele na noite anterior parado no portão. Passando viu na praça as filhas dos canalhas, mas naquele dia não estava com vontade de filhas de canalhas, pescar com Cenzo Rena teria sido a única coisa que gostaria de fazer, ou então escolher o relógio para Anna junto com eles na cidade. Mas Cenzo Rena não lhe dissera para entrar no carro com eles dois, despedira-se dele distraído com um aceno de cabeça.

Anna e Cenzo Rena corriam em direção à cidade, fazia sol, a estrada estava seca mas ainda sem poeira, o carro balançava nos sulcos profundos que a chuva tinha feito. Cenzo Rena lhe disse que um tempo atrás conhecia um médico naquela cidade, mas não sabia se ainda estava vivo e se morava no mesmo endereço. Disse que era melhor manter distância das parteiras, as parteiras podiam mesmo matar, muitas pobres garotas tinham deixado a pele nessa história. Anna tinha pensado a noite inteira em uma parteira com a cara da mãe de Danilo. De repente sentiu medo, perguntou o que lhe fariam, se era fácil morrer. Cenzo Rena disse que não, era só ir a um médico, as parteiras às vezes não lavam bem as mãos. Se não encontrassem mais o seu amigo, poderiam talvez procurar o pequeno doutor com cabelo de pintinho. Mas Anna disse que sentia muita vergonha do pequeno doutor, queria um rosto que nunca tivesse visto antes e que não tivesse que ver nunca mais depois. Cenzo Rena parou o carro abruptamente, perguntou-lhe se realmente queria se livrar daquela criança. Anna perguntou que outra coisa poderia fazer, Giuma jamais se casaria com ela e ela também talvez não gostasse nem um pouco de se casar com ele, tinha feito tudo errado e o que é que essa criança teria quando viesse ao mundo, só uma mãe que tinha feito tudo errado e não tinha coragem. Cenzo Rena disse que ninguém conseguia coragem de graça, a coragem era preciso construí-la pouco a pouco, era uma história longa e durava quase a vida toda. Estavam parados às portas da cidade, viam-se os telhados de zinco da fábrica de sabão. Disse a ela que até aquele dia tinha vivido como um inseto. Um inseto que não sabe nada além da folha sobre a qual está suspenso.

Perguntou-lhe se queria se casar com ele. Assim não precisaria jogar a criança fora. As ruas estavam cheias de crianças e podia até ser que se tornassem homens de cara dura e má, mas mesmo assim achava triste que se pudesse jogar fora assim uma criança. Ele não lembraria sempre que aquela criança não era seu filho, além do que eram tão idiotas as histórias sobre a voz do sangue, o seu sangue não tinha voz. Nunca lhe passara pela cabeça desejar um filho, mas visto que tinha um sobrando aceitava-o. Talvez fosse muito velho para se casar com ela mas todos os anos que carregava nas costas não pesavam muito, tinha galopado os anos rapidamente, nunca virara a cabeça para trás para contar o que perdera. E o que fazia envelhecer era virar a cabeça para trás para contar, ao contar ficasse subitamente velhíssimo, com o nariz adunco e os olhos ba-

ços e ávidos. Ele sempre galopara para a frente. Ela então olhou para ele atordoada e pensou em quantos anos poderia ter Cenzo Rena, cinquenta, sessenta, quem sabe. Não era mais preciso procurar um médico para fazer sabe-se lá o que no seu corpo para que se livrasse da criança. Iria se casar com Cenzo Rena, assim acabaria a sua vida, não surgiria nada mais de inesperado e estranho, Cenzo Rena, Cenzo Rena para sempre.

Disse que sim, que queria se casar com ele. Mas disse que sentia um pouco de frio ao pensar que decidira uma coisa para a vida inteira. Cenzo Rena disse que ele também sentia muito frio, longos arrepios gelados na espinha, mas quem tinha medo de arrepios gelados na espinha não merecia viver, merecia continuar suspenso em uma folha a vida inteira. E ela agora tinha que deixar a folha, nas folhas viviam os insetos, com seus olhos pequenos e tristes e as patinhas imóveis e, sua respiração curta, pequena e triste. Para que se casassem era preciso saber se se sentiam livres e felizes juntos, com arrepios gelados na espinha porque a alegria é também feita de arrepios gelados, um medo enorme de errar e vontade de correr adiante. E ele nunca se sentira tão livre e feliz como no dia anterior quando se pusera a pensar que podia se casar com ela, porque tinha pensado imediatamente nisso e esteve acordado a noite toda pensando nisso, e sentira tantos arrepios gelados que se levantou e bebeu conhaque e vestiu uma malha por cima do pijama.

Voltaram, pararam em uma taverna na estrada. Cenzo Rena pediu vinho, salame e figos. Os figos vieram dentro de uma cestinha cobertos por folhas úmidas, o salame estava cortado em rodelas cheio de olhos brancos e de grãos de pimenta. Anna perguntou se precisaria prestar exame em outubro, Cenzo Rena lhe disse que não, brindaram ao exame de matemática que fora por água abaixo. Cenzo Rena lhe disse que se casariam imediatamente, dali a poucos dias, e depois partiriam imediatamente para a sua cidadezinha, tirou do bolso um mapa da Itália e lhe mostrou onde ficava sua cidade, distante, onde começava o Sul. Lá a criança nasceria e ninguém jamais saberia que aquela criança não era dele, Cenzo Rena, mas de um garoto com dentes de raposa. Lá ficariam até o fim da guerra, depois ele recomeçaria a viajar, se é que haveria um depois, não valia a pena pensar nisso agora. Ela podia queimar na estufa todos os livros da escola, agora iria aprender outras coisas, quem sabe, aprender com a Maschiona a fazer omelete com cebola. Desenhou a Maschiona na margem de um jornal, a Maschiona era a sua empregada havia quase vinte anos. Desenhou um rosto triangular debaixo de uma espécie de nuvem preta e dois pés que saíam das orelhas. A Maschiona era assim, disse, só pés e cabelos. Escreveu imediatamente para ela um cartão-postal para lhe dizer que chegaria dentro de alguns dias com uma mulher e que era preciso lavar as escadas.

Em seguida entraram em um barbeiro porque Cenzo Rena estava com a barba comprida e ela o incomodava. No salão do barbeiro se olharam ao mesmo tempo no espelho e o barbeiro esperava. Riram muito ao se ver assim no espelho, ele com sua longa capa toda amassada e ela despenteada e atordoada com um vestido que tinha si-

do uma cortina. Não tinham nem um pouco o ar de estarem próximos de uma cerimônia nupcial, ele disse. Não tinham de jeito nenhum o ar afoito e triunfante. Pareciam ter sido atirados um contra o outro por acaso em um barco que afundava. Para eles não haviam soado toques de corneta, ele disse. E era essa a beleza, porque quando o destino se fazia anunciar com grandes toques de corneta era bom desconfiar. Os toques de corneta só anunciavam geralmente as coisas pequenas e fúteis e era uma maneira de o destino zombar das pessoas. Ouviam-se uma grande exaltação e altos toques de corneta no céu. E entretanto as coisas sérias da vida nos pegavam de surpresa, jorravam de um momento para outro como a água. Ela não entendeu bem o que eram esses toques de corneta, perguntou enquanto ele estava sentado na cadeira giratória com o rosto todo ensaboado. Os toques de corneta, ele disse, os toques de corneta. Aquele modo que o destino tinha para zombar das pessoas. Alguns esperavam a vida inteira algum pequeno toque, e a vida passava sem toques e se sentiam enganados e infelizes. E outros ouviam toques o tempo todo e corriam de lá para cá, e então ficavam muito cansados, tinham sede, mas não havia mais água para beber. Não existia nada além de poeira e toques. Na saída ainda lançaram um olhar para o espelho, ela lhe disse que de qualquer modo não queria mais usar vestido de cortina. Cenzo Rena lhe disse que estava enganada, os vestidos de cortina ficavam muito bem nela. Quando chegaram ao carro ele se inclinou para beijá-la, ela viu então bem de perto as manchas grisalhas nos cabelos e no bigode, e os óculos de aro de tartaruga e todos os grãos de riso.

Chegaram às "Amarenas" de noite e a senhora Maria os esperava na frente no portão. Disse que depois da coisa do Ippolito esperava sempre por desgraças, o seu coração não funcionava mais tão bem, assim que anoitecia sentia falta de ar se não estivessem todos em casa. Queria ver imediatamente o relógio, pegou o pulso de Anna para olhar. Cenzo Rena bateu com a mão na testa, tinha se esquecido, mas havia tempo para comprar relógios, havia muito tempo ainda. A senhora Maria ficou mal e estava muito surpresa, então o que tinham feito durante tantas horas na cidade. Cenzo Rena disse que não tinham estado na cidade. Parou para acariciar o cão e fazer festas, lhe pediu desculpas se não o tinha cumprimentado direito na noite anterior na sua chegada. Entraram na sala de jantar, Concettina fazia a criança dormir, Emilio e Giustino jogavam xadrez. Cenzo Rena disse que ele e Anna se casariam imediatamente, logo que os papéis estivessem prontos, aliás era preciso falar com aquele comandante que uma vez quis bater nele, lhe prometer um presente se se apressasse com os papéis, era melhor que a senhora Maria falasse com ele porque não queria nem ver a cara daquele comandante. Disse assim e todos permaneceram imóveis e em silêncio, e olhavam um pouco para Cenzo Rena e um pouco para Anna, e Concettina de repente deu a criança para a senhora Maria e se pôs diante de Cenzo Rena e lhe disse que enquanto ela ainda estivesse viva não deixaria acontecer essa sujeira. Disse-lhe para se olhar no espelho, talvez não tivesse percebido que era um velho e feio senhor de idade. Tinha dinheiro e então achava que podia comprar tudo, mas eles não se vendiam, o pai não os pusera no

mundo para que a uma certa altura alguém os comprasse. Cenzo Rena disse que não tinha tanto dinheiro assim, um pouco sim. Olhava-se frequentemente no espelho e sabia há muito tempo que era um velho e feio senhor de idade. Mas talvez a uma garota pudesse acontecer algo pior do que se casar com ele. De repente se enraiveceu terrivelmente, virou a mesinha do xadrez com o joelho, algo pior, gritava, algo pior. Giustino se inclinara para recolher as peças de xadrez do tapete. O que é que eles sabiam sobre Anna, gritava Cenzo Rena e caminhava de lá para cá pela sala, o que é que sabiam um do outro, tinham deixado Ippolito morrer em um banco de jardim. Concettina então se pôs a chorar, não era culpa sua se Ippolito estava morto, ela nunca havia pensado que quisesse morrer. Soluçava com o rosto coberto pelas mãos e a criança gritava e a senhora Maria a balançava bem devagar sobre os joelhos e olhava ao redor com os olhos desanimados, Cenzo Rena era louco, louco, e poderia acontecer que quebrasse a casa inteira. A mesinha de xadrez estava por terra com uma perna quebrada. Mas Cenzo Rena se acalmou repentinamente, pediu desculpas a Concettina por tê-la feito chorar, ajudou Giustino a recolher as peças do xadrez e olhou para a mesinha com a perna quebrada, podia-se muito bem colá-la, era fácil. Concettina disse que não deveriam nunca mais falar daquele banco de jardim, nunca, nunca. Tomava tanto cuidado para não pensar naquele banco, tentava arrancá-lo dos olhos. Pediu desculpas a Cenzo Rena por ter lhe dito que era um velho e feio senhor de idade. Cenzo Rena lhe disse que tinha razão, era um senhor bem velho, tinha quase quarenta e oito anos. Mas não estava pensando em comprar ninguém e nem queria fazer nada de sujo, queria fazer o bem e não o mal. Agora estavam todos muito quietos e tristes, estavam ao redor da criança e estalavam os dedos para que parasse de gritar, Concettina soluçava ainda bem devagar e lhe deram um copo d'água para que bebesse em goles pequenos. Depois se lembraram também de Anna e lhe deram também um pouco d'água, porque estava com o rosto muito cansado e pálido. Cenzo Rena disse a Concettina que lhe queria falar um momento a sós e que subissem juntos. Giustino foi buscar a cola e tentou com Emilio colar a perna da mesinha.

Concettina quando voltou para a sala estava muito fria e severa. Sentou-se em uma poltrona e acendeu um cigarro, a senhora Maria disse que fumar fazia mal para o leite mas ela não lhe deu atenção. Fumava e olhava furtivamente um pouco para a senhora Maria e um pouco para Anna. Disse que a senhora Maria deveria ir falar com o tal comandante logo amanhã, precisavam dos papéis para o casamento o mais rápido possível. A Anna disse que fosse dormir e a Giustino disse que largasse a cola e fosse para o seu quarto. Assim ficaram sozinhos Emilio, Concettina e a senhora Maria. A senhora Maria disse que sentia a cabeça rodando, era fato que Cenzo Rena e Anna iriam se casar, a um louco davam Anna em casamento, a um louco. E não tinham sequer perguntado a Anna se ela gostaria de se casar com um louco daqueles, se bem que mesmo que ela dissesse que sim não teria importância, vá saber o que lhe tinha contado aquele louco, apaixonara-se sabe-se lá como. A sua cabeça rodava cada vez mais for-

te, fechou os olhos e cravou os dedos nos braços da poltrona mas Concettina lhe disse que não acreditava naqueles seus desmaios, nos momentos difíceis imaginava sempre que fosse desmaiar mas não desmaiava nunca. Cenzo Rena não era louco porcaria nenhuma, disse Concettina. E ela não estava com vontade de dar explicações, casariam e basta. Fumava e alisava o vestido sobre os joelhos. Cenzo Rena a convencera, no fundo não era assim tão velho, não tinha nem quarenta e oito anos e tantos casamentos iam bem da mesma maneira com homens muito velhos e mulheres muito novas, ou o contrário, não tinha a menor importância. Agora ela queria que a deixassem em paz, não queria perguntas. A senhora Maria tentou comentar que ainda tinha a história da bebida. Mas Concettina disse que a senhora Maria era obcecada pela história da bebida, e até que Cenzo Rena não bebia tanto assim. E pensando bem a senhora Maria deveria gostar de Cenzo Rena que tinha dinheiro, ela sempre gostava tanto de gente com dinheiro, passava o tempo todo gemendo por causa do dinheiro que a avó possuíra quase um século atrás. E acima de tudo deveriam ter prestado mais atenção em Anna, ninguém nunca se preocupara em saber alguma coisa sobre Anna, como vivia, como pensava. O que será que a senhora Maria fazia o dia todo, remendava cortinas velhas para fazer vestidos. A senhora Maria fixava Concettina com olhos desanimados, por que será que Concettina de repente se tornara tão maldosa com ela. Disse que Anna era uma garota tranquila, não era preciso tomar muitos cuidados, não era como Concettina que quando garota tinha tantos namorados, trocava um por semana, e Danilo sempre parado diante do portão. Anna não tinha namorados, saía só de vez em quando com Giuma, que era um rapaz educado e distinto e se conheciam desde criança. Concettina concordou com a cabeça muito rapidamente e franzindo as sobrancelhas. E naquele dia a deixara sair com Cenzo Rena para que lhe comprasse o relógio, disse a senhora Maria, e ele não comprara o relógio e talvez ela se apaixonara sabe-se lá como, era um homem sem nada para se apaixonar, não achava que poderia acontecer algo de mal, implorou a Concettina que lhe contasse se tinha acontecido algo de mal. Não, disse Concettina, não. Acabara de fumar e esmagou com raiva o resto do cigarro no pratinho, e pediu a Emilio que parasse de tentar colar a mesinha, existiam milhares de mesinhas nas "Amarenas" e aquela podia ser jogada no fogo.

Anna e Cenzo Rena se casaram duas semanas depois, a senhora Maria se perguntava como era possível se casar assim sem enxoval mas Cenzo Rena lhe disse que comprariam o enxoval pelo caminho, um pouco aqui outro pouco lá. A senhora Maria se desesperava pensando o que teriam comprado pela estrada, e além do mais estavam de luto, deveriam ter esperado um ano no mínimo para um casamento, mas ninguém prestava atenção nela. Cenzo Rena e Anna se casaram na pequena igreja da cidade logo cedo pela manhã, e as testemunhas foram Emilio e o doutor de cabelos de pintinho, era cedo mas todas as filhas dos canalhas apareceram na igreja para ver. Em seguida Cenzo Rena e Anna subiram no automóvel e partiram para a famosa cidadezinha de Cenzo Rena, mas na última hora Cenzo Rena decidiu levar embora o cachorro, que

lhe parecera com um ar muito infeliz enquanto se despediam. Anna olhou para trás para ver pela última vez as "Amarenas", Concettina e a senhora Maria e Giustino no portão, e depois tudo desapareceu em uma nuvem de poeira, e mesmo eles que ficaram no portão não viram mais o pequeno carro cinza que arrancou na poeira e se ouviam só os latidos do cachorro à distância, talvez latisse assim durante toda a viagem porque não gostava de andar de carro e tinha medo. Giustino ficou mal por terem levado o cachorro, tinha se acostumado a lhe preparar sempre a comida, a levá-lo para se refrescar no rio e se ofendera porque Cenzo Rena se apoderara do cachorro sem sequer lhe pedir permissão, e estava magoado com Cenzo Rena e Anna porque tinham se casado, era o tipo de coisa que não conseguia entender, era uma coisa que não se compreendia, uma coisa sem sentido. Esperara que Cenzo Rena lhe explicasse por que se casara, mas Cenzo Rena quase se esquecera de falar com ele e entretanto tempos atrás tinham sido amigos, iam dançar com as filhas dos canalhas, e Giustino lhe escrevera tantas cartas em que lhe contava tantas coisas de si mesmo. Não gostava nem um pouco de pensar em Cenzo Rena e Anna casados, distantes vivendo juntos naquela famosa cidadezinha, Cenzo Rena lhe havia dito que viesse encontrá-los vez ou outra mas ele talvez não fosse. Terminado o verão voltaria para a cidade e viveria sozinho com a senhora Maria, e na cidade havia o banco de Ippolito, as margens do rio e a fábrica de sabão. Giustino às vezes pensava que gostaria de ir para a guerra, não teria ficado impressionado ao atirar onde todos atiravam, era sempre melhor do que ficar em casa com a senhora Maria, com os passeios ao longo do rio e a garota alta e seca. Deixara de escrever à garota alta e seca mesmo quando chovia, a garota alta e seca estava na praia e lhe mandara uma fotografia de maiô, ele deixara de escrever para ela porque achava que era magra demais.

Segunda parte

1.

A cidadezinha de Cenzo Rena se chamava Borgo San Costanzo. Houve um tempo em que passava o trem, mas não mais desde a guerra. Agora os trilhos permaneciam enferrujados por entre o mato alto e denso ao longo do rio, e a casa que tinha sido do vigia se transformara por alguns meses em um salão de dança, mas depois chegou a proibição de danças por causa da guerra. Agora a casa do vigia não era mais nada, os vidros estavam quebrados e as portas arrombadas e ali vinham dormir uns velhos que não tinham onde dormir e penduravam as calças esfarrapadas nas cercas de madeira, entre girassóis esturricados e do avesso. O mato era alto e denso só na vizinhança do rio, mas subindo pelas vertentes das colinas se tornava ríspido e queimado e as colinas ao poente não tinham casas ou árvores, no levante entretanto viam-se vinhas açoitadas pelo vento entre trilhas arenosas e as pedras, e mais no alto havia pinheiros pequenos e hirtos, e lá onde começavam os pinheiros ficava a casa de Cenzo Rena, que avançava sobre um precipício de pedras amontoadas.

A cidadezinha era cortada no meio pela estrada, e ao longo dessa estrada passava o carro do correio duas vezes por dia, balançando com o peso da gente amontoada nos estribos e no teto. O motorista parava por alguns minutos na praça da prefeitura, e jogava o saco do correio para fora da janela, e então seguia para outro lugar balançando pela estrada de areia. Na praça da prefeitura cresciam quatro pequenas árvores, com as cabeças tosadas e redondas, e o coche da velha marquesa estava sempre parado ali e o cocheiro que montava guarda espantando com o arreio os meninos que tentavam subir. Vez ou outra a marquesa saía para um passeio, e então o coche de teto de vime ia e vinha ao longo da estrada, e o boá de plumas pretas da marquesa flutuava pelo ar. O

palacete da marquesa ficava espremido entre os becos e as correntes de água, casas inclinadas e fumacentas e o cercado dos porcos, e havia um grande portão com batentes de bronze e ornamentos em azul pintados na fachada, e no alto no terraço se erguia um carvalho cheio de passarinhos.

Assim era o Borgo San Costanzo, cidadezinha de Cenzo Rena, e no dia que Cenzo Rena e Anna chegaram à praça da prefeitura, todo mundo saiu para ver a mulher que Cenzo Rena arranjara, e ficaram decepcionados com aquela pequena mulher, descabelada e vestida com o impermeável de Cenzo Rena que lhe batia nas canelas. Achavam que se parecia com a filha do comerciante de tecidos, mas numa versão piorada, e achavam que não era preciso ir tão longe para arranjar uma mulher como essa. E a velha marquesa também tinha se debruçado na janela do coche, com a cara gorda e coberta de pó de arroz e com os olhos pintados de azul nas pálpebras e em todo o contorno, e a Anna pareceram todos camponeses do Sul, também a velha marquesa e o comerciante de tecidos, em pé na porta da sua loja com os dedos enfiados no colete. E um minuto depois ela sentia uma vontade terrível de estar de novo na sua casa, nas "Amarenas" ou na sua casa da pequena cidade, com Giustino e a senhora Maria e sem camponeses do Sul, e quando se viu na praça da prefeitura também Cenzo Rena lhe parecera um estranho, ele também um camponês do Sul, e de repente parecia ter se esquecido dela e se pusera a falar ininterruptamente com um homem em cima de um burrico, eram muito amigos e combinavam juntos sabe-se lá o quê, alguma coisa que dizia respeito à posse de terra. Riam alto e davam-se tapas nas costas, e ela estava ali parada esperando entre aquelas quatro árvores, e a seu lado estava a Maschiona com seus pés enormes descalços na poeira, e procurava alguma palavra para dizer à Maschiona, mas não encontrava palavra nenhuma, e a Maschiona olhava para ela com medo, e de vez em quando soltava um suspiro e esfregava seu grande nariz escuro com a palma da mão. O cachorro entretanto estava muito contente de não estar mais no automóvel, e corria pela praça latindo atrás de um grupo de meninos, e rolava pela poeira amarelada e arenosa, e ia cavar no meio do lixo amontoado atrás da loja de tecidos.

Cenzo Rena mandou fazer imediatamente uma coleira com pontas de ferro para o cachorro porque ao Borgo San Costanzo no inverno às vezes desciam lobos, vinham do pinheiral e todos os cachorros usavam coleiras como aquela para se defender. Por causa dos lobos a Maschiona nunca concordara em dormir naquela casa nos limites do pinheiral, e de noite passava a mão no balde com os restos dos pratos e ia correndo dormir lá embaixo na casa dela, amontoada entre sobrinhos e irmãs, porque mesmo no verão parecia ouvir uivos de lobos no pinheiral de noite. Os restos dos pratos eram para os porcos, o seu e aquele de Cenzo Rena, criados juntos no chiqueiro de sua mãe. Voltava de manhã cedinho, subia com seus grandes pés nus pelos montes de pedras, e girava pelos cômodos da casa com um frasco, borrifando água no chão de tijolos.

A casa de Cenzo Rena eram grandes cômodos quase vazios, com armários pretos que pareciam ataúdes encostados nas paredes brancas, e com cadeiras espreguiçadeiras

de praia, Cenzo Rena não suportava cadeiras diferentes daquelas. Ao redor se viam coisas inúteis e não belas que ele comprava em suas viagens, bolsas para fumo bordadas em prata e longos cachimbos com cabeças esculpidas e casacos da Tartária e chapéus de pele, mas nada conseguia encher aqueles cômodos enormes, com as frias cadeirinhas de praia.

De vez em quando os camponeses apareciam na casa de Cenzo Rena. Vinham também de povoados distantes para lhe pedir conselhos e para que ele lhes escrevesse cartas, sobretudo pediam a ele conselhos, sobre doença e sobre casamentos, e sobre compra e venda dos sítios, e sobre a posse das terras e sobre como fazer para não ir para a guerra. Às vezes nem tinham muito o que lhe perguntar, mas sentiam prazer sentados naquelas estranhas cadeirinhas de pano e esperavam para ver se a Maschiona iria trazer grapa ou vinho. Cenzo Rena os chamava pelos nomes e ria alto com eles, e Anna não gostava quando ria com eles e lhes dava fortes tapas nas costas e falava o dialeto da cidadezinha. Parecia sentir grande satisfação em se passar por protetor dos camponeses. Quando não aparecia nenhum camponês, Cenzo Rena ficava muito triste. Rondava desanimado pelos cômodos e tocava nos casacos tártaros e nos cachimbos e dizia que estava morrendo de vontade de partir de novo em viagem, subir no trem e se deixar levar para longe, descer em uma estação estrangeira e encher os bolsos com jornais estrangeiros e se sentar em um bar e pedir alguma coisa verde para beber. Amaldiçoava a guerra que não o deixava viajar e amaldiçoava o cheiro de carneiro capado que a Maschiona cozinhava para o jantar, carne escura e velha de carneiro capado era o que havia para comer em Borgo San Costanzo desde que havia a guerra, e perdia a vontade de comer se lembrando dos capados gordos voltando da pastagem, com suas velhas barrigas encrostadas de barro. Então entrava no carro e corria com Anna para além da cidadezinha pela estrada arenosa, procurava outras cidadezinhas espalhadas pelas colinas e outros camponeses, havia sempre alguém que lhe fazia festa e oferecia vinho e falava com ele sobre a posse das terras. E assim Cenzo Rena ficava de novo feliz. Anna se sentava em um canto e engolia o vinho em pequenos goles, e sentia uma vontade terrível de estar longe dali, em um lugar qualquer sem camponeses.

Cenzo Rena explicava a Anna que aquelas cidadezinhas não eram as mais miseráveis. As verdadeiras cidadezinhas miseráveis estavam ainda mais ao sul, cidades só de camponeses pobres, sem escolas, sem farmácias, sem médicos. Em Borgo San Costanzo havia o doutor e a escola, mas o doutor não dava a menor bola para doenças e a professora não dava a menor bola para as aulas, com o passar dos anos se tornavam cada vez mais tristes e mais cínicos e deixavam suas profissões apodrecer em suas próprias mãos. De modo que era uma cidadezinha bastante miserável aquela também, e depois da guerra seria preciso fazer a revolução. Anna, ao sentir falar da revolução, despertava e perguntava se deixaria que ela fizesse a revolução com ele. Mas fazer a revolução para Cenzo Rena queria dizer ir até a prefeitura e retirar todos os velhos processos que apodreciam nas gavetas, e fazer com que a marquesa soltasse o dinheiro para arrumar o es-

goto, e para montar um ambulatório, com um médico bom que não se deixasse apodrecer. Todas coisas que agora pareciam um sonho, porque havia o fascismo e o fascismo queria que as pessoas se deixassem apodrecer. Anna não gostava daquela revolução, a revolução para ela era atirar e fugir pelos telhados e se entristecia pensando na tediosa revolução de Cenzo Rena, alguns processos sacudidos e a velha marquesa brigando.

Certo dia apareceram na casa de Cenzo Rena dizendo que os judeus estavam para chegar em Borgo San Costanzo. A polícia esparramava os judeus pelas cidadezinhas do interior, com medo de que se permanecessem nos grandes centros causassem algum dano à guerra. Já estavam em Masuri, em Scoturno, parecia que tinham se esquecido de San Costanzo. Mas agora entretanto estavam para chegar. Durante algum tempo, esperou-se em San Costanzo a chegada dos judeus, em Masuri e nas outras cidadezinhas haviam chegado judeus muito ricos, que gastavam muito dinheiro. Esperaram os judeus na praça da prefeitura. Mas os judeus que chegaram a San Costanzo eram judeus pobres, três velhinhas maltrapilhas de Livorno com um canarinho na gaiola, e um turco que tremia de frio com um sobretudo claro. As velhinhas de Livorno se puseram imediatamente a mostrar que estavam calçando sapatos com a sola furada até a meia. O secretário da prefeitura acompanhou o turco à pensão que ficava ali mesmo na praça, no andar de cima da taberna, e o alfaiate acomodou as velhinhas em uma espécie de celeiro que possuía. O canarinho das velhinhas morreu logo depois, a Maschiona havia prevenido, aquela não era uma cidade para canarinhos.

Pouco a pouco o turco e as velhinhas se tornaram rostos do lugar, todos se habituaram a vê-los por ali e descobriram tudo sobre eles, e agora todos diziam que os judeus eram gente como os outros, vá saber por que a polícia não os queria na cidade, vá saber que danos poderiam causar. E estes eram ainda pobres e era preciso ajudá-los, quem podia lhes dava um pouco de pão, um pouco de feijão, as velhinhas saíam pedindo e voltavam com os aventais cheios. Em troca faziam remendos tão bem-feitos que não se via nada, remendavam não com linha mas com fios do cabelo delas, era um hábito judeu. Frequentemente subiam até a casa de Cenzo Rena e a Maschiona as fazia sentar na cozinha, servia café com leite, eram velhas e ela pensava na mãe se precisasse andar por aí mendigando. A única coisa que lhe dava nojo só de pensar eram os remendos feitos com seus cabelos. As velhinhas eram três irmãs, uma comprida, comprida, e duas baixinhas e iguais, impressionava ver as duas velhinhas gêmeas que não se distinguiam uma da outra. O turco estava sempre sentado na praça da prefeitura, como um velho macaco doente de frio, com um casaco de lã com quadrados vermelhos e amarelos que fora de Cenzo Rena, e esperava que Cenzo Rena viesse para a praça para falar em turco com ele. O inverno chegara de repente a San Costanzo, depois de um longo outono empoeirado e quente como o verão. O inverno em San Costanzo era neve, vento e sol, um vento seco que arranhava a garganta e chicoteava o rosto com uma chuvinha gelada, e sibilava por entre os tijolos soltos do teto e sacudia os vidros amarelados pela fumaça das pequenas janelas. As trilhas eram lâminas de gelo e grandes pla-

cas de gelo pendiam das fontes e as pessoas de San Costanzo se surpreendiam com todo aquele frio, todo ano se surpreendiam e se lamentavam como se vissem o inverno pela primeira vez, e as mulheres gemiam e se arrepiavam como se pegas de surpresa, com os braços nus e roxos e no pescoço uma echarpezinha que esvoaçava. A Maschiona também usava sempre o seu vestido azul gasto do verão, só que agora usava meias de lã grossas pretas e sapatos de homem, e um lencinho preto ao redor do pescoço. Cenzo Rena havia muitos anos lhe dera de presente um casaco com gola de pele, mas a Maschiona o mantinha guardado dentro do armário e não tinha coragem de usá-lo, ia de vez em quando acariciar a gola e esfregava as mangas no rosto e ficava muito contente, não o vestia porque temia que rissem dela, em San Costanzo não se usava casaco.

Muitos da cidadezinha tinham partido para a guerra, haviam feito de tudo para continuar em casa e aqueles que tinham porcos deram presunto, salame de presente para o comandante, as mulheres tinham ido de noite ao quartel com os salames escondidos no xale. E teve quem conseguiu com os salames permanecer em casa mas poucos, ou era pouco o salame ou então o comandante não pudera fazer nada. E agora quase toda casa tinha alguém na guerra e a família que esperava o correio. À uma se podia ouvir o boletim radiofônico na praça, mas vinham ouvi-lo só o turco, Cenzo Rena e o comerciante de tecidos, os outros não vinham ouvir porque não entendiam o que estava acontecendo com os italianos pelos boletins, se estavam ganhando ou perdendo, e preferiam que Cenzo Rena lhes explicasse tudo e ele explicava apontando o mapa.

O turco estava muito contente porque a guerra não ia bem, na África os italianos fugiam para o deserto, na Grécia havia uma mixórdia de neve barrenta e os italianos não conseguiam avançar. Mas Cenzo Rena lhe dizia em turco para não se iludir, a guerra ainda duraria muito, os italianos não eram bons de combate porque não tinham sapatos e porque não gostavam da guerra, os alemães tinham sapatos e tudo o mais e gostavam muito de guerra porque gostavam de matar. O turco ao ouvir falar dos alemães ficava pálido e começava a tremer, se os alemães ganhassem a guerra o que seria dele, turco-judeu, nunca mais voltaria para casa. Não tinha grandes queixas dos italianos, tudo o que lhe fizeram foi mandá-lo para San Costanzo, tinha sido pescado em Roma quando vendia tapetes pelas ruas, e o deixaram um pouco na cadeia e depois o mandaram para ali. Não que passasse mal mas sentia muito frio, mesmo com a malha de Cenzo Rena e o casaco com quadrados vermelhos e amarelos, no seu quarto na pensão só colocavam uma baciazinha com algumas brasas que aqueciam apenas as mãos. Percebia-se que vendera tapetes porque estava sempre com os ombros curvados, como se debaixo de um grande peso, dava para imaginá-lo andando com os tapetes pendurados nos ombros.

2.

Em dezembro começou a cair uma neve fina e pesada, a cidadezinha foi totalmente coberta, o sol desapareceu engolido por nuvens cinza de neve e a Maschiona chamava Anna para que ouvisse os uivos dos lobos no pinheiral, Anna aguçava os ouvidos mas não ouvia nada. Agora a Maschiona não tinha mais medo dela, chamava-a a todo instante à janela para lhe mostrar alguma coisa, o cachorro que comia neve ou seu sedutor que passava correndo de carroça, uma coisa que acontecera muitos anos atrás e a criança morrera com poucas horas, e a Maschiona achava que era por isso que não encontrara marido porque não era tão feia assim uns tempos atrás. Esfregava o vidro da janela com o xalezinho para ver bem o seu sedutor que passava balançando sobre a carroça, sentia-se feliz porque ainda era um belo homem com grandes bigodes ainda pretos, não guardava ressentimentos depois de tantos anos, ele se casara com uma de Masuri que possuía muitas terras, tinham muitos filhos e um deles estava combatendo na Grécia. A Maschiona se sentia feliz pela sua antiga criança morta em poucas horas, porque poderia agora estar em combate naquela mixórdia de neve na Grécia, e ela esperando uma carta. E assim ao menos não esperava mais nada, nem o bem nem o mal. Mas a criança de Anna que estava para nascer não combateria em nenhuma guerra, dizia a Maschiona, porque Cenzo Rena conhecia tantos truques para que não mandassem as pessoas para a guerra e era tão rico que arrumaria um jeito de não mandá-lo. A Maschiona se sentia feliz por aquela criança que estava para nascer, e tricotava calçõezinhos de lã de ovelha, e Anna sentia vergonha pensando que aquela criança que estava para nascer na casa não era de Cenzo Rena, mas sim de um garoto distante com dentes de raposa. Sabiam disso ela, Cenzo Rena e Concettina e basta, Cen-

zo Rena fizera Concettina jurar que jamais contaria nada para ninguém. E Giuma, o que será que sabia, por onde andava, ela tinha mandado para Stresa as mil liras em uma carta registrada. Repetia para si o nome de Giuma, como era estranho que nunca tivesse existido um garoto chamado Giuma, um garoto que lia Montale e tomava sorvete no café de Paris. De repente se reencontrava naquele quente verão, com a França derrotada e Ippolito sobre o banco. Mas não queria pensar em Ippolito, arrancava o tal banco dos olhos, tinha medo de que a criança se sentisse mal se ela soluçasse.

Tinha se tornado muito gorda e pesada, e passava os dias sentada com as mãos sobre a barriga, deixando a criança crescer dentro dela. Sentava-se ao lado da lareira e remexia com as pinças as brasas e pensava na criança e a via com os olhos azuis e dentes pontudos, achava que logo depois de nascida já deveria ter muitos dentes de raposa. Não sentia nenhum rancor em relação a Giuma, assim como a Maschiona não sentia rancor em relação àquele homem que passava de carroça, a ela também parecia que muitos anos já tinham passado, sentia-se uma pessoa diferente daquela que estivera com Giuma atrás dos arbustos ao longo do rio. Agora quando pensava "no rio" só via o rio de San Costanzo, aquele rio estreito e transparente por entre o mato que rodeava os trilhos enferrujados da ferrovia, um rio que sequer aparecia nos mapas. A lareira ficava acesa o dia todo e de vez em quando aparecia a Maschiona e jogava um pedaço de madeira e algumas pinhas secas e assoprava. O calor chegava só até alguns metros da lareira e o resto era gelado. Cenzo Rena dizia que depois da guerra mandaria colocar um sistema de aquecimento se é que haveria um depois, quem sabe, talvez não. Usava duas malhas e um casaco forrado de lã de ovelha e lia ao lado da mesa, tinha decidido adquirir cultura visto que não viajava. Ouvia-se a corneta do correio e a Maschiona se debruçava na janela para ver a jardineira ir embora, carregada e bamboleante na neve. Anna às vezes imaginava que Giuma chegaria de repente a Borgo San Costanzo, por exemplo com Franz que era judeu e o mandavam para lá como tinham feito com o turco e as três velhinhas, de repente desciam da jardineira Giuma, mamãe, Amalia e Franz. Acomodavam-se na pensão, lhe vinha uma vontade de rir pensando na mamãe na pensão com o turco, comendo carne cozida de carneiro castrado. Mas depois de pensar na chegada de Giuma não havia mais nada para pensar sobre ele, o que poderiam dizer ainda um ao outro, desaparecera para sempre da sua vida. Cenzo Rena pegava o livro e ia se sentar próximo à lareira diante dela, agora descobrira um tal que se chamava Ricardo, Ricardo com um "c" só, era um grande economista e tinha adivinhado quase tudo. Lia alto páginas do tal Ricardo e de vez em quando parava e perguntava se não era bonito. Mas ela não estava ouvindo Ricardo da mesma maneira como não ouvia Montale quando Giuma lia, e agora em vez de pensar em Ricardo pensava em Montale, pensava que gostaria de ter algumas poesias de Montale ali com ela. Mas não havia poesias de Montale entre os livros de Cenzo Rena. Cenzo Rena era seu marido, pensava, mas não estava ainda convencida de que era seu marido, algumas vezes ainda o chamava de Cenzo Rena em seu íntimo. Algumas vezes de manhã quando

acordava não se virava imediatamente, para não ver logo aquela estranha cabeça grisalha ao seu lado. Aquela cabeça quando acordava de manhã lhe era desconhecida, como se no sono se perdessem todos os dias que passaram juntos, e a consciência de serem marido e mulher. Então se punha a pensar que Cenzo Rena sempre estivera presente na vida dela, fora amigo do pai, mandara chocolates e cartões-postais de todas as partes do mundo, os cartões que a senhora Maria enfileirava no espelho da cômoda. Aquela cabeça grisalha do seu lado conhecera Ippolito, Giustino e a senhora Maria. E mesmo assim achava estranho encarar aquela cabeça sobre o travesseiro. Encarava e começava o dia, com o fogo na lareira e a Maschiona e os pensamentos que pouco a pouco ia desenrolando, novamente imersa no seu silêncio de inseto. Como era difícil ser marido e mulher, não bastava dormir junto e fazer amor e acordar com a cabeça ao lado, não bastava para ser marido e mulher. Ser marido e mulher queria dizer fazer dos pensamentos palavras, continuamente fazer dos pensamentos palavras, e então até se poderia achar que não era mais estranho uma cabeça ao seu lado no travesseiro, quando havia as palavras, um livre fluir de palavras que renasciam frescas toda manhã. Lembrava-se daqueles dias nas "Amarenas" quando falara tanto com ele, agora era difícil falar, estava novamente no seu silêncio de inseto. Cenzo Rena lhe dizia para não fazer aquela cara de inseto. Sacudia-se e esfregava os olhos, e tentava mandar embora o silêncio do seu coração. Dizia-lhe então que não tinha entendido muito o Ricardo, ele dizia que sabia disso mas não tinha importância, só deveria se lembrar de que era Ricardo com um "c" só, não dois. Perguntava-lhe se gostaria de dar uma volta no pinheiral, saíam com um longo bastão com pontas de ferro por causa dos lobos, caminhavam na neve mole e profunda entre os pinheiros, viam-se pegadas na neve e Cenzo Rena dizia que eram pegadas de lobos, até que descobria que na verdade eram pegadas do cachorro que correra na frente. Cenzo Rena caminhava batendo o bastão nos troncos dos pinheiros para fazer a neve cair, e lhe dizia para não se atormentar se não entendia Ricardo, havia outras coisas para serem entendidas antes, e por exemplo dali a pouco haveria a criança para ser entendida. Entravam de volta e na sala encontravam os camponeses. Anna voltava a se sentar no seu lugar ao lado do fogo, pegava novamente a pinça e remexia as brasas. Os camponeses lhe davam uma olhada e pensavam que Cenzo Rena tinha arrumado uma mulher muito comum apesar de ter girado por tantas cidades, uma mulher que sequer causava embaraço de tão feinha e jovem, sem nada de senhora. Os camponeses estavam com o chapéu na cabeça e o cachecol no pescoço, estavam ao redor da mesa e mandavam vinho para dentro, estavam de passagem só por alguns minutos para saber da guerra. E não ia muito bem e já se estava perdendo a paciência, que acabasse logo. E em seguida contavam que a marquesa escrevia cartas anônimas contra Cenzo Rena para a delegacia de uma cidade vizinha, escrevia uma por semana, mas talvez já conhecessem a letra dela na delegacia e as jogavam no cesto sem abri-las. A marquesa escrevia que Cenzo Rena mantinha acorrentada a sua empregada chamada Maschiona e a chicoteava até sangrar, ou então escrevia que Cenzo Rena era

comunista porque estava sempre com camponeses, ou então escrevia que ele escondia no porão toneladas de café. Os camponeses chamavam a Maschiona para que mostrasse as marcas das correntes e riam muito se dobrando sobre os joelhos, e mandavam vir mais vinho e alguém contava que a marquesa toda manhã fazia a barba, até se ensaboava com o pincel. E Cenzo Rena também ria e bebia e dava grandes palmadas nas costas de todos. Mas assim que os camponeses iam embora, se virava para Anna e lhe perguntava por que fazia aquela cara de inseto quando os camponeses estavam ali.

E Anna lhe disse uma noite que fazia cara de inseto não porque não gostasse dos camponeses, mas porque não gostava dele, Cenzo Rena, quando estava com os camponeses, aquelas palmadas nas costas que ele dava e aquela falação em dialeto, como lhe dava satisfação passar por protetor dos camponeses. Cenzo Rena permaneceu calado por um instante, e de repente ficou todo vermelho e as veias do pescoço estufaram, ele não passava por protetor dos camponeses, ele era o protetor dos camponeses, era amigo e interlocutor dos camponeses, a única coisa que os camponeses tinham naquela cidadezinha miserável, onde tudo apodrecia pouco a pouco. Os camponeses iam à prefeitura e esperavam horas e horas, sentados no chão e nas escadas, até que os chamavam na sala onde estavam o secretário municipal e o interventor atrás de uma mesa, o secretário os ouvia cortando as unhas com uma tesourinha curva, depois escrevia alguma coisa no livro de registro e com a cabeça fazia sinal para sair. E eles levantavam os ombros, suspiravam e saíam, e sabiam que não aconteceria nada mais, tudo o que pediam à prefeitura caía naquele livro de registro como uma pedra em um poço. E mesmo o interventor que parecia um deles quando o viam ordenhando as vacas no seu curral e vendendo o leite, também o interventor atrás daquela mesa se tornava a prefeitura, um poço que engolia as pobres histórias dos camponeses, as engolia e fazia desaparecer para sempre, como se nunca tivessem existido. Mas quando ele chegava à prefeitura o interventor ficava com medo e voltava a ser um pequeno camponês, pedia desculpas pela letra trêmula, passara a vida carpindo a terra. E o secretário tinha medo e apoiava a tesoura e se punha a mexer nos arquivos e nos registros. Assim ele, Cenzo Rena, conseguira subsídios para os pobres, salvando velhos processos amarelados do fundo de gavetas e todo mês ia à prefeitura ver se estavam distribuindo os subsídios, e ia também à farmácia ver se tinha soro contra a mordida de cobra, aporrinhava sempre todo mundo, o doutor, o veterinário, a professora, ia também ver o que a professora ensinava, e até uma vez tinha tido uma dor de cabeça por causa de uma professora que se apaixonara por ele e esperava que ele a pedisse em casamento. E para depois da guerra tinha muitos planos se o fascismo degringolasse e se houvesse o depois, se houvesse o depois ele tinha um monte de pequenos bons planos que apoquentariam todo mundo. Andava de lá para cá pelo cômodo como se falasse para si mesmo. Mas de repente se lembrou dela e lhe disse para ir dormir, o fogo tinha se apagado e poderia sentir frio. Talvez ainda estivesse um pouco zangado e só fez um aceno com a mão enquanto ela ia embora.

3.

Chegou uma carta da senhora Maria dizendo que viriam a San Costanzo para o Natal, ela e Giustino. Anna ficou muito contente, nunca pensara que ficaria tão contente com a ideia de ver a senhora Maria. Com a Maschiona pôs-se a limpar a casa, e ia falando da senhora Maria, que usava sempre certos sapatos com laços, sabe-se lá como faria para subir pelas pedras com os seus sapatinhos, e sabe-se lá se comeria o castrado, era sempre tão enjoada com a carne e com o cheiro que tinha. A Maschiona dizia para não se preocupar com o castrado, nos dias de Natal haveria vitela. Quando o açougueiro ia matar uma vitela a cidadezinha toda ficava sabendo imediatamente, e um dia antes já tinha quem corria escondido até o açougue e deixava presentes para que o açougueiro reservasse um pedaço de carne, e de noite na porta do açougue estavam dois soldados e uma fila de mulheres, que esperavam por horas e horas e pouco a pouco começavam a se insultar, e a Maschiona era a mais feroz, plantada diante da porta na defesa do seu lugar. Nas noites de vitela ouvia-se um grande rumor de vozes na praça diante do açougue, e de repente a porta que se abria, altos gritos e a invasão do recinto e os soldados eram enfrentados e afastados. Cenzo Rena se debruçava na janela e chamava Anna e dizia que aquele era o Sul, gente miserável pronta a se deixar pisotear por um pedacinho de carne, e muitas vezes depois de todas aquelas horas em pé e aquela batalha toda, só conseguiam um pouco de pulmão porque o dinheiro que tinham não dava para comprar mais nada. Mas a batalha os divertia também, e a Maschiona quando ouvia falar de vitela se tornava alegre e feroz, pensando como esperaria e como gritaria na porta do açougue à noite.

Era uma das noites da vitela e Anna não conseguia dormir, um pouco por causa

do barulho da praça e um pouco porque a senhora Maria e Giustino deveriam chegar na manhã seguinte. Virava e revirava na cama com o coração batendo muito forte e finalmente era de manhã e a Maschiona entrou para mostrar o pedaço enorme de vitela que tinha conseguido, e as manchas roxas nos braços por causa dos beliscões e dos socos. Anna e Cenzo Rena esperaram na praça da prefeitura, esperaram muito até que viram a jardineira vindo de longe, balançando e carregada, e em seguida de dentro da jardineira saltou a senhora Maria repleta de embrulhos, caixas e uma garrafa de café com leite, e do teto desceu Giustino e um pouco depois Emanuele que tinha estado em Roma para negócios da fábrica de sabão e ele também quis conhecer San Costanzo. Emanuele e Cenzo Rena fizeram grandes festas um ao outro, parecia que tinham esquecido daqueles tempos nas "Amarenas" quando não eram muito amigos, agora se davam tapas nas costas e se sacudiam com força e ouviam-se as risadas de Emanuele sempre parecidas com o arrulhar de um pombo. Anna, ao ouvir aquelas risadas, reencontrava tudo pouco a pouco, o jardim e os muros de hera da casa da frente, Ippolito e o rádio e a França e junto Giuma e os arbustos ao longo do rio, tudo retornava em seu coração com
um suspiro forte e profundo. O cachorro correu ao encontro e latia pulando sobre Giustino e Giustino se inclinava para acariciá-lo e lhe falava ao ouvido, a senhora Maria lhe disse que se importava mais com o cachorro do que com a irmã. A senhora Maria se vestira como se fosse para o Polo Sul, com um capote grosso cinzento e peludo que mandara fazer quando fora com a avó para Saint Moritz, e não usava sapatos com laços mas botinhas amarradas. Estava com as mãos ocupadas com bolsas e caixas, a Maschiona queria pegá-las mas ela não queria dá-las.

Emanuele estava muito contente porque a guerra ia muito mal, os italianos tomavam na cabeça um pouco por todos os lados e ainda por cima os alemães não tinham conseguido desembarcar na Inglaterra, a Inglaterra continuava sempre lá no seu mar e sobre a hora agá ninguém mais falava. Não era mais como nos tempos da França, quando ele passava os dias dormindo para não saber de mais nada, e seus olhos se encheram de lágrimas ao se lembrar de Ippolito, não podia lhe perdoar ter escolhido a morte, agora poderia estar ali com eles vendo as belas coisas novas que aconteciam todos os dias. Agora a história da França parecia só um pequeno episódio, antes parecia que tudo tinha se acabado e no entanto ainda se viam belas coisas. Ele começara a se sentir renascer quando tinha ouvido que os ingleses haviam recuperado Sidi-el-Barrani, passou a noite toda acordado e continuava a repetir: "Recuperaram Sidi-el-Barrani", e aquele nome Sidi-el-Barrani fazia bater o seu coração, queria ir conhecer Sidi-el-Barrani logo que acabasse a guerra. Mas aí então Cenzo Rena começou a se irritar, o que é que estava acontecendo de tão belo todos os dias, gente desgraçada que se arrebentava na África e na Grécia, tantos pobres filhos da mãe. Iam pelos becos estreitos da cidadezinha e Cenzo Rena mostrava as casas que tinham alguém na guerra e já haviam chegado notícias de mortos e desaparecidos, rostos que parecia ver ainda ali por aque-

les becos, tinham levado salame para o comandante de noite para permanecerem em casa, mas eram pequenos salames escuros e o comandante não quis se esforçar muito. Emanuele ficou imediatamente corado e pediu desculpas por ter se expressado mal, ele também sofria pensando na gente que morria na guerra, se não tivesse aquela perna boba ele também estaria na guerra. Mas não tinha culpa da sua perna boba. Subia mancando e arfando por entre as pedras e a neve, e enxugava o suor e olhava as casas e as colinas, e disse para Cenzo Rena que San Costanzo era exatamente como imaginara. Disse a Anna que não tinha mudado muito naqueles meses, não estava com jeito de senhora e salvo por aquela grande barriga continuava a mesma. Disse que se impressionava com a sua barriga, ainda se lembrava dela indo para a escola com a pasta e passeando com Giuma e Giuma recitando Montale, com certeza ela se esquecera de Giuma, o seu namorado de tempos atrás. Agora os fedelhos também pensavam em se casar, Giuma também de repente tinha aparecido com a novidade de que queria se casar com uma garota, Fiammetta, conservava a fotografia da garota Fiammetta sobre a mesa e se dizia noivo. Mas se dera mal de uma maneira incrível nos exames finais, e agora tinha voltado a frequentar a escola e andava quieto e de cabeça baixa. Não estava mais lendo Montale, e mantinha sobre a mesa todos os livros de Kierkegaard. Tinham desistido da casa acima de Stresa, no outono mamãe quis voltar para a cidade e não pensava muito na guerra, dizia que era uma guerrinha que não incomodava muito. O coitado do Franz tinha sido mandado pela polícia para uma cidadezinha do tipo de San Costanzo, mas ainda mais para o sul, junto a outros judeus estrangeiros e italianos e Amalia também fora para lá e alugaram uma espécie de palacete ducal, onde se encontravam bem mas Franz continuava a morrer de medo e só recuperava um pouco de fôlego quando os ingleses conquistavam um pedacinho da África, passava o dia todo entre o mapa e o rádio mas de noite lhe parecia que o que os ingleses tinham conquistado era pouco, acordava Amalia para lhe dizer que era muito pouco e ela então lhe aplicava uma injeção de cânfora. Na pequena cidadezinha deles tudo continuava como sempre, mas ele, Emanuele, estava sozinho, e quando passava pelo jardim público e via o banco de Ippolito não se conformava que tivesse escolhido a morte, não podia perdoá-lo, virava a cabeça para não olhar para aquele banco onde as pessoas vinham se sentar, lhe parecia cruel que as pessoas viessem se sentar ali. E Danilo também estava longe e assim ele não tinha mais amigos, fechava-se no seu escritório da fábrica para trabalhar mas ali também era desesperador porque o resultado era aquele sabão nojento. Via às vezes a mulher de Danilo, ia buscá-la com Giustino na fundição e passavam a noite com ela, fazendo companhia e consolando-a dos desaforos que aguentava das cunhadas e da sogra, desde que Danilo partira a tratavam muito mal.

À mesa todos se surpreenderam com a vitela e com o pão branco, na cidade a carne estava racionada e davam uma ou duas fatias uma vez por semana, com certeza quem podia comprava no mercado negro mas os preços sempre subiam. E o pão na cidade estava racionado e era uma papa mole e cinzenta que não se conseguia digerir, o

pão parecia o sabão e o sabão parecia o pão, tinha se tornado muito difícil se lavar e comer. E mamãe estava cada vez mais avarenta com as suas provisões do porão, antes Emanuele conseguia roubar alguns sabões ou um pouquinho de açúcar para a mulher de Danilo ou para a senhora Maria, mas agora não tinha mais chance de a mamãe se separar da chave do porão e estava sempre no porão caminhando com o monóculo por entre sacos, caixas e garrafões. A Maschiona mostrou o sabão que ela fazia em casa com os restos da gordura, Emanuele pegou-o na mão e se pôs a cheirar para que vissem que entendia do assunto e gritou que era uma maravilha, e todos passaram de mão em mão um pedaço grande que ainda tinha incrustado restos de toucinho frito e pedaços de torresmo. Cenzo Rena disse que a Maschiona também fazia pão em casa, o fazia mesmo quando não havia a guerra e era famoso o pão da Maschiona em Borgo San Costanzo. Então a senhora Maria disse que ela também tinha começado a fazer pão em casa com a farinha que traziam das "Amarenas", mas era pouca e o camponês falava da colheita ruim e dos quintais de farinha que era preciso dar para o armazenamento, agora tinha também o armazenamento para complicar as coisas. Mas Giustino disse que ainda preferia o pão mole e cinzento do racionamento ao pão branco e duro como mármore que a senhora Maria fazia em casa. A senhora Maria disse que com certeza era duro o seu pão porque era pão-biscoito, além do que não fazia para Giustino mas para Concettina que estava amamentando e Concettina molhava bem o pão na sopa e o achava fresco e leve. A criança de Concettina estava cada dia mais linda, disse a senhora Maria, e passou a contar imediatamente sobre o nariz, sobre a boca e sobre os olhos da criança de Concettina, e se pôs a sussurrar para o menino como se o tivesse ali ao seu lado. Giustino suspirou profundamente, no almoço e no jantar a senhora Maria não fazia outra coisa a não ser distraí-lo com o nariz, a boca e os olhos do menino de Concettina. Quando a senhora Maria foi descansar na cama, Giustino disse que estava farto de viver sozinho com a senhora Maria, tinha se tornado realmente muito chata e não lhe dava sossego, corria atrás dele com o guarda-chuva e o cachecol e o tratava como uma criança pequena, e ainda toda noite convidava aquele seu sobrinho e se ofendia muito se ele não passasse a noite conversando no salão. Disse que estava realmente farto e que queria se divorciar da senhora Maria. Disse que logo que se formasse iria como voluntário para a guerra. Emanuele lhe disse que quando ele tivesse se formado a guerra já teria acabado há muito tempo. Cenzo Rena disse que não, ainda havia muito que esperar antes que acabasse a guerra. E disse que era uma boa razão para ir como voluntário para a guerra, a senhora Maria ser chata e convidar o sobrinho para passar as noites juntos, além do que aquele sobrinho também seria dentro em pouco chamado para a guerra, pouco a pouco chamariam todos, talvez também ele, Cenzo Rena, que era velho e Emanuele que tinha a perna daquele jeito. Giustino disse que de qualquer forma ele estava farto e que iria. Estava farto, e tinha vontade de ver como era uma guerra, mas acima de tudo estava farto. Emanuele passou um braço ao redor dos ombros dele, mas Giustino retirou-o bruscamente e se encolheu em um can-

to. Então Cenzo Rena perguntou a Giustino se não queria caminhar um pouco no pinheiral e conversarem só eles dois.

No pinheiral soube-se o que estava acontecendo com Giustino, tinha se apaixonado pela mulher de Danilo e estava sofrendo e queria esquecê-la porque era a mulher de um amigo e porque esse amigo estava confinado. Giustino contou a Cenzo que era uma mulher extraordinária, suportava todas as maldades que as cunhadas e a sogra lhe faziam e nunca dizia uma palavra amarga, e quase não comia para mandar dinheiro para Danilo, Emanuele também lhe mandava mas nunca era suficiente porque Danilo tinha ficado doente na ilha e precisava de tratamentos caros. Emanuele a convidava para almoçar em restaurantes para que pudesse comer. Era uma mulher extraordinária, disse Giustino, e ele não conseguiria nunca mais se apaixonar por outra, e todo dia tomava a decisão de não vê-la mais, entretanto ia buscá-la sempre com Emanuele na fundição, e sabia que iria continuar a vê-la enquanto não partisse como voluntário para a guerra. Giustino e Cenzo Rena caminharam longamente pelo pinheiral, e Giustino pensou como antes que Cenzo Rena era seu melhor amigo, aquele a quem podia dizer tudo, mas quando voltaram para casa Giustino se incomodou em ver Anna e em se lembrar que era mulher de Cenzo Rena e estava grávida, lhe parecia uma coisa desajeitada e triste pensar em Cenzo Rena e Anna dormindo juntos.

Cenzo Rena olhava pela janela se os camponeses viriam, tinha dito tantas vezes que os camponeses vinham sempre e sentia muito que justo naquele dia não aparecesse nenhum. Mas dois ou três camponeses finalmente chegaram. A senhora Maria tinha preparado o chá, fora para a cozinha com a Maschiona e lhe mostrava como se deveria arrumar as xícaras na bandeja, com as fatiazinhas de limão cortadas bem finas e palitos de dente dentro e os guardanapos, tinha trazido limão de casa porque achava que não existiriam limões em San Costanzo, e realmente não existiam no inverno e a senhora Maria dizia que era estranho trazer limões quando se vem ao Sul, e como era também estranho vir ao Sul e encontrar um inverno tão frio, tendo que se vestir como em Saint Moritz. A Maschiona não sabia o que era Saint Moritz e olhava a senhora Maria arrumando a bandeja, a senhora Maria queria que colocasse um avental branco para servir o chá mas a Maschiona não queria porque os camponeses estavam lá e ao vê-la com o avental branco se poriam a rir muito. Assim entrou na sala com seu gasto vestido azul e o lencinho cobrindo a boca e jogou a bandeja na mesa, a senhora Maria disse para Anna que tinham que ensinar muitas coisas para a Maschiona. Os camponeses beberam o chá em silêncio, estavam um pouco intimidados por causa daquelas caras novas, mas nesse meio-tempo correra o boato de que na casa de Cenzo Rena havia caras novas e que bebiam chá e chegaram outros camponeses. E Emanuele também estava intimidado e feliz vendo todos aqueles camponeses, todos aqueles camponeses do Sul, ele sentou-se muito sério e com o rosto vermelho e arriscou perguntas sobre o trigo, o vinho, os porcos, a posse de terra, com uma voz trêmula e fina, e morrendo de medo de fazer as perguntas erradas. Giustino perguntou em voz baixa a Anna se não parecia um

provinciano esnobe que se encontra pela primeira vez em um salão repleto de duquesas. Anna disse que sim e se puseram a rir alto, e então Cenzo Rena se aproximou e perguntou do que estavam rindo, e eles lhe disseram e ele também riu alto e Emanuele olhou para eles desconfiado, mas logo em seguida retomou suas perguntas sobre as coisas dos camponeses.

No dia seguinte Emanuele estava na cozinha de todos os camponeses, ressoavam pela cidadezinha suas longas risadas profundas, mancava excitado pelas ruas, chamava os camponeses pelo nome e gritava palavras no dialeto de San Costanzo, e fazia parecer que estava ali em San Costanzo havia muito tempo, dava grandes tapas nas costas e brincava com os camponeses, e antes de partir fez com que tirassem uma fotografia com um deles na praça da prefeitura. Giustino de um momento para outro resolveu partir com Emanuele, foi correndo preparar a mala e se pendurou na jardineira-correio que já estava indo embora, e a senhora Maria não entendeu nada porque antes dissera que ficaria no mínimo uma semana, até o final das férias. Emanuele se debruçou na janela para se despedir com o rosto vermelho e radiante, e gritava palavras no dialeto de San Costanzo balançando os braços em adeus aos camponeses, dava para imaginar que entonteceria Giustino com histórias do trigo e da posse de terra durante toda a viagem. A senhora Maria lamentava que Giustino mal tivesse chegado e já partia, que quase não sentisse afeto pela irmã e o que é que poderia haver de tão urgente para fazer na cidade, ele andava fechado, estranho havia algum tempo, e tinha se tornado intratável, vinha revelando um péssimo temperamento. Quando o correio foi embora Cenzo Rena se viu ao lado do turco, estava muito aborrecido e sério porque não tinha sido apresentado aos parentes de fora, convidaram todos os camponeses para tomar chá e não se lembraram dele. Queria então ser ao menos apresentado para a senhora Maria. Inclinou-se diante da senhora Maria em um frio cumprimento.

Voltaram para casa com o turco e lhe ofereceram chá, e logo ele e a senhora Maria se tornaram grandes amigos, puseram-se a falar de tapetes e a senhora Maria sabia tudo sobre tapetes e estava feliz de poder falar disso. Anna foi se fechar no quarto para poder pensar em tudo o que ficara sabendo, Giuma que queria se casar com a garota Fiammetta e conservava a fotografia dela na mesa, não lia mais Montale e sim Kierkegaard, a mamãe de monóculo entre os sacos do porão, e Amalia e Franz em um palacete ducal em uma cidadezinha como San Costanzo. Todas as coisas novas que ficara sabendo batiam forte no seu coração. Giuma ia se casar com a garota Fiammetta, a garota Fiammetta, de repente Giuma estava de novo ao seu lado, lia Kierkegaard, não mais Montale mas Kierkegaard, não havia entre os livros de Cenzo Rena livros de Kierkegaard. E Giustino então que estava apaixonado pela mulher de Danilo, Cenzo Rena lhe contara na noite anterior enquanto se despiam. Sentia-se mortificada com todas as coisas que aconteciam tão distantes dela. Quem sabe agora por quanto tempo ficaria sem saber nada, lá fora a neve caía e via-se a pequena cidade com as casas malcuidadas e tortas por entre fortes lufadas de neve e de vento, a longa estrada coberta de neve com

os sulcos profundos da jardineira-correio, e a casa que tinha sido do vigia e o rio muito estreito e verde e as colinas baixas. E ela estava sentada junto à janela em uma cadeirinha de praia e fazia tricô para o bebê de Giuma, um bebê que não saberia nada de Giuma e Giuma não saberia nada dele, Giuma sabe-se lá onde com a garota Fiammetta e com Kierkegaard, o bebê ali em San Costanzo e a primeira coisa que veria seriam as escuras casas chicoteadas pelo vento e as colinas baixas.

A senhora Maria disse que permaneceria ali até o nascimento da criança. Cenzo Rena disse a Anna que havia um problema, diriam a ela que o bebê nascera prematuro mas com certeza a senhora Maria sabia distinguir um prematuro de outros que não o são. Cenzo Rena disse que a culpa era do turco, sem o turco a senhora Maria teria partido, sem o turco que aparecia para vê-la e tomavam chá juntos. Mas a senhora Maria não permanecia ali só pelo turco, metera na cabeça que iria ensinar muitas coisas para a Maschiona, queria que lavasse os pratos com soda e a Maschiona explicava que se lavasse os pratos com soda não poderia mais dar para os porcos aquela água engordurada, boa, dos pratos mas a senhora Maria não entendia e derramava sempre soda na bacia, e a Maschiona se desesperava por ter que jogar fora aquela água toda. Até que Cenzo Rena proibiu a senhora Maria de meter o bedelho na lavagem dos pratos. A senhora Maria deu também para girar pelas cozinhas dos camponeses e observava as crianças e voltava para casa indignada, dizendo que todas as crianças tinham feridas na cabeça e piolhos. Cenzo Rena disse que os piolhos na cabeça eram o de menos, tantos tinham aqueles piolhos brancos nas costas e no peito, os piolhos que viviam no calor em meio à roupa íntima. A senhora Maria lhe perguntou então o que ele fazia em San Costanzo, o que falava para os camponeses, se não lhes dizia que tinham que eliminar os piolhos. Cenzo Rena lhe perguntou se achava fácil eliminar piolhos de uma cidade inteira. E os piolhos eram o de menos, disse, não matavam ninguém, havia entretanto outras coisas das quais se morria, a pneumonia e a disenteria. A disenteria era a pior de todas, todo verão muitas crianças ficavam doentes, e ele ia às casas para explicar a dieta, carregava o médico consigo e também deixava dinheiro para que comprassem arroz. Mas os camponeses não compravam o arroz e costuravam o dinheiro no colchão, e as crianças se arrastavam pelos becos, chupavam talos de couve e cascas de figo e choravam, e então as mães as pegavam no colo e as carregavam até a venda e compravam algumas liras de doces, e as crianças continuavam a chorar e depois uma noite morriam e eram levadas dentro de uma caixinha para o cemitério. Aquela era uma cidadezinha que não conhecia nada além da sua própria miséria, e os camponeses que vinham à sua casa, à casa de Cenzo Rena, e o escutavam e o compreendiam, e gostavam dele, eles também tinham dinheiro costurado no colchão que não eram capazes de gastar com remédio e arroz, eles também tinham filhos pelos becos chupando talo de couve e pedaços de doces, com a barriga nua, os piolhos e a disenteria. E a miséria era contagiosa como a disenteria, porque os ricos também viviam à maneira dos pobres, com todo o seu dinheiro costurado no colchão e nada para se cobrirem no inverno e a disen-

teria no verão, e a mesma dieta de doces e talos de couve, e os piolhos de sempre. Mas depois Cenzo Rena pensou a noite toda nos piolhos e no dia seguinte chamou a professora e lhe disse que mandasse raspar a cabeça de todas as crianças que iam à escola, ou melhor, irritou-se com ela porque não tinha pensado nisso antes.

Agora na cidadezinha só se falava de porcos, os do ano anterior que precisavam ser mortos e os pequenos a serem comprados, e a praça da prefeitura estava repleta de porquinhos que estrilavam nos carretos e nos engradados de madeira, e as pessoas vinham comprá-los e os levavam embora arrastados por uma corda. A Maschiona escapava continuamente para a casa dela para ver preparar a linguiça e o presunto, e corria até Masuri e Scoturno para comprar sal, porque naquele ano de guerra era difícil encontrar e era preciso andar pelas cidadezinhas à procura de sal, e a senhora Maria chamava continuamente a Maschiona e a Maschiona não estava por ali, o fogo da lareira se apagava e a senhora Maria tinha que jogar as pinhas e assoprar, quando assoprava muito sentia vertigens. A Maschiona voltava à tarde e mostrava como eram belas as linguiças, mas a senhora Maria não se entusiasmava com as linguiças, porque tinha medo de que fizesse mal para o fígado. A senhora Maria tomava chá com o turco e desabafava com ele contra a Maschiona e todo o resto, porque Anna não lhe dava a mínima e parecia que ao se casar com Cenzo Rena houvesse se casado com a cidade de San Costanzo inteira, com a Maschiona e com os piolhos e os porcos.

A senhora Maria não ficou até o nascimento da criança, porque chegou uma carta de Concettina dizendo que seu marido tinha sido chamado pela polícia e era certo que o mandariam para a guerra, não se sabia para onde. Concettina estava desesperada e a senhora Maria decidiu partir imediatamente, partiu reconciliada com a Maschiona porque ela fez uma torta enorme de milho e mel para Concettina e se reconciliou ao final também com Cenzo Rena, porque ele lhe disse para não se preocupar com o dinheiro e para gastar em paz o que sobrara no banco e ele pensaria em mandar mais dinheiro caso acabasse. A senhora Maria disse a Anna que estivera sempre enganada a respeito de Cenzo, conhecendo-o bem não tinha nada de louco, e além disso tinha a vantagem de não poderem convocá-lo para a guerra porque não era mais tão jovem. Subiu na jardineira com todos os seus pacotes, as caixas e a garrafa de café com leite para a viagem, Cenzo Rena tinha lhe oferecido uma garrafa térmica mas ela não acreditava nas térmicas, nunca tinha acreditado. Disse que voltaria para ver a criança. E entretanto a senhora Maria nunca voltou para San Costanzo.

4.

A criança era uma menina e nasceu no início de março. Cenzo Rena queria ir de carro buscar um médico na cidade, porque não confiava muito no de San Costanzo, mas não houve tempo e a menina nasceu pelas mãos da Maschiona e da parteira. O médico de San Costanzo também estava lá, um homem sempre muito preguiçoso e triste, naquele dia estava ainda mais triste porque soubera sabe-se lá como que Cenzo Rena queria um outro médico e que não confiava nele. À menina deram o nome de Silvana porque Cenzo Rena disse que era o nome do seu primeiro amor. Foi procurar o retrato do seu primeiro amor para mostrar a Anna: uma senhora de saia comprida até os pés e justa, justa, muitos e muitos anos atrás. A menina foi batizada pela Maschiona e pelo médico triste, Cenzo Rena dizia que era preciso consolá-lo um pouco porque pensara que não tinham confiança nele. A menina era loira e magra e não se parecia com ninguém.

Chegou uma primavera lamacenta e chuvosa, na cidadezinha se caminhava na lama e a água caía das calhas como de um chuveiro, e o turco se lamentava porque no seu quarto da pensão chovia dentro, ele precisava dormir de guarda-chuva aberto. Cenzo Rena o convidou para dormir em sua casa, mas o turco não aceitou, de noite ouvia o rádio com os donos da pensão, pegavam também estações estrangeiras. Cenzo Rena de repente se surpreendeu por não ter um rádio, correu imediatamente para a cidade e comprou um. O turco foi dormir na casa deles uma noite, mas o comandante mandou chamá-lo pela manhã e lhe disse que não lhe permitia dormir na casa de Cenzo Rena, porque a casa de Cenzo Rena ficava muito distante do quartel, o turco não deveria jamais se afastar do quartel. Depois se ficou sabendo que o comandante estava

implicando com Cenzo Rena porque dera ordens à professora de raspar a cabeça das crianças da escola, entre as crianças estava o filho do comandante que tinha grandes cachos loiros, a mãe enrolava o cabelo dele com rolinhos de papel todas as noites. O comandante não havia permitido que raspassem também o seu filho. O comandante andava dizendo pela cidadezinha que o tal Cenzo Rena agora passara dos limites, quem era ele para dar ordens de raspar os meninos, quem era ele para comandar todos na cidadezinha. Mas tinha medo de Cenzo Rena porque Cenzo Rena lhe emprestara dinheiro quando teve que trocar a mobília da casa, tinha lhe devolvido um pouco do dinheiro mas não todo, pedira segredo e com que cara ficaria se Cenzo Rena contasse pela cidadezinha que lhe emprestara dinheiro para a mobília da casa. E assim o cumprimentava sempre com grande reverência quando o encontrava, e só se desafogava escrevendo longas cartas anônimas contra ele, os camponeses vinham à casa de Cenzo Rena lhe contar das cartas anônimas que agora mandava também para a delegacia da cidade, cartas nas quais acusava Cenzo Rena de proteger os confinados, assim eram chamados na delegacia o turco e as três velhas. O turco se assustara muito com a repreensão do comandante e não ousava mais subir até a casa de Cenzo Rena, não ousava dar cem passos para lá do quartel, e quando encontrava Cenzo Rena na praça da prefeitura lhe dizia em voz baixa que bela noite passara na casa dele com lençóis frescos recém-lavados e o colchão macio, na pensão tinha um colchão fino e sentia todas as molas do estrado. Em voz baixa lamentava a guerra, os alemães tinham ajudado os italianos na Grécia e os italianos acabaram vencendo, também a Iugoslávia estava nas mãos dos alemães e dos italianos, e os ingleses tinham deixado que lhes tomassem um pedaço grande da África, era uma história que não acabava mais. Chegara a Scoturno uma família de judeus de Belgrado. Cenzo Rena quis ir vê-los, vivia sempre ansioso por caras novas. Ele e Anna se sentaram na taberna de Scoturno esperando que os tais judeus passassem, viram finalmente uma senhora com uma sombrinha branca e um senhor com uma bengala de passeio, que pararam em uma horta para comprar cebolas. Não conseguiam se fazer entender em italiano e Cenzo Rena se aproximou para ajudá-los, queriam também salada e Cenzo Rena os acompanhou na escolha de folhas pequenas e tenras. Agradeceram muito a Cenzo Rena, tinham feito uma longa viagem e também tinham estado na prisão e a única coisa que queriam era um prato de salada com cebola.

Seca a lama já era verão, o sol apareceu de repente e escaldante e a lama se tornou aquele fino pó arenoso do verão, e nos cantos das ruas brancas todas cobertas por aquele pó fino cresciam altos girassóis já murchos, as colinas já estavam cobertas de espinhos e esturricadas e o rio corria quieto e escuro entre nuvens de pernilongos. Anna ia com a menina até o rio para ver a Maschiona roçando suas terras, Cenzo Rena ia junto e se sentavam no chão e com um ramo Cenzo Rena afugentava os pernilongos do rosto da menina. A Maschiona gritava que não deviam deixar a menina com o rosto no sol e arrancava da cabeça seu lenço suado para que a protegessem com aquele

lenço, mas Cenzo Rena dizia que o sol não fazia mal a ninguém, ele e a Maschiona brigavam e punham e tiravam o lenço. Quem passava dizia para a menina "paz e sossego" e para Cenzo Rena "quando vai acabar?" e queriam dizer a guerra.

O marido de Concettina foi mandado para a Grécia, depois da Grécia para a Iugoslávia e a senhora Maria escrevia que não poderia vir porque Concettina estava triste e precisava dela. A senhora Maria também estava muito triste porque tinham também mandado para a guerra o seu sobrinho, e Giustino estudava para os exames, andava nervoso e a tratava mal. Cenzo Rena agora que tinha um rádio passava as noites procurando pegar as estações estrangeiras, se apegava àquele fio de voz e depois contava as notícias para os camponeses e para o turco, o turco estava com tamanho medo do comandante que não ousava mais ouvir as estações estrangeiras com os donos da pensão.

Certa noite, Anna estava na cama amamentando a menina e de repente Cenzo Rena se aproximou dela e disse que a Alemanha entrara em guerra contra a Rússia. Estava com uma garrafa de vinho na mão, de noite quando ouvia o rádio tinha sempre uma garrafa de vinho ao lado. Estava feliz porque finalmente a Alemanha tinha como inimigo um país muito grande e forte. Estava muito feliz e queria ir acordar os camponeses para lhes contar, mas tinha medo de sair e encontrar o comandante e se deixar ver com a cara tão feliz. Ia e vinha pelo quarto com a garrafa na mão e dizia que agora a guerra começava a ficar muito mais interessante. Dizia que a Rússia era tão forte que poderia ser que dentro de dois ou três meses tudo estivesse acabado. Em San Costanzo, acabada a guerra e explodidos os fascistas, talvez quisessem que ele fosse o interventor, mas ele não aceitaria. Para interventor ia bem um camponês amigo seu que se chamava Giuseppe, mandou para o inferno o comandante e foi com a garrafa de vinho acordar Giuseppe para lhe dizer que se preparasse para ser interventor e para beberem juntos à Rússia que combatia contra a Alemanha.

Cenzo Rena no dia seguinte decidiu que iriam para a praia por um mês com a menina, assim não deixaria que o comandante o visse com a cara tão feliz. A Maschiona ficou muito contente ao vê-los partir porque assim poderia trabalhar o dia todo no seu campo, Cenzo Rena lhe disse somente que cuidasse do cachorro, deveria levá-lo junto quando fosse trabalhar porque se o deixasse sozinho se tornaria selvagem e triste. Foram até a cidade com a jardineira e lá tomaram o trem, com o automóvel precisariam de muita gasolina e gasolina só se encontrava no mercado negro e custava um bocado. Entre a jardineira e o trem Cenzo Rena correu até o mercado da cidade para comprar os maiôs, passou a mão ao acaso em dois maiôs numa bancada entre sutiãs e cintas e saiu em disparada, insultando a mulher que queria fazer um pacote. Aquela mulher era de Masuri e ele a conhecia, e lhe escreveu depois um cartão-postal explicando que o trem estava partindo e por isso a insultara.

Os maiôs eram de má qualidade e quando molhados alargavam em todas as partes. Enquanto Anna ia tomar banho de mar, Cenzo Rena ficava com a menina à sombra no jardim do hotel, ali também havia pernilongos e ele os espantava com um ra-

mo. Anna voltava com o seu maiô todo mole e disforme e ele ria olhando para ela, era realmente o maiô mais feio de toda a praia. Anna se penteava e espremia a água dos cabelos e das bordas do maiô. Ele lhe dizia que andava com menos cara de inseto de um tempo para cá, talvez desde que a menina nascera, olhavam juntos para a menina e ele dizia que era essa a menina que ela um dia quis jogar fora. Dizia que ele quase nunca se lembrava de que a menina não era sua filha, além do que para que se lembrar, era ele quem espantava os pernilongos do seu rosto e até a acalmava algumas vezes quando chorava, o pai verdadeiro por sua vez o que andava fazendo, talvez prestava os exames e levava bomba outra vez. Estavam ali na praia quando receberam uma carta de Giustino, tinha conseguido o diploma, se safara dessa, e agora se inscrevera para a guerra. Anna chorou um dia inteiro, tinha certeza de que Giustino morreria na guerra, lhe parecia ainda vê-lo na jardineira que partia, com aquele rosto fechado e sombrio que ganhara nos últimos meses, desde que estava sozinho com a senhora Maria. Mas Cenzo Rena disse para ela que Giustino não teria sequer tempo de partir, a guerra só duraria mais um ou dois meses. Cenzo Rena remava, e nadava e tinha queimado muito as costas e de noite precisava dormir de barriga para baixo. Continuava muito feliz por causa da Rússia mas pouco a pouco começou a ficar menos feliz, os alemães estavam abocanhando uns pedaços da Rússia. Ali na praia não havia como ouvir as estações estrangeiras e era preciso se contentar com o comunicado italiano no hall do hotel, Cenzo Rena passou a odiar aquele hall do hotel porque sempre se ouviam notícias ruins.

De repente ambos perceberam que estavam com saudades de San Costanzo, Cenzo Rena tinha certeza de que a menina também quando chorava era porque queria que a levassem para casa. Cenzo Rena dizia que estava com saudades dos camponeses e até mesmo da capa do comandante e dizia que talvez pouco a pouco tivesse se habituado a ser um tipo conhecido por todos, ali na praia ninguém o conhecia e não gostava de que ninguém o conhecesse. Havia um tempo quando fazia as suas viagens ficava feliz de se chacoalhar sozinho pelos hotéis, trens e cidades, sem um cão que soubesse quem ele era, mas agora talvez começasse a envelhecer, queria os camponeses e a capa do comandante, queria ter sempre as mesmas coisas diante dos olhos. E Anna queria estar em casa com a Maschiona que borrifava água de um frasco pelo chão de manhã. Na praia de repente percebeu que aquela casa tinha se tornado realmente a sua casa, aquela casa com o pinheiral às costas e abaixo um amontoado de pedras. Na praia havia senhoras de óculos escuros que lhe faziam perguntas, e se surpreendiam que ela tão jovem já tivesse uma menina, e se surpreendiam que Cenzo Rena tão velho fosse seu marido, não é que diziam propriamente "tão velho", mas se surpreendiam e tiravam os óculos escuros para ver bem, e Anna de repente se sentia envergonhada de ter um marido velho e se envergonhava dos maiôs comprados no mercado. Disse para Cenzo Rena que se envergonhava e ele lhe disse que era uma idiota, em San Costanzo os camponeses não gostavam dela e os surpreendia mas ele não se envergonhava.

Voltaram para San Costanzo e Cenzo Rena começou a brigar imediatamente

com a Maschiona porque o cachorro tinha se tornado triste e selvagem como ele imaginara, com certeza a Maschiona o deixara sozinho na frente da casa amarrado a uma corda, fora trabalhar no seu campo e descuidara do cachorro. Cenzo Rena estava deitado na cama com o cão por cima dele deixando-o todo sujo de terra, e falava com o cachorro e reclamava da Maschiona porque o deixara o tempo todo sozinho, perguntava a ela se não era verdade que o deixara o tempo todo sozinho e só tinha cuidado do seu campo. A Maschiona então disse que eles sim é que tinham cuidado mal da menina, tinham deixado que fosse comida pelos pernilongos e que se tornasse ainda mais magra, um sobrinho seu nascido um mês depois dela era três vezes mais gordo. Cenzo Rena gritou que não falasse dos sobrinhos porque tinham disenteria, descendo da jardineira encontrara o médico e assim soubera que a cidadezinha estava tomada pela disenteria. A Maschiona disse que sim, seus sobrinhos também estavam com um pouco de disenteria, mas uma coisinha de nada, e Cenzo Rena lhe disse que com certeza ela comprava pedaços de doces para eles na venda, e se um dia a visse dar um pedaço de doce para a sua menina a esfolaria viva. Depois de uma hora que estava em San Costanzo Cenzo Rena estava mortalmente cansado da Maschiona e de tudo o mais, mas se lembrava de que na praia estava cansado da praia e pensava que deveria ser culpa da guerra se estava cansado e em lugar nenhum se sentia bem. Logo no dia seguinte se pôs a girar pelas casas junto com o médico triste, para ver as crianças com disenteria, e brigava com as mulheres e também com o médico porque dizia que não podia ser médico com aquela cara desanimada e triste.

Anna subia pelo pinheiral com a menina. O pinheiral era escuro e fresco, um dos poucos pontos escuros e frescos daquela cidadezinha de sol e poeira, e Anna se sentava e punha a menina em cima de uma almofada com os pés envoltos em uma coberta, a menina arrancava a coberta e levantava os pés vermelhos e magros, Anna cobria novamente aqueles magros pés e a menina de novo os levantava, depois chupava a mão em um longo murmurinho, por algum tempo fazia aquele murmurinho longo e chupava a mão com fortes estalos, Anna olhava para ela e não encontrava nada para lhe dizer porque não sabia sussurrar como a senhora Maria sussurrava com crianças pequenas. Logo que a menina dormia ela então se punha a desenrolar seus longos pensamentos, recolhia todos os fios esparsos da sua vida e os trançava e podia passar horas ali no pinheiral ao lado da menina sem se entediar, trançando e desmanchando seus longos pensamentos, a menina que por um tempo tinha sido só uma pequena escuridão dentro dela e depois de repente uma menina de verdade entre as mãos da Maschiona com pés magros e vermelhos, longos e delicados cabelos claros e com o nome do primeiro amor de Cenzo Rena. Procurava o rosto de Giuma no rosto adormecido da menina mas não se via nenhum vestígio de outros rostos naquele rosto nu adormecido, de pequenos lábios finos e brancos e respiração curta. Chegou Cenzo Rena e lhe trazia a correspondência, Giustino partira para a guerra, a senhora Maria fora ficar com Concettina e alugara a casa para alguns parentes de Emilio, também a ele, Emilio, tinham

mandado para a Rússia, a senhora Maria não podia vir a San Costanzo porque estava com as canelas inchadas e não conseguiria caminhar sobre aquelas pedras, sentia muito não poder ir ver a menina, sussurrava sobre o menino de Concettina e a menina de Anna, preenchia páginas e páginas com o seu sussurro de sempre. Sentia-se bem na casa dos senhores Sbrancagna, eram muito gentis mas mesmo com todos os empregados que tinham sobrava muito trabalho para ela, talvez as canelas tivessem inchado de tanto ficar em pé passando roupa. Chegou também uma carta de Emanuele na qual dizia que Giuma dessa vez tinha se saído bem nos exames mas enfiara na cabeça que queria estudar letras e filosofia, e mamãe entretanto queria que estudasse ciências contábeis, caso contrário não poderia trabalhar na fábrica de sabão. Giuma andava dizendo agora que a fábrica de sabão não tinha nada a ver com ele. Emanuele escrevia que se sentia mais sozinho ainda sem Giustino, de vez em quando via Concettina e com certeza Concettina havia se tornado um pouco entediante, tinha sempre o menino por perto, não se conseguia ter uma conversa sensata com ela, sempre absorta penteando o cabelo do menino, limpando as suas mãos com um lenço ou a chamá-lo se se afastava um passo, mas era sempre Concettina e ele ficava muito contente ao encontrá-la com o menino ao longo do rio, caminhavam por um momento juntos ou se sentavam no café e se lembravam das mesmas coisas. Mas Concettina ficava de muito mau humor se passasse a mulher de Danilo e ele Emanuele a chamasse e a cumprimentasse. Concettina dizia que era por culpa daquela Marisa que Giustino se obstinara em partir, tinha paquerado Giustino que era só um menino até ele ficar caído por ela, e olha só onde Giustino estava agora. Giustino poderia ainda estar em casa estudando e no entanto tinha partido com um ar trágico, e a ela tinha deixado esse fardo que era a senhora Maria e como era entediante tê-la ao lado o dia todo. Emanuele então lhe dizia que Marisa absolutamente não tinha paquerado ninguém, na verdade tinha outras coisas na cabeça e não paquerar, com o marido doente a quem deveria mandar dinheiro e com todas as horas extras que fazia na fundição e dizia que ela, Concettina, deveria respeitar uma mulher que trabalha, ela que passava os dias sem fazer nada, alisando e mimando o menino. Concettina se ofendia muito, seu menino não era nada mimado, então era preciso agora ter respeito por todos da fundição. Mas em seguida faziam as pazes e ele voltava para casa e se sentia triste quando se debruçava na janela e via os parentes dos Sbrancagna na casa da frente e não mais as saias pretas da senhora Maria penduradas nos fios de ferro, mamãe entretanto estava muito contente de não ver mais aquelas saias e estava contente também porque os parentes dos Sbrancagna não adubavam as roseiras com estrume como a senhora Maria fazia. Anna esperava a correspondência sempre com o coração aos pulos, mas depois de lidas as cartas se sentia sempre mortificada com as coisas que aconteciam sem a sua presença.

5.

Passou o outono com os tomates para conserva estendidos ao sol na frente da casa, e depois com o milho e com o feijão estendidos para secar, e as pessoas que desciam do pinheiral com sacos de pinhas, tinha quem arrancasse ramos inteiros dos pinheiros e aparecia o guarda-florestal com o fuzil e se ouvia o corre-corre pelo pinheiral abaixo, o guarda gritando e atirando para o ar. O pinheiral estava repleto também de um certo tipo de cogumelos brancos que se chamavam "orelhinhas" porque tinham a forma de pequenas orelhas, eram duras de cozinhar e tinham um sabor como o de miolo de madeira mas a cidadezinha fazia grandes comilanças. Havia com certeza também os verdadeiros cogumelos porcini mas poucos, todos os que existiam eram encontrados por um velhinho que morava abaixo da velha estação. Era um velhinho com uma jaquetinha branca suja e calças arregaçadas até o joelho, quando jovem fora empregado na casa de um oficial da marinha, e recebera de presente aquele uniforme branco. Descia de noite do pinheiral e parecia que estava de cuecas, levava pendurado em um bastãozinho um cesto com porcini verdadeiros, e Cenzo Rena se estava na porta de casa comprava o cesto de cogumelos todo e ficava muito contente porque sabia que estava fazendo uma desfeita à marquesa que esperava os cogumelos na janela, e quando o velho passava sem os cogumelos debaixo da janela da marquesa, ela o chamava e fazia uma grande cena. O velho jurava que não tinha encontrado cogumelos e a marquesa jurava entretanto que o vira vendendo os cogumelos para Cenzo Rena, e mostrava um par de sapatos que seu cocheiro não usava mais e jurava para o velhinho que lhe daria se lhe trouxesse cogumelos todas as noites. Mas o velhinho não acreditava que ela daria de presente aqueles sapatos, a marquesa era avarenta e não dava nem um alfinete de pre-

sente.

Passou o outono e começou o inverno e Anna a essa altura conhecia bem todas as pessoas da cidadezinha, do velhinho vestido de branco até o homem com a perna de pau que passava com a carroça das louças, do sedutor da Maschiona até o ferreiro que queimava as patas das mulas, diante da sua porta sempre se encontravam pelos de mula esparramados e sentia-se cheiro de pele queimada. A família do sedutor da Maschiona continuava esperando notícias do filho que estava na guerra e tinha sido considerado desaparecido, alguém ali da cidadezinha que retornara da Grécia contava que o vira em uma encruzilhada e desde então não soubera mais nada sobre ele. A mãe pensava sempre naquela encruzilhada, lhe disseram que na Grécia havia muitas estradas que se cruzavam e que era fácil se perder, aparecia na casa de Cenzo Rena para lhe perguntar se era verdade e lhe pedia que escrevesse para a Cruz Vermelha. A Maschiona se escondia quando ela chegava porque não queria se encontrar com a mulher do seu sedutor, e contava para Anna sobre o tal na encruzilhada, um belo moço, grande, grande, de bigodes pretos como o pai. Mas estar perdido na Grécia ainda era melhor do que estar perdido na Rússia, dizia a Maschiona, porque na Rússia fazia tanto frio que os passarinhos caíam secos do céu e a Rússia era muito grande e uma só planície de neve, e quem se perdia naquela neve nunca mais encontrava a estrada para voltar para casa. Chegavam continuamente notícias de mortos na Rússia e de feridos e desaparecidos, quando em Masuri e em San Costanzo de repente se ouviam altos gritos passando pelos becos a prefeitura tinha dado a notícia de que alguém morrera. A Maschiona queria meter Mussolini dentro de uma gaiola e exibi-lo bem devagar por todos os becos de todas as cidadezinhas, de maneira que cada um pudesse fazer com ele o que quisesse.

No inverno Giustino recebeu uma licença de um mês porque fora ferido no ombro. O ferimento era coisa pequena e ele apareceu em San Costanzo por volta do Natal. Alguns de San Costanzo também vieram em licença e estavam na praça da prefeitura e contavam sobre a Rússia, muitos ficaram com os pés congelados por causa dos sapatos que o governo distribuía, os alemães e os russos não congelavam os pés porque usavam outro tipo de sapato. Não se entendia bem quem estava perdendo e quem estava ganhando, o tempo todo era um tomar e largar. Na guerra tinham medo dos russos mas dos alemães também, eram aliados mas metiam medo da mesma maneira, todos armados da cabeça aos pés e bem protegidos do frio. Giustino um dia foi visto descendo da jardineira, não tinha avisado que viria. Estava estranho de uniforme de soldado e deixara crescer a barba, crescia encaracolada e castanha, um pouquinho mais clara que os cabelos. Ficou lá sentado na sala de jantar, segurando o ombro com a mão porque ainda doía um pouco. Ficou lá sentado com um sorriso de canto de boca que parecia o de Ippolito, com o rosto no meio da barba encaracolada que o deixava mais magro e mais velho, com os seus olhos que tinham visto a guerra.

Fizeram muitas perguntas mas não estava com vontade de contar nada. Não se arrependia de ir para a guerra porque sempre sentira vontade de saber como era, agora

sabia que era ruim mas não se arrependia, ele queria ser como todos os outros, não queria estar melhor ou pior do que os outros. Disse que Emanuele, quando ele estava para partir para a Rússia, tinha feito uma grande cena, era muito jovem para ser convocado e podia continuar em casa, e entretanto ia como voluntário combater em uma guerra fascista, ia ajudar os fascistas a não perder aquela guerra que era deles, porque vai me dizer que dera agora para amar a pátria, talvez tivesse acreditado nas cretinices sobre a pátria que o fascismo ensinava nas escolas. Mas não era nada disso, disse Giustino, ele nem em sonho pensara em amar a pátria, nunca pensara em nenhuma pátria quando estava atirando na guerra. Na verdade nenhum dos que estavam com ele pensavam. E ninguém também se lembrava de que aqueles tiros eram contra os russos. Era atirar em nome de ninguém e contra ninguém, atirar com os pés como pedaços de gelo nos sapatos, com os olhos ofuscados pela neve. Quando partira queria só saber como era a guerra e também estava entediado de ficar em casa com a senhora Maria, e tinha uma outra história que era melhor deixar para lá. Mas pouco a pouco percebeu que estava na guerra para ser como os outros, para sentir frio nos pés ele também e esperar o que lhe mandavam de casa e fixar um ponto na neve e atirar. Não acreditava que estivesse ajudando os fascistas a ganhar a guerra, que diferença fazia um a mais ou um a menos atirando, além do que para os fascistas a guerra já estava perdida, tinham agora os Estados Unidos também contra eles, com certeza dali a pouco os Estados Unidos também entrariam na guerra. Mas Cenzo Rena disse que a guerra ainda seria muito longa, não se via o fim, quando a Rússia tinha entrado pensou que acabaria logo, e entretanto a Alemanha abocanhara pedaços grandes da Rússia. E disse que ele, Giustino, fizera bem em ir para a Rússia pensando como pensava, de ser um como os outros atirando não em nome da pátria, em nome da gente que estava ali sem culpa e no fundo a pátria era isso, a pátria eram os pobres filhos da mãe de tantas cidadezinhas como San Costanzo mandados para a Rússia, que sentiam frio nos pés e atiravam em nome de ninguém e contra ninguém. Anna olhava para Giustino e continuava a pensar que seria morto na guerra, olhava para ele como era agora, com aquela barba toda encaracolada e o sorriso de Ippolito, olhava para ele porque lembrava que nunca tinha olhado bem para Ippolito e de repente ele morrera. Segurava a menina no colo e Giustino com a ponta dos seus dedos segurava por um momento os dedos dela e dizia que era muito melhor do que o menino de Concettina, paparicado, chato e mimado entre Concettina e a senhora Maria e todas aquelas avós e aquelas velhas que estavam sempre ao seu redor com medo de que se machucasse. A senhora Maria e Concettina brigavam por causa do menino e sobre as coisas que devia comer, a senhora Maria se lamentava das canelas e de uma dor nas costas que tinha aparecido por estar cansada de tanto trabalhar e também porque a casa dos Sbrancagna era úmida e porque havia pouco o que comer e as empregadas comiam tudo. Dizia que um dia desses viria para San Costanzo mas Giustino não acreditava que viria, tinha se tornado muito velha e tudo a assustava. Giustino vira Emanuele também e fizeram as pazes, Emanuele lhe

pedira desculpas por todas as coisas maldosas que lhe dissera quando estava partindo para a guerra. Emanuele estava tendo dores de cabeça com a fábrica de sabão, e também se preocupava com Giuma que tinha levado um chute daquela espécie de noiva dele e tinha tomado a coisa como uma tragédia, e ia sempre se sentar no banco de Ippolito e sempre ia olhar um retrato de Ippolito que estava em cima da mesa de Emanuele, Emanuele andava com medo de que um dia ou outro passasse pela cabeça de Giuma fazer o que Ippolito fizera. Tinha se deixado convencer e estava estudando ciências contábeis mas não dizia mais uma palavra em casa, não ia mais esquiar nem jogar bridge e se vestia mal como um poeta maldito. Giustino disse que na Rússia aprendera a esquiar muito bem.

Quando Giustino partiu Cenzo Rena bateu na testa, não se lembrara nem dessa vez de lhe apresentar o turco e para o turco era muito importante ser apresentado a todos que vinham de fora. A Maschiona dizia que Giustino estava muito bonito agora com a barba, um belo rapaz, que pecado que tivesse que voltar para a guerra talvez para morrer. Cenzo Rena gritava que calasse a boca e que não chamasse a desgraça, batia num ferro grande que o ferreiro lhe dera de presente e que mantinha pendurado na parede da sala de jantar. Havia de novo a história dos porcos que deveriam ser mortos e a Maschiona escapava sempre à procura de sal e de intestinos de boi para vestir as linguiças, depois eram as coisas que se comia quando os porcos acabavam de ser mortos, o chouriço, os rolinhos de gordura fritos que se chamavam torresminhos e a linguiça que se comia logo em seguida e se chamava linguiça louca, talvez porque fritava com grandes estalos e pulando na frigideira. Mas todos se lamentavam dos porcos que naquele ano tinha sido impossível engordar bem, porque não se encontrava mais farelo e ervilhaca e tinham sido engordados à base de capim e batatas. Mas ainda tinha sorte quem possuía um porco, porque mesmo com porcos magros havia o que comer até o final de julho, e entretanto tantos na cidadezinha não tinham nem porcos nem nada mais e iam em frente só com o que distribuíam, o macarrão cinza que tinha gosto de barro e o pão de polenta que faziam no forno da prefeitura e ainda tinham sorte por terem aquele pão amarelo que se sabia do que era feito, era só farinha de polenta, enquanto o pão cinza das cidades não se sabia do que era feito, usavam um pouco de tudo e talvez até ervilhaca dos porcos.

A menina no inverno começou a engatinhar pela casa, e estava sempre com os joelhos vermelhos por se arrastar pelo chão de tijolos. As suas bochechas eram coradas e ásperas por causa do vento e da neve, Cenzo Rena levava-a sempre para o pinheiral, e a Maschiona da janela da cozinha gritava que no pinheiral havia lobos e perguntava se queriam matar aquela criança de frio. Cenzo Rena continuava com a menina no colo pelo pinheiral, mas quando se distanciavam um pouco da Maschiona tirava o cachecol e o enrolava ao redor da cabeça da menina, perguntava a Anna se realmente fazia tanto frio, não sabia nada sobre crianças, aquela era a primeira criança que segurava no colo. Anna dizia que ela também não sabia, também nunca tivera uma criança nas suas

mãos mas Cenzo Rena dizia que certas coisas as mulheres devem saber, ela não sabia de nada porque sempre vivera como um inseto. Sempre vivera como inseto em um enxame de insetos, dizia Cenzo Rena, e Anna afastava um pouco o cachecol do rosto da menina e Cenzo Rena o enrolava de novo e de repente ficava muito zangado e dava a menina para Anna e corria na frente mas parava logo adiante porque se lembrava que no pinheiral havia lobos. Quem era o enxame de insetos, perguntava Anna. Concettina, dizia Cenzo Rena, Concettina e a senhora Maria. Só Giustino não era um inseto, era uma pessoa como o pai que com todas as suas estranhezas e as suas loucuras tinha sido uma pessoa. E Ippolito também à sua maneira tinha sido uma pessoa, embora tivesse tido uma morte de inseto. Por que morte de inseto, perguntava Anna e começava a chorar, ele não devia falar assim de Ippolito. Por que não assim, dizia Cenzo Rena, dos mortos se devia falar como se fossem vivos, julgá-los como se julgam os vivos, ele quando morresse não queria ser adorado de joelhos, queria ser julgado. O vento soprava forte e voltaram para casa. Anna se sentava com a menina e lhe dava de comer, agora a menina comia o pão da Maschiona ensopado no leite da vaca do interventor. Cenzo Rena olhava um pouco para a menina comendo e dizia que a única coisa boa do interventor era o leite das suas vacas, mas que não valia nada como interventor. Punha-se do lado da janela e esperava os camponeses. Mas havia algum tempo os camponeses apareciam menos, vinham só quando necessitavam de alguma coisa e não mais para conversar, Cenzo Rena dizia que vinham menos porque tinham medo do comandante, agora que o comandante estava contra ele. Não valia mesmo a pena se esfalfar por aquela cidadezinha podre, dizia Cenzo Rena, ele a essa altura tinha um só amigo, o camponês Giuseppe, e este vinha sempre, toda noite. O camponês Giuseppe usava na cabeça um chapéu verde e jamais o tirava e sempre contava do tempo que fora pedreiro em Roma e vira no cemitério sobre o túmulo de um sujeito: "Vivi e morri socialista", e assim também deveriam escrever sobre o seu túmulo quando morresse. E em seguida contava de um livro que lia à noite enquanto sua mulher dormia, O tacão de ferro de Jack London, Cenzo Rena queria lhe emprestar outros livros mas Giuseppe achava que nada era tão bom quanto O tacão de ferro. Cenzo Rena ouvia o rádio e bebia vinho junto com ele, e lhe explicava o que deveria fazer quando o fascismo explodisse e ele se tornasse interventor, Giuseppe dizia que não tinha certeza de que daria um bom interventor, era melhor que Cenzo Rena fosse interventor, discutiam quem entre eles dois deveria ser interventor. Anna já estava dormindo havia um bom tempo quando Cenzo Rena ia para a cama, mas ele a acordava porque não conseguia tirar a roupa em silêncio, ia e vinha pelo quarto e arremessava pelo ar as roupas e os sapatos e derramava água na bilha e batia os armários. Metia o pijama listrado e se enfiava embaixo das cobertas fazendo tremer a cama toda, e dizia que homem era o camponês Giuseppe, um dos melhores amigos que já tivera. O pai de Anna também havia sido um caríssimo amigo, tinham brigado só porque lhe dera o livro de memórias para ler e Cenzo Rena não soubera mentir e dissera que o livro de memórias era uma coisa sem

sentido. E então tinham brigado e disseram um ao outro palavras que depois não puderam cancelar. A Ippolito também dissera palavras que gostaria de poder cancelar, não se lembrava mais muito bem, mas lembrava que eram palavras para mortificá-lo, ainda via Ippolito debaixo do caramanchão nas "Amarenas" com o cachorro entre os joelhos, ele o mortificara tanto e agora estava morto e não podia mais lhe pedir desculpas. Agora queria prestar atenção para não mortificar mais ninguém, às vezes sentia vontade de brigar com Giuseppe por ler sempre O tacão de ferro, sempre e somente O tacão de ferro. Certas noites tinha vontade de lhe dizer que na verdade O tacão de ferro não era nada e que estava cheio de ouvi-lo repetir: "Vivi e morri socialista". Entretanto não dizia nada. Não queria mais mortificar ninguém, estavam em guerra e o camponês Giuseppe podia ser convocado e morrer, e a ele também, Cenzo Rena, de algum modo lhe poderia acontecer de morrer na guerra, a guerra não estaria sempre assim tão distante, de um momento para outro poderia acontecer alguma coisa ali entre eles que causasse mortes, a revolução ou a guerra. Perguntava a Anna se ainda pensava na revolução, Anna dizia que conseguia pensar quando a menina dormia mas quando a menina estava acordada não conseguia pensar em mais nada, só nas coisas que fazem bem às crianças, sol, ar fresco, leite, pão com manteiga, longos dias iguais em que ninguém atirava. Mas logo que a menina adormecia recomeçava a pensar em todas as histórias em que pensava antes, ela, Anna, que atirava das barricadas, subia com o fuzil nas barricadas logo que a menina adormecia. Cenzo Rena perguntava com quem ela subia nas barricadas, ela respondia que com ele, com o turco e com o camponês Giuseppe. Cenzo Rena ria muito pensando no turco em cima das barricadas, achava que o turco sumiria para dentro de casa aos primeiros sinais de uma pequeníssima revolução. Ficavam deitados no escuro falando até tarde, e de manhã quando acordavam Anna quase não achava mais estranha aquela cabeça ao seu lado no travesseiro. Entrava a Maschiona com a menina, desde que a menina nascera Cenzo Rena proibira a Maschiona de descer para dormir com a mãe. Entrava e jogava a menina na cama deles, estava sempre muito descabelada e ameaçadora de manhã, vivia muito zangada com eles porque não a deixavam mais ir para a casa da mãe de noite. Batia a bacia com água quente no chão e se punha a varrer o quarto com um ar feroz. Cenzo Rena bufava por causa daquela cara feroz, entrava na bacia e por um bom tempo se enxaguava e em seguida saía de roupão e ia olhar a manhã, as grandes manchas de capim que apareciam no meio da neve no alto das colinas, o homem de perna de pau que passava na sua carroça, o turco que ia tocar a campainha da porta do quartel, tinha que tocar a campainha de vez em quando para que soubessem que estava ali. Cenzo Rena girava de roupão ao redor da casa, respirava o ar da manhã e dizia que se sentia feliz, cansado até a morte daquela cidadezinha de sempre diante dos seus olhos, cansado até a morte e feliz, não entendia como se podia estar tão cansado e tão feliz ao mesmo tempo.

6.

No verão, Anna recebeu uma carta da senhora Maria dizendo com palavras tortuosas que não queria nunca mais ver Concettina, nem a sogra de Concettina, tinha abandonado aquela casa para sempre. Escrevia de Turim, estava em uma pensão em Turim e muito doente, gostaria de ir para San Costanzo mas não podia se locomover. Cenzo Rena disse a Anna que fosse buscá-la, Concettina era realmente uma bruxa, deixar morrer uma pobre velha em uma pensão de Turim. Ele não podia deixar San Costanzo porque estava para começar a temporada de disenteria e não confiava no médico nem no farmacêutico, tinha que ficar de olho nos dois. E depois tinha começado a ensinar inglês para o camponês Giuseppe de noite. Disse-lhe para deixar a menina ali e viajar sozinha e livre, era a primeira viagem que faria sozinha na sua vida, quem sabe não se divertiria um pouco.

Partiu e na viagem o coração batia forte com o prazer de viajar sozinha pela primeira vez. Esqueceu-se um pouco da senhora Maria e ouviu o pulsar forte do trem pelos campos e cidades, e estava muito feliz de não ter mais pela frente San Costanzo mas um escorrer veloz de coisas naquela forte pulsação. Era uma longa viagem, atravessaria uma grande parte da Itália. Antes de partir Anna mandara fazer um vestido na costureira de San Costanzo, um vestido que lhe parecera bonito na costureira, mas agora compreendia que não era nada bonito vendo os vestidos das outras mulheres no trem, não se parecia com nenhum daqueles vestidos e sim com uma cortina. Anna pensava que a senhora Maria acharia bonito, porque se parecia muito com os vestidos que ela fazia. No entanto a senhora Maria não achou nada bonito, analisou-o de todos os lados e disse que fora muito mal cortado, além do que estava amarrotado do trem e

era preciso passá-lo. A senhora Maria morava em uma pensão que se chamava Pensão Corona. Anna a encontrou na rua a poucos metros da pensão, com uma sacola cheia de pequenos tomates verdes. Ficou espantada ao vê-la na rua, pensava que estivesse de cama doente. A senhora Maria disse que se levantara só aquela manhã e tinha vertigens continuamente, levava dois dedos à testa e balançava como se estivesse para desmaiar, tinha descido só para comprar alguns tomatinhos porque ali na pensão a comida era pouca. Subiram para o quarto e a senhora Maria se pôs imediatamente a cortar os tomates em fatias e despejou azeite de uma garrafinha de cerveja, só de vez em quando lembrava que estava doente e balançava um pouco. O quarto estava cheio de toalhas de mesa e de banho dobradas, tudo o que a avó deixara à senhora Maria, e mais os vestidos e os capotes e os chapéus da senhora Maria e eram muitos, sobre a cama e sobre as cadeiras e até mesmo fora na sacada. Queria que Anna comesse os tomates, mas Anna não estava com vontade e então ela se pôs a comer e ia falando de Concettina, nunca pensara que Concettina pudesse ser tão má com ela, está certo que quem a pusera na rua fora a sogra, uma velha avarenta e desconfiada que ia sempre olhar o que a senhora Maria estava cozinhando, às vezes ela cozinhava uma maçã para comer antes de dormir no seu quarto, porque dormia melhor se tivesse comido uma maçã. Um dia tinha levado o menino para fora e começou a chuviscar, foi com o menino para debaixo de um portão e ele quase não se molhou, e quando voltou para casa, Concettina se pôs a gritar que era culpa sua se o menino tinha tanta dor de garganta, apalpava os pés do menino e dizia que estavam muito molhados, ela então disse que tinha ido para debaixo de um portão, mas de repente chegou a sogra de Concettina e as duas gritavam com ela, Concettina e a sogra, e a sogra dizia que ela estava sempre na cozinha amassando alguma coisa e consumia muito açúcar, tinha até mesmo vindo para cima dela sacudindo-a um pouco, a senhora Maria havia dito que não permitiria a ninguém que a tocasse. Só o senhor Sbrancagna a defendera, disse que o menino não tinha se molhado e além do que era uma chuva quente. Mas ela fizera as malas e partira. Ficou até o último momento esperando que Concettina viesse lhe pedir desculpas, mas Concettina continuou trancada no seu quarto. A senhora Maria se lembrava de todos os sacrifícios que fizera por Concettina, quando tinha empenhado as joias para o seu enxoval, quando tinha feito o enxoval todinho em linho verdadeiro, agora com a guerra não se encontrava nem um pedacinho de linho verdadeiro na Itália. A senhora Maria não queria nunca mais rever Concettina, Concettina poderia se arrastar de joelhos até a pensão Corona que não a perdoaria jamais. Sentia somente pelo menino ao qual se afeiçoara muito, sussurrou um pouco sobre o menino, mas logo parou. Disse que não ia para San Costanzo porque não tinha força para subir por aquelas pedras e também não queria se afeiçoar à menina de Anna, não queria se afeiçoar a mais ninguém porque então eram só desgostos. Não, a pensão Corona era o melhor para ela, custava pouco e Cenzo Rena lhe mandava de vez em quando um pouco de dinheiro, era um homem que entendera a sua situação. Tempos atrás tinha feito o testamento e deixara

para Concettina muito do que possuía, mas agora tinha rasgado o tal testamento e agora queria deixar a Anna o que possuía. Abriu os braços na direção dos sapatos e das toalhas espalhadas pelo quarto e disse: — Quando eu morrer tudo isso será seu.

Desceram para comer à table d'hôte e Anna percebeu que a senhora Maria estava feliz na pensão Corona, talvez se lembrasse dos hotéis por onde passara com a avó, mas era só uma pensão miserável e a table d'hôte era uma mesa na forma de uma ferradura onde comiam várias velhinhas todas como a senhora Maria, cada uma com sua garrafinha de azeite, e comiam umas tigelas de água quente com algumas ervas, duas enchovas e oito cerejas para cada uma. A senhora Maria era muito amiga das outras velhinhas, e apresentou Anna como sua sobrinha, explicou devagar em francês que era inútil entrar em detalhes. Durante a tarde Anna foi passear sozinha porque a senhora Maria tinha muito o que fazer com as outras velhinhas, uma convidava a outra para ir ao seu quarto e bebiam o substituto do café. Anna teria gostado de visitar Concettina na sua cidade, mas a senhora Maria lhe disse que Concettina tinha ido para a montanha com o menino e a sogra, agora Concettina existia só para a sogra, não tinha mais irmãs ou irmãos, podia-se fazer uma cruz sobre ela.

Anna passeou sozinha naqueles dias que ficou em Turim, porque a senhora Maria estava muito ocupada com as velhinhas da pensão e com outros conhecidos que dizia ter em Turim, Anna a via saindo com grandes pacotes debaixo do braço e suspeitava que estivesse indo vender alguns vestidos ou toalhas, coisas que a avó deixara para ela. Mas o quarto continuava repleto de vestidos, toalhas e sapatos e estavam até em cima da escrivaninha entre um retrato de Ippolito e um prato com tomates.

Era o mês de julho e as ruas de Turim estavam quentes e desertas, o asfalto se derretia e grudava nos sapatos, Anna caminhava bem devagar por aquele asfalto escaldante com grandes cartuchos de cerejas na mão e comia olhando as vitrines, não havia muitas coisas nas vitrines mas ela se divertia assim mesmo a olhar, porque em San Costanzo havia só duas vitrines, a do comerciante de tecidos e a da venda com os famosos doces que enfureciam Cenzo Rena. Viam-se os jardins públicos sem as grades porque o ferro tinha sido requisitado, e nos jardins públicos se viam os quiosques de pedra e as setas indicando os refúgios subterrâneos, soava o alarme e as pessoas desciam sem pressa e sem confiança pelas escadinhas, não se assustavam muito porque não houvera grandes bombardeios e muitas vezes a sirene tocava e depois não acontecia nada, na verdade diziam que aqueles refúgios subterrâneos não tinham sido escavados o suficiente para serem realmente seguros. E naqueles refúgios subterrâneos em geral iam os casais para fazer amor, as pessoas que desciam pela sirene de alarme encontravam um amontoado de gente que se beijava sussurrando.

Anna, em uma tarde que passava pela avenida, viu de repente Giuma vindo na sua direção. Não a reconhecera e caminhava silenciosamente na sua direção, com o paletó jogado nas costas e com a mecha sobre os olhos. De repente se encontraram um diante do outro e ele teve um sobressalto, mas se recuperou e fez uma espécie de sau-

dação.

Caminharam juntos e inseguros trocaram algumas primeiras palavras. Ele estava ali para estudar, havia dito a mamãe que não queria mais saber da sua pequena cidade. Estudava ciências contábeis mas sempre pensava em ter um diploma em filosofia mais dia ou menos dia. Frequentava sempre as aulas de filosofia também. Morava em um quarto mobiliado e comia em um restaurante universitário, de noite muitas vezes cozinhava alguma coisa no seu quarto para gastar menos. Agora estava de férias mas mesmo assim não voltava para casa, em casa havia mamãe que ele não conseguia mais suportar. Tinha cometido tantos erros na sua vida, disse, agora queria viver de um outro modo. Anna viu que tinha sapatos empoeirados e gastos e calças brancas um pouco sujas, eram as suas velhas calças de tênis mas sujas e gastas, não tinha mais o relógio na concha escura, não tinha nenhum relógio e perguntou as horas para alguém que passava. Propôs tomarem um substituto do café. Entraram em um café e se sentaram do lado de dentro à sombra, ele de repente relaxou o rosto e sorriu, parecia muito contente de estar ali com ela naquele café. Perguntou-lhe se lembrava ainda do café de Paris. O dono nunca havia conseguido o dinheiro para acabar a reforma e o havia vendido, agora o café de Paris tinha se tornado uma tabacaria.

Ele pediu notícias de Giustino na guerra. Disse que ele não teria jamais ido para a guerra, se a guerra durasse muito e chamassem os da sua classe ele teria feito qualquer coisa para não ir, talvez desse um jeito de arrumar alguma doença grave. Ou talvez tivesse feito como Ippolito em um banco. Pensava muito em Ippolito, sentia muitas vezes vontade de fazer o mesmo. Sentia muito por não ter sido amigo de Ippolito, agora sabia que poderiam ter dito muitas coisas um ao outro, agora muitas vezes estava sozinho no seu quarto e falava com Ippolito como se estivesse diante dele. Tinha sido uma bela morte. Tinha sido uma bela morte e deixava uma lembrança intensa e serena a quem conseguisse entendê-la, com certeza as pessoas vulgares não podiam entender, achavam que fosse covardia escolher um banco de jardim para morrer. Mas ele, Giuma, vivia pensando que mais dia ou menos dia poderia sempre escolher um banco. Tivera momentos difíceis, disse, e baixou os olhos cruzando e descruzando as mãos. Momentos muito difíceis e tinha pensado muito nos bancos. Anna lhe perguntou se tinha sido porque a garota Fiammetta não quis se casar com ele. Também, ele disse, e sua voz se fez pequena e frágil, mas no fundo aquela garota era um pequeno detalhe no conjunto. Sobretudo não tinha com quem falar e então se punha a falar com Ippolito, um morto. Não era alegre falar com os mortos. Precisava se esforçar para se recordar do rosto de Ippolito, vira-o poucas vezes de relance, ia até o quarto de Emanuele para olhar o seu retrato. Que belo rosto tinha tido Ippolito, ninguém tinha um rosto tão bonito entre as pessoas que conhecia. Mas Emanuele imediatamente se assustava vendo que olhava o retrato de Ippolito, perguntava o que estava olhando e ia atrás dele quando saía com ar desconfiado. Ia atrás dele mas depois não sabiam o que se dizer; Giuma quando estava com Emanuele sentia a garganta fechada e não saía uma palavra.

Tinha sido Emanuele quem insistira com mamãe para deixá-lo ir estudar em Turim. De vez em quando vinha encontrá-lo em Turim e lhe fazia perguntas desenxabidas, queria saber se tinha namorada. Não, ele agora não tinha namorada. Não tinha nem mesmo amigos, e estava trancado no seu quarto e lia os filósofos, sequer ia ao cinema e prestava toda a atenção para não gastar dinheiro porque andava com verdadeiro ódio de dinheiro porque o fazia pensar em quem morria de fome. Perguntou a Anna se ainda se lembrava das conversas sobre a justiça, agora de repente tinha entendido que ela tinha razão sobre a justiça, lembrava-se de que ele ria quando falavam de revolução. Agora de um momento para outro dera para acreditar na revolução. Pediu uns doces meio cinza e comeu três ou quatro rapidamente, disse que era o seu jantar, não comia mais nada. Anna de repente lhe perguntou se sabia que tivera uma menina. Sim, disse ele, ficara sabendo, e imediatamente ficou vermelho, seus olhos se desviaram dela. Pôs-se a mexer com força o café falso. E como era San Costanzo, perguntou-lhe, Emanuele tinha falado mas naquele seu modo superficial e frívolo de sempre, Emanuele era um bom menino mas muito superficial. Não podia mais suportar Emanuele e mamãe, quando passava um dia em casa sentia que ia explodir, mamãe com as suas provisões, as suas amigas e o bridge. Não conseguia entender como tinha podido viver naquela casa por tanto tempo, arrastando-se com mamãe pelos salões, pensando em um dia se ocupar da fábrica de sabão. Estava estudando ciências contábeis para agradar a mamãe mas não tinha a mínima intenção de pôr os pés em uma fábrica. Era tarde, Anna disse que tinha que ir embora, tinha que arrumar a mala porque partiria no dia seguinte. Ele pediu que ela ficasse mais um pouco, queria lhe dizer uma coisa ainda, Anna esperou com o coração batendo forte. Ele afastou os cabelos dos olhos e perguntou a ela se a fizera sofrer muito, agora ele também tinha sofrido e sabia como era, sabia que tinha sido muito cruel com ela. Não, disse Anna, não. Ele então soltou um longo suspiro e vestiu o paletó e saíram do café. E em seguida não conseguiram dizer quase mais nada, ele somente continuava a repetir que agora ia ler no seu quarto e que já tinha jantado, seu jantar eram aqueles doces cinza e aquele café falso. Despediu-se dela na porta da pensão Corona, observou a fachada da pensão Corona e disse que parecia Paris, pobre Paris, disse, pobre França, agora com o general Pétain. Foi embora com seu passo que se tornara muito lento e frouxo, ela ficou olhando da porta, voltou-se ainda uma vez para trás agitando a mão para ela, sorriu com seus dentes de raposa. Ela começou a subir os degraus da pensão e se perguntava se era verdade, se realmente tinha passado a tarde com Giuma em um café. Partiu de Turim na manhã seguinte, deixou na estação a senhora Maria sacudindo o lenço, da mesma maneira que sacudia o pano de pó na janela tempos atrás. No último momento a senhora Maria quis lhe dar de presente uma pelerine, dizia que se usava muito. Logo que o trem começou a andar Anna tirou a pelerine, que era uma capa de seda de cor lilás-claro.

Passou a viagem toda falando com Giuma, dizendo-lhe tudo que não tivera coragem de contar quando ele estava diante dela. Passou a viagem toda contando como era

a menina que nascera deles dois. Mas se lembrava de como seus olhos se desviaram quando começara a contar da menina, via de novo os seus olhos desanimados que se desviavam. Tentava apagar a lembrança daqueles olhos desanimados, talvez não os tivesse desviado, talvez esperasse que ela falasse longamente sobre a criança e se surpreendera que ela de repente se calasse. Sentia muito que ele a tivesse visto com aquele vestido feio da costureira de San Costanzo, desprezava as roupas bonitas agora, mas mesmo assim ela não gostou que ele a tivesse visto daquele jeito. Tinha comprado um vestido bem bonito em Turim com os cupons economizados pela senhora Maria dos postos de distribuição, um vestido comprado pronto em uma grande loja. Mas naquele dia de Giuma não o vestira porque a senhora Maria já o colocara na mala. Que mania a senhora Maria tinha de arrumar as malas sempre antes do tempo, Anna sentiu uma grande raiva da senhora Maria, que pena que Giuma não a vira com aquele vestido, era lindo e não parecia uma cortina. Sentiu raiva também da pelerine e estava com vontade de atirá-la pela janela do trem, mas pensou que poderia dá-la à Maschiona para quando ia à missa aos domingos.

A Maschiona gostou muito da pelerine, mas trancou-a dentro do armário junto com o casaco e nunca se decidiu a usá-la. A menina estava agarrada à saia da Maschiona e se tornara carrancuda e selvagem, Cenzo Rena disse que a Maschiona fazia com que todos que estavam junto dela se tornassem carrancudos e selvagens. Anna olhava a cidadezinha da janela e percebia que a esquecera completamente naqueles poucos dias, em Turim quando tentava se lembrar dela só via o homem da perna de pau e os pelos das mulas diante da porta do ferreiro. Agora pouco a pouco reencontrava tudo o que existia. Depois se pôs a desfazer a mala e mostrou para Cenzo Rena o vestido comprado em Turim. Cenzo Rena olhou distraído e disse que não era feio. Mas ao saber quanto tinha custado ficou uma fera e disse que era demais, ele não tinha mais muito dinheiro, era preciso fazer economia e se limitar ao estritamente necessário. Tivera que emprestar mais dinheiro para o comandante porque a sua mulher deveria ser operada de um tumor no seio, levaram-na para a cidade de ambulância. O médico de San Costanzo não percebera que era um tumor, continuava dizendo que não era nada, precisaram chamar outro médico da cidade. Cenzo Rena disse que isso já era demais, era preciso se livrar o quanto antes daquele médico. Cenzo Rena e o comandante tinham feito as pazes novamente, o comandante confessara corando que fora obrigado a cortar os cachos do filho, porque a mãe estava no hospital e em casa ninguém sabia usar os tais bobes de noite. Agora sem os cachos o rosto do filho do comandante aparecia nu e liso como o do comandante, via-se um grande nariz achatado e Cenzo Rena achava que o garoto parecia um comandante pequeno, e achava que no fundo tinham tido razão em deixá-lo com os cachos aquele tempo todo. O comandante ainda sofria quando pensava nos cachos cortados, não sabia como contar para a mulher. O comandante tinha também dois gêmeos de poucos meses que ainda não usavam cachos, agora só restava esperar pelos cachos dos gêmeos.

Cenzo Rena andava de muito mau humor e se irritava também por ter feito as pazes com o comandante, porque agora estava sempre na sua casa e era preciso consolá-lo e lhe dizer que a sua mulher ficaria boa. Vinha muitas vezes também de noite e encontrava o camponês Giuseppe, e assim não era mais possível ouvir o rádio proibido na frente do comandante, o comandante ficava sentado em cima da sua capa e no peito usava um distintivo onde se lia: "Que Deus amaldiçoe a Inglaterra".

Anna sugeriu a Cenzo Rena que fizesse uma viagem, por que por exemplo não ia para Turim. Por que para Turim, perguntou Cenzo Rena, por que agora todos deveriam ir para Turim, a cidade mais entediante da Itália. Não, não queria ir para nenhum lugar, queria ficar em San Costanzo e ver se conseguia um outro médico. Entretanto o médico soubera que não o queriam mais, e se tornava cada dia mais triste. Procurava mostrar seus préstimos com a disenteria. Quando encontrava Cenzo Rena dizia que não tinha realmente entendido aquela coisa da mulher do comandante, parecia tão pequeno, um nódulo, ele receitara compressas de papa de semente de linho. Um nódulo, dizia Cenzo Rena, um nódulo. E punha-se a lhe explicar que era inútil a sua obstinação em ser médico. O médico perguntava o que é que poderia fazer, tinha vivido a vida toda como médico, dera o melhor de si para cima e para baixo por aquelas ruas no inverno, no verão. Agora estava com quase setenta anos. Quando jovem acreditara na beleza de salvar as pessoas, mas pouco a pouco começara a se perguntar, mas para que salvar, eram camponeses todos iguais, chamavam o médico mas em seguida não davam a menor bola para o que ele dizia, na verdade acreditavam somente nas suas bruxarias. Quando um menino estava com tosse convulsiva davam urina para ele beber, sim, era isso, mas Cenzo Rena já devia saber. Ele pouco a pouco se tornara muito triste, atualmente só gostava de comer bem, o momento da refeição era o melhor do dia. É verdade, doía-lhe a história da mulher do comandante, mas na verdade contra um câncer de mama não havia nada a se fazer, morreria da mesma forma se ele tivesse percebido antes. E também que vida levava a mulher do comandante, não era muito melhor do que a dos camponeses, esfalfava-se entre o tanque e os filhos e diziam que o comandante batia nela. E além disso aquelas mamas eram uma muxiba, dois sacos murchos que davam dó, e ele tentava olhar o menos possível quando o chamavam para consultá-la.

Cenzo Rena disse a Anna que sentia compaixão por aquele triste médico, se acontecesse de chamarem outro para o seu lugar. Mas disse que todos os homens inspiram compaixão se vistos um pouco de perto e na verdade a gente deveria se defender daquela compaixão imediata que os homens inspiravam se vistos de perto. Estava sentado na cama no quarto deles, tinha tirado a camisa e estava ali com o torso nu com o seu peito gordo e todo cheio de pelos grisalhos, coçava as costas e o peito entre os pelos e dava grandes bocejos, Anna lhe dizia que uma vez havia visto um leão no zoológico e que bocejava como ele. Quando é que tinha ido ao zoológico, ele perguntou, nunca tinha lhe contado. Anna disse que fora uma vez quando pequena em Roma, com Giustino e a senhora Maria. Além do que não tivera tempo de contar muitas coi-

sas ainda, por exemplo não contara tudo de Turim porque ele só falava do médico e da mulher do comandante. Em Turim, disse-lhe, tinha encontrado Giuma e foram juntos a um café. Cenzo Rena vestiu o pijama e se deitou na cama e parou de repente de se coçar e de bocejar. Ficou mudo e olhando para o teto, tinha tirado os óculos e seu rosto parecia sempre muito estranho sem os óculos, parecia transtornado e nu. Calava e batia as pálpebras e engolia, e crescia entre eles um profundo silêncio, Anna estava ao lado da janela ainda vestida, usava o vestido comprado em Turim. Fora era noite, uma noite de agosto, viam-se as montanhas na lua, e pelas janelas entrava um forte cheiro de pó e de mato pisado. E como é que estava agora esse tal Giuma, perguntou enfim Cenzo Rena, no que é que tinha se transformado. Mas Anna não estava mais com vontade de falar de Giuma, estava lá no canto da janela e pensava como era estranho o nome de Giuma naquele quarto, como era estranha a voz de Cenzo Rena ao pronunciá-lo, Cenzo Rena e Giuma eram duas coisas impensáveis juntas. Cenzo Rena disse para ela tirar aquele vestido horrível comprado em Turim. Que viagem idiota tinha feito, disse-lhe, tinha comprado aquele vestido horrível e não tinha conseguido trazer a senhora Maria da pensão Corona, ele estava bem contente de não ter a senhora Maria por ali mas não poderia ficar eternamente na pensão Corona, por menos que gastasse em uma pensão era sempre um gasto e ele não podia ficar eternamente mandando dinheiro. Todos queriam dinheiro dele e ele dentro de pouco tempo não teria mais nada. Anna tirou a roupa rapidamente, apagou a luz e de repente lhe perguntou se fizera mal em se sentar com Giuma em um café. Não, ele disse, não. E se voltou para o seu lado e a cama toda tremia e ele lhe perguntou se não entendia que gostava muito dela e sempre sentia um pouco de medo de que fosse embora com Giuma, ou com um outro qualquer, e o deixasse sozinho.

7.

A mulher do comandante foi mandada do hospital de volta para casa porque não havia mais esperança, e morreu no outono, morreu sem saber que morria e toda feliz de não estar mais no hospital, e sim deitada na sua grande cama de mogno comprada com o dinheiro de Cenzo Rena, com a janela aberta sobre a pracinha da prefeitura e nos suaves dias de outono. O seu quarto ficava no último andar do quartel, e a cada duas ou três horas ouvia-se a campainha do turco que recebera ordens do comandante de tocar seguidamente, e o comandante estava desesperado de ter dado tal ordem porque o toque repetido da campainha perturbava o repouso da sua mulher, debruçava-se na janela gritando para o turco que tocasse a campainha mais devagar. Às três velhas bastava tocar uma só vez pela manhã, porque eram tão velhas que seria impossível que fugissem, mas vinham mesmo assim até o comandante se lamentar de alguma coisa, uma hora alguém não lhes pagara pelos remendos, outra hora não tinham fechado os olhos de noite porque os meninos do alfaiate que lhes alugava o quarto gritavam a noite toda. O comandante respondia que ele também não fechava os olhos à noite porque os gêmeos choravam e sua mulher se lamentava.

A morte da mulher do comandante comoveu a cidadezinha toda, nunca suportaram aquele comandante mas agora se enterneciam com o viúvo e os orfãozinhos. Os camponeses voltaram à casa de Cenzo Rena, um pouco porque ele fizera as pazes novamente com o comandante, e também porque precisavam falar sobre o enxofre para as vinhas que estava em falta, por causa da guerra o enxofre também tinha desaparecido e a filoxera estava comendo as poucas vinhas de San Costanzo, sempre descabeladas pelo vento no topo da colina. Os camponeses esperavam que Cenzo Rena conhecesse tru-

ques para encontrar o enxofre, mas ele também possuía vinha e ele também não encontrava o enxofre, levava os camponeses para ver a sua pequena vinha com as folhas doentes, só o interventor tinha enxofre e sabe-se lá como fizera para encontrá-lo. O comandante não possuía vinha, mas ele mesmo dificilmente ficava sem vinho, porque levavam garrafas para ele de noite aqueles que não queriam ir para a guerra. Logo deixaram de se comover com o comandante, porque pusera dentro de casa uma irmã jovem da mulher e diziam que já andava fazendo amor com ela naquela grande cama de mogno, comprada com o dinheiro de Cenzo Rena. Todos choravam pela morta que era boa e cordata, enquanto aquela mais jovem com quem com certeza o comandante acabaria por se casar queria mandar na cidadezinha, debruçava-se na sacada do quartel e chamava as mulheres para virem lavar a roupa ou cuidar dos gêmeos e nem sonhava em pagá-las, mas ninguém se recusava por medo do comandante. Ainda havia a parteira que estava apaixonada pelo comandante e agora girava pelas ruas com os olhos vermelhos e a cara transtornada, desde que aquela garota com seios de pera chegara ao quartel a parteira dizia que era um escândalo aqueles dois seios de pera no quartel. Cenzo Rena se divertia muitíssimo com essas histórias, que sabia pela Maschiona e pelos camponeses e havia ainda quem dissesse que o comandante maquinara a morte da mulher, não que a tivesse matado mas fizera de maneira que morresse levando-a para o hospital muito tarde, para não ter mais em casa aquelas mamas doentes mas sim dois seios de pera, e assim se a mulher do comandante morrera não era culpa do velho doutor mas do comandante. Ninguém mais pensava em mandá-lo embora e Cenzo Rena também pouco a pouco abandonara a ideia, e dizia que tudo ficava adiado para depois da guerra se é que existiria esse depois, se chamassem um outro médico agora poderia acontecer de verem chegar um outro velho trambolho ainda pior do que aquele que tinham.

De repente chegou a notícia de um grande bombardeio em Turim, com milhares e milhares de mortos. Anna correu para telefonar para a pensão Corona mas não foi possível completar a ligação. Cenzo Rena andava de lá para cá diante do posto do correio onde estava o telefone, passaram um dia inteiro diante do posto do correio esperando a ligação. Cenzo Rena de noite disse que provavelmente a essa altura haveria um buraco no lugar da pensão Corona. Anna se perguntava se Giuma também teria morrido.

Alguns dias depois receberam uma carta de Concettina. Ela vira inesperadamente chegar um grande pacote de toalhas todas chamuscadas, e em seguida recebera uma carta da dona da pensão Corona, que lhe dizia que a senhora Maria tinha morrido nas escadas da pensão, arrastada pelo desabamento das escadas com uma mala enorme, na qual estavam aquelas toalhas. Todos os moradores haviam descido para o porão logo depois da sirene do alarme, mas a senhora Maria não descera com os outros, era sempre a última a descer porque transitava pelo quarto guardando na mala sapatos, vestidos, toalhas e a dona da pensão precisava ir duas, três vezes bater na porta para chamá-

la arriscando a própria vida. E naquela vez também a dona da pensão batera na porta e a senhora a tratara mal, gritara que era suficientemente grande para cuidar de si mesma sozinha. A dona da pensão descera para o porão com os outros moradores. E em seguida ouviram um estrondo terrível, e quando saíram do porão só encontraram as paredes da pensão Corona, todo o resto era fogo e poeira, e encontraram a senhora Maria entre os destroços das escadas, agarrada à sua grande mala.

Concettina dizia ter escrito mais de uma vez à senhora Maria para que fosse embora de Turim. Mas a senhora Maria não a ouvira. A senhora Maria se ofendera com ela por uma bobagem, e na verdade a culpa era toda da mãe de Emilio, tudo por causa da história de uma maçã, Concettina agora estava mortalmente brigada com a sogra e não queria mais continuar com eles. Agora estava nas "Amarenas" com o menino porque não se sabia bem se a pequena cidade deles seria segura, com aquela tola fábrica de sabão que alguém podia resolver bombardear. Estavam bombardeando tanto em Turim e Milão que parecia que não se estaria mais seguro em lugar nenhum. Giuma retornara de Turim pálido de susto, salvara-se por milagre e viram que tinha chegado com os cabelos ainda cheios de restos de cal, o subsolo onde vivia desabara na sua cabeça. Salvara-se porque se metera em um canto, apoiado na viga mestra que havia resistido. E agora ele e mamãe haviam partido juntos para o Lago Maggiore, só Emanuele não se mexera, bancava um pouco o herói, dizia que não podia deixar a fábrica de sabão. Concettina não recebia notícias do marido já havia algum tempo, e Giustino também não escrevia, sabe-se lá se ainda estavam vivos. Concettina estava nas "Amarenas", lembrava-se de como se aborrecia nas "Amarenas" quando era garota mas agora não era mais importante se aborrecer ou não, bastava que o seu menino não conhecesse a guerra. Sentia muito remorso por causa da senhora Maria, mas sabia que era bobagem sentir tanto remorso, porque ninguém tinha culpa se morrera daquela maneira. Cenzo Rena escreveu uma carta para Concettina na qual lhe dizia que no entanto havia razão para sentir remorso, porque tinha sido uma bruxa com a senhora Maria e a deixara ir para a pensão Corona onde morrera e ele também sentia remorso pensando nela com a mala nas escadas daquela pensão. Mas em seguida rasgou a carta, não a mandou, lembrando que decidira não mortificar mais ninguém, e se alegrava de nunca ter se zangado com o camponês Giuseppe em todas as longas horas que tinham passado juntos, porque agora o camponês Giuseppe também estava na guerra. E ele de novo sentia vontade de ouvir dizer: "Vivi e morri socialista", mas no entanto lhe restava passar as noites com o comandante, porque provavelmente não era verdade que o comandante fazia amor com os seios em forma de pera, provavelmente pouco se importava com aqueles novos seios se vinha passar as suas noites com Cenzo Rena.

Passou um outro inverno, um outro longo inverno com as pessoas que esperavam cartas da Rússia, mas agora com certeza os soldados não tinham tempo de se sentar para escrever porque tinham que fugir todos os dias. Agora também os alemães estavam fugindo, parecia impossível que fugissem eles que estavam sempre tão à frente, e

o comandante se sentava triste em cima da sua capa e dizia a Cenzo Rena que não estava gostando do rumo que a guerra tomara. Cenzo Rena dizia que realmente era um rumo estranho, prestava sempre muita atenção em suas palavras quando falava da guerra com o comandante e logo que o comandante ia embora bufava e reclamava do suplício que eram para ele aquelas noites com o comandante, que levava a conversa sempre para a guerra e era preciso prestar atenção em responder só com meias palavras. O comandante sempre se lamentava do turco que a toda hora ia tocar a campainha, até mesmo nas primeiras horas da tarde quando ele se deitava para cochilar, não aguentava mais o tal turco e implorava a Cenzo Rena que lhe dissesse para tocar menos vezes. Cenzo Rena tentara muitas vezes lhe explicar mas o turco era muito teimoso, o comandante lhe havia dado ordens para tocar e ele tocava, e metera na cabeça que se tocasse sempre estaria se comportando bem, talvez aceitassem na delegacia um pedido seu de transferência ainda mais para o sul, porque ali sentia frio demais e a única coisa que ele gostava em San Costanzo era às vezes falar em turco com Cenzo Rena, era tão raro encontrar alguém que falasse turco na Itália. Em voz baixa perguntava a Cenzo Rena se a guerra não era agora questão de poucos dias, com os alemães fugindo e os russos entrando na Alemanha. Não simpatizava muito com a Rússia porque não gostava de comunistas, mas agora fazia figas quando pensava na Rússia, nunca teria acreditado que daquela parte pudesse vir tanta alegria. Tempos atrás tinha medo dos comunistas mas agora tinha medo só dos alemães, pensava que mesmo que os comunistas abocanhassem para si toda a terra, não criariam problemas para ele que andava pelo mundo vendendo tapetes, os comunistas ao menos não faziam nada contra os judeus. Sofria de ciática e caminhava sempre com uma mão nas costas, dizia que na pensão comia cada vez menos e sentia cada vez mais frio, e a guerra tinha que acabar porque ele não aguentava mais. Cenzo Rena o convidava para almoçar, mas ele se recusava para não se afastar do quartel aonde ia a toda hora tocar a campainha.

Cenzo Rena dizia que talvez realmente a guerra terminasse em pouco tempo, e o fascismo explodisse na Itália e na Alemanha, mas talvez explodindo a terra desmoronaria. A ele parecia que a terra já estivesse desmoronando um pouco, com cidades inteiras desabando por todos os lados, gente que fugia por todos os lados e aqueles trens compridos blindados onde os alemães colocavam milhares e milhares de judeus. Cenzo Rena se lembrava dos trens alegres em que tempos atrás viajava e se perguntava se um dia os trens poderiam voltar a ser alegres, em que as pessoas subiam para viajar e se divertir e chegar. Ouvira falar desses trens blindados pelos internados em Scoturno, que sabiam de parentes e amigos que estavam perdidos naqueles trens e ia especialmente a Scoturno falar daqueles trens, com o turco não falava sobre isso porque o turco não sabia que existiam. Mas não podia evitar de pensar no turco naqueles trens toda vez que o encontrava, e então era muito gentil e paciente com o turco e o deixava se lamentar da sua ciática e do dono da pensão e falar da guerra como uma coisa que deveria acabar imediatamente caso contrário a ciática não seria curada. Passavam soldados e mais

soldados pelas estradas de San Costanzo, e cantavam "Lili Marlene", uma canção que Cenzo Rena aprendera e que lhe parecia tristíssima, dizia que era a canção da terra que desmoronava.

Acordava de manhã e se lavava um pouco na bacia, mas se lavava sem alegria, e sem alegria saía de roupão para ver como estava o tempo. O céu estava imóvel e puro por cima dos pinheiros e das ríspidas colinas, a primavera começava e viam-se alguns ramos floridos nas hortas que desciam até o rio, mas naquele céu imóvel e puro via-se de repente brilhar um pequeno avião como uma unha de prata. Cenzo Rena sabia que era um avião italiano de reconhecimento, mas mesmo assim sentia angústia e medo ao ver aquela unha distante, com uma pequena fumaça branca que se dissolvia bem devagar no céu. Entrava de novo em casa, puxava a menina pela mão e perguntava a Anna se estava se tornando medroso na velhice, nunca teria pensado que se sentiria inquieto por causa de um avião que passava. Havia algum tempo se sentia sempre angustiado. E então Anna também sentia angústia, pensava na pensão Corona e nos pequenos aviões brilhantes que tinham matado a senhora Maria. Cenzo Rena dizia que sentir angústia era o mínimo que podia acontecer, porque talvez a terra desmoronasse dali a pouco em um terrível estrondo.

8.

Um dia Anna viu Franz descendo da jardineira-correio. Estava todo vestido de branco como quando jogava nos torneios de tênis e carregava na mão uma grande mala e raquetes de tênis dentro de capas, e olhava ao seu redor na praça da prefeitura, e Anna foi ao seu encontro e ele então se iluminou de prazer. Emanuele o havia aconselhado a pedir transferência para San Costanzo, porque na cidadezinha onde estava antes circularam umas intrigas que ele agora não poderia explicar.

Anna e Cenzo Rena levaram-no até o quartel e depois à prefeitura, e se puseram com ele a procurar um quarto pela cidadezinha. Mas ele não gostava de nenhum quarto, explicava que na cidadezinha onde estava antes tinha alugado um palacete ducal, perguntava se não havia ali em San Costanzo algum palacete desabitado. O comandante mandou perguntar à marquesa se não poderia ceder um quarto àquele novo internado, mas a marquesa já soubera que era alguém que conhecia Cenzo Rena e respondeu atravessado. Franz disse que só na casa de Cenzo Rena se sentiria bem, com o pinheiral às suas costas onde respiraria o ar fresco da manhã. Mas Cenzo Rena lhe disse que não suportava ninguém na sua casa, tinha horror às coabitações e por isso não engolia o comunismo, porque ouvira dizer que era preciso dividir a casa com muitas pessoas. Se não fosse por isso talvez até gostasse do comunismo. Franz acabou na pensão com o turco, no quarto ao lado do turco, e comia com o turco na cozinha carne escura de castrado e outras coisas ruins que cozinhavam na pensão.

Anna lhe perguntou onde estava sua mulher. Ele respondeu de maneira um pouco confusa, tiveram umas pequenas desavenças mas nada sério, agora ela estava com mamãe no Lago Maggiore, e estando um pouco distantes poderiam se concentrar e

pensar um pouco. Havia circulado uma fofoca pela cidadezinha onde estavam, uma história com uma farmacêutica, ele não tinha tocado naquela farmacêutica, mas Amalia era sempre tão ciumenta. Agora se sentia feliz de estar sozinho, nos casamentos era preciso um período de trégua de tempos em tempos, assim se podia concentrar e pensar. Estava muito contente pelos alemães que tinham demorado tanto para começar a fugir, durava ainda mais um mês, talvez dois, e depois aquela lástima da guerra acabaria para sempre. Perguntou se em San Costanzo não existia nenhum campo de tênis. Cenzo Rena o levou até a janela e lhe mostrou San Costanzo, lhe perguntou se parecia um lugar com campos de tênis.

Franz e o turco nunca fizeram amizade, ou melhor, passaram a se odiar e faziam pequenas desfeitas um ao outro, na mesa Franz ligava o rádio com músicas alegres e o turco desligava, Franz abria a janela e o turco fechava. Franz ia até Cenzo Rena se desafogar contra o turco mas Cenzo Rena não lhe dava razão, o turco na verdade era uma boa pessoa. Cenzo Rena dizia a Anna que Emanuele lhe dera um belo presente, mandando-lhe aquele bobinho de calçãozinho curto de tênis, que belos amigos Anna tinha, eram uns belos tipos aqueles da casa da frente. Anna lhe dizia que ele não queria mortificar mais ninguém e portanto deveria ser gentil com Franz também, além do que Franz era judeu e poderia acabar em um daqueles trens blindados, Cenzo Rena então se lembrava dos trens blindados e se esforçava em ser gentil com Franz, mesmo que sentisse muita raiva quando o via chegar saltitando pelas pedras com suas pequenas pernas musculosas dentro do calçãozinho curto de tênis.

Franz era porém muito comovente quando brincava com a menina. Tinha muita paciência com ela e passavam horas juntos, jogando bola e escavando na terra com uma colherzinha, falando bem devagarinho. A menina agora estava com dois anos, e perdera aqueles cabelos finos e delicados, agora tinha mechas desgrenhadas loiras e secas como palha, e tinha dois olhos verdes como poças d'água, e uma grande boca atrevida. Aquelas mechas sempre lhe caíam como chuva sobre o rosto e ela as afastava com um gesto atrevido e imperativo, e Cenzo Rena sempre se surpreendia com aquele gesto, sempre se surpreendia ao ver um ar tão sério e atrevido naquela pequeníssima menina. Estava sempre muito suja, porque brincava o dia inteiro pelo chão, e gritava e se debatia quando alguém tentava lavá-la. Se conseguia fugia para ir brincar com os meninos dos camponeses na rua, e Cenzo Rena tinha medo de que pegasse disenteria, e Anna corria atrás dela e ela então gritava e se debatia e batia no rosto da mãe com suas pequenas mãos sujas. Ficava olhando Franz cavar a terra com uma colher, olhava para ele com tranquila indiferença, de pé diante dele com as mãos nas costas, ele falava com ela mas ela nunca respondia e afastava a mecha de cabelos de palha do rosto atrevido. Quando via Franz chegando, ia ao seu encontro tranquilamente e enfiava nas suas mãos uma colher para que cavasse. Franz dizia para Anna como era bela e estranha a menina, ele gostaria muito de ter uma menina assim. Entretanto não teria uma criança jamais, Amalia tinha a bacia estreita e não podia ter filhos. Entristecia-se pensando que

nunca teria uma criança. Pouco a pouco contou para Anna e Cenzo Rena o que acontecera com Amalia na cidadezinha onde viviam, havia uma farmacêutica de quem gostava um pouco, tinham feito uns passeios juntos aos domingos quando a farmácia estava fechada, talvez tivesse lhe dado um meio beijo, coisas sem importância. Mas a cidadezinha inteira ficara sabendo e escreveram cartas anônimas para Amalia e para o marido da farmacêutica, que não era farmacêutico mas contador. Houvera um pequeno escândalo, precisara dar dinheiro para que o contador se acalmasse, e Amalia tivera uma crise histérica, dava grandes risadas e chorava ao mesmo tempo, e depois caíra desmaiada e ele levara um susto enorme. Estava lá muito pálida no chão e ele não sabia o que fazer, queria ir buscar alguma coisa na farmácia mas na farmácia estava a farmacêutica, enfim lhe dera um pouco de água-de-colônia para que respirasse e Amalia voltara a si. Ele lhe pediu perdão, jurou que não dava a menor bola para a tal farmacêutica e em pensamentos tinha sempre sido fiel a ela. E era verdade, gostara um pouco da farmacêutica porque era bonita, Amalia coitadinha não era bonita. E mais, Amalia não ia para a cama com vontade, ficava sempre imóvel e toda vez era como se ele estivesse fazendo uma desfeita para ela, e talvez se ela fosse com um pouco mais de vontade para a cama ele não teria olhado tanto para as outras. Cenzo Rena lhe disse para calar a boca, porque para eles não interessava como ia para a cama com sua mulher.

No dia seguinte ao desmaio Amalia tinha partido. Não lhe dirigira mais uma palavra, estava taciturna e muito pálida, ele se desesperava ao pensar que faria aquela longa viagem sozinha e talvez desmaiasse de novo. Não lhe escrevera, soubera que tinha chegado por uma carta de Emanuele. Ele escrevera a Emanuele implorando que lhe mandasse notícias sempre. Afinal era sua mulher e gostava dela, como podia ficar sem notícias, tantas
vezes à noite se consumia pensando que ela o abandonara e seus pais com certeza estavam mortos na Polônia, não soubera mais nada sobre eles, muitas vezes chorava no travesseiro como um garoto. Sentia-se um desgraçado e muito sozinho. Enxugava as lágrimas com os dedos pelo rosto todo e implorava a Cenzo Rena que escrevesse para Emanuele persuadir Amalia a voltar para ele. Não era sua culpa se gostava de garotas, dizia, sempre gostara muito delas, além do mais quem é que não gostava, agora ali em San Costanzo gostava da cunhada do comandante. Tinha dois belos seios de pera e belos cabelos crespos, e um narizinho adunco, meio sisudo e engraçadinho. Quando tocava a campainha no quartel olhava para cima para ver se os seios de pera se debruçavam e com certeza o turco também gostava de vê-los se debruçar, caso contrário por que é que tocava a campainha seguidamente. Ele não se sentia traindo sua mulher quando olhava para aqueles seios, que dançavam debaixo da blusa, para lá e para cá. Achava que Amalia estaria bem em San Costanzo, não tinha palacetes ducais mas as pessoas eram honestas e não fofocavam, lhe dariam paz com as cartas anônimas. Cenzo Rena disse para tirar o cavalinho da chuva, San Costanzo era o paraíso das cartas

anônimas.

Os ingleses atacavam duramente todos os dias na Sicília, e lá estava o camponês Giuseppe, não se tinha notícias, todo dia a mulher de Giuseppe aparecia na casa de Cenzo Rena para lhe perguntar o que achava. Ele achava que Giuseppe estava morto, e fazia um grande esforço para não dizer à mulher, para sorrir e acariciar as crianças que ela arrastava consigo, lhe perguntava se estava dando arroz para as crianças e se tomava cuidado com a disenteria. Mas logo que ela ia embora bufava e reclamava, e enxugava o suor, por que é que deveria sempre se esforçar para esconder seus pensamentos quando na verdade tinha vontade de dizer para todo mundo que não adiantava nada, a terra estava desmoronando. À noite se punha a pensar no camponês Giuseppe, acordava Anna e lhe dizia que com certeza estava morto. Anna então perguntava se Giustino também estava morto. O marido de Concettina havia mandado um cartão-postal de um hospital de Lubiana, estava ferido mas uma coisa muito leve, não se sabia nada sobre Giustino. Cenzo Rena se calava sobre Giustino, suspirava e se agitava na cama, Anna então se punha a chorar e dizia que ele já estava pensando em Giustino morto, por isso ficava calado. Não, dizia, não, Giustino talvez tivesse escrito muitas cartas que não tinham chegado, o correio da Rússia funciona como podia. Pedia perdão para ela se não sabia consolá-la bem, não sentia mais vontade de consolar ninguém e sim vontade de encontrar qualquer um que o consolasse, sentia tamanho vazio dentro de si. E havia a mulher de Giuseppe que aparecia todo dia e esperava dele palavras de esperança como água para matar a sede, vivia com uma cunhada malvada que repetia a todo momento que não havia mais esperança para Giuseppe com tudo que estava acontecendo na Sicília, onde os ingleses estavam quase desembarcando. Dizia isso com ar de dor e enxugava as lágrimas, e dizia também que era preciso se resignar ao destino, e Giuseppe estava pagando seus pecados porque sempre fora um subversivo e lia livros ruins à noite. A mulher de Giuseppe era pequena e pálida, tinha o rosto delicado e abatido e a boca toda vazia sem dentes, quando ria era impressionante ver aquela boca jovem toda vazia sem dentes. Cenzo Rena se surpreendia que ainda tivesse vontade de rir, com o marido na Sicília e a cunhada malvada, e uma vida toda de fadiga nos campos, e se surpreendia que não tivesse pudor em escancarar aquela boca vazia. Dizia para ela que alguém esperto como Giuseppe conseguiria se safar de qualquer maneira, daria um jeito de ser feito prisioneiro e assim estaria tranquilo nos Estados Unidos ou na Índia até quando a guerra terminasse. A mulher de Giuseppe ficava muito contente, e ia correndo embora com um menino no colo e outro pela mão, corria para contar à cunhada que quem era esperto conseguia não morrer na guerra.

A disenteria tinha se alastrado pela cidadezinha mas Cenzo Rena deixara a disenteria um pouco de lado, não estava sempre atrás do médico pelas casas dos camponeses, além do que era inútil dizer para eles comprarem arroz porque não se achava arroz para comprar. As noites da vitela também pareciam coisa antiga, não se matavam mais vitelas porque os camponeses preferiam vendê-las no mercado negro na cidade, não

ousavam vender no mercado negro ali na cidadezinha deles de medo das cartas anônimas. Mataram um touro que era velho e venderam no açougue, e a todos parecia ainda ver o touro quando passava pela rua voltando do pasto, grande e preto, velhíssimo e cansado, era carne dura de comer mas os que chegaram a tempo para comprá-la comeram, e a Maschiona também conseguiu comprar um pedaço grande e Cenzo Rena comeu a carne por dois dias e dizia que vá saber o que lhe aconteceria agora comendo carne de touro, mas dizia que depois da guerra queria ir viver numa cidade, porque não gostava de ter que comer animais que vira andando vivos.

9.

Mussolini disse em um discurso que os ingleses não conseguiriam jamais desembarcar na Sicília, e que não iriam além da linha da fímbria marítima. Franz ria sem parar da fímbria marítima, que palavras extraordinárias, onde será que Mussolini foi pescá-las. Cenzo Rena lhe disse para não rir, talvez na linha da fímbria marítima estivesse o camponês Giuseppe. Por isso não, tinha muito mais gente lá, disse Franz ofendido, e não só o seu camponês Giuseppe. Mas qual o problema em se rir um pouco das palavras esquisitas de Mussolini. Não, disse Cenzo Rena, Mussolini não era mais engraçado e não fazia mais rir. Fizera rir muito quando usava polainas e cartola e quando se deixava fotografar com filhotes de tigre no braço, e quando caminhava com as mãos nos quadris entre feixes de espigas e donas de casa do campo. Mas de ano em ano se tornara uma coisa cada vez mais fúnebre. A sua grande cara de estátua passava de automóvel pela cidade, sobressaía grande e cerácea pelas sacadas, de ano em ano sempre maior e mais nua. E pouco a pouco tudo o que se fazia na Itália era feito à imagem daquela cara de estátua, os escultores esculpiam suas estátuas com os traços daquela cara, até as fontes, as estações ferroviárias e as agências do correio imitavam a arquitetura daquela cara, e os ministros e os hierarcas procuravam ficar parecidos e conseguiam, ninguém sabia como mas conseguiam e pouco a pouco neles se via surgir uma imensa cabeça nua e cerácea que fazia imediatamente pensar em uma estação ferroviária ou em uma agência do correio. E talvez ainda se pudesse rir um pouco, de todas aquelas agências sentadas no Grande Conselho. Mas agora as agências do correio verdadeiras tinham desabado, cidades inteiras tinham desabado e aquela grande cabeça de cera havia desaparecido, não se sabia o que lhe havia acontecido, se parecia muito assustada

ou muito desesperada ou muito louca, ou então de repente sentira vergonha de ser tão grande e tão nua. E reapareceu de repente para explicar o que era a fímbria marítima. E não eram palavras que faziam rir, tinham um som lúgubre e desafinado, assim como era lúgubre e desafinada aquela grande cabeça nua que reaparecia de repente. Não, Mussolini não fazia mais rir, ia longe o tempo em que se podia rir dele, ia longe o tempo da cartola e dos filhotes de tigre. Mussolini agora com a fímbria marítima inspirava horror e um pouco de piedade também. Não, piedade não, disse Franz, estava ali cavando na terra para a menina e de repente jogou longe a colher, ele não dava a sua piedade para Mussolini, ele não sabia nada sobre os seus pais mas sabia que não os veria mais vivos, e então mantinha sua piedade bem guardada para si mesmo, e para aqueles como ele que tinham perdido a família sabe-se lá como e onde. Pediu desculpas para Anna mas disse que ia embora porque não estava com vontade de ficar ali com Cenzo Rena e vê-lo comovido com Mussolini. Começou a descer pelas pedras, descia devagar talvez porque esperasse que o chamassem de volta, Anna queria chamá-lo mas Cenzo Rena disse para deixá-lo ir, estava tão mas tão cansado daquela cara tola de Franz. A menina permaneceu um tempo olhando para as costas de Franz indo embora, e em seguida em um gesto rápido atirou-lhe nas costas a colher.

Franz ficou de cara fechada por alguns dias, mas depois voltou. Evitou falar da fímbria marítima, na verdade não tinha por que falar da fímbria marítima já que os ingleses em poucos dias ocuparam a Sicília. Apareceu a mulher de Giuseppe rindo com aquela boca vazia, Giuseppe tinha escrito de Bari onde fora evacuado junto ao seu batalhão, estava bem e talvez em breve o mandassem para casa de licença. Cenzo Rena disse que Giuseppe era uma nulidade, estivera a dois passos dos ingleses na linha da fímbria marítima e não fora capaz de se deixar capturar e assim se fizera evacuar em Bari, que palavras lúgubres e desafinadas tinha a guerra, não gostava nada de pensar em Giuseppe evacuado. Anna lhe disse que havia algum tempo não estava contente com mais nada, tinha sentido tanto medo pelo camponês Giuseppe e agora não sabia nem mesmo como comemorar sua evacuação. Era verdade, disse Cenzo Rena, percebia que tinha se tornado muito entediante e maldoso havia algum tempo, estava irritado com todo mundo e sentia vontade de rondar pelas ruas anunciando coisas lúgubres e também não andava se sentindo bem, não comia nem dormia com gosto. Era culpa da Maschiona que o obrigara a comer carne de touro, agora andava sentindo gosto de touro até no pão, até o pão andava com gosto de touro com cebolas. Mas se já tinha passado ao menos um mês desde que comera carne de touro, dizia a Maschiona, e quando comera não dissera que lhe dava nojo, tinha comido por dois dias com muito pão e muita cebola, além do que ela cozinhava o que encontrava.

Chegou a San Costanzo uma família de desalojados de Nápoles, mulheres e colchões e crianças descarregados numa manhã de um caminhão na praça da prefeitura e o comandante aflito procurando acomodação para eles na cidadezinha. Cenzo Rena pensava que deveria levar para sua casa no mínimo quatro pessoas, pensava nos muitos

quartos da sua casa, e entretanto não sentia vontade de levar ninguém, não queria coabitar, acompanhou o comandante na procura de acomodação pela cidadezinha. Via só como ele era, disse para Anna, o dia todo gemia por causa das casas desabadas e quando apareciam desalojados não tinha vontade de hospedá-los, e ó Deus como não tinha vontade, via só que tipo nojento. Não era medo de que estragassem seus móveis, não era por isso, cederia de boa vontade a casa inteira se tivesse outro lugar para ficar, o que o repugnava era coabitar. Olhava pela janela os desalojados de Nápoles que iam e vinham pelos becos da cidade, carregando colchões e crianças, olhava e dizia que era triste ver todos aqueles colchões levados de lá para cá por toda a Itália, a Itália agora tinha levado para fora os colchões das casas bombardeadas. E talvez também eles tivessem que fugir dali a pouco tempo, com os colchões, e a menina e a Maschiona, e o cachorro, e as cadeiras de praia, fugir sabe-se lá para onde na poeira ardente das estradas, e ele sentia um grande cansaço no corpo e não queria levar os seus colchões para lugar algum. Aquela família de desalojados de repente tinha ocupado a cidadezinha, viam-se por toda parte as crianças sujas e meio nuas, um jovem com o braço na tipoia e uma venda preta, e mulheres gordas de sandálias que carregavam colchões e se penteavam pelos becos e se lavavam nas fontes. Cenzo Rena dera dinheiro ao comandante para os desalojados mas agora pensava que tinha sido um idiota de ter dado ao comandante, ao comandante com certeza sequer passara pela cabeça dar o dinheiro para os desalojados e ficaria com tudo para si. Cenzo Rena ficara com vergonha de levar ele mesmo o dinheiro para aquelas mulheres gordas que se penteavam e deveria ter feito justamente isso, mas vergonha era o que estragava os homens, provavelmente sem a vergonha os homens seriam um pouco menos nojentos. Mas agora não dava mais tempo de raciocinar sobre a vergonha, não dava mais tempo de salvar a alma, as casas construídas pelos homens desabavam e colchões e crianças eram lançados para fora da terra que desmoronava. E Giustino, perguntou Anna, Giustino onde será que estava. Giustino, disse Cenzo Rena, quem é que sabe.

Entretanto tiveram notícias de Giustino por uma carta de Concettina, ela tinha falado com alguém que o tinha visto, fora ferido na retirada do Don e estava em um hospital em Fiume, ainda muito fraco para escrever mas vivo. Concettina continuava nas "Amarenas" e de lá havia visto quando bombardearam a cidade deles, passara a noite toda no jardim e vira de longe a fumaça preta pespontada por faíscas, e pensava que talvez fosse a fábrica de sabão que estivesse queimando. Entretanto a fábrica de sabão não tinha sido atingida, e nem mesmo a casa deles e a da frente, Emanuele tinha vindo no dia seguinte para lhe dizer que estava tudo em pé do lado de cá do rio, mas um bairro inteiro da parte velha da cidade havia ruído, ele tinha passado a noite transportando os mortos. Agora Emanuele aparecia de vez em quando para dormir nas "Amarenas", para descansar dos alarmes antiaéreos, mas nunca tinha sono e a mantinha acordada até tarde falando, e contava sempre sobre aquela noite em que enfaixara os feridos e transportara os mortos junto com o diretor administrativo, agora estava

em paz com o diretor administrativo e não queria mais pisotear o seu chapéu no chão.

10.

Certa manhã o turco e Franz chegaram bem cedo, Cenzo Rena se lavava na bacia quando Anna lhe disse, olhando pela janela, que Franz e o turco estavam vindo juntos. Cenzo Rena saiu de roupão, deveria ter acontecido alguma coisa se aqueles dois apareciam de repente juntos na sua casa. Não havia mais fascismo, gritaram, não havia mais Mussolini. O turco se sentou sem fôlego em uma pedra e se abanava com o chapéu de palha, Cenzo Rena precisou lhe dar alguma coisa para o coração porque estava quase desmaiando, viera correndo pela rua arrastado por Franz. Quer dizer que realmente haviam derrubado Mussolini, disse Cenzo Rena absorto, o rei tinha derrubado Mussolini, era isso, e quem é que ainda se lembrava do rei. Sentou-se ao lado do turco sobre a pedra, enxugou o rosto com as mangas do roupão. Franz estava com o horário dos trens nas mãos e o estudava, queria partir imediatamente de San Costanzo, queria ir para Stresa encontrar sua mulher. Derrubado Mussolini não existiam mais internados, era um cidadão livre na Itália e podia ir para onde quisesse. O turco também podia ir para onde quisesse. Mas o turco continuava a se abanar com o chapéu e balançava a cabeça e dizia que a coisa não era assim tão simples, eram internados de guerra e a guerra continuava, não queria ainda olhar os horários dos trens.

Depois começou a chegar a gente da cidadezinha, o ferreiro, a costureira, o comerciante de tecidos e dois ou três camponeses que não tinham ido de madrugada para os campos, os poucos que estavam nos campos ainda não sabiam nada sobre Mussolini. De repente apareceu o comandante suado e transtornado, trancou-se em um quarto com Cenzo Rena e lhe implorou que testemunhasse a seu favor. Sempre estivera contra Mussolini no fundo da sua alma, Cenzo Rena devia saber, ele entendia os

pensamentos dos outros sem muitas palavras. Soubera o que estava acontecendo na estrada para Scoturno, aonde estava indo comprar um pouco de cereja para as crianças e voltara imediatamente para falar com Cenzo Rena, jogara em um fosso o distintivo "Deus amaldiçoe a Inglaterra", na verdade já havia algum tempo as palavras daquele distintivo o repugnavam, era cristão e não queria que Deus amaldiçoasse ninguém. Cenzo Rena disse que não tinha o que testemunhar, por enquanto ninguém estava perguntando nada e lhe disse para ficar tranquilo e continuar como comandante. E os internados, perguntou o comandante, o que é que ele deveria fazer com os internados, se fugissem o que é que ele faria. Nada, disse Cenzo Rena, nada. Como nada, eram internados de guerra e a guerra não tinha acabado ainda. Cenzo Rena disse para não pensar nisso e vir beber vinho junto com os outros.

A costureira contava de quando escondera a bandeira vermelha no berço do seu menino, um menino que agora estava com vinte anos e fora feito prisioneiro na Somália, mas talvez ainda se lembrasse daquela bandeira vermelha enfiada no estrado do seu berço numa noite, enquanto os fascistas atiravam ao redor da casa. E Anna contava daquele dia em que tinham queimado os jornais, ela e Ippolito e Emanuele e Concettina, e a costureira disse então quantas coisas ela também não tinha queimado naqueles anos, morava do lado da casa da marquesa e a marquesa entrava a toda hora com uma desculpa ou outra para saber o que é que ela estava queimando. A costureira disse que explodido o fascismo precisavam fazer a marquesa pagar caro por todas as cartas anônimas que escrevera para a delegacia da região, e todos os abusos que cometera na cidadezinha, uma filha sua tinha sido empregada da marquesa e quando a trouxeram de novo para casa estava cuspindo sangue porque a marquesa lhe dera um murro no peito, a marquesa tinha espalhado que estava tuberculosa mas não estava tuberculosa, alguma coisa tinha se arrebentado no peito dela. A Maschiona então apareceu gritando a história da jaula, talvez agora fabricassem aquela jaula com quatro rodas para enfiar Mussolini dentro e mandá-lo a passeio por todas as cidadezinhas, mas deveriam fabricá-la bem grande com lugar para a marquesa também e tantos outros que tinham abusado, ela estava com a boca cheia de cuspe e não via a hora de cuspir. Cenzo Rena ia e vinha e abria outras garrafas, ainda estava de roupão e não tinha intenção de se vestir, engolia muito vinho e segurava o comandante pela capa, não queria que fosse embora. Disse para a Maschiona acabar com aquela história de jaula, já ouvira muitas vezes e agora não gostava mais disso. Além do que era inútil continuar falando de Mussolini, a essa altura ninguém pensava mais em Mussolini. Agora era o rei, o catador de moedas, que a muito custo juntara um pouco de coragem e queria tentar comandar. O rei iria repescar sabe-se lá que velhos ministros, porque a Itália não aguentava mais os fascistas de tórax musculosos e as competições esportivas e tinha uma grande sede de velhos senhores encanecidos e plácidos, com os joelhos tortos e vacilantes. Seguramente dentro de pouco tempo a Itália seria inundada por velhos senhores plácidos, vestidos de generais e de ministros que arrastariam com eles velhas mulheres vacilantes e encanecidas, e

a Itália bateria palmas para aquelas velhas senhoras, cansada como estava das mulheres que o fascismo pusera em moda, tetas e coxas de bronze coroadas por espigas sobre as pontes e sobre as fontes. O rei andaria um pouco a cavalo pela Itália e a Itália bateria palmas para o rei, ele nunca teria imaginado que seus joelhos tortos pudessem agradar a Itália e agora entretanto a Itália saudava com alegria e alívio justamente os seus joelhos fracos, e o seu focinho murcho e desagradável de macaquinho, debaixo do boné com viseiras muito grande para ele. Se alguém dava um tiro o macaquinho corria e se metia de novo lá onde estivera por tantos anos, o macaquinho corria lá para o porão onde estava sua coleção de moedas, mas a Itália agora estava contente e não pensava em atirar. O comandante fez menção de se levantar, porque não suportava ouvir chamarem o rei de macaquinho. O pai dele recebera uma medalha das mãos do rei. Cenzo Rena o imobilizou pela capa e despejou mais vinho no copo, talvez mais tarde ele e o comandante se tornassem inimigos mas naquele dia ainda não, naquele dia tinham que beber juntos por Mussolini que fora por água abaixo. Mais tarde, deixado para trás o macaquinho, seria preciso começar a fazer alguma coisa de bom, mas não queria dizer o que para o comandante porque naquele dia não queria fazê-lo sofrer.

De noite Cenzo Rena se sentiu muito mal e caiu de cama, estava todo vermelho e transtornado e sentia na boca gosto de touro, e não pôde ir até a prefeitura com os camponeses para queimar a papelada do fascismo, os camponeses vieram chamá-lo mas ele estava na sua cama no quarto no escuro e se lamentava. Apareceu o médico e disse que era bebedeira, mas Cenzo Rena lhe disse que como sempre ele estava errado, estava também bêbado mas isso era o de menos, sentia que uma doença estava crescendo dentro dele, o tifo ou o cólera. Não dormiu a noite toda, teve quarenta graus de febre e não via a hora de amanhecer para o médico ficar sabendo, desde quando bebedeira dava febre. Dizia que agora tinha entendido, andava com o humor tão em baixa atualmente, não sentia gosto por nada e pensava que fosse a terra que estivesse desabando, mas na verdade era ele que desabava.

Uma semana depois o médico descobriu que Cenzo Rena estava com tifo, mas Cenzo Rena não pôde se alegrar e se vangloriar, porque estava inconsciente e resmungava palavras sem sentido, com um pedacinho da cara saindo para fora do lençol toda inchada e áspera da barba grisalha, e uma bolsa de gelo na cabeça. Só de vez em quando abria os olhos e dizia que o comandante com certeza tinha ficado com o dinheiro para os desalojados de Nápoles, no fundo aquele comandante era um cafajeste. E perguntava a Anna se Mussolini continuava fora do jogo. Continua, dizia Anna, e Cenzo Rena dizia que mais cedo ou mais tarde era preciso dar um tiro nele, não agora. E o interessante é que teriam que atirar no rei também, e sabe-se lá com que cara o comandante iria ficar se atirassem no rei também. Cenzo Rena fechava novamente os olhos e se enrolava no lençol e adormecia.

Franz não conseguira partir, o comandante lhe dissera para não sair da cidade assim como o turco e as velhas e os outros internados de Scoturno não saíram, eram in-

ternados de guerra e a guerra não tinha acabado não. O que poderiam fazer é deixar de tocar a campainha. Franz estava enlouquecido de raiva do comandante, agora em San Costanzo havia o tifo, Cenzo Rena estava com tifo e existiam outros casos na cidadezinha, provavelmente fora trazido por aqueles desalojados de Nápoles, o jovem com a venda preta tinha morrido. Franz dizia que se ele morresse de tifo seria culpa do comandante. Estava sempre na cozinha vendo se ferviam os alimentos, e antes de se sentar à mesa fervia o garfo e a faca, e se mantinha sempre longe do turco porque ele visitava Cenzo Rena. Ele, Franz, tomava muito cuidado para se manter afastado da casa de Cenzo Rena, e quando via Anna descendo para a cidadezinha para fazer compras, cumprimentava-a com a mão bem de longe e balançava com força a cabeça indicando o quartel, dando a entender que não aguentava mais aquele comandante. Era Anna quem descia para fazer as compras porque a Maschiona tinha ido para Scoturno de Cima com a menina, para um casarão no meio do campo onde morava sua avó, uma velha de mais de noventa anos. A Maschiona em Scoturno de Cima chorava todos os dias porque tinha certeza de que Cenzo Rena ia morrer, e também porque tinha certeza de que ela e a menina também estavam com tifo, mas a menina ia para o pasto das ovelhas com um longo bastão, e ia com a avó da Maschiona recolher mato para os coelhos.

O turco aparecia todo dia para visitar Cenzo Rena, sentava-se na ponta da cama e se abanava com o chapéu, e passava ali horas e horas mudo olhando aquele pedacinho de cara que saía para fora do lençol, Anna andava pelo quarto na ponta dos pés com gelo e os remédios. Anna quando o turco ia embora descia para acompanhá-lo até a porta, ela e o turco se tornaram amigos e conversavam um pouco à porta, o turco todo dia dizia que Cenzo Rena estava com um bom aspecto. O turco ia embora e ela se sentava por alguns minutos na soleira daquela casa vazia e sentia vontade de gritar para o turco que ficasse um pouco mais ali com ela, mas o turco já estava distante pelos caminhos arenosos, e ela tinha que voltar para o lado de Cenzo Rena, ficar olhando sua cara inchada e transtornada fora do lençol e encher de novo a bolsa de gelo e contar as gotas no copo.

O turco trazia para Anna bilhetinhos de Franz. Eram bilhetinhos de lamentação nos quais Franz reclamava do tifo e do comandante, e de Amalia que nunca lhe escrevia, mamãe o avisara que Amalia estava muito abalada dos nervos e talvez fosse preciso interná-la em uma casa de saúde. Anna por um momento pensava em Amalia, em mamãe e em Giuma, como era estranho que todas aquelas pessoas existissem ainda, para ela agora existia só o tifo, a grande casa vazia e silenciosa e a cara de Cenzo Rena cada vez mais transtornada e mais vermelha. Escreveu para Concettina perguntando se não poderia deixar o menino com alguém e vir encontrá-la. Concettina respondeu que sentia muito mas não era possível, esperava o marido de uma hora para outra e talvez Giustino também voltasse. Concettina perguntava intranquila se agora fariam alguma coisa contra o marido, porque ele usara camisa preta e desfilara algumas vezes nas ma-

nifestações.

O turco não fazia outra coisa senão dizer como era desagradável esse Franz. Via bacilos de tifo por todas as partes, e os bilhetes para Anna os passava através da mesa e sempre lhe dizia que era louco de ir ver Cenzo Rena, e lhe perguntava todas as vezes se pelo menos desinfetara as mãos. Passava o dia reclamando na cozinha que não tinha mais dinheiro, porque a prefeitura tinha suspendido o pequeno subsídio aos internados e não recebia mais nada de sua mulher, e a dona da pensão se comovera e lhe dava crédito, mas Franz usava um grande anel de diamante no dedo e sabe-se lá por que não o vendia em vez de ser sustentado pela dona da pensão. O turco fora previdente e economizara um pouco. Anna recebeu um dia uma carta de Emanuele, estava em Roma e corria o dia inteiro de lá para cá de um compromisso a outro, de vez em quando se lembrava da fábrica de sabão mas afastava tal pensamento, agora não tinha tempo para a fábrica de sabão. Em Roma também estava Danilo, que tinha fugido da ilha no dia em que Mussolini caíra, estava mal de saúde porque pegara uma série de doenças, e talvez precisasse ir se curar na montanha mas quem é que estava pensando em ir para a montanha, agora a Itália tinha que ser refeita. Emanuele sempre se encontrava com Danilo e com os amigos de Danilo, aqueles que tinham estado na prisão por tantos anos e tinham saído na manhã de 25 de julho, em meio a pessoas que batiam palmas. Emanuele mandou para Anna um cheque que era para Franz, o Franz lhe dava pena na verdade mas não tinha vontade de lhe escrever, estava com outras coisas na cabeça que não o caso de Amalia e de Franz. O turco levou o cheque para Franz e perguntou se ia desinfetá-lo.

Cenzo Rena estava cada vez mais quieto e mais escondido debaixo do lençol, mas uma noite de repente arrancou o lençol e se sentou na cama, e viu o médico que estava indo embora, e Anna que colocava gelo dentro da bolsa com uma colher. Cenzo Rena bocejou com um longo ganido, e lhe perguntaram se estava melhor e se queria tomar um pouco de caldo e ele disse que sim, mas que estava para morrer, disse, que não enxergava outros dias pela frente, só um grande buraco escuro. Além do que não tinha vontade de viver e nem mesmo de morrer, tinha vontade de ficar doente na sua cama para sempre, com o turco que vinha vê-lo e a bolsa de gelo na cabeça. Anna trouxe o caldo e Cenzo Rena tomou um pouco e o médico disse que agora sim estava começando a sarar, mas Cenzo Rena lhe disse que como sempre estava errado, ele não estava se sentindo muito mal mas sentia que a morte chegava. Sentia a morte na espinha, havia um ponto na coluna que tremia e latejava, bem no fim da espinha onde começava o traseiro, um ponto frio e trêmulo. O médico foi embora e Cenzo Rena voltou para a cama e continuou a falar, falou a noite inteira e Anna estava muito contente, finalmente Cenzo Rena falava e estava sarando. Não estava mais com a cara transtornada e os olhos enxergavam, e acariciava Anna com a mão que se tornara mais branca e mais lisa, pobre Anna, dizia, que bela droga se ele morresse. Uma droga porque afinal ele não a fizera se tornar uma pessoa, afinal ela ainda era o inseto de sempre,

um pequeno inseto preguiçoso e triste em cima de uma folha, ele havia sido para ela uma grande folha somente. E agora se a tal folha faltasse ela cairia perdida, com as pequenas asas que não voam e os pequenos olhos fixos, ele não soubera lhe dar asas que voassem e fôlego, tinha sido uma folha e só dera para ela um pouco de repouso, perguntou-lhe se ainda se lembrava daquele dia em que se olharam no espelho do barbeiro juntos, naquele dia tinham decidido se casar e sentiam arrepios frios mas ambos se sentiam muito fortes, agressivos e livres, não era verdade que ela também tinha se sentido agressiva e livre naquele dia? Mas como aquele dia parecia distante e quem sabe o que tinha acontecido àquele espelho do barbeiro, quem sabe tinha caído uma bomba, se não morresse gostaria de ir ver se aquele espelho ainda estava inteiro, olharem-se no espelho ainda uma vez. Nunca mais foram fortes e livres como naquele dia, viviam bem contentes juntos mas como um inseto e uma folha, bem quietos e contentes na casa deles, longe do bem e do mal. Mas o que é que deveriam fazer, perguntou Anna, o que deveriam fazer para não estarem fora do bem e do mal. Cenzo Rena então lhe respondeu que não fizesse perguntas idiotas. Mas lhe pediu perdão se falava daquele jeito, estava havia tantos dias calado com a cara escondida debaixo do lençol, estava com os olhos fechados como se dormisse mas desenrolava seus pensamentos, sabia que o turco vinha sempre, o turco era uma boa pessoa. Se tivesse que morrer gostaria de ver uma vez ainda o camponês Giuseppe, "Vivi e morri socialista", e lhe explicar uma vez mais tudo o que deveria fazer quando se tornasse interventor. Pobre Anna, dizia, que bela droga se ele tivesse que morrer. Mas na verdade por que uma droga, ela era jovem, tinha muita vida para viver ainda e talvez com ele morrendo ela deixasse de ser um inseto e se tornasse uma mulher dura e forte, com os dentes cerrados e com o andar destemido e livre, e não mais aquele andarzinho dócil, não mais aqueles olhinhos tristes e dóceis. Porque a solidão e a dor eram a saúde do espírito, ao menos era isso que se lia nos livros e talvez fosse verdade. Ele sabia o que era solidão e dor na sua vida, as mulheres o tinham abandonado e ele ficara mortificado e transtornado por alguns dias, jogado no fundo de um bar de uma cidade estrangeira com um copo na sua frente onde se via algo verde. Sim, se lembrava de momentos como esse. Um copo com algo verde dentro, ao seu redor a cidade desconhecida, vacilante e rumorosa, e ele sujo e cansado e realmente sozinho. Mas haviam sido momentos e com muito pouco encontrava de novo a terra sob seus pés, a terra firme e sólida para caminhar, e se sentia de repente de novo jovial e feliz, com muita fome e muita sede de descobrir as coisas da terra. Agora pensava que talvez tivesse sido ruim para ele ter se poupado tanto, não ter caído no fundo dos poços escuros onde os homens caíam, a vida lhe dera muito mas um verdadeiro poço escuro e profundo nunca lhe dera. E depois tinha se casado com Anna e talvez se ela o tivesse abandonado teria sido um belo poço escuro para ele, porque passara a gostar muito dela não sabia como, quando se casara com ela não tinha a mínima ideia de que poderia gostar tanto dela. Mas ela não o abandonara e fora boa e tranquila ao seu lado. Esteve tranquila ao seu lado porque era também muito pregui-

çosa, do tipo que onde a colocavam ficava. Muito preguiçosa, disse, e fechou-lhe a boca com a mão porque ela protestava. A menina não era um inseto, disse, a menina não era do tipo que onde a colocavam ficava. Pobre Anna, disse, aquela menina lhe daria muita dor de cabeça. Quis beber um pouco mais de caldo e disse que estava muito bom, disse que em San Costanzo Anna aprendera a fazer alguma coisa, por exemplo aprendera a pôr uma galinha para cozinhar e a fazer um caldo. Mas Anna disse que tinha sido a mãe do ferreiro que viera pôr a galinha para cozinhar e Cenzo Rena riu então por algum tempo, perguntou se a mãe do ferreiro vinha todos os dias, e disse que o ferreiro e a mãe eram boas pessoas. Estava se sentindo muito bem depois de tomar o caldo, disse, estava se sentindo leve e jovial, mas continuava a ter na espinha aquele ponto onde estava para morrer, uma mancha pequena de pele enrugada e gelada, levantou o pijama para mostrá-la. E em seguida pediu um espelho porque não se lembrava mais da própria cara, olhou longamente as bochechas, os lábios e todos os grãos de riso, um pouco embaçados pela febre. E então se pôs a olhar as mãos e os pulsos e uma veia azul sobre o braço, e quis olhar também os pés e os tirou para fora do lençol, ele era feio mas tinha belos pés, disse, belos pés compridos e magros de senhor. E o que será que se reservava para os mortos, disse, talvez nada ou então alguma coisa, provavelmente um grande tédio, disse, um tédio mortal. E se por acaso o fizessem se encontrar com a sua mãe, talvez acreditassem lhe fazer um favor e no entanto não tinha a menor vontade de rever a mãe, nunca se deram muito bem, era uma velha cheia de manias e prepotente e jurava que ele morreria na miséria porque emprestava dinheiro para os camponeses. Estava sempre sentada com os pés em cima de um banquinho e quando começavam a brigar com um chute mandava o banquinho para longe. Ele sempre se lembrava muito bem da queda do banquinho, e naqueles dias que estivera calado com a cara debaixo do lençol, de um momento para outro esperava ouvir o baque e isso queria dizer que a outra vida estava começando.

No dia seguinte Cenzo Rena tinha novamente febre alta mas não estava mais transtornado e vermelho, e sim muito pálido, suado e ofegante, e o médico disse que lhe parecia que agora estava também com pneumonia mas não tinha certeza, e não queria mais tratar dele e era preciso chamar os médicos da cidade para consultá-lo. Os médicos vieram e disseram que Cenzo Rena deveria ir imediatamente para o hospital, e veio uma ambulância e a cidadezinha inteira saiu à rua para ver Cenzo Rena que ia para o hospital da cidade, o comandante na sacada do quartel, os seios de pera, os gêmeos, e a mulher do camponês Giuseppe que lavava as escadas do quartel e chorava, e o ferreiro e a gorda mãe do ferreiro sentada em uma cadeira de palha no meio dos pelos da mula, e todos os camponeses calados e tristes, e a ambulância partiu com um longo grito, e dentro estava Anna que chorava com uma mala sobre os joelhos e Cenzo Rena pálido e suado a resmungar.

11.

O hospital não ficava longe da praça do mercado, aquela mesma praça do mercado onde Cenzo Rena comprara os maiôs quando estavam indo para a praia, e agora Anna de vez em quando ia até aquela praça procurar limões para Cenzo Rena, mas quase nunca encontrava limões porque as ruas estavam sendo metralhadas e ninguém mais levava nada para o mercado, a única coisa que se vendia eram montinhos de brócolis verdes que cresciam ali perto da cidade. O médico de San Costanzo vinha de dois em dois dias para ver Cenzo Rena, vinha de motocicleta e uma vez se vira no meio de um tiroteio, e tinha pulado da motocicleta e se jogado dentro de um fosso, e chegou ao hospital branco de medo, tinha ouvido um grande barulho e um grande vento e lhe parecera que o avião estivesse roçando seus cabelos. Cenzo Rena era muito malvado com o médico quando o via, dizia que era culpa sua se o haviam levado para aquele hospital horrível, com enfermeiras sujas e sem um limão, ele estava com vontade de limão e não tinha jeito de conseguir nem um sequer, lhe explicavam a história dos tiroteios mas ele não entendia bem, se surpreendia que ainda estivessem em guerra. Com muito esforço se lembrava da guerra, seus olhos se tornavam pequenos e embaçados ao se recordar. E Mussolini continuava fora do jogo, perguntava, e o turco, onde é que estava agora, sempre tocando campainha em San Costanzo? Explicavam para ele que agora o turco não tocava mais. E não tinha mais o blecaute, perguntava, parecia que tinha ouvido falar de blecaute, uma palavra nova da guerra. Ah, então a guerra continuava. Parecia-lhe que estava doente havia muitos e muitos anos.

Cenzo Rena começou a sarar em fins de setembro. O armistício já acontecera mas ele não ficara sabendo, estava muito mal naqueles dias com os lábios secos e es-

branquiçados e dois grandes círculos negros ao redor dos olhos, e Anna em pé havia muitas e muitas noites, apertava-lhe as mãos suadas vendo passar uma hora após a outra sobre aquele corpo distendido. Ela se sentia como se tivesse se tornado muito velha e muito pequena, com a cabeça confusa e enrugada na qual a única coisa que existia era a doença de Cenzo Rena, que primeiro era tifo e depois pneumonia e o estava matando, e recordava fragmentos de todas as coisas que tinham vivido juntos mas com horror, tudo girava naquele hospital onde Cenzo Rena estava morrendo.

No dia após o armistício chegaram os alemães à cidade, e encheram a praça do mercado de carros, e ocuparam os dois hotéis e agora se sentavam para beber e fumar esparramados pelos cafés, e Mussolini não estava mais fora do jogo, Mussolini tinha sido libertado e o levaram de carro sabe-se lá para onde ao Norte para governar de novo. E quando Cenzo Rena começou a melhorar Anna lhe disse que Mussolini não estava mais fora do jogo e contou sobre os alemães que estavam por todas as partes da cidade, mas Cenzo Rena estava muito contente porque se sentia quase curado, e disse que com certeza é uma coisa de poucos dias essa história dos alemães e dentro de pouco tempo os ingleses vão chegar de alguma parte da Itália. Estava muito contente porque se sentia quase curado, e de novo sentia fome e sede pelas coisas da terra, e de repente passou a gostar do hospital e das enfermeiras que eram engraçadinhas assim tão sujas, mas queria voltar para casa e ver a menina, a Maschiona e o cachorro. Estava ofendido porque o médico de San Costanzo não aparecia havia algum tempo e como era isso, não viera mais vê-lo, queria dizer que só se mexia pelos moribundos então. Anna disse que talvez tivesse medo dos alemães e Cenzo Rena disse que era um grande medroso, era preciso não exagerar agora com o medo dos alemães, além do que um médico deveria circular por todos os cantos. Começou a se levantar e se sentar em uma poltrona ao lado da janela, e dali via os alemães na praça do mercado, ah, aqueles eram os alemães, disse, pois é.

Anna e Cenzo Rena voltaram para San Costanzo em um coche alugado que se parecia um pouco com aquele da marquesa mas maior, com teto de vime e cortinas de franjas esvoaçantes, e Cenzo Rena falou durante toda a viagem sobre como era bom andar de coche, a marquesa tinha as suas razões para se fazer levar para cima e para baixo no coche. A jardineira-correio tinha sido requisitada pelos alemães, e a estrada era um vaivém de carros alemães ou italianos de chapa da Wehrmacht, com longos ramos de oliveira tremulantes sobre o teto, e dentro com soldados alemães vestidos com um tecido amarelo-claro.

Também em San Costanzo a praça da prefeitura estava repleta de caminhões alemães, manchados de amarelo e verde, com grandes rodas pesadas sobre a poeira da praça. Diante da loja de tecidos um sentinela andava de lá para cá, e a loja estava com a veneziana abaixada e Cenzo Rena viu por detrás da porta o comerciante de tecidos, que lhe fez um pequeno aceno com o queixo e se escondeu em seguida. As mulheres e as crianças tinham desaparecido dos becos, a cidadezinha parecia terra de mortos. De

repente despontou a mulher do camponês Giuseppe, viu Cenzo Rena e riu escancarando a sua boca vazia. Balançou a mão e voltou para dentro de casa. Cenzo Rena e Anna subiam devagar pelas ruas estreitas, e Cenzo Rena estava ofendido e triste, está certo que os alemães estavam ali, mas por que ninguém vinha cumprimentá-lo e demonstrar alegria pela sua volta. Eram todos uns fracotes, disse, os alemães estavam ali e então ninguém mais metia a cabeça fora de casa. Mas tinha alemão demais, disse, o que é que os ingleses imbecis estavam esperando para ocupar a Itália. Subia bem devagar pelas pedras, apoiado no braço de Anna porque ainda estava muito fraco. Em casa estava a Maschiona que varria as escadas, e a menina gritava porque queria voltar para a casa da avó da Maschiona, e queria as cabras e os coelhos.

Cenzo Rena se jogou na cama com um longo suspiro. Mas de repente a porta se abriu e apareceu o camponês Giuseppe, com sua gasta jaquetinha preta e o seu chapéu verde, e Cenzo Rena se pôs a beijar e abraçar o camponês Giuseppe, e imediatamente lhe disse que era uma nulidade que não fora capaz de se deixar capturar pelos ingleses na Sicília. Giuseppe fugira de Bari depois do armistício, jogara fora o uniforme e lhe deram outras roupas, e ele tinha voltado para casa um pouco a pé e um pouco de carroça, e agora estava sentado ali com seu chapéu verde, e Cenzo Rena lhe batia forte nos joelhos e nas costas, um grande banana ele tinha sido, nessa altura poderia ser prisioneiro em segurança na Índia, e entretanto estava ali. Apareceu então também a mãe do ferreiro, e chorava, os alemães passavam pelas casas roubando porcos e galinhas, e não havia nem mais o comandante para defender os camponeses. O comandante assim que vira os alemães chegando fugiu imediatamente e estava escondido em Masuri em uma casa de camponeses, e não usava mais uniforme de comandante e se vestia como civil, e tinha mandado as crianças para a casa dos sogros, e os alemães entraram no quartel e fizeram em pedacinhos a mobília do comandante, atiraram nos espelhos e destruíram o rádio, e a bela colcha de seda que cobria a cama do comandante partiu sobre um caminhão, e também os colchões e o serviço de jantar, e o comandante sabia o que tinha acontecido com suas coisas mas não podia fazer nada, estava lá em Masuri escondido com medo de morrer. E o turco, perguntou Cenzo Rena, onde estava o turco, quase ia se esquecendo do turco, estava com a memória fraca. E então a mãe do ferreiro e Giuseppe contaram juntos que um dia apareceu um caminhão alemão para buscar o turco e as três velhinhas, e procuravam também por Franz mas Franz tinha pulado pela janela na horta e uns camponeses o tinham escondido, o turco entretanto não teve tempo de fugir, e havia ajudado as velhas a subirem no caminhão e em seguida pôs o chapéu na cabeça e subiu ele também. As velhas choravam e gritavam no meio de todos aqueles soldados com fuzis, o turco entretanto estava firme e composto, e limpava a lapela do casaco com um par de luvas. O caminhão partiu e não ficaram sabendo mais nada sobre eles.

Então Cenzo Rena pulou da cama, e começou a insultar Giuseppe, a mãe do ferreiro e a Maschiona que entrara para ver o que estava acontecendo, e o comandante

que estava escondido em Masuri, e o padre de San Costanzo e a si mesmo. Dizia que deviam ter pensado em esconder o turco e as três velhas, eram judeus e quem é que não sabia o que os alemães faziam com os judeus, e naquela cidade podre alguém tinha advertido os alemães para que fossem buscar o turco e as três velhas, uma cidade podre só de espiões. E vestiu o impermeável e disse que ia procurar os judeus de Scoturno para avisá-los e buscar onde escondê-los, se os alemães ainda não os houvessem levado embora. Mas Giuseppe disse que os judeus de Scoturno já tinham partido em uma carroça, meio enterrados entre sacas de maçãs, e tinham encontrado um esconderijo em um convento de frades na cidade. E Franz, perguntou Cenzo Rena, onde estava Franz. Disseram que não sabiam bem onde estava, por alguns dias se enfiara em uma cama numa casa de camponeses, com a cabeça debaixo das cobertas e quase não respirava para que não o encontrassem, os camponeses queriam lhe dar alguma coisa para comer mas ele não comia. Depois ouvira alguém falar alemão perto da porta, eram uns alemães pedindo ovos, e então ele pulou a janela e saiu correndo pelos campos na direção do rio. Passara uma noite na casa do vigia com o velho dos cogumelos, mas em seguida tinha fugido dali também.

Cenzo Rena andava de lá para cá pelo quarto amarrotando o impermeável, tinham carregado o turco, o turco que era seu melhor amigo. A única coisa a se esperar era que já estivessem mortos, o turco e as velhas, a única coisa que se podia esperar era essa, mas talvez ainda estivessem vivos e viajassem naqueles trens blindados, naqueles trens nos quais era bom nem pensar. Comandante de uma figa, dizia, comandante de uma figa que não tinha sequer liberado os internados depois que o fascismo caíra, filho de uma fodida cadela de comandante. E ninguém fora capaz de avisar o turco sobre os alemães que estavam vindo prendê-lo, ninguém fora capaz de ajudá-lo a fugir. A mãe do ferreiro tinha ido embora mas Giuseppe não ousava ir embora, permanecia ali humilhado e olhava escurecer fora da janela, enfim disse que havia o blecaute e precisava ir embora. Cenzo Rena lhe disse que fosse para o inferno com o blecaute, segurou-o pelos ombros e empurrou-o para fora.

Franz apareceu de noite na casa de Cenzo Rena. Estava de calção curto de tênis e sapato de tecido, e tinha os joelhos arranhados e um pé inchado porque enquanto corria tinha sofrido uma torção, estivera em Masuri naqueles dias mas não se sentia seguro porque descobrira que o comandante estava lá, então logo que soube da volta de Cenzo Rena viera. Tinha passado pelo pinheiral e errou o caminho, e então se aninhara no leito seco do rio, e via a noite chegar e ouvia os cães latirem, e pensou que os alemães o procuravam com os cachorros, mas depois entendeu que era o cachorro de Anna e Cenzo Rena que latia na frente da casa. Franz se sentia com febre e achava que estava com tifo, porque dormira uma noite na casa do vigia com o velho dos cogumelos, e o velho dos cogumelos tinha os pés mais sujos que ele já vira. Cenzo Rena colocou o termômetro e não estava com febre, e lhe disse para acabar com esse medo de tifo, agora havia os alemães que davam medo e não se podia ter medo de muitas coisas ao

mesmo tempo. Mas era muito gentil com Franz e levou-lhe um prato de caldo antes que dormisse, e Franz tomava o caldo e tremia e chorava e dizia que era tão sozinho, Amalia, mamãe e Emanuele tinham se esquecido dele, o deixaram sem um tostão naquela cidade aonde chegaram os alemães, ninguém se dera ao trabalho de vir ajudá-lo. Continuou soluçando devagar a noite toda, e Cenzo Rena tinha ido dormir mas se levantava de vez em quando para vê-lo, e para lhe fazer compressas de água fria sobre o pé que lhe doía. Cenzo Rena estava muito contente de ainda ter alguém a quem esconder e salvar.

No dia seguinte, Cenzo Rena e o camponês Giuseppe puseram Franz com o pé enfaixado em cima do burrico da Maschiona e o acompanharam até Scoturno de Cima à casa da avó da Maschiona, porque o camponês Giuseppe dizia que os alemães continuavam procurando Franz pelas casas da cidadezinha e não era prudente mantê-lo ali. Na casa da avó da Maschiona não havia perigo de irem pescá-lo, na casa da avó da Maschiona poderia ficar imóvel e tranquilo até que os alemães fossem embora.

12.

Franz permaneceu um mês na casa da avó da Maschiona, mas depois voltou. Disse que não suportava aqueles longos dias que passava sozinho com a avó da Maschiona, naquela cozinha preta e estreita que se enchia de fumaça quando a avó da Maschiona acendia certos matos verdes debaixo do caldeirão. Aquela fumaça continuava na garganta e Franz tossia depois a noite inteira. E a avó da Maschiona se movia bem devagar pela cozinha, a coluna toda curvada em um xale preto e uns restos de chinelo, e Franz se sentia enlouquecer olhando aquela coluna curvada, ficava sentado em um banquinho no meio da fumaça e se sentia enlouquecer. Fugiu uma manhã enquanto a avó da Maschiona estava fora recolhendo mato para os coelhos, e o pé estava curado e fugiu a pé correndo pelos campos e pelo pinheiral, e chegou de novo à casa de Cenzo Rena, Cenzo Rena estava sentado lendo e o viu chegando pela frente. Franz se apressou em explicar a história da coluna curvada, sabia que Cenzo Rena não gostava de coabitar mas lhe implorava que coabitasse por alguns dias até que os alemães fossem embora. Cenzo Rena disse que agora não era mais questão de coabitar ou não, além do que já coabitava com o camponês Giuseppe, e os alemães não estavam procurando somente judeus mas também os militares foragidos, e Giuseppe viera se esconder ali na sua casa. Aquela casa tinha o pinheiral atrás e era cômoda para se esconder, porque era só pular pela janela no pinheiral, talvez até o comandante acabasse por ali. Franz ouvindo falar do comandante se assustou muitíssimo, e queria voltar imediatamente para a casa da avó da Maschiona, mas Cenzo Rena disse que já que tinha vindo era melhor que ficasse por ali, porque era perigoso correr de um lado para outro. E além disso o que é que o comandante poderia fazer, o comandante não era mais co-

mandante, tinha enterrado o uniforme e estava em mangas de camisa e suspensórios e sempre verde de medo e se escondia. Cenzo Rena disse à Maschiona que trouxesse uma bacia para Franz se lavar, porque lhe parecia muito sujo, Franz disse que na casa da avó da Maschiona nunca pudera se lavar. A Maschiona se ofendeu muito com Franz e fechou a cara para ele, porque não quis continuar com a sua avó.

A Maschiona estava de cara fechada para o camponês Giuseppe também, porque tinha vindo para a casa deles e ela devia arrumar a cama, cozinhar para um camponês, ela era empregada mas não empregada de camponês. E Giuseppe tinha colocado um fuzil entre os sacos de batata, a Maschiona fora até o porão buscar umas batatas e viu nas suas mãos aquele cano frio, levou um grande susto e subiu furiosa, Giuseppe queria que os alemães pusessem fogo na casa, como tinham posto fogo em um moinho onde escondiam armas. Na noite que queimaram o moinho a Maschiona ficou na janela olhando as chamas, longe às margens do rio, quantas vezes tinha estado no moinho para que moessem o trigo, o moleiro era compadre seu. Rezara a noite toda pelo compadre ajoelhada no chão, e no dia seguinte soubera que os alemães o obrigaram a cavar uma fossa ao longo do muro do cemitério e agora o compadre estava lá. A Maschiona ouvia sua voz a chamá-la quando empurrava o portão do cemitério aos domingos, o compadre queria ser sepultado dentro do cemitério e não fora. A Maschiona voltara a dormir na casa da mãe, não queria passar a noite naquela casa que tinha um fuzil, e de noite o compadre falava com ela, ela sentia muito medo se não dormisse bem junto da sua mãe. A Maschiona sempre acreditara que Cenzo Rena fosse um homem muito forte e esperto, o homem mais forte e mais esperto da cidadezinha, mas agora andava um pouco desiludida, desde aquela noite que queimaram o moinho e ela fora correndo pedir para que ele interferisse junto aos alemães pelo seu compadre, que explicasse que as armas escondidas não eram dele. Mas Cenzo Rena olhara o fogo pela janela e lhe dissera que infelizmente não podia fazer nada pelo compadre. Parecia que Cenzo Rena não pensava muito nos alemães, sempre sentado na sala de jantar com o rosto apoiado sobre a mão, e depois do tifo parecia muito mais velho, mais tranquilo e preguiçoso e gentil, a Maschiona lhe havia dito que queria ir dormir com a mãe e ele dissera que sim. Só que pegara a Bíblia e sobre a Bíblia a fizera jurar não dizer nem mesmo a sua mãe que ali na casa deles estavam escondidos um fuzil e o camponês Giuseppe e Franz.

A Maschiona ia embora antes que escurecesse e Franz ajudava Anna a descascar as batatas para o jantar. Sua cara estava cinza porque nunca saía de casa, o último passeio que fizera tinha sido quando fugiu de Scoturno de Cima, e lamentava muito não poder mais passear, logo ele que tinha sido tão esportista antes. Nem mesmo se debruçava na janela, com medo de que a marquesa o visse e fosse denunciá-lo aos alemães, mas a marquesa também não se debruçava na janela, porque ela também tinha um medo enorme dos alemães. Franz passava o dia inteiro na cozinha brincando com a menina e descascando batatas, vestido com as roupas de Cenzo Rena e com os chine-

los de Cenzo Rena nos pés. A sua mala continuava na pensão e ele sempre se lamentava por causa da mala, a Maschiona se oferecera para ir buscá-la mas ele tinha medo, os donos da pensão não deveriam descobrir onde ele estava, com certeza os donos da pensão eram espiões. De vez em quando se enternecia com Maschiona, com Cenzo Rena e Anna, como eram bons para ele, como era bom também o camponês Giuseppe, que de noite lhe dizia para se acalmar quando não conseguia dormir e se desesperava. Se desesperava pelos alemães e também porque não soubera mais nada de Amalia, era sua mulher e não sabia mais nada sobre ela, e com certeza deveria estar muito doente em uma casa de saúde, porque caso contrário teria vindo a San Costanzo, esconder-se com ele no perigo. Mamãe e Emanuele entretanto tinham se esquecido dele, sabiam bem o perigo que corria e não davam a menor bola. Emanuele estava em Roma ali do lado e nunca tinha pensado em vir saber se ele estava morto ou vivo. Anna dizia quem sabe se Emanuele estava morto ou vivo, poderia ser que os alemães o tivessem descoberto enquanto fazia política e o tivessem levado embora. Nunca, dizia Franz, nunca, o que é que os alemães poderiam fazer com Emanuele, estava escondido em Roma e bebia e comia.

Franz se lamentava com Anna porque Cenzo Rena o mandava sempre para a cozinha descascar batatas, não o deixava ficar na sala de jantar onde ele e Giuseppe discutiam sabe-se lá o quê. Depois descobriu que discutiam sobre a nova sociedade, não tinham nada de melhor para discutir com os alemães a um passo, projetavam mil coisas que deveriam ser feitas na cidadezinha logo que os alemães fossem embora. Mas sabe-se lá quando iriam embora, dizia Franz, e dizia para Anna observar os alemães no topo das colinas, estavam lá com aqueles carretéis vermelhos e enrolavam o fio de ferro, as suas vozes ressoavam altas de um ponto ao outro da colina. Deus do céu como estavam próximos dele, dizia Franz, nunca imaginara se encontrar em tamanho perigo, nem tinha tanto medo, na verdade quase não tinha medo e ficava ali sentado descascando batatas. Às vezes se punha a estudar um guia de Salerno que Cenzo Rena lhe dera, se os alemães chegassem ele deveria dizer que era um primo de Cenzo Rena evacuado de Salerno e que perdera todos os documentos nos bombardeios. Cenzo Rena lhe dissera também que deixasse crescer a barba para ganhar uma cara diferente, no caso de os alemães terem visto alguma fotografia sua na delegacia, e ele tinha começado a deixá-la crescer, mas quando apareceram os primeiros fios Cenzo Rena lhe disse para cortá-la imediatamente, de barba tinha um ar terrivelmente judeu. Franz jurava que não era verdade, não tinha nem de longe ar de judeu. Mas ficou bem contente de poder raspar a barba porque coçava demais a pele.

Mas quando os alemães iriam embora, perguntava Franz, nunca mais, aqueles carretéis vermelhos eram uma estação de rádio, às vezes Anna dizia para Franz que estavam enrolando os fios de ferro e Franz acreditava que estivessem indo embora, entretanto voltavam a desenrolá-lo em seguida. Dia e noite caminhões e carros passavam em disparada ao longo da estrada, de San Costanzo até a cidade, da cidade até San

Costanzo, e de San Costanzo até Masuri onde o comandante estava escondido, e podia-se imaginar o medo do comandante ao ouvir as vozes dos alemães pelos becos de Masuri, Franz ficava muito contente pensando no medo do comandante. E ele entretanto quase não sentia medo. Mas quando é que iriam embora, perguntava, não iam nunca embora, quando é que os ingleses avançariam, o que estava acontecendo, tinham parado a poucos passos de Roma e não avançavam. Ouvia-se dizer que em Roma faltava luz e água e que não tinha mais nada para comer, pelas ruas de Roma chegavam grandes carros de nabo, e as vitrines estavam repletas de uma coisa que se chamava vegetina, um pó verde que ninguém conseguia comer. E as prisões de Roma estavam repletas de gente, uns descobertos enquanto faziam panfletos e bombas, outros recolhidos pelas ruas sem motivo, e todo dia dos pátios das prisões partiam caminhões para a Alemanha, mas Franz continuava certo de que Emanuele estava escondido com toda a comodidade, bebendo e comendo. E Giustino, dizia Anna, o que será que tinha acontecido com Giustino e Concettina, sobre Roma ouvia-se sempre contar alguma coisa mas sobre o Norte não se sabia nada. A última carta de Concettina um pouco antes do armistício contava que Giustino estava em Turim, mas depois disso não chegou mais nenhuma carta e Cenzo Rena dizia que era inútil escrever, a Itália estava toda arrebentada e uma carta levaria dias e dias para chegar e quando chegasse não seria mais verdade nada daquilo que estava escrito.

13.

Às vezes por San Costanzo passavam fascistas, de camisa preta e barrete amarelo, com grandes pistolas na cintura, mas não assustavam muito porque eram caras conhecidas, caras que todos já tinham visto nos bares, nos portões da cidadezinha, e um deles era filho do farmacêutico de San Costanzo e todos se lembravam dele atrás do balcão pesando em uma balancinha. Os fascistas caminhavam um pouco pelos becos e roubavam vinho e galinhas, caminhavam pelas vinhas e atiravam para o alto, e as pessoas da janela diziam para o filho do farmacêutico que era melhor que ele voltasse para trás do balcão e fosse pesar naquela balancinha. Um dia os fascistas entraram na casa do guarda-florestal e se puseram a atirar no espelho como faziam os alemães, e em seguida pegaram as botas do guarda-florestal, o guarda-florestal já estava havia algum tempo escondido em um casario e na sua casa estava só a mulher que chorava e gritava, então apareceu um alemão para ver o que estava acontecendo. O alemão passou a noite toda com a mulher do guarda-florestal, e os fascistas fugiram com as botas, e no dia seguinte ela comeu veneno de rato, mas o médico apareceu e fez com que ela vomitasse a tempo. A mulher do guarda-florestal quando recobrou as forças fez a mala e foi para Teramo para a casa dos pais, o tal alemão lhe deu uma carona no caminhão.

Um dia enquanto Anna e Franz estavam na cozinha com as batatas, entrou Cenzo Rena e disse que não conseguia encontrar o cachorro. Ficou zangado com Anna porque continuava sentada, queria dizer que não se importava mais com o cachorro, só se importava com as batatas, quantas batatas por dia ela e Franz descascavam. Saiu pelo pinheiral chamando o cachorro, Anna foi atrás dele, Franz permaneceu sozinho na cozinha, e de repente entrou um alemão com o cachorro ensanguentado no colo.

Franz se levantou bem devagarinho da cadeira, o alemão gritou em italiano que precisava de faixas e de álcool. Tinha atropelado o cachorro com a motocicleta, não tinha culpa porque o cachorro tinha atravessado na sua frente, ele havia freado mas era tarde demais. Ficou sabendo na cidadezinha de quem era o cachorro, lhe indicaram a casa de Cenzo Rena no alto. Se o enfaixassem imediatamente talvez ainda pudessem salvá-lo, morria tanta gente na guerra e era preciso que pelo menos os cachorros vivessem. Cenzo Rena entrou e permaneceu calado olhando para o cachorro no chão, que gemia e tremia, inclinou-se e tocou de leve na sua barriga de pelos cinza encharcados de sangue. O alemão continuava explicando como tinha freado, tinha freado tão forte que por pouco não caíra. Cenzo Rena lhe disse em alemão que ele não sabia o que aquele cachorro era para eles, para eles era como uma pessoa, o conheciam havia muitos anos. Franz desaparecera, o alemão perguntou onde tinha ido o sujeito com o álcool. Mas Cenzo Rena disse que o álcool não servia mais, e era melhor que o cachorro morresse imediatamente porque poderia ser que durasse a noite toda, tremendo e sofrendo, disse para o alemão dar um tiro no ouvido dele com sua pistola. O alemão saiu com o cachorro e ouviram um tiro de pistola, e Cenzo Rena e Anna cavaram um buraco na frente da casa, e ali foi enterrado o cachorro.

O alemão ficou olhando enquanto cavavam o buraco e continuava a repetir que tinha freado forte, ainda sentia dor na coluna por causa do solavanco daquela freada. Em seguida se sentou na cozinha e se pôs a brincar com a menina, a menina tinha um baldinho cheio de castanhas e ele se pôs a esculpir umas caras nas castanhas com seu canivete. O alemão era alto e jovem, com uma grande cabeça brilhante e morena, e contou que antes da guerra trabalhava como garçom em Friburgo em um pequeno restaurante, e depois da guerra recomeçaria como garçom se é que ainda haveria necessidade de garçom depois da guerra, mas será que ainda saberia girar por entre as mesas com os pratos, era uma profissão que requeria paciência e ele perdera a paciência na guerra. Possuía cicatrizes brancas fundas no dorso das mãos, Cenzo Rena lhe perguntou se eram cicatrizes de guerra, mas ele explicou que um dia na cozinha do restaurante derramara sobre si mesmo uma sopa fervendo de uma sopeira. Foi culpa da cozinheira-ajudante que se chocara com ele enquanto ele levava a sopeira. A cozinheira-ajudante ia para a cama com ele e chorou muito por causa das suas mãos. Mas o abandonara em seguida, porque tinha vontade de chorar todas as vezes que olhava para as suas mãos. As mulheres eram assim, disse, causavam o mal e por remorso fugiam. Assim eram também os homens muitas vezes, disse Cenzo Rena, e o garçom disse que não, os homens eram diferentes, por exemplo ele tinha matado o cachorro mas não fugira. Cenzo Rena então lhe disse para não falar mais do cachorro, não sabia o que tinha feito contra ele matando o cachorro, não podia saber. Estava muito velho e teria morrido da mesma forma dentro de pouco tempo, mas poderia morrer em paz em cima de uma almofada e no entanto tinha morrido daquele jeito. Era o cachorro de um irmão de Anna que morreu. O garçom pediu de novo perdão, agora que os conhecia

sentia realmente muito pelo cachorro. Perguntou se aquele irmão de Anna tinha morrido na guerra. Não na guerra, disse Cenzo Rena, não na guerra. O garçom disse quem é que agora podia esperar uma almofada para morrer, alguma coisa macia e sossegada para morrer, quem sabe se se poderia recomeçar a morrer de modo sossegado, e se despedir de todos e pronunciar palavras gentis. Cenzo Rena contou para ele que tivera tifo e por pouco não morrera. Mas tinha pensado demais nisso, e quando pensava demais em uma coisa não lhe acontecia mais. Tantas vezes pensara em se casar, com tantas mulheres, e no entanto tinha se casado de repente em um momento em que não pensava nisso. O garçom se pôs a rir, jogava a cabeça para trás e não parava mais de rir, e batia nas costas de Cenzo Rena e disse que ele era uma pessoa simpática, não acontecia sempre encontrar uma pessoa tão simpática para conversar. Mas Cenzo Rena disse que não estava com vontade de rir no dia em que seu cachorro morrera.

Quando o garçom foi embora, Cenzo Rena se pôs a procurar Giuseppe e Franz no porão e pela casa inteira, mas não se via nem sombra deles. Cenzo Rena foi para o pinheiral, já tinha procurado tanto o cachorro aquele dia e agora lhe tocava procurar aqueles dois idiotas do Giuseppe e do Franz. Encontrou-os mais no fundo do pinheiral, Franz ainda mantinha apertada nas mãos a garrafinha de álcool. Ouviram o tiro e pensaram que o alemão tivesse matado Anna, Cenzo Rena e a menina. Cenzo Rena levou-os de volta para casa, disse que só o cachorro tinha morrido. E disse que aquele alemão era um pobre garçom de Friburgo e que contara uma história triste de uma sopeira. De Friburgo, disse Franz. Ele estivera na escola em Friburgo e o garçom poderia tê-lo encontrado pelas ruas sabe-se lá quantas vezes, talvez a essa hora já o tivesse denunciado e dentro em pouco viriam prendê-lo e levá-lo embora. Tudo por culpa daquele maldito cachorro. Cenzo Rena lhe disse que se dissesse mais uma vez maldito cachorro lhe daria um murro, o cachorro estava morto, era canalhice maldizer os mortos.

Naquela noite Franz não comeu as batatas que descascara, estava com a cabeça sobre os joelhos e de tempos em tempos estremecia, pulava da cadeira como se o estivessem queimando, era de Friburgo o garçom, de Friburgo onde ele vendera impermeáveis por tantos anos. Cenzo Rena tentava explicar para ele que o garçom era jovem, provavelmente ainda mamasse quando Franz vendia impermeáveis. Quem mama não usa impermeável. Mas Franz disse por favor que calasse a boca, não entendia então que morria de medo, não entendia que era um judeu em um lugar cheio de alemães, como a terra queimava debaixo dos seus pés. Cenzo Rena respondeu que entendia até demais, não se esquecia sequer por um único minuto das três velhas e o turco no caminhão e os alemães levando-os embora. Não tinha visto mas era como se tivesse visto, estavam sempre nos seus olhos as três velhas entre os alemães e os fuzis, e o turco que limpava a jaqueta com as luvas. Além do mais por que é que Franz não tinha permanecido em Scoturno de Cima com a avó da Maschiona, agora era impossível voltar para a casa da avó da Maschiona, havia sentinelas alemães na estrada para Scoturno de Cima, e depois a avó da Maschiona mandara dizer que não queria mais na sua casa

aquele pequeno senhor difícil, nunca satisfeito com a cama e com a comida.

No dia seguinte Cenzo Rena alugou aquele famoso coche no qual tinha sido transportado do hospital para casa quando se curara do tifo, e meteu dentro Franz todo envolto em cobertores e xales como se estivesse muito doente, e o levou à cidade para o convento dos frades, onde estavam escondidos outros judeus. Pelo caminho Cenzo Rena estava de bom humor e cantava "Como é belo andar de carrocinha" e Franz também estava de bom humor porque lhe parecia haver um grande tráfego de carros e caminhões, e pensava que talvez os alemães estivessem finalmente indo embora. Um pouco antes da cidade um avião desceu quase se arrastando pela estrada, Cenzo Rena e Franz e o cocheiro se jogaram do coche e se esconderam em um fosso. Ouviram ao longe um tac tac como de uma máquina de escrever mas curto e forte, e viram um penacho de fumaça subir atrás deles na estrada. Subiram de novo no coche e o cocheiro dizia que deveriam lhe dar um pouco mais de dinheiro pelo perigo que correra, ele corria de vez em quando aquele perigo com o seu coche porque comer custava muito e ele tinha vários filhos. Franz gemia pensando como os ingleses estiveram próximos deles por alguns segundos, tão próximos que poderiam tê-lo recolhido e tirado dali a salvo, e entretanto agora estavam de novo muito altos e distantes no céu.

14.

Franz permaneceu por um mês no convento dos frades, mas voltou em seguida. Os alemães tinham entrado no convento de noite e reviraram todos os quartos, Franz estava escondido em uma despensa vestido de frade, e por acaso os alemães não olharam ali dentro. Capturaram dois judeus que tinham corrido para o celeiro, outros dois se salvaram pulando pelo muro do jardim. Franz passara a noite naquela despensa, com uma grande Nossa Senhora de gesso que olhava para ele. Ele de repente se pusera a rezar para a Nossa Senhora, era judeu mas rezava para a Nossa Senhora, pedia a ela que desse um jeito para que os alemães não olhassem ali dentro. Mas em seguida teve vontade de rir, pensando que estava rezando para Nossa Senhora vestido de frade, ele, Franz. Teve tamanha vontade de rir que precisou cobrir a boca com as duas mãos para que não o ouvissem. E pouco a pouco quase não sentia mais medo. E pouco a pouco começou a pensar que na verdade não lhe era tão importante assim viver, se vivesse, muito bem, se não, paciência. Se não, paciência, tinha pensado, e pensou nisso com muita força e se sentiu muito forte e calmo e se lembrou do turco entre os fuzis no caminhão. Só sentiu uma grande vontade de rever ainda uma vez Cenzo Rena se tivesse que morrer. Cenzo Rena nunca o levara muito a sério e sempre o tratara um pouco mal. Mas mesmo assim Franz achava que Cenzo Rena era a pessoa mais querida que já conhecera. Pela manhã os frades vieram abrir a porta, ele tinha tirado a túnica e tinha vestido a sua roupa, e os frades lhe explicaram entretanto que fora aquela Nossa Senhora na despensa que o protegera dos alemães. Por que a mantinham na despensa, perguntou Franz. Os frades lhe mostraram os dois pés quebrados e por isso a mantinham ali.

Franz deixara o convento e se pusera a caminhar a pé na direção de San Costanzo. E a cidade estava repleta de alemães mas ele quase não sentia medo. Havia caminhado por um longo trecho sobre a estrada endurecida pelo gelo, a neve ainda não caíra naquele inverno e as manhãs eram geladas e claras, com um vento que mordia o rosto. Depois de uma hora caminhando encontrara o homem da perna de pau que empurrava a sua carroça repleta de panelas e de vasilhas e de vassouras. O homem da perna de pau parou a carroça ao seu lado e o ajudou a subir, e Franz naquele momento foi novamente tomado pelo medo e se pôs a implorar ao homem da perna de pau que não o denunciasse aos alemães, tirou o anel de diamante do dedo e o deu a ele. E em seguida pulou da carroça e correu para a casa de Cenzo Rena através dos campos.

Cenzo Rena ouviu toda a história, balançando bem devagar a cabeça, e enfim perguntou a Franz se não estava meio louco, porque dera para fazer coisas bem estranhas. E disse que Franz era como o bonequinho de Pierino, um bonequinho que não adiantava jogar fora pelos barrancos e do trem ou no mar porque reaparecia sempre. Franz disse que voltara para sua casa não porque quisesse segurança mas para ficar com ele, com a menina e Anna, na casa deles. Porque eram os mais queridos amigos que já tivera em toda sua vida, e só junto com eles estava bem. Cenzo Rena disse que podia ficar o tempo que quisesse, antes cultivava umas bobagens sobre a coabitação mas agora quem é que ainda pensava naquelas bobagens. Na casa agora também o comandante coabitava, despencado de Masuri em um dia que tinha sido tomado pelo medo. E o garçom de Friburgo vinha todos os dias. Mas Franz disse que não tinha mais medo do garçom de Friburgo nem do comandante. Então Cenzo Rena pediu à Maschiona que trouxesse a bacia para Franz se lavar. A Maschiona trouxe a bacia e fechou a cara porque agora teria que arrumar a cama de Franz também.

O homem da perna de pau apareceu no dia seguinte se arrastando pelas pedras, e pediu para falar com Cenzo Rena em particular e lhe mostrou uma espécie de saquinho branco que costurara na parte de dentro da camisa, ali estava o anel com o diamante que Franz lhe dera. Perguntou se realmente podia guardar aquele anel, se o tal Franz tinha lhe dado de verdade o anel, parecera-lhe um pouco ruim da cabeça o tal do Franz. Com certeza o medo dos alemães lhe deixara com a cabeça meio ruim. Ele sequer sonhava em denunciá-lo para os alemães, ele também morria de medo dos alemães e os queria bem longe, e depois por que haveria de denunciá-lo, um coitado que não fazia nada de mal. E na cidadezinha na verdade ninguém pensava em denunciá-lo, todos sabiam que estava na casa de Cenzo Rena com o comandante e Giuseppe mas ninguém abria a boca, talvez alguém tivesse denunciado o turco e as velhas, talvez aquele desgraçado filho do farmacêutico, mas agora o filho do farmacêutico estava no Norte. Punha a mão no saquinho debaixo da camisa e perguntava se era um anel de muito valor, depois da guerra queria vendê-lo ao joalheiro na cidade e com o dinheiro mandar colocar uns pesos na sua perna doente, tinham dito para ele que talvez com uns pesos ficasse mais reta. Só que tinha medo de que os pesos fizessem mal. Pergun-

tou a Cenzo Rena se poderia fazer o favor de acompanhá-lo ao joalheiro depois da guerra, se fosse sozinho talvez o joalheiro pudesse pensar que tinha roubado aquele anel. Cenzo Rena prometeu acompanhá-lo depois da guerra ao joalheiro. O homem da perna de pau voltou de lá contente, e saltitava pelas pedras dobrando-se para um lado até o chão, com a calça que se encrespava toda ao redor da perna torta a cada passo.

Quando o garçom de Friburgo aparecia, o comandante e Franz e Giuseppe desciam correndo pela escada e se escondiam no porão, e Cenzo Rena dava um longo suspiro e ia entreter o garçom. No porão o comandante e Franz e Giuseppe jogavam baralho sobre os sacos de batata, o comandante não sabia sobre o fuzil automático de Giuseppe escondido debaixo daqueles sacos. Franz comia as maçãs esfregando-as no casaco com força para lustrá-las, a Maschiona era muito avarenta com as maçãs e somente quando se escondia no porão podia comê-las. Não havia muito mais o que comer, só se comiam batatas, e Franz sentia sempre um pouco de fome, porque as batatas enchiam o estômago mas não nutriam. Franz gostava muito daquelas maçãs vermelhas que a Maschiona guardava no porão, e as comia às pressas enquanto a Maschiona não estava por ali. Ouviam os passos do garçom indo embora, e Cenzo Rena abria a porta do porão e ficava por alguns momentos no alto da escada com a lâmpada acesa. Bufava muito porque não se divertia com o garçom, contava sempre as mesmas histórias de garçons. O camponês perguntava quando mandaria pelos ares aquele porco aproveitador, Cenzo Rena perguntava como deveria fazer para mandá-lo pelos ares, era alemão e naquele momento era um dono e não um garçom. Giuseppe dizia que gostaria de um dia passar fogo em um alemão, em um porco aproveitador alemão qualquer, quem sabe até mesmo naquele garçom. Ouvira contar que no Norte as pessoas combatiam os alemães, as pessoas subiam a montanha e atiravam, só naquela triste cidadezinha de ovelhas ninguém subia as montanhas. O seu fuzil estava se enferrujando debaixo das batatas. Giuseppe passava o dia todo pensando no que poderia fazer contra os alemães, pensava em sair de noite espalhando tachinhas pelas ruas, que furassem os pneus dos carros, ou então se esconder atrás de um arbusto e atirar com seu fuzil em cada carro que passasse. Toda noite tinha o firme propósito de sair mas acabava sempre em casa, jogando baralho com o comandante e Franz. Não achava certo ele fazer tal coisa sozinho, ao Norte eram tantos, organizados como em um exército, e aí então até se podia não ter medo. Perdera um pouco a admiração por Cenzo Rena, porque Cenzo Rena não havia pensado em organizar nada, e ficava na cozinha recebendo o garçom, e falava em alemão e às vezes fumava os cigarros do garçom. Algumas vezes Giuseppe também fumava os cigarros do garçom, quando ele ia embora e esquecia um pacote quase cheio em cima da mesa. Sentia tanta vontade de fumar e lhe parecia não haver mal algum em fumar, o garçom não estava ali para ver que ele fumava, mas Cenzo Rena aceitava os cigarros das mãos do garçom.

E Giuseppe perguntou um dia a Cenzo Rena por que eles também não organizavam a resistência aos alemães como no Norte. Perguntou por que Cenzo Rena não

chamava o ferreiro, o comerciante de tecidos e todos os camponeses, e todos juntos estudavam como se esconder atrás dos arbustos e atirar nos alemães de noite, ou então ao menos como espalhar tachinhas pelas ruas. E então Cenzo Rena disse que de fato seria justo agir dessa maneira. Só que ele não sentia disposição nem de atirar e nem de espalhar tachinhas, pensara nisso algumas vezes mas tinha compreendido em seguida que teria um enorme medo, medo em todo o seu corpo, e sentia as mãos moles e sem vontade de espalhar tachinhas ou atirar. Pediu perdão a Giuseppe, talvez o tivesse desiludido, talvez agora Giuseppe não o admirasse mais. Agora, quando acontecia de ouvir gritos e choros dos camponeses pelos becos, Cenzo Rena saía para ver e eram os alemães que revistavam as casas atrás de homens jovens para jogar no caminhão e mandar trabalhar na Alemanha, e Cenzo Rena se punha a falar em alemão e algumas vezes conseguira retirar os alemães das casas e contava muita história para que deixassem aquela gente em paz. Era pouco, disse Cenzo Rena a Giuseppe, mas era tudo o que sabia fazer. Se lhe tivessem dado uma pistola ou um fuzil para atirar, não faria do jeito certo, atiraria errado em uma árvore e nesse meio-tempo se meteria a pensar em coisas que não eram para ser pensadas. Giuseppe perguntou sobre o que se meteria a pensar. E Cenzo Rena disse que pensaria que os alemães eram todos garçons, uns pobres coitados com suas profissões deixadas para trás, pobres coitados que no fundo não valia a pena matar. E era um pensamento que na guerra não tinha sentido, era um pensamento idiota mas poderia lhe ocorrer um pensamento tão idiota. Talvez o camponês Giuseppe fosse um homem de guerra e então que subisse com seu fuzil para as colinas. O camponês Giuseppe mordia as unhas e olhava para Cenzo Rena insatisfeito, não podia ir sozinho com seu fuzil para as colinas. Mas pelo menos espalhar tachinhas, disse, pelo menos espalhar muitas tachinhas pela rua, que estourasse uns pneus de vez em quando. Talvez espalhar umas tachinhas, disse Cenzo Rena, por que não. Mas onde estavam todas aquelas tachinhas para espalhar, perguntou, ele não tinha mais que uma no bolso e a mostrou, era uma tachinha toda enferrujada e torta que carregava no bolso para lhe dar sorte.

Mas Anna também estava um pouco insatisfeita e não gostava das palavras que Cenzo Rena dizia ao camponês Giuseppe, e Cenzo Rena sentia ao seu redor aquelas caras inseguras e insatisfeitas e se entristecia e se encolhia todo, e parecia que se tornava cada vez mais velho, quando se punha a ler com os óculos mais para baixo sobre o nariz e a cabeça enterrada nos ombros. Não existiam homens de guerra e homens de paz, pensava Anna, a guerra era contra todos e ninguém tinha o direito de dizer que não queria participar. Parecia-lhe covardia falar desse modo. E o disse um dia a Cenzo Rena e Cenzo Rena se calou, e esfregou a cara com a mão e depois a cara reapareceu, mais vermelha e como que tomada pelo sono. E disse que talvez ela não acreditasse mas ele não era tão covarde por si mesmo, o que mais lhe dava medo era pensar na sua cidadezinha de San Costanzo incendiada, e naquela gente de San Costanzo fuzilada no muro do cemitério. Era uma cidadezinha de nada, uma pulga na Itália, mas não queria

vê-la incendiada como fora incendiado o moinho do compadre da Maschiona uma noite. Mas Anna continuava insatisfeita e pensava em Giustino talvez nas montanhas, atirando, lá no Norte, e quem poderia saber se ainda estava vivo ou se já fora fuzilado, ela o via enquanto estava sendo fuzilado, uma cara com um sorriso como o de Ippolito, de canto de boca e triste. Anna gostaria de estar com Giustino atirando lá no Norte, e de ser fuzilada com ele contra o muro de um cemitério. Sabia-se muito pouco sobre o que acontecia lá no Norte, mas se sabia que muitos morriam fuzilados pelos alemães todo dia, e ela entretanto estava todo dia na cozinha com o garçom, aceitando do garçom açúcar e chocolate para a menina. Mas quando olhava para o garçom pensava que poderia atirar em todos os alemães mas não naquele garçom, ali sentado na sua cozinha com a menina sobre os joelhos, com a sua grande cabeça calma e séria entre as mãos da menina, que despenteavam os cabelos brilhantes e morenos e puxavam com força as compridas orelhas vermelhas. A Maschiona sempre dizia como era boa pessoa aquele garçom, sempre trazia açúcar e chocolate para a menina e não tinha nada a ver com os outros alemães que mataram o compadre dela, ela contara para ele do seu compadre e ele dissera que realmente sentia muito. A Maschiona achava inútil que Franz, o comandante e Giuseppe fugissem para o porão quando o garçom chegava, o garçom não tinha nada a ver com aqueles que levavam as pessoas embora em cima dos caminhões, e mesmo se viesse a saber que Franz era judeu não poria as mãos nele, era um alemão que não queria saber de judeus. A Maschiona fazia muita festa quando o via chegando, e lhe servia vinho ela que era tão avarenta com as provisões, e dizia que ele era muito educado, bebia o vinho que ela lhe servia, mas não se servia sozinho jamais. Agora a Maschiona voltara a achar que Cenzo Rena era um homem imensamente esperto, porque com a desculpa do cachorro se fizera amigo daquele garçom e porque quando os alemães reviravam as casas ia falar com eles, contava longas histórias daquele seu jeito esperto, os alemães o ouviam e desistiam de revirar. A Maschiona não ia mais dormir na casa da mãe de noite, porque se sentia em segurança ali e tinha novamente muito orgulho de Cenzo Rena quando descia para a cidadezinha e o via conversando com os alemães, como era esperto e como sabia se safar.

Franz dizia para Anna que era preciso ter confiança em Cenzo Rena, porque ele não podia errar nem fazer coisas injustas, e no dia que Cenzo Rena fosse esparramar tachinhas ao longo das ruas ele o seguiria, não sentia mais medo e lhe importava muito pouco morrer ou viver, mas mesmo se Cenzo Rena não fosse queria dizer que era justo não ir. O comandante se assustava muito quando ouvia falar das tachinhas, por favor que deixassem de lado aquela história de tachinhas, para o que é que serviriam, alguns pneus furados e nada mais. Quando chegasse o momento de atirar atirariam, mas agora não era ainda o momento e ele, comandante, logo que chegasse o momento seria o primeiro a atirar. Tinha enterrado seu fuzil em Masuri e iria buscá-lo e recolheria todos os fuzis que existissem em Masuri, em Masuri existiam fuzis para todos. Entretanto precisavam esperar que os ingleses avançassem um pouco mais, e enquanto

houvesse neve não podiam avançar, então a neve começou a derreter e apareceram as primeiras manchas verdes sobre o topo das colinas. Chegou a notícia de que os ingleses tinham dado um grande salto para a frente, agora já se ouviam os canhões trovejarem atrás das colinas, os ingleses tinham ocupado San Felice, uma cidadezinha a poucos quilômetros dali. Mas o comandante dizia que não era ainda o momento certo para atirar, para que a pressa. Começaram as chuvas de primavera. E os ingleses pararam de novo e por muitos e muitos dias tudo esteve quieto debaixo dos estalidos da chuva, o canhão se calara e os alemães continuavam ali com seus carretéis vermelhos, com longos impermeáveis brilhantes e pretos e botas altas na chuva, e depois de repente na chuva apareceu o sol claro e quente que transformava a lama em poeira fina e arenosa, e do alto lá nas hortas se erguiam as macieiras floridas que o vento chicoteava e desnudava, e os aviões recomeçaram a rosnar pelo céu azul entre restos de nuvens, e o camponês Giuseppe se desesperava porque não sabia como a mulher dele estaria se saindo sozinha com os trabalhos no campo, ele não dava um passo para fora da casa de Cenzo Rena porque muitos camponeses tinham ido trabalhar nos campos e os alemães os puseram em cima de um caminhão e os levaram embora. Os meninos foram mandados para Borgoreale para a casa de uns parentes de sua mulher. De repente Cenzo Rena disse que Anna também deveria ir embora de San Costanzo com a menina, San Costanzo ficava na estrada e quando os ingleses começassem a avançar combateriam pela estrada. Cenzo Rena um dia acompanhou Anna e a menina até Scoturno de Cima na casa da avó da Maschiona.

Dois sentinelas alemães montavam guarda na trilha que levava para Scoturno, mas conheciam Cenzo Rena e olharam por alguns segundos dentro do cesto e os deixaram passar. Cenzo Rena caminhava segurando o cesto, o cesto estava muito pesado e ele dizia quantas coisas inúteis Anna tinha levado e entretanto não havia pensado em trazer uma garrafa térmica, era contra as garrafas térmicas como a senhora Maria. Mas por que uma garrafa térmica, disse Anna, o que ela faria com uma garrafa térmica com aquele calor. Para o chá de camomila para a menina, de noite, disse Cenzo Rena, não estava achando que a avó da Maschiona iria levantar de noite para acender o fogo e preparar o chá, estava. A menina se voltou para ele e disse que não gostava de chá de camomila.

Era fim de maio e o sol escaldava o solo, e o mato era ríspido e árido, e Cenzo Rena caminhava balançando o cesto e mergulhando os pés naquele mato árido, e do alto via San Costanzo e a praça da prefeitura repleta de tanques de guerra e caminhões, e depois San Costanzo desapareceu atrás do topo da colina. Anna parou por um instante e perguntou se era mesmo necessário que ela e a menina fossem para Scoturno de Cima, Cenzo Rena lhe disse para não perguntar coisas idiotas, dali a pouco San Costanzo se tornaria um campo de batalha e todos que tinham crianças pequenas estavam levando-as embora. Anna pensava em longos e longos dias na cozinha com a avó da Maschiona, na fumaça de que Franz havia falado.

Encontraram a avó da Maschiona acendendo o fogo debaixo do caldeirão, mas não havia um fio sequer de fumaça, disse Cenzo Rena, estariam bem em Scoturno de Cima e ele ficaria ali com a maior boa vontade. E então por que é que não ficava, perguntou Anna, e ele disse que nada disso, tinha que voltar imediatamente porque devia estar em San Costanzo vendo sempre tudo o que acontecia. Não acontecia nada, disse Anna, em San Costanzo podiam passar muito bem sem ele. Brigavam em voz baixa enquanto esvaziavam o cesto em cima da cama, quantas coisas Anna tinha trazido, ele dizia, um monte de toalhas, Anna era igual à senhora Maria. Anna começou a chorar se lembrando da senhora Maria. Estava sentada na grande cama dura da avó da Maschiona e chorava, pensava na senhora Maria e em Ippolito que estavam mortos, e pensava até mesmo no cachorro de Ippolito com seu doce focinho crespinho, e pensava em Concettina e em Giustino e não sabia se estavam mortos ou vivos, e olhava para Cenzo Rena e sentia medo de não revê-lo mais, dali a pouco voltaria para San Costanzo pela trilha e os ingleses viriam em seguida combatendo ao longo da estrada e sabe-se lá o que aconteceria em San Costanzo. E Cenzo Rena também olhava para ela e pensava se a veria de novo, mas não foram capazes de se dizer nada de sério, continuaram a brigar por causa das coisas que Anna trouxera e Cenzo Rena disse que era uma boba de chorar por causa do tédio que seria ficar ali com a avó da Maschiona e Anna não soube dizer que não chorava por isso. E Cenzo Rena deixou um dinheiro com ela e como sempre quando devia dar algum dinheiro lamentou que dali a pouco estariam sem mais nada e seria um belo problema. Então foi embora na tarde quente e quando avistou San Costanzo o sol já se punha deixando vermelho o topo das colinas. Ele pensava em Anna como a vira sentada na cama enquanto chorava, e na menina que corria atrás das ovelhas junto com a avó da Maschiona e quase não se despedira dele, ocupada atrás das ovelhas com uma vara comprida e os pés magros descalços na poeira. Cenzo Rena pensava nelas e se perguntava se aquela seria a última vez que as teria visto, estavam na guerra e sempre se pensava que talvez aquela vez fosse a última.

Entretanto em casa aparecera o garçom e logo que ouviram que estava chegando, Giuseppe e o comandante e Franz escaparam para o porão, não esperavam o garçom naquele dia porque Cenzo Rena havia dito para ele que ia embora. Na cozinha a Maschiona estava lavando na bacia e o garçom se sentou e a Maschiona serviu vinho para ele, e lavava contente e olhava o garçom que bebia o vinho bem devagar e se balançava na cadeira, distante dali atrás das colinas ouvia-se o troar do canhão e o garçom disse que dentro em pouco os ingleses chegariam a San Costanzo e eles iriam para o Norte. Mas ele não queria mais saber de guerra e gostaria de ficar em San Costanzo e se deixar aprisionar pelos ingleses e nunca mais atirar. E então a Maschiona lhe perguntou por que não se escondia enquanto esperava os ingleses, e ele lhe perguntou se havia lugar onde se esconder na casa, não tinha porão naquela casa. Sim, tinha sim, disse a Maschiona e riu, e até já tinha algumas pessoas escondidas, inclusive um judeu. Tinha contado para ele porque sabia que ele não era daqueles alemães que se importam com

os judeus. Não, disse o garçom, ele não se importava. E quer dizer que naquele momento tinha um judeu no porão. No porão, disse a Maschiona, com as maçãs e as batatas e se ele também se metesse ali dentro ninguém o encontraria. Mas de repente se lembrou que tinha jurado sobre a Bíblia jamais dizer nada sobre Franz. E então foi buscar a Bíblia para que o garçom jurasse não contar nada. Mas quando voltou com a Bíblia o garçom estava na porta do porão e com os ombros tentava derrubá-la.

A Maschiona então começou a gritar. A porta do porão caiu com um baque surdo e o garçom em cima da escada olhava para baixo com uma lâmpada acesa, uma lâmpada que trazia presa ao cinto, iluminando ora a madeira, ora as maçãs e as batatas, ora o comandante e ora Franz. E eles também por momentos o viam e a cara do garçom era tranquila e séria, uma comprida cara cavalar que perscrutava e farejava, uma cabeça de cavalo achatada em um livro, pensou Franz. Mas Giuseppe procurava seu fuzil entre os sacos de batata e o carregava quando o garçom levantou a pistola mas não teve tempo de atirar porque Giuseppe atirou primeiro, e o garçom rolou pela escadinha e a Maschiona gritava.

Cenzo Rena de volta de Scoturno de Cima encontrou a cozinha deserta com a bacia no chão, e correu para o porão e com um salto pulou a porta arrombada, e lá no porão estavam sentados o comandante, Franz, Giuseppe e a Maschiona que soluçava com os dedos enfiados nos cabelos, e só depois de um segundo Cenzo Rena viu o garçom, com sua cabeça comprida suja de sangue entre as aparas de madeira e as batatas. E Giuseppe lhe perguntou se fizera mal em matar o garçom. Não, disse Cenzo Rena, estavam em guerra e era certo atirar. Mas não tinham tempo agora de pensar no bem e no mal. Cenzo Rena disse que precisavam cavar um buraco no pinheiral e enterrar o garçom.

Saíram para cavar o camponês Giuseppe e Cenzo Rena. Mas as mãos de Giuseppe tremiam tanto que não conseguia cavar. Jogou a pá para o lado e disse que queria fugir porque estava com medo. Mas fugir para onde, perguntou Cenzo Rena, ali de onde estavam podiam ver por entre os pinheiros os alemães na praça da prefeitura e era um milagre que ninguém tivesse ouvido os tiros e os gritos, os alemães não estavam nunca parados e iam e vinham pelo pinheiral, era um milagre que não tivesse ninguém por ali naquele dia. Mas o camponês Giuseppe disse que queria fugir, por exemplo poderia tentar chegar pelo pinheiral até Borgoreale onde estavam os parentes da mulher. E pôs-se a subir correndo pelo pinheiral e Cenzo Rena viu seu chapéu verde gasto desaparecer entre os pinheiros e o acompanhou com os olhos e disse a si mesmo que talvez fosse a última vez que via aquele chapéu.

Cenzo Rena esperou escurecer e depois foi buscar o garçom e o estendeu no buraco que tinham feito no pinheiral. Mas era um buraco pequeno, muito pequeno para o grande corpo do garçom. E Cenzo Rena estava com as mãos fracas e não queria cavar mais, o pinheiral lhe parecia povoado pelo cicio dos passos. Então pegou novamente o garçom nos braços e lhe parecia estar carregando um cavalo, um cavalo enor-

me, adormecido. Caminhou até o riacho e estendeu o garçom na água, deitou o garçom de comprido na água, pensando que a corrente era forte e poderia levá-lo embora. A água do riacho desaguava no rio e uma vez no rio ninguém o teria mais encontrado. Mas não permaneceu ali olhando se a corrente levava embora o garçom, estava muito cansado e queria fugir para longe daquele riacho e para longe do garçom, estava muito cansado e pensava que ele e o camponês Giuseppe não iriam mais esparramar tachinhas pelas ruas, quem sabe se o camponês Giuseppe se salvaria. De repente viu Franz que olhava para ele, seguira-o em silêncio e agora estava ali, apoiado em um tronco de pinheiro, olhando para ele. Volte para casa, disse Cenzo Rena, seu grande tonto. Franz disse que o comandante também fugira, tremia de medo e fugira com uma garrafa de vinho e um pouco de pão. Na cozinha estava só a Maschiona que soluçava. Era um milagre que não tivesse ido para a casa da mãe, disse Cenzo Rena, ai deles se a Maschiona fosse para a casa da mãe e contasse tudo, uma hora depois a cidadezinha inteira já saberia. Voltaram para casa e Cenzo Rena dissolveu um pouco de brometo em um copo, levantou a cabeça da Maschiona e disse para ela beber, a cabeça da Maschiona estava mole e inerte, sacudida de vez em quando por aquele soluço imbecil. Cenzo Rena fez com que a Maschiona se deitasse e derramou um balde d'água no chão do porão, não havia sangue mas mesmo assim ele próprio lavou muito bem o chão com um trapo, e em seguida se serviu de um grande copo de conhaque de uma garrafa escondida no porão e ele e Franz beberam juntos. E depois Cenzo Rena foi se sentar do lado da Maschiona na cama porque não queria que a Maschiona também fugisse. Franz estava ali do lado sentado no chão e cochilava.

E então Cenzo Rena pensou que se os alemães encontrassem o garçom fariam reféns ao acaso pela cidadezinha, conforme se fazia quando encontravam um alemão morto, para cada alemão morto dez italianos. E pensou que ele iria até o comandante dizer que tinha sido ele que matara o garçom. Pôs-se a pensar em alemão as palavras que deveria dizer. Serviu-se de mais conhaque e mudava várias vezes a frase em alemão que diria e se sentia muito bem com todo aquele conhaque, ondas de calor e de frescor pelo corpo. Mas sentia no fim da espinha aquele ponto como quando estava para morrer de tifo, uma pequena mancha fria e trêmula no seu corpo todo aceso pelo conhaque, todo calmo e forte. O medo estava só ali no fim da espinha, tocou o ponto com a mão e bebeu mais conhaque para que o sangue quente fluísse por aquele ponto. E olhou para a cabeça escura da Maschiona em cima do travesseiro e disse adeus, a Maschiona ainda soluçava agora meio adormecida e com um lenço todo amassado espremido nos lábios. E olhou para a cabeça de Franz, cochilando sobre os joelhos, e disse adeus a Franz também. E disse adeus para Anna e para a menina como as vira naquele dia em Scoturno de Cima, a menina ofegante atrás das ovelhas com sua grande boca amarga e os cabelos de palha. E queria reencontrar o rosto de Anna mas não conseguia, com angústia queria reencontrá-lo mas não conseguia. Entretanto tinha na frente a cara da avó da Maschiona e lhe dava raiva, uma velha cara enrugada e turva debaixo

do lenço preto. Franz acordou e bebeu um pouco mais de conhaque, e riu se lembrando de como o comandante fugira, e ele entretanto não fugia porque não tinha medo, não lhe importava mais viver ou morrer, era muito, muito estranho mesmo como não lhe importava mais. Naqueles dias tinha pensado que vivera bastante tolamente, tinha feito muitas coisas tolas e inúteis na sua vida e a sua vida era uma longa história e gostaria de contá-la. Mas Cenzo Rena disse que pelo amor de Deus não contasse nada porque ele estava com outras coisas na mente. E Franz lamentou que Cenzo Rena não o levasse a sério e o tratasse sempre muito mal. E abaixou a cabeça sobre os joelhos e adormeceu de novo.

Passou a manhã e de repente os sinos da igreja começaram a repicar muito forte, a Maschiona pulou da cama aturdida e coçava a cabeça e tentava se lembrar. Cenzo Rena tinha cochilado na cama da Maschiona e quem o acordou foi a mãe do ferreiro sacudindo-o com força e chorando. Ouviam-se gritos pelos becos e vozes de alemães, os sinos repicando, e a mãe do ferreiro dizia que os alemães tinham levado seu filho, encontraram um alemão morto lá embaixo no rio e estavam prendendo as pessoas pelas casas. Iam fuzilar todos se não achassem quem tinha matado o alemão. Prenderam o seu filho, o homem com a perna de pau, um irmão da Maschiona e muitos outros, dez ao todo, e os colocaram no curral do interventor. A mãe do ferreiro disse a Cenzo Rena que deveria ir imediatamente até o comando alemão, pedir que soltassem todos, só ele sabia falar alemão, só ele os podia salvar.

A Maschiona, ouvindo que tinham prendido seu irmão, pôs-se a gritar, fora Giuseppe quem matara o alemão, Cenzo Rena tinha que ir dizer aos alemães que fora Giuseppe. Chorava, gritava, batia a cabeça na parede, chamava a mãe, o irmão e queria ir para a casa da mãe, mas Cenzo Rena disse para a mãe do ferreiro segurá-la ali.

Cenzo Rena se serviu ainda mais de um pouco de conhaque, vestiu o impermeável e saiu na manhã clara, com os sinos que repicavam forte e pequenos aviões brilhantes no alto do céu. Não sabia por que tinha vestido o impermeável, talvez estivesse um pouco bêbado, o impermeável era comprido e branco e parecia que estava de pijama. Desceu aos saltos pelas pedras, não passou pelos becos da cidadezinha mas sim pela ribanceira coberta de mato alto, seus pés nus nas sandálias roçavam o mato duro e alto e de repente se pôs a correr. Uma sandália escorregou do pé e ele se inclinou para recolhê-la e viu Franz que corria atrás dele, volte para casa, disse Cenzo Rena, seu grande tonto. Franz ficou imóvel no meio do mato e Cenzo Rena prosseguiu, mas de novo a sandália escorregou e ele se inclinou para calçá-la, e Franz continuava atrás dele com a cara encharcada de lágrimas, uma cara feliz e desesperada e meio enlouquecida, com o queixo trêmulo e os cabelos caindo sobre a testa. Volte para casa, seu grande tonto. Calçou a sandália e agora os dois corriam juntos. E ambos de repente estavam felizes enquanto corriam juntos pelo mato, os sinos repicavam e a estrada se estendia branca e empoeirada debaixo da ribanceira, a estrada por onde nunca esparramariam tachinhas porque não tinham mais tempo.

Na porta da prefeitura encontrou os sentinelas e Cenzo Rena pediu para falar com o comandante. Abriu o impermeável para mostrar que não estava armado e os sentinelas lhe perguntaram quem era Franz e Cenzo Rena disse que era um primo seu de Salerno que enlouquecera, coitado, com a guerra. Subiram as escadas o sentinela e Cenzo Rena, o chefe do comando estava sentado onde antes se sentava o interventor. E Cenzo Rena disse a ele que matara o alemão com seu fuzil e que soltassem os reféns do curral do interventor.

Entraram uns fascistas na sala com Franz preso pelo braço e um deles gritava que o encontrara na porta da prefeitura falando alemão com o sentinela e queria subir, e gritava que o reconhecera, era um internado judeu alemão, gritava o nome e o sobrenome de Franz. E de novo Cenzo Rena disse que era um primo seu de Salerno e viera atrás dele porque estava sempre atrás dele, por todos os cantos, porque enlouquecera com a guerra.

O chefe do comando batia a caneta sobre a mesa bem devagar e olhava fixamente para Cenzo Rena, esfregando o queixo e moldando a boca como se fosse assobiar.

Cenzo Rena e Franz permaneceram por algumas horas na entrada da prefeitura onde tempos atrás os camponeses se sentavam para esperar. Ao redor deles havia só fascistas armados e sentinelas alemães, e pelo portão encostado viam os caminhões e os tanques na poeira da praça, e botas e mais botas de alemães, e Cenzo Rena continuava perguntando se tinham libertado os reféns e ninguém lhe respondia. Cenzo Rena tocava sempre aquele ponto nas costas onde tinha medo de morrer. Uma mancha de pele gelada e fraca. A mancha estava agora se alastrando aos poucos, agora quase toda a espinha estava gelada e fraca. Mas de repente pela fresta do portão viu a perna do homem da perna de pau sair correndo. E disse adeus àquela perna feliz que ia embora. E pensou que se existisse um Deus ele lhe agradecia por aquela perna feliz, não sabia se existia mas de qualquer modo agradecia. Perguntou-se por qual razão queria tanto que o homem da perna de pau continuasse vivo, não entendia por quê. Franz estava sentado em um degrau com a cabeça encostada na balaustrada com os olhos fechados, e um dos seus lábios estava sangrando e inchado porque o fascista que o reconhecera batera com a coronha da pistola no seu lábio. E Cenzo Rena se sentiu tão infinitamente cansado e triste, o conhaque já ia muito longe e a espinha inteira gelada e fraca, e os joelhos que tremiam e estremeciam e um suor frio.

Em seguida foram levados para a praça da prefeitura e Franz foi jogado contra o muro e deu-se ordem para atirar e Cenzo Rena cobriu o rosto com as mãos. E ele também foi jogado contra o muro e ouviu o barulho da sua cabeça no muro e sinos e vozes. E assim morreram Cenzo Rena e Franz.

15.

Quando Anna voltou para San Costanzo não estavam mais lá os alemães mas estavam os ingleses e a bandeira americana, e a inglesa e a italiana tremulavam em cima da sacada da prefeitura. Os muros da prefeitura, do quartel e de algumas outras casas estavam cheios de buracos redondos porque os ingleses haviam disparado o canhão.

Os alemães tinham libertado os reféns naquele dia mas à noite voltaram para pegar mais alguém, dois filhos da costureira e uma irmã do sedutor da Maschiona e um pastor de catorze anos, e os levaram para o curral do interventor, derramaram latões de gasolina pelo curral e puseram fogo. Haviam procurado também pelo ferreiro e pelo irmão da Maschiona mas eles tinham fugido para os campos.

Agora o curral do interventor era um amontoado de cinzas, e parecia que ainda se ouviam os mugidos das vacas e os gritos do pequeno pastor que chamava por sua mãe. Ninguém entendeu por que os alemães tinham posto fogo no curral com as vacas e com gente dentro, talvez só porque havia gasolina sobrando. Além disso chegavam de toda parte histórias sobre o que os alemães tinham feito antes de ir embora, em Masuri enfiaram quinze pessoas em um casarão do campo, crianças e mulheres, e atiraram pelas janelas. Agora os alemães estavam longe, para lá de Borgoreale, mas os camponeses ainda sentiam medo de que voltassem. Os camponeses observavam os ingleses fumando sentados nos murinhos das hortas, estavam encantados vendo aqueles soldados vestidos como os alemães em um tecido amarelo-claro com calças curtas e os joelhos loiros e peludos. E perguntavam se os alemães voltariam e os ingleses balançavam a cabeça para dizer que não. Os camponeses então ficavam muito contentes com aqueles novos soldados que não os matavam, e comiam contentes o pão insípido de farinha

de arroz que jogavam fora.

O comandante aparecera em Scoturno de Cima para dar a Anna a notícia de Cenzo Rena e Franz. Na noite em que fugira com a garrafa de vinho o comandante tinha encontrado em seguida o camponês Giuseppe e juntos foram para Borgoreale e ali se esconderam. O comandante estava de novo vestido de comandante com a capa e o sabre, e apareceu em Scoturno de Cima com um ar fúnebre e solene. Queria dar a notícia a Anna com delicadeza e começou fazendo um longo discurso obscuro, ele também por exemplo perdera sua mulher de um tumor no seio. Os alemães tinham arrebentado sua casa e levaram embora a cama onde sua mulher tinha morrido. E assim mesmo ele vivia para as suas crianças. Às vezes sentia uma enorme vontade de se jogar de um barranco mas era cristão e não se jogava, e seguia vivendo só para as suas crianças. E Anna também tinha a sua menina. Anna olhava e olhava para o nariz achatado do comandante e de repente entendeu que Cenzo Rena estava morto.

Passou muitas horas deitada na cama da avó da Maschiona, as horas passavam e as moscas zuniam pelas paredes brancas. Não queria ver a menina, de repente sentia horror da menina, quando a menina entrava imediatamente chamava a avó da Maschiona para que a levasse embora. Não queria se aproximar da janela e a horrorizavam o campo em torno da casa e a trilha e o topo das colinas.

E então um dia voltou correndo para San Costanzo porque a avó da Maschiona lhe disse que a Maschiona estava tendo problemas com os americanos, um camponês tinha lhe contado alguma coisa, não tinha entendido muito bem. Anna voltou para San Costanzo e percebeu que estivera só dois dias na cama, a ela pareciam tantos dias. A Maschiona havia sido levada pelos camponeses até o barbeiro e estavam raspando sua cabeça, porque diziam que tinha sido ela quem indicara o esconderijo da casa para o alemão. A Maschiona se debatia entre os camponeses que tinham começado a raspá-la, já lhe tinham tosado metade da cabeça. Anna gritou que a deixassem em paz.

Com muito esforço conseguiu arrancar a Maschiona do barbeiro, no meio dos camponeses que a atormentavam e o barbeiro que tomava as dores da Maschiona, e varria para fora da barbearia os seus cabelos. A Maschiona estava tão assustada que sequer chorava, tinham arrancado seu lenço e ela cobria a parte raspada com as mãos. Anna e a Maschiona subiram para casa. Os alemães haviam atirado nos espelhos e haviam levado embora os colchões e o rádio, e esvaziado os armários e arrebentado as cadeirinhas de praia. Anna se pôs a varrer os cacos de vidro enquanto a Maschiona cavava com uma enxada na frente da casa porque enterrara o capote de inverno, mas não se lembrava bem do ponto exato onde o enterrara e além disso tinha medo de que de um momento para outro despontasse o cachorro.

Em seguida a Maschiona foi até Scoturno de Cima buscar a menina mas a sua avó levou tamanho susto ao vê-la com a cabeça raspada pela metade que morreu alguns dias depois, se bem que era já a sua hora porque estava com noventa e três anos.

Não foi escolhido para interventor o camponês Giuseppe. Agora não se deveria

mais dizer interventor mas sim prefeito, só que em San Costanzo todos continuavam dizendo interventor. Não foi escolhido para interventor o camponês Giuseppe mas o sedutor da Maschiona, que tinha belos bigodes pretos e uma boa postura e que herdara da irmã queimada pelos alemães muitos e muitos hectares de terra. E também tinha sofrido muito com a guerra, com os alemães, tivera a irmã queimada e um filho perdido na Grécia de quem não se soubera mais nada. O camponês Giuseppe disse que estava muito contente de não ser interventor e voltou a trabalhar no campo com seu gasto chapéu verde, e às vezes ia ver Anna e falava muito mal de toda a cidadezinha e do novo interventor, o que será que Cenzo Rena diria se visse quem tinham escolhido para interventor, um gatuno que provavelmente roubava da prefeitura ainda mais que o anterior. Falava-se na cidadezinha de colocar uma lápide na casa de Cenzo Rena mas o camponês Giuseppe tinha certeza de que não conseguiriam arrancar dinheiro de ninguém para a tal lápide, San Costanzo era uma cidadezinha suja e por essa suja cidadezinha Cenzo Rena tinha morrido.

Nos primeiros dias depois da chegada dos ingleses um grupo de camponeses tinha decidido entrar na casa da marquesa e raspar sua cabeça, fazendo-a pagar por todas as cartas anônimas que mandara para a delegacia e por toda a pressão que sempre fizera. E a marquesa estava lá na sua cadeirona quase morta de medo, enquanto os alemães ainda estavam por lá sofrera uma paralisia e seu rosto estava retorcido. O médico jogava baralho na casa dela, e os camponeses passaram a mão nas cartas e as fizeram voar pela janela. E depois escancararam os armários e encontraram um amontoado de vidros de compota, a marquesa era famosa pelas suas compotas e se puseram a comer as compotas a colheradas. O médico descera para catar as cartas pelas sarjetas dos becos e limpava uma por uma na sua jaqueta. Mas de repente entrou a costureira e se pôs a gritar que os alemães tinham queimado dois filhos seus, que sua filha empregada da marquesa tinha levado um murro no peito e qualquer coisa dentro dela se arrebentara, cuspia sangue até hoje. Queria raspar a cabeça da marquesa e sacudia a escova. E se sentiu mal de tanto gritar e caiu no chão palidíssima e os camponeses chamaram o médico para que parasse de limpar as cartas e subisse. O médico teve que deitar a costureira na cama da marquesa e esfregar sua testa com vinagre. A marquesa gemia e estrebuchava na sua cadeirona, e no fim os camponeses foram embora porque tinham visto que era só uma pobre mulher.

E o homem com a perna de pau estava sempre rondando pelas ruínas do curral do interventor de antes. Quando os alemães o prenderam como refém arrancaram sua camisa e ele assim tinha perdido o anel com o diamante que Franz lhe dera de presente. Passava agora os dias procurando-o entre as cinzas do curral e se lamentava por nunca mais poder mandar colocar os tais pesos na perna para que ficasse mais reta.

Anna um dia viu alguém subir mancando pelas pedras e achou que fosse o homem da perna de pau mas era Emanuele, e ela então correu ao seu encontro chorando e Emanuele a manteve abraçada e chorava um pouco ele também. Soubera por um in-

glês que passara por Roma sobre Cenzo Rena e Franz. Ele e Anna foram juntos olhar o muro da prefeitura onde tinham assassinado Cenzo Rena e Franz.

Emanuele, enquanto os alemães estavam em Roma, fora redator de um grande jornal clandestino e por duas vezes os alemães o prenderam mas seus amigos do jornal clandestino conseguiram tirá-lo de lá. Dormira em todos os cantos e até mesmo num convento de freiras e comera quase nada, por muitos meses só folhas de nabo, porque não tinha dinheiro e o pouco que tinha dava para o jornal. Mas tinha ficado muito gordo. Giustino continuava no Norte e soubera que fazia parte dos resistentes e se chamava Balestra. E Danilo estivera um pouco em Roma e depois seguira para o Norte, havia saltado de um avião de paraquedas e como resistente se chamava Dan. E mamãe estava com Amalia e Giuma na Suíça e Giuma tinha se casado com uma doutora americana que conhecera em Lausanne. Ele recebia de vez em quando notícias deles pela Cruz Vermelha. Sobre Concettina não sabia nada.

Emanuele permaneceu só um dia em San Costanzo porque tinha muito o que fazer em Roma no jornal que não era mais clandestino e que precisava sair todo dia.

Veio o inverno e os ingleses foram embora e a Maschiona suspirava pelo capote, que tinha se estragado todo debaixo da terra. Os cabelos cresceram um pouco mas ela ainda tremia pensando no que fizeram com ela, se Cenzo Rena estivesse ali não teriam feito nada daquilo. Ela e Anna iam ao cemitério aos domingos e a Maschiona rezava diante da tumba de Cenzo Rena, de Franz e do compadre, agora também enterrado no cemitério propriamente dito e em paz. A Maschiona se ajoelhava e rezava, mas Anna não rezava porque o pai sempre lhe dissera que rezar é idiotice, e se Deus existe não é importante rezar para ele, é Deus e sabe por conta própria o que deve fazer.

Os ingleses foram embora e chegaram os fascistas de Roma, que deveriam estar confinados ali e sempre tocar a campainha do quartel. Os fascistas viviam na pensão e dormiam no quarto do turco, andavam de lá para cá pela praça da prefeitura como tinha andado o turco, e se lamentavam do frio e da comida da pensão com o comandante. O comandante acabara se casando com a cunhada com seios de pera que estava grávida e não tinha mais os seios de pera, via-se apenas uma grande barriga e nenhum tipo de seio, e os gêmeos não usavam cachos porque a madrasta dizia que não tinha tempo para ficar pondo rolinhos nos cabelos deles toda noite. Os gêmeos tinham cabeças raspadas e redondas, e o comandante para se consolar dizia que Cenzo Rena gostava que raspassem a cabeça dos meninos. Comprara alguns outros móveis com dinheiro emprestado pelo sogro, mas os preços haviam aumentado e não pudera comprar um toucador.

O comandante e o camponês Giuseppe continuaram amigos por algum tempo, porque juntos lembravam Cenzo Rena, que grande homem tinha sido. E juntos lembravam também as partidas de baralho em cima dos sacos de batata no porão, aquela noite em que fugiram para Borgoreale se arrastando pelo pinheiral e bebendo vinho da garrafa. Mas logo depois começaram a brigar por causa do rei. O camponês Giuseppe

não queria saber do rei e o comandante queria, o camponês Giuseppe dizia que o rei tinha traído a Itália porque fugira depois do armistício, e queria que o enforcassem pelo menos em uma encenação teatral, entretanto o comandante não queria que falassem assim do seu rei. Por algum tempo continuaram a brigar mas depois abandonaram as brigas, nem se cumprimentavam mais quando se encontravam pela rua, o comandante dizia para todo mundo que o camponês Giuseppe era um subversivo e Giuseppe dizia que o comandante morrera de medo naquela noite em que fugiram para Borgoreale, tivera quase que carregá-lo nos braços pelo pinheiral.

E então o Norte fora libertado e Mussolini fora assassinado e pendurado na praça em Milão, e o camponês Giuseppe dizia que era preciso fazer o mesmo com o rei. Quando contavam tudo o que os da resistência tinham feito no Norte o camponês Giuseppe se amargurava e dizia que nas suas cidadezinhas de ovelhas não se fizera nada contra os alemães, só Cenzo Rena tinha morrido em nome daquelas tristes cidadezinhas. E se então alguém lhe lembrava que ele também havia assassinado um alemão, corava e virava a cabeça para o outro lado porque era uma história que não gostava de lembrar.

Anna partiu com a menina para a sua cidade. Recebera uma carta de Concettina contando que todos estavam vivos e esperavam por ela, Emanuele iria buscá-la de carro na estação de Roma. A Maschiona também deveria partir e Anna comprara para ela um par de sapatos de salto, mas quando foi o momento da partida ninguém encontrou a Maschiona e Anna foi descobri-la na cozinha da mãe com os sapatos de salto nos pés a chorar que não ia mais partir. Abraçada à mãe, dizia que não conseguiria jamais andar com aqueles sapatos de salto, gostava de olhar para eles calçados nos seus pés mas não de andar. E os cabelos não tinham ainda crescido bastante e as pessoas no trem o que pensariam vendo os cabelos assim.

Assim Anna e a menina foram embora sozinhas em cima de um caminhão americano, e a cidadezinha inteira foi para a praça assistir à partida e gritavam para voltarem logo porque como se vivia mal no Norte e como se comia mal. As noites da vitela tinham recomeçado em San Costanzo, mas o interventor dissera que dentro em pouco a vitela seria vendida à luz do dia e haveria carne para todos.

Viajaram primeiro em um caminhão e depois em um trem de carga que parava a todo momento. E na estação de Roma Emanuele esperava por elas e subiram no carro e em seguida começou a viagem por cidadezinhas de casas desabadas e por carcaças de caminhões queimados e contorcidos ao longo da estrada.

E Anna reviu Giustino que havia sido Balestra e Concettina e Emilio e o menino de Concettina, e reviu as margens do rio e a fábrica de sabão e o banco de Ippolito e a sua casa e a casa da frente, onde estava Amalia vestida como viúva varrendo furiosamente o jardim. E mamãe também estava um pouco vestida como viúva e muito envelhecida, com os cabelos grisalhos e o rosto muito enrugado, e Emanuele dizia que se tornara muito avarenta e fazia todos passarem fome. Mas Concettina também tinha se

tornado avarenta, dizia Giustino, porque não tinha entendido que os preços haviam aumentado depois da guerra. Não se reconhecia Concettina na maneira como se vestia agora, uns calções de algodão que iam até o joelho, e sempre um cheiro de suor e o rosto preocupado e amargo. Durante todo o período dos alemães ela e Emilio permaneceram nas "Amarenas" e ela mantivera Emilio de pijama no seu quarto porque temia um pouco os alemães e um pouco os da resistência. Emilio não se parecia mais com um bezerrinho e estava ainda pálido e inchado por causa do tempo que estivera trancado, e o penacho preto na testa tão alegre anos atrás se afrouxara e perdera a cor e caía um pouco para um lado. Ele também se tornara avarento e estava sempre estudando uma maneira de economizar dinheiro. O menino deles estava vestido como homem de gravata e brilhantina nos cabelos, e Giustino dizia que Emilio e Concettina eram um triste casal e passavam o tempo todo sussurrando e enchendo o menino de brilhantina. Concettina só falava dos sustos que tinham tomado nas "Amarenas" com o ir e vir dos homens da resistência e dos alemães, o doutor dos cabelos de penas de pintinho cuidava dos da resistência que se feriam mas os alemães o prenderam e morreu na Alemanha.

Anna perguntou para Giustino se ela também mudara muito e ele disse que sim. Estava mais gorda e com alguns cabelos grisalhos, Giustino disse que ela agora lembrava a mãe no retrato. O retrato continuava pendurado na parede da sala de jantar, somente escurecera ainda mais com o passar dos anos, era com esforço que se distinguiam os traços assustados e cansados daquele rosto. Mas o importante era não se parecer com Concettina, Giustino disse. Ele também tinha mudado e não tinha vontade de mais nada. Quando era Balestra tinha sido muito feliz, nas montanhas com Danilo a atirar, e Danilo naquela época era extraordinário, não dava para imaginar como era Danilo quando estava na resistência e se chamava Dan. Eram muito amigos ele e Danilo, e quando paravam de atirar juntos se lembravam de tantas coisas que achavam que não reencontrariam mais, porque achavam que iriam morrer. E como achavam que iam morrer não sentiam mais nenhum tipo de vergonha e diziam tudo um ao outro e Danilo lhe contara dele mesmo e da sua mulher e de como se atormentava porque depois da guerra caso não morresse teria que lhe dizer que não poderiam mais viver juntos, ele estava com uma outra garota e tinham tido um menino. E Giustino lhe dissera para não se preocupar porque ele ficaria com sua mulher. E deram umas boas risadas juntos mas não foram risadas maliciosas, não foi um riso cínico, fora um riso muito amigável e leve. Mas quando veio a liberação Danilo fez um discurso na cidade, um grande discurso, e Giustino esteve lá ouvindo e aquele homem distante, muito distante, bem lá no alto sobre o palanque, era alguém que ele não conhecia e que não era absolutamente seu amigo. Na verdade não estava fazendo um discurso ruim, disse Giustino, e as pessoas batiam palmas com entusiasmo. Melhor dizendo, era um discurso um pouco bonito demais, um pouco bem-acabado demais, com as pausas e as explosões com a voz e até mesmo algo que fazia rir de vez em quando. Giustino se per-

guntara a certa altura se não estava com um pouco de inveja, por não estar ele, Giustino, lá no alto do palanque no meio das bandeiras e sim perdido entre os que ou viam. Pensou qual discurso faria se quem estivesse lá no alto fosse ele. Um discurso com palavras iguais àquelas que ele e Danilo se diziam de noite quando mandavam para os ares os trens e só havia alemães ao redor e achavam que iam morrer. Por que será que Danilo não fizera o discurso com aquelas palavras. Giustino ouviu-o por algum tempo e foi embora, ouvindo aquela voz que gritava, e sentiu um pouco de frio naquela voz. E lhe parecia que Danilo estava de novo como quando tinha saído da prisão muitos anos atrás com um chapéu de policial, e todos em torno dele sem reconhecê-lo. Não era nada fácil sair bem da prisão, disse Giustino, como não era fácil vencer bem e dizer palavras verdadeiras nos discursos da vitória. Na verdade mandar trens para os ares era muito mais fácil. Mas tudo aquilo era bobagem, Danilo era uma grande pessoa, bom seria se existissem outros como Danilo, disse Giustino. Quando Danilo desceu do palanque não mais reviu Giustino, perguntou por que ele também não subira ao palanque para fazer um discurso, perguntou se tinha gostado do seu discurso e Giustino disse que sim.

Anna perguntou se era verdade que tinham mandado uns trens para os ares e Giustino disse que sim. Entretanto Concettina tinha entrado e disse que realmente Danilo era muito antipático fazendo aquele discurso no palanque, e além disso não pensara em recordar Ippolito que tinha morrido para não participar da guerra. Giustino disse então que Ippolito não tinha nada a ver com o discurso de Danilo e Concettina disse que tinha sim. Ippolito tinha morrido para mostrar que ninguém devia participar da guerra. E depois haviam escondido em casa os jornais, todos juntos, Danilo não se lembrava mais do tempo dos folhetos e dos jornais, para não falar de tudo que haviam feito contra o fascismo eles todos juntos. E Giustino disse que não haviam feito nada de extraordinário com aqueles jornais e começaram a brigar ele e Concettina porque agora brigavam sempre. E Concettina acabou por dizer que Danilo era um nojento porque largara a mulher e tinha um menino com uma garota mais jovem.

Quando Concettina foi embora, Anna perguntou para Giustino por que não se juntava com a mulher de Danilo agora que estava sozinha. Mas Giustino disse que não sentia a mínima vontade de se juntar com uma mulher e a única vontade que ainda sentia era tola, era ser de novo Balestra e se esconder nas montanhas e ter os alemães ao redor e mandar os trens para os ares. Entretanto não existiam mais trens para mandar para os ares e ele precisava terminar a universidade e depois procurar um emprego para tocar a vida. Às vezes ainda ia procurar a mulher de Danilo e falavam juntos de Danilo e ela ficava muito séria e quando saía da fundição fazia tricô para o menino que Danilo tinha com a outra garota. Não estava mais com os parentes de Danilo porque eram muito ruins, estava sozinha em um pequeno quarto e tudo o que restara do seu casamento com Danilo era o aparelho de licor em cima da cômoda.

Mamãe mandou chamar Anna no seu salão e ela e Amalia quiseram saber tudo

sobre a morte de Franz. E assim Anna contou tudo desde o dia em que Franz aparecera com a mala na praça da prefeitura até o dia em que ele e Cenzo Rena foram mortos na praça da prefeitura. Amalia soluçava alto no lenço e mamãe no fim disse que era melhor parar porque Amalia estava perturbada demais. Mandou Amalia para o quarto descansar e disse a Anna que gostaria de ir um dia a San Costanzo para encher de sopapos a cara daquela Maschiona que havia dito ao alemão onde ficava o porão.

Foram para o jardim e viram Giuma com sua mulher. A mulher de Giuma era alta com um vestido de botõezinhos e óculos escuros que usava como uma máscara sobre os olhos. Havia uma bandeja com copos de refresco de marasca em cima da mesa de pingue-pongue. A mulher de Giuma começou a tomar o refresco, chupando em um canudinho e olhando ao redor no jardim com um ar irônico e severo. Não parecia agradar muito à mamãe porque se agitava inquieta na poltrona e mexia no colar e nos cabelos e por fim disse que precisava ir ver Amalia porque Amalia estava necessitando de cuidados infinitos e escapuliu dali.

Giuma falava muito para preencher o silêncio de sua mulher. Estava muito elegante de malha escura fechada no pescoço e um lenço amarrado, e a mecha de seus cabelos se agitava e dançava pela testa clara. Via-se que não estava nada habituado a ter uma mulher e de vez em quando olhava para onde ela estava para ver se continuava ali. Olhava com um ar um pouco temeroso e tímido, e ao mesmo tempo orgulhoso daquela mulher comprida com óculos escuros e todos aqueles botõezinhos.

Tinham chegado da Suíça fazia poucos dias, disse, e dentro em pouco começaria a trabalhar na fábrica de sabão. E sua mulher o ajudaria e juntos estudariam a história da creche e do refeitório para os operários. Porque a única coisa a se fazer na Itália eram creches-modelo em todas as fábricas. Mostrou revistas americanas e suíças em que se viam fotos de creches com grandes balões de gás coloridos e chão de linóleo e lindos animais de pano. Tinha pensado tantas bobagens na sua vida, disse, lera tanta bobagem e por um momento quase se colocara do lado de Karl Marx. Estava na Suíça e tinha complexo de culpa por estar lá em segurança em vez de estar na Itália entre os resistentes. Tinha tamanho complexo de culpa que queria morrer. Mas conhecera aquela garota com quem se casara depois, e ela o levou a um médico que o psicanalisara e assim em poucos dias se curara do complexo de culpa. O médico explicou para ele que nem todo mundo deveria ser da resistência e arriscar a vida mas ele deveria permanecer calmo para voltar para a Itália depois da guerra e fazer algo de bom na fábrica de sabão. Virou na direção da mulher e ela dizia que sim com a cabeça. Agora tinha retirado os óculos e se viam pequenos olhos de chinesa e uma grande boca irônica e curva com algumas gotas de refresco de marasca sobre os bigodinhos loiros quase invisíveis. E Montale, ainda se lembrava dele, perguntou Giuma a Anna. E levantou as mãos e disse: "Quando udii sugli scogli crepitare — la bomba ballerina". Mas agora as bombas tinham sido de verdade e a bomba bailarina parecia pequena, pequena e muito distante, e bailava estourando feliz sobre aqueles dias distantes.

A menina passou pelo gramado arrastando uma corda, e a mulher de Giuma perguntou a Anna se era sua filha. E Anna disse que sim e Giuma ficou muito vermelho e seus olhos se desviavam, mas depois voltaram para a menina que se aproximava pelo gramado devagar, com suas longas pernas magras e o rosto amargo e imperioso entre tufos de áridos cabelos. Por alguns segundos olharam-se em silêncio a menina e Giuma, olharam-se com intensidade e desconfiança, e riram com seus dentes de raposa. Um segundo depois a menina foi embora, arrastando a longa corda pelo gramado. Emanuele também tinha descido e estava todo vermelho e suado porque tinha dormido, não podiam imaginar a vida que levava em Roma, disse, passava as noites no jornal e de dia tinha os mais diversos tipos de reunião e nunca podia passar uma tarde dormindo, para dormir precisava ir para casa. Mas dentro de pouco tempo deixaria o jornal e ia embora de Roma para sempre, porque não sabia fazer jornais. Sabia fazer jornal clandestino mas não os não clandestinos, fazer jornal clandestino era fácil, ah como era fácil e gostoso. Mas os jornais que deviam sair todos os dias à luz do sol, sem mais perigo ou medo, eram uma outra história. Era preciso se esfalfar em uma mesa, sem mais perigo ou medo, e resultavam palavras ignóbeis e todos percebiam muito bem que eram ignóbeis, e ele se odiava por tê-las escrito mas não eram apagadas porque era urgente que o jornal saísse pois as pessoas estavam esperando. E era incrível que o medo e o perigo não resultassem jamais em palavras ignóbeis, mas sempre em palavras verdadeiras, arrancadas do mais profundo. Giuma disse que mamãe ficaria muito contente quando Emanuele abandonasse o jornal e voltasse para casa para sempre. Emanuele engoliu um copo enorme de refresco com um amontoado de açúcar e Giuma perguntou-lhe se não sabia que o açúcar estava racionado e que assim ficaria ainda mais gordo. Disse para Anna dar uma olhada na papada de Emanuele, se ao menos o jornal e a política tivessem servido para acabar com aquela papada. Emanuele ainda dava risadas como o arrulhar de um pombo, mas um pouco mais curtas e mais abafadas, tinha grandes olheiras escuras e não mancava mais de lá para cá, estava sentado quieto e de vez em quando fixava os olhos no chão e se balançava. E o cachorro, perguntou Giuma, o que tinha acontecido com o cachorro. Mas como é que não sabia, disse Emanuele, o garçom o matara e estava enterrado em San Costanzo no pinheiral. Sentia desdém por Giuma não saber o que acontecera com o cachorro. E Giuma disse que era culpa sua porque nunca lhe contara direito como as coisas tinham acabado para Cenzo Rena e para Franz. E disse que queria ir até a praça da prefeitura onde Cenzo Rena e Franz tinham sido mortos. E todos se calaram pensando nos que tinham sido mortos, só a mulher de Giuma não conhecera nenhum dos que tinham sido mortos, e permanecia alheia àqueles pensamentos e fumava olhando ao redor pelo jardim. Emanuele chamou Giustino através dos arbustos e Giustino saltou com um pulo por cima dos arbustos e ali se sentou fumando e se balançando na cadeira. Giuma disse que queria mostrar para sua mulher todo o Sul da Itália, a sua mulher poderia fazer muito pelo Sul da Itália, e se por exemplo fosse para San Costanzo quantas ideias

não teria sobre coisas a se fazer. E Emanuele assobiava e bufava e disse que fossem mesmo para o Sul para psicanalisar os camponeses. E a mulher de Giuma se ofendeu e foi embora e Giuma correu atrás de sua mulher. A noite estava chegando e os apitos da fábrica de sabão começaram a assobiar. Nojenta fábrica de sabão, disse Emanuele, nojentíssima fábrica de sabão, e agora ia ter que de novo trabalhar lá dentro, vendo Giuma e a mulher se enrolarem todos com a creche que seriam incapazes de fazer funcionar. Giuma tinha arranjado um pedestal como mulher, disse Giustino, um verdadeiro pedestal, e como se vestia com todos aqueles botõezinhos, ele tinha contado os botõezinhos e eram cinquenta e seis. E riram um pouco e eram muito amigos os três juntos, Anna, Emanuele e Giustino, e estavam muito contentes de serem eles três os que estavam pensando em todos aqueles que tinham morrido, e na longa guerra e na dor e nos clamores e na longa vida difícil que tinham agora pela frente e que estava repleta de coisas que não sabiam fazer.

Fevereiro-agosto de 1952.

Posfácio
As trevas

Vilma Arêas[iv]

> [...] na verdade temos sede de trevas verdadeiras [...]; elas é que nos trazem a profundidade verdadeira da noite e a verdadeira consciência de nossa condição humana ante os segredos da realidade, misteriosos quando pensamos neles e povoados com uma vida intensa e enfeitiçada.[v]

Este trecho de uma crônica de Natalia Ginzburg de 1969 comenta a limitação do nosso conhecimento sobre "os segredos da realidade" (as "trevas verdadeiras"); ao mesmo tempo, aponta nossa tendência de pensar neles como mistério ou feitiço. No mesmo texto, a escritora tece considerações sobre o Satyricon de Federico Fellini. Conclui que a trama do filme é clara, mas que seu núcleo poético está oculto, embora seja o que provoca e dá sentido à trama. Essa descrição sumária da noção marxista de alienação é um dispositivo recorrente na construção formal da maior parte da ficção de Natalia Ginzburg, e pode valer como uma hermenêutica desmistificante para a interpretação de muitos de seus textos.

Publicado em 1952, Todos os nossos ontens é o primeiro romance longo da escritora, após Cinque romanzi brevi e altri racconti.[vi] Nessa época, muitas coisas graves já haviam acontecido com Natalia Ginzburg, entre elas a morte de seu marido por tortura, três meses após sua detenção pela polícia fascista: "[...] perdemos as pessoas mais queridas [...] Aprendemos a separar e a guardar os objetos dos mortos; a voltar sozinhos aos lugares onde estivemos com eles".[vii]

Todos os nossos ontens pertence ao período da luta antifascista, à literatura da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial, abrindo-se em arco dos seus inícios, com a invasão da Polônia, em 1936, até pouco depois de seu final, em 1945. Essa é a referência temporal das duas partes do livro, situadas em duas regiões italianas: o Piemonte e San Constanzo, aldeia ao Sul do país, região de origem de Cenzo Rena, prota-

gonista do romance. Esta bipartição permite examinar separadamente o impacto da situação histórica sobre classes sociais, principalmente jovens intelectuais da burguesia e camponeses do Sul, incapazes de assumir um papel definido na história da política nacional. A tragédia era que no front a guerra não fazia nenhum sentido: "Era atirar em nome de ninguém e contra ninguém, atirar com os pés como pedaços de gelo nos sapatos, com os olhos ofuscados pela neve".

Relações entrecruzadas, políticas e/ou amorosas, fluem minuciosas nas páginas, vivas e controladas sob a lente da composição, pois elas são descritas girando como nos desenhos cubistas; nesse movimento, o único narrador (o livro é todo escrito na terceira pessoa) exibe várias perspectivas, que é o que provoca a sensação de rotação descritiva. Fica exposta assim a convivência entre traços físicos reais de personagens com seus sonhos, fantasias ou impulsos contraditórios. Devo assinalar que esses recursos foram levados à perfeição nas duas obras-primas posteriores de Natalia, Léxico familiar e Caro Michele.

Por exemplo, uma personagem central, jovem e tímida como Anna odiava furiosamente os vestidos que era obrigada a usar, feitos com o pano de cortinas; entretanto vivia imaginariamente uma vida revolucionária, escalando barricadas, disparando armas e cantando. Grávida do namorado que a abandonara, Anna acha que tem de fazer um aborto e fica desesperada. Quando conta, em prantos, sua desgraça a Cenzo Rena, que encontrara por acaso, este lhe pergunta se queria se casar com ele. "Assim não precisaria jogar a criança fora [...] Nunca lhe passara pela cabeça desejar um filho, mas visto que tinha um sobrando aceitava-o." Como vemos, divagações são cortadas a golpes de faca. Definitivos.

Cenzo Rena, nas palavras da própria Natalia,[viii] é o herói positivo que atravessa o livro como ponto de apoio da trama; culto, poliglota, consciente, ligado aos camponeses, mas também sujeito a fúrias repentinas. O outro ponto de apoio da narrativa é a senhora Maria. Dama de companhia da avó de Anna, viajou muito, o que a incluiu imaginariamente na classe de cima. Das viagens trouxe malas cheias de etiquetas, roupas, chapéus e sapatos com laços; morta a avó, foi transferida como empregada doméstica para a família de Anna, na qual trabalhou em tempo integral. Tudo o que acontece no livro passa pelos dois personagens, que ocupam polos opostos nas classes e na morte: a senhora Maria morre num bombardeio, pois agarrada a suas malas não conseguiu alcançar o abrigo, enquanto Cenzo Rena morre fuzilado na defesa dos camponeses.

Natalia afirmou um dia que nunca nos esquecemos da experiência do Mal. Para que não haja dúvidas, ela associa Todos os nossos ontens à mais breve das tragédias shakespearianas, Macbeth, simples e funesta, marcada pela tentação do mal, pela loucura, pelo remorso. Dessa perspectiva, a vida humana é transformada numa sombra errante, abolindo-se futuro e passado: "Todos os nossos ontens iluminaram para os tolos o caminho de uma morte poeirenta".[ix]

Mas nem só na epígrafe surge o fantasma de Macbeth: Cenzo Rena, por exemplo, derrama um vidro de tinta num belo tapete e, diante dos esforços da senhora Maria para limpá-la, assim é descrito: "Cenzo Rena lá estava olhando para ela enquanto esfregava e dizia que aquela era a mancha de Lady Macbeth, que todos os perfumes da Arábia conseguiriam fazê-la desaparecer".[x]

Apesar da conexão óbvia, o tom que a escritora busca e desenvolve no romance não tem nada de sublime, ou da altura da tragédia. Não podemos nos esquecer que ela trabalha no plano da memória, que permite saltos e flutuações. Portanto o nível estilisticamente baixo é mantido, como nos demais textos da autora, às vezes simulando descaso, resolvendo situações às pressas à primeira vista, sem deixar de criticar os supostos sofisticados: "[...] era um discurso um pouco bonito demais, um pouco bem-acabado demais, com as pausas e as explosões com a voz e até mesmo algo que fazia rir de vez em quando".

Ao lado da clareza das afirmações e pontos de vista, também se estabelecem no texto pontos de cegueira, que turvam o que foi dito e colocam a maioria dos discursos em outro lugar, empurrados sempre pelo autodesconhecimento ou pela alienação dos personagens. O procedimento varia de texto para texto, mas nunca é posto inteiramente de lado, segundo a intencionalidade da escrita, o ritmo pessoal controlado pela especialíssima pontuação, ao lado das repetições que sempre causam estranhamento.

Acho que podemos pensar tudo isso com a argumentação de Leo Steinberg:[xi] a instabilidade da arte moderna diante da divisão arte/mercadoria estabelece um jogo, "que consiste em manter a invenção e a criatividade com uma atitude de antiarte". Manter a arte do texto disfarçada de negligência? Arte e ao mesmo tempo militância política? Criar protagonistas fora do padrão da beleza consensual? Porque Anna não é bela, é baixa, gorda, vestida com roupas de cortina; e Cenzo Rena se aproxima dos cinquenta anos, é gordo, tem manchas de velhice na pele. Propõe casamento a ela porque achava triste "jogar fora uma criança". Talvez fosse velho, mas o que fazia envelhecer era olhar para trás "para contar o que perdera". Mas ele "sempre galopara para a frente". Sentiam frio e "arrepios gelados na espinha" ao pensar no casamento. Mas ele sabia que "a alegria é também feita de arrepios gelados, um medo enorme de errar e vontade de correr adiante".

Quero encerrar este comentário com as últimas linhas de Todos os nossos ontens. Depois da tragédia da guerra, Anna, seu irmão Giustino e o amigo Emanuele conversavam. "E riram um pouco e eram muito amigos os três juntos, Anna, Emanuele e Giustino, e estavam muito contentes de serem eles três os que estavam pensando em todos aqueles que tinham morrido, e na longa guerra e na dor e nos clamores e na longa vida difícil que tinham pela frente e que estava repleta de coisas que eles não sabiam fazer."

Não é verdade que aí estão "the sound and the fury", a dor e os clamores de Macbeth, que também seduziram Faulkner? Não está aí a insistente presença da mor-

te? As “coisas que eles não sabiam fazer” terão sentido? Ou não? E as que eles viveram? Serão estas as trevas verdadeiras?

Todos os nossos ontens se fecha como um anel.

[i] “Uma hora e me remete a Cumerlotti — Lakmé a ressoar no ar dos sinos — ou havia a extravagante — mutação de minha vida — quando ouvi estourar entre os escolhos — a bomba bailarina”, versos conhecidos de diversos poemas de Eugenio Montale (trad. de Maurício Santana Dias). (N. T.)

[ii] “Que tem no topo cacos em ponta de garrafas” (trad. de Maurício Santana Dias). (N. T.)

[iii] “Se soubesses como conforta — Uma presença amiga e sã — Ficarias à minha porta — Como uma irmã” (trad. de Guilherme de Almeida). (N. T.)

[iv] Vilma Arêas é escritora, professora emérita de teoria literária da Unicamp e autora de, entre outros, Vento sul e Um beijo por mês (prêmio Jabuti de melhor livro de contos).

[v] Natalia Ginzburg, “Un mondo stregato” [Um mundo enfeitiçado], crônica de Mai devi domandarmi [Jamais me perguntes] (1969). Turim: Einaudi, 1991. Tradução minha.

[vi] Desses cinco livros, publicados pela Einaudi, em 1964 e 1993, com introdução de Cesare Garboli, dois deles têm traduções brasileiras: O caminho que leva à cidade (trad. de Denise Tornimparte, Primeira Edição Editora, 1998), e Foi assim (trad. de Edson Roberto Bogas Garcia, Berlendis & Vertecchia, 2001).

[vii] Natalia Ginzburg, “As relações humanas”, em As pequenas virtudes (Saggi, Einaudi, 1962). Trad. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

[viii] Natalia Ginzburg, È difficile parlare di sé (conversazione a piú voci). Turim: Einaudi, 1999.

[ix] William Shakespeare, Macbeth, v. 7. Tradução minha.

[x] No prefácio inteligente e sensível à edição italiana do livro, Giacomo Magrini aponta que por duas vezes a mancha surge no próprio corpo de Cenzo Rena, anunciando a morte: a primeira, quando estava doente de tifo, a segunda, no penúltimo capítulo, quando efetivamente foi fuzilado pelos alemães (Tutti i nostri ieri, Einaudi, 1996).

[xi] Leo Steinberg, Outros critérios: Confrontos com a arte do século XX. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2008.